

*Ele tem a reputação limpa,
mas a mente muito suja
num corpo para lá de tentador*

SINNERS OF SAINT

SCANDALOUS

L.J. SHEN

18+

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

SINNERS OF SAINT

SCANDALOUS

L.J. SHEN

Copyright © 2017 L. J. Shen
Copyright © 2021 Editora Bezz

Título original: *Scandalous*
Tradução: D. Dias
Preparação de Texto/Revisão: Vânia Nunes
Modelo de Capa: João Antonio Marques
Capa original: Letitia Hasser, RBA Designs
Adaptação de Capa: Denis Lenzi

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito do autor.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Shen, L. J.

Scandalous (Sinners of Saint 3), L. J. Shen. 1ª edição – São Paulo – Bezz Editora; 2021.

Sobre trademark™: a autora reconhece aos legítimos donos das empresas e marcas citadas nesta ficção o devido crédito, agradecendo o privilégio de citá-los nesta obra pelo grau elevado de importância e credibilidade no mercado.

Editora Bezz
www.lojabezz.com.br

AVISO DA EDITORA

Está é uma obra de ficção, apenas com o intuito de entreter o leitor. Falas, ações e pensamentos de alguns personagens não condizem com os da autora e da editora. O livro contém descrições eróticas explícitas, cenas gráficas de violência verbal e linguajar indevido, personagens em situação de perigo, alcoolismo e uso de substâncias ilícitas. **NÃO** recomendado para pessoas sensíveis a esses temas ou para menores de idade.

Indicado para maiores de 18 anos.

Se ele a tocasse, não poderia falar com ela.

Se ele a amasse, não poderia partir.

Se ele falasse, ele não poderia ouvir.

Se ele lutasse, ele não poderia vencer.

Arundhati Roy, o Deus das Coisas Pequenas

Para Sunny Borek e Ella Fox

Playlist

Believer, Imagine Dragons

Girls and Boys, Blur

Just the Two of Us, Grover Washington Jr.

Pacific Coast Highway, Kravinsky

Sweater Weather, The Neighborhood

Lonely Boy, The Black Keys

Shape (Of My Heart), Sugababes cover



Os cavalos-marinhos preferem nadar aos pares com as caudas unidas. Eles são um dos raros animais monogâmicos e participam de uma dança de corte de oito horas que, entre outras coisas, inclui nadar lado a lado e mudar de cor. Eles são românticos, elegantes e frágeis.

Assim como o amor.

Eles nos lembram de que o amor foi feito para ser selvagem, assim como o oceano.

Prólogo



Edie

Gula.

Plural - gulas

1: excesso de comida ou bebida

2: ambição ou misericórdia em excesso daqueles que praticam a gula de energia

O PIOR DOS sete pecados capitais. Na minha opinião, pelo menos. E minha opinião era a que importava naquele momento, sob o sol implacável de SoCal em uma tarde de maio na via principal de Todos Santos, quando eu precisava desesperadamente de algum dinheiro. Encostada na grade branca que separa o calçadão agitado do oceano cintilante e dos iates deslumbrantes, eu observava as pessoas.

Fendi, Dior, Versace, Chanel, Burberry, Bvlgari, Louboutin, Rolex.

Ambição. Excesso. Corrupção. Vício. Fraude. Trapaça.

Eu os julgava. A maneira como bebiam seus *smoothies* orgânicos de dez dólares e deslizavam em *skates* multicoloridos feitos sob medida assinados por Tony Hawk. Eu os julgava, sabendo muito bem que eles não poderiam fazer o mesmo comigo. Eu estava me escondendo. Velada sob um capuz preto grosso, minhas mãos enfiadas no fundo dos meus bolsos. Eu usava jeans skinny preto, um velho par de *Dr. Martens* desamarrado e uma mochila *JanSport* esfarrapada presa com alfinetes de segurança.

Eu parecia andrógino.

Eu me movia como um fantasma.

Eu me *sentia* uma farsa.

E hoje, eu estava prestes a fazer algo que tornaria a vida comigo mesma mais difícil.

Como em qualquer jogo perigoso, havia regras a cumprir: sem filhos, sem idosos, sem luta, gente comum. Eu prosperava com os ricos, visando os protótipos de meus pais. As mulheres com as bolsas *Gucci* e os homens com os ternos *Brunello Cucinelli*. As senhoras com os *poodles* espreitando de suas bolsas *Michael Kors* cravejadas e os cavalheiros que pareciam se sentir confortáveis gastando em um charuto o que uma pessoa normal pagaria por um aluguel mensal.

Identificar vítimas potenciais na rua era constrangedoramente fácil. Todos Santos era a cidade mais rica da Califórnia, segundo o censo de 2018, e para desgosto do velho dinheiro, *Nouveau Riches* como meu pai que tinham vindo se estabelecer neste pedaço de terra, armados com monstruosos veículos italianos importados e joias suficientes para afundar um navio de guerra.

Eu balancei minha cabeça, olhando para a explosão de cores, aromas e corpos bronzeados, semivestidos. *Foco, Edie, foco.*

Preso. Um bom caçador podia sentir o cheiro a quilômetros de distância.

Meu alvo do dia tinha passado rapidamente, sem saber que chamava atenção para ela. Ela jogou a cabeça para trás, revelando uma linha reta de brancos perolados. Uma esposa de meia-idade, vestindo um troféu de *Chanel*, envolta da cabeça aos pés nas roupas da última temporada. Eu não era muito ligada em moda, mas meu pai adorava mimar suas amadas amantes com trajes luxuosos e desfilá-las em eventos sociais, apresentando-as como suas ‘assistentes pessoais’. Minha mãe comprava esses itens de grife em um apelo desesperado para se parecer com as mulheres mais jovens que o entretinham. Eu conhecia a riqueza quando a via. E essa mulher? Ela não estava com fome. Nem de comida nem de amor, as duas únicas coisas que importavam.

Mal sabia ela, seu dinheiro iria comprar-me amor. Sua carteira logo vazia iria encher meu coração até a borda.

— Estou morrendo de vontade de comer uma salada de pato na Brasserie. Acha que podemos ir lá amanhã? Talvez Dar venha junto — Disse ela com voz arrastada, ajeitando seu penteado curto platinado na altura do queixo com suas unhas bem cuidadas.

Ela já estava de costas para mim quando percebi que seu braço estava ligado ao de um tipo alto, moreno e bonito, pelo menos vinte anos mais jovem. Com corpo tipo *Robocop* e vestido como um elegante David Beckham. Ele era seu *toy boy*? Marido? Velho amigo? Filho? Isso fazia pouca ou nenhuma diferença para mim.

Ela era a vítima perfeita. Distraída, desordenada e autoritária; separar-se da carteira seria apenas um inconveniente para aquela senhora. Ela provavelmente tinha um Assistente Particular ou alguma outra forma de alma pobre e infeliz em sua folha de pagamento para lidar com as consequências. Alguém que pediria novos cartões de crédito, e emitiria uma nova carteira de motorista e a livraria do incômodo da burocracia.

Alguém como Camila.

Roubar era como andar em uma corda bamba. O segredo estava em sua postura e capacidade de não olhar para o abismo, ou, no meu caso, para os olhos da vítima. Eu era magra, baixa e ágil. Andava pela multidão de adolescentes barulhentos em biquínis e famílias lambendo sorvete, meus olhos treinados na bolsa *YSL* preta e dourada pendurada em seu braço.

Os sons ficavam abafados, corpos e carrocinhas de comida desapareciam da minha visão, e tudo que via era aquela bolsa e meu objetivo.

Relembrando tudo o que aprendi com Bane, respirei fundo e corri para a bolsa. Eu a arranquei de seu braço e peguei um atalho num dos muitos becos que cortavam as lojas e restaurantes no calçadão. Não olhei para trás. Corri cega, desesperada, furiosamente.

Toc, toc, toc, toc. Meus *Docs* pesavam contra o concreto crepitante embaixo de mim, mas as consequências de não conseguir o dinheiro de que precisava pesavam mais em meu coração. O som espesso de garotas rindo na via evaporou quando coloquei mais espaço entre mim e meu alvo.

Eu poderia ter sido uma delas. Ainda posso. Por que estou fazendo isto? Por que não posso simplesmente deixar para lá?

Mais uma esquina para contornar e eu estaria no meu carro, abrindo a bolsa e examinando meu tesouro. Bêbada de adrenalina e doidona em endorfinas, uma risada histérica borbulhou de minha garganta. Eu odiava assaltar pessoas. Odiava ainda mais a sensação que acompanhava o ato. Mas acima de tudo – eu me odiava. O que aconteceu comigo. No entanto, a sensação libertadora de fazer algo ruim e ser boa em se safar disparava uma flecha de alegria direto no meu coração.

Meu estômago caiu de alívio ao ver meu carro. O velho *Audi TT* preto que meu pai comprara de seu parceiro de negócios, Baron Spencer, foi a única coisa que ele me deu nos últimos três anos, mas mesmo este presente estava carregado de expectativa. Me ver cada vez menos em sua mansão era seu objetivo na vida. Na maioria das noites, ele optava por não voltar para casa. Problema resolvido.

Peguei minhas chaves da mochila, ofegando o resto do caminho como um cachorro doente.

Eu estava a poucos centímetros da porta do motorista quando meu mundo girou no lugar e meus joelhos cederam. Levei alguns segundos para perceber que não tinha tropeçado por ser desastrada. Certa mão grande e firme me torceu pelo ombro, tirando o ar dos meus pulmões. A mão agarrou meu braço com força e me puxou para o beco entre uma lanchonete e uma boutique francesa antes que eu pudesse abrir a boca e fazer algo. Gritar, morder ou pior. Arrastei minhas botas na direção oposta, tentando desesperadamente me soltar, mas esse cara tinha o dobro do meu tamanho – e era todo músculos. Eu estava cega demais pela raiva para dar uma boa olhada em seu rosto. O caos se formou em minhas entranhas, lançou chamas em meus olhos e momentaneamente me cegou. Ele me jogou contra um prédio e eu sibilei, sentindo o impacto das minhas costas ao cóccix. Instintivamente, estendi meus braços, tentando arranhar seu rosto, chutando e gritando. Meu medo era uma tempestade. Navegar por ele era impossível. O estranho agarrou meus pulsos e os jogou acima da minha cabeça, prendendo-os no cimento frio.

É isso, pensei. É aqui que você termina. Por causa de uma bolsa idiota, em uma tarde de sábado, em uma das praias mais lendariamente lotadas da Califórnia.

Estremecendo, esperei que seu punho se conectasse ao meu rosto, ou pior – seu hálito podre pairasse sobre minha boca, sua mão puxasse minhas calças para baixo.

Então, o estranho riu.

Franzi minhas sobrancelhas, meus olhos se estreitando enquanto tentava recuperar o foco e piscar para afastar o terror.

Ele veio até mim em pedaços, como uma pintura em andamento. Seus olhos azul-acinzentados foram os primeiros a sair de trás da névoa do medo. Eles eram safira e prata misturados, a cor de uma pedra da lua. Em seguida,

seu nariz reto e lábios simétricos, suas maçãs do rosto ‘afiadas’ o suficiente para cortar diamantes. Ele era pungentemente masculino e intimidante em sua aparência, mas não foi isso que me fez reconhecê-lo imediatamente. Foi o que saiu dele em quantidades perigosas, a ameaça e a aspereza. Ele era um cavaleiro das trevas feito de material áspero. Cruel em seu silêncio e punitivo em sua confiança. Eu só o encontrei uma vez, em um churrasco na casa de Dean Cole, algumas semanas atrás, e não tínhamos falado uma palavra um com o outro.

Ele não tinha falado uma palavra com ninguém.

Trent Rexroth.

Éramos apenas conhecidos, mas todas as informações que eu sabia sobre o cara, eu também usaria contra ele. Ele era um milionário, solteiro e, portanto, provavelmente um *playboy*. Ele era, em resumo, a versão mais jovem de meu pai, o que significava que eu estava interessada em conhecê-lo tanto quanto estava em pegar cólera.

— Você tem cinco segundos para explicar por que estava tentando assaltar minha mãe. — Sua voz estava seca, mas seus olhos? Fumegantes. — *Cinco.*

A mãe dele. Porcaria. Eu realmente estava com problemas. Embora não conseguisse me arrepender da minha decisão, fui certa. Ela era uma mulher rica e branca do subúrbio que não perderia o dinheiro nem a bolsa. Mas foi uma pena que o parceiro de negócios de meu pai nos últimos seis meses tenha sido seu filho.

— Solte meus pulsos — Sibilei com os dentes ainda cerrados —, antes que eu dê uma joelhada em suas bolas.

— Quatro. — Ele me ignorou completamente, apertando com mais força, seus olhos me desafiando a fazer algo que nós dois sabíamos que eu era covarde demais para tentar. Eu estremeci. Ele não estava realmente me machucando e sabia disso. Ele apertou apenas o suficiente para me deixar seriamente desconfortável e bem assustada.

Ninguém nunca me machucou fisicamente antes. Era a regra não escrita dos ricos e nobres. Você pode ignorar seu filho, mandá-lo para um colégio interno na Suíça e deixá-lo com a babá até que ele faça dezoito anos, mas Deus não permita que você coloque a mão sobre ele. Olhei em volta procurando a bolsa *YSL*, confusão e pânico agitando meu intestino. Rexroth viu meu plano rápido o suficiente, porque ele chutou a bolsa entre nós. Ela

bateu nas minhas botas com um baque.

— Não se apegue muito a isso, queridinha. Três.

— Meu pai mataria você se soubesse que você me tocou — Gaguejei, tentando recuperar o equilíbrio. — Eu sou...

— Filha de Jordan Van Der Zee — Ele interrompeu com naturalidade, salvando-me da apresentação. — Odeio te interromper, mas eu não dou a mínima.

Meu pai tinha um negócio com Rexroth e detinha 49% da Fiscal Heights Holdings, a empresa que Trent constituiu com seus amigos do Ensino Médio. Isso fez de Jordan uma ameaça para o homem à minha frente, mesmo que ele não fosse exatamente o chefe de Rexroth. A carranca intensa de Trent confirmou que ele realmente não estava com medo. Mas eu sabia que meu pai iria pirar se soubesse que Trent havia me tocado. Jordan Van Der Zee raramente me olhava, mas quando o fazia, era para afirmar poder sobre mim.

Eu queria provocar Rexroth de volta. Eu nem tinha certeza do porquê. Talvez porque ele estava me humilhando — embora parte de mim reconhecesse que eu merecia.

Seus olhos atiravam adagas em mim, queimando a pele onde quer que pousassem. Minhas bochechas ficaram vermelhas, e isso me atingiu com força, porque ele tinha quase o dobro da minha idade e estava absurdamente fora dos meus limites. Eu estava me sentindo juvenil o suficiente sendo pega em flagrante sem o bônus lateral de sentir minhas coxas apertarem enquanto seus dedos cavavam em meus pulsos como se ele quisesse abri-los e estourar minhas veias.

— O que você vai fazer? Bater em mim? — Levantei meu queixo, meus olhos, voz e postura desafiadora. Sua mãe era branca, então, seu pai deve ser negro ou birracial. Trent era alto, forte e bronzeado. Seu cabelo preto estava cortado rente ao couro cabeludo, ao estilo dos Fuzileiros Navais, e ele usava calças cor de carvão, uma camisa branca de colarinho e um *Rolex* vintage. *Desgraçado lindo. Bastardo impressionante e arrogante.*

— *Dois.*

— Você está em contagem regressiva de cinco por dez minutos, espertinho — Eu o notifiquei, uma sobrelheira arqueando. Ele soltou um sorriso tão diabólico, eu juro que parecia que ele tinha presas, deixando cair meus pulsos como se estivessem pegando fogo. Eu imediatamente peguei um

na palma da minha mão e esfreguei em círculos. Ele pairou sobre mim como uma sombra, completando a contagem regressiva com um rosnado: — *Um*.

Nós dois olhamos um para o outro, eu, com horror, e ele, se divertindo. Minha pulsação disparou e me perguntei como seria por dentro. Se os ventrículos do meu coração estivessem explodindo de sangue e adrenalina. Ele levantou a mão provocativamente devagar e puxou meu capuz para baixo, deixando minha juba de cabelo loiro longo e ondulado cair em cascata até a cintura. Meus nervos em frangalhos com o quão exposta eu me sentia. Seus olhos me exploraram preguiçosamente, como se eu fosse um item que ele estivesse debatendo se deveria ou não comprar no *Dollar Tree*. Eu era uma garota bonita – um fato que agradava e aborrecia meus pais, mas Trent era um homem, e eu estava no último ano do Ensino Médio, pelo menos nas duas semanas seguintes. Eu sabia que os homens ricos amavam suas mulheres jovens, mas menor de idade raramente era uma opção.

Depois de uma batida prolongada, quebrei o silêncio — E agora?

— Agora eu espero. — Ele quase acariciou minha bochecha – quase – fazendo meus olhos tremerem e meu coração dar um salto de uma forma que me fez sentir mais jovem e mais velha do que minha idade.

— Esperar? — Eu franzi minhas sobrancelhas. — Esperar pelo quê?

— Espere até que essa influência sobre você se torne útil, Edie Van Der Zee.

Ele sabia meu nome. Meu nome de batismo. Foi surpreendente o suficiente que ele me reconheceu como filha de Jordan apenas em me ver do outro lado do gramado no churrasco de seu amigo semanas atrás, mas isso... isso era estranhamente emocionante. Por que Trent Rexroth saberia meu nome a menos que ele o tivesse perguntado? Meu pai não falava sobre mim no trabalho. Aquele era um fato claro. Ele tentava ignorar minha existência sempre que podia.

— O que você poderia precisar de mim? — Torci meu nariz, cética. Ele era um poderoso magnata de trinta e poucos anos e tão completamente fora do meu alcance que nem estávamos jogando no mesmo campo. Eu não estava sendo dura comigo mesma. Foi por escolha. Eu poderia ser rica como ele – correção, eu era, potencialmente, cinquenta vezes mais rica. Tinha o mundo a meus pés, mas escolhi chutá-lo de lado em vez de aproveitar ao máximo, para grande consternação de meu pai.

Mas Trent Rexroth não sabia disso. Trent Rexroth não sabia de nada.

Sob seus braços e escrutínio, me senti incrivelmente viva. Rexroth se inclinou em minha direção, seus lábios, feitos para poesia, pecado e prazer, sorrindo na pele entre minha garganta e minha orelha, sussurrou: — O que eu preciso é manter seu pai sob rédea curta. Parabéns, você acabou de se reduzir a um potencial sacrifício.

A única coisa que pude pensar quando ele se afastou e me acompanhou até o meu carro, agarrando minha nuca por trás como se eu fosse um animal selvagem precisando desesperadamente de ser domesticada, foi que minha vida tinha ficado muito mais complicada.

Ele bateu no teto do *Audi* e sorriu pela janela aberta, dando uma abaixadinha no seu *Wayfarer*. — Dirija com cuidado.

— Vai se foder. — Minhas mãos tremiam, tentando puxar o freio de mão.

— Nem em um milhão de anos, garota. Você não vale a pena passar na prisão.

Eu já tinha dezoito anos, mas aquilo quase não fazia diferença. Eu parei, segundos antes de cuspir em seu rosto, quando ele remexeu na bolsa de sua mãe e jogou algo pequeno e duro no meu carro. — Para a estrada. Conselho de amigo: fique longe dos bolsos e bolsas das pessoas. Nem todo mundo é tão agradável quanto eu.

Ele não foi agradável. Ele era a própria definição de um idiota. Antes que eu pudesse dar uma resposta, ele se virou e foi embora, deixando um rastro de um cheiro inebriante e mulheres interessadas. Olhei para o que ele jogou no meu colo, ainda atordoada e perturbada por seu último comentário.

Uma barra de *Snickers*.

Em outras palavras, ele ordenou que eu relaxasse — tratando-me como se eu fosse uma criança. Uma piada.

Saí do calçadão direto para a praia de Tobago, obtendo um pequeno empréstimo de Bane para pagar minha passagem pelo mês seguinte. Eu estava distraída demais para tentar acertar outro alvo por algum dinheiro rápido.

Mas aquele dia mudou algo e, de alguma forma, distorceu minha vida em uma direção que eu nunca soube que poderia tomar.

Foi o dia em que percebi que odiava Trent Rexroth.

O dia em que o coloquei na minha lista de merdas, sem possibilidade de liberdade condicional.

E no dia em que percebi que ainda podia me sentir viva nos braços certos.

Pena que eles também eram tão, tão errados.

Capítulo 1



Trent

*Ela é um labirinto sem saída.
Um pulso etéreo e estável. Ela está lá, mas por pouco.
Eu a amo tanto que às vezes a odeio.
E isso me apavora, porque no fundo, sei o que ela é.
Um quebra-cabeça insolúvel.
E sei quem eu sou.
O idiota que tentaria consertá-la.
A qualquer custo.*

— COMO VOCÊ SE sentiu quando escreveu isso? — Sonya segurou o bloco de papel como se fosse seu filho recém-nascido, uma cortina de lágrimas brilhando em seus olhos. Os níveis de drama estavam altos nesta sessão. Sua voz era leve e eu sabia o que ela queria. Um avanço. Um momento. Aquela cena crucial em um filme de Hollywood, depois da qual tudo mudava. A garota estranha se livra de suas inibições, o pai percebe que está sendo um idiota frio, e eles trabalham suas emoções, blá blá me-passa-o-lenço-de-papel, blá.

Esfreguei meu rosto, olhando para o meu *Rolex*. — Eu estava bêbado quando escrevi, então, provavelmente me senti como um hambúrguer diluindo álcool — Disse impassível. Eu não falava muito – grande surpresa do caralho – é por isso que me chamavam de O Mudo. Quando o fazia, era

com Sonya, que conhecia meus limites, ou Luna, que os ignorava, e a mim.

— Você fica bêbado com frequência?

Desgostoso. Essa era a expressão de Sonya. Ela basicamente manteve a postura, mas eu vi através das grossas camadas de maquiagem e profissionalismo.

— Não que seja da sua conta, mas não.

Silêncio alto persistiu na sala. Dedilhei meus dedos na tela do meu celular, tentando me lembrar se eu havia mandado aquele contrato para os coreanos ou não. Eu deveria ter sido mais legal, visto que minha filha de quatro anos estava sentada bem ao meu lado, testemunhando essa troca. Eu deveria ser muitas coisas, mas a única coisa que eu era, a única coisa que eu poderia sentir fora do trabalho, era raiva e fúria e — *Por que, Luna? Que porra eu fiz com você?* — confusão. Como me tornei um pai solteiro de trinta e três anos que não tinha tempo, nem paciência, para qualquer mulher que não fosse sua filha.

— Cavalos-marinhos. Vamos falar sobre eles. — Sonya entrelaçou os dedos, mudando de assunto. Ela fazia isso sempre que minha paciência estava esgotada e prestes a explodir. Seu sorriso era caloroso, mas neutro, assim como seu consultório. Meus olhos percorreram as fotos penduradas atrás dela, de crianças rindo — o tipo de besteira que você compra na *IKEA* — e o papel de parede amarelo suave, as poltronas floridas e sofisticadas. Ela estava se esforçando demais ou eu não estava me esforçando o suficiente? Era difícil dizer neste momento. Mudei meu olhar para minha filha e ofereci a ela um sorriso malicioso. Ela não o devolveu. Não podia culpá-la.

— Luna, você quer dizer ao papai por que os cavalos-marinhos são seus favoritos? — Sonya cantou.

Luna sorriu para sua terapeuta de forma conspiratória. Aos quatro, ela não falava. Em absoluto. Nenhuma palavra ou sílaba solitária. Não havia problema com suas cordas vocais. Na verdade, ela gritava quando estava machucada e tossia quando estava congestionada e cantarolava distraidamente quando um Justin Bieber tocava na rádio (o que, alguns diriam, era trágico em si).

Luna não falava porque ela não *queria* falar. Era um problema psicológico, não físico, decorrente de sabe-se lá o quê. O que eu *sabia* é que minha filha era diferente, indiferente e incomum. As pessoas diziam que ela era ‘especial’, como desculpa para tratá-la como uma aberração. Eu não era

mais capaz de protegê-la dos olhares peculiares e das sobrancelhas arqueadas questionadoras. Na verdade, estava ficando cada vez mais difícil ignorar o silêncio dela como introversão, e eu estava começando a me cansar de escondê-la, de qualquer maneira.

Luna foi, é, sempre será escandalosamente inteligente. Ela teve uma pontuação mais alta do que a média em todos os testes que fez ao longo dos anos, e havia muitos para contar. Ela entendia cada palavra falada com ela. Era muda por escolha, mas era muito jovem para fazer essa escolha. Tentar dissuadi-la era impossível e irônico. Razão pela qual eu arrastava minha bunda para o consultório de Sonya duas vezes por semana no meio de um dia de trabalho, tentando desesperadamente persuadir minha filha a parar de boicotar o mundo.

— Na verdade, posso dizer exatamente por que Luna adora cavalos-marinhos. — Sonya franziu os lábios, colocando meu bilhete fodido em sua mesa. Luna às vezes falava uma ou duas palavras quando ela e sua terapeuta estavam sozinhas, mas nunca quando eu estava na sala. Sonya me disse que Luna tinha uma voz lânguida, como seus olhos, e que era suave, delicada e perfeita. Ela não tinha impedimento algum. — *Ela soa como uma criança, Trent. Um dia, você também vai ouvir.*

Eu levantei uma sobrancelha cansada, apoiando minha cabeça na minha mão enquanto olhava para a ruiva peituda. Eu tinha três negócios que precisava fazer ao voltar ao trabalho – quatro, se eu tivesse esquecido de enviar o contrato para os coreanos – e meu tempo era precioso demais para conversa sobre cavalo-marinho.

— Sim?

Sonya estendeu a mão por cima da mesa, colocando minha grande mão bronzada em sua pequena mão branca. — Os cavalos-marinhos são o animal favorito de Luna porque o cavalo-marinho macho é o único animal na natureza a carregar o bebê, e não a mãe. O cavalo-marinho macho é o único a incubar a prole. Para engravidar. Para aninhar. Não é lindo?

Pisquei algumas vezes, cortando meu olhar para minha filha. Eu era totalmente despreparado para lidar com mulheres da minha idade, então, cuidar de Luna sempre foi como atirar um maldito arsenal de balas no escuro, esperando acertar o alvo. Fiz uma careta, procurando em meu cérebro por algo – qualquer coisa, qualquer porra – que colocasse um sorriso no rosto da minha filha.

Ocorreu-me que o serviço social iria pegar a bunda dela e levá-la para longe de mim se soubesse como eu era um idiota emocionalmente atrofiado.

— Eu... — Comecei a dizer. Sonya pigarreou, pulando em meu resgate.

— Ei, Luna? Por que você não ajuda Sydney a pendurar algumas das decorações do acampamento de verão do lado de fora? Você tem um ótimo toque com *design*.

Sydney era a secretária do consultório de Sonya. Minha filha tinha gostado muito dela, visto que passávamos muito tempo sentados na recepção, aguardando nossos horários. Luna acenou com a cabeça e saltou de seu assento.

Minha filha era linda. Sua pele caramelo e cachos castanhos claros faziam seus profundos olhos azuis brilharem como um farol. Minha filha era linda e o mundo era feio e eu não sabia como ajudá-la.

E isso me matava como um câncer. Devagar. Certo. De forma selvagem.

A porta se fechou com um barulho suave antes de Sonya colocar seus olhos em mim, seu sorriso desaparecendo.

Eu olhei para o meu relógio novamente. — Você vem para foder esta noite, ou o quê?

— Jesus, Trent. — Ela balançou a cabeça, segurando a nuca com os dedos entrelaçados. Eu a deixei ter seu colapso. Este era um problema recorrente com Sonya. Por uma razão além do meu alcance, ela pensava que poderia me repreender, porque às vezes ela tinha meu pau na boca. A verdade era que cada grama de poder que ela tinha sobre mim era por causa de Luna. Minha filha adorava o chão em que Sonya pisava e se permitia sorrir mais na presença de sua terapeuta.

— Vou interpretar isso como um não.

— Por que você não toma isso como um alerta? O amor de Luna por cavalos-marinhos é uma maneira de dizer ‘Papai, agradeço por você cuidar de mim’. Sua filha precisa de você.

— Minha filha me tem — Cerro os dentes. Era verdade. O que mais eu poderia ter dado a Luna que já não tivesse dado? Eu era seu pai quando ela precisava de alguém para abrir o pote de pickles e sua mãe quando ela precisava de alguém para prender sua camiseta em suas meias-calças pretas de balé.

Três anos atrás, a mãe de Luna, Val, colocou Luna em seu berço, pegou suas chaves e duas malas grandes e desapareceu de nossas vidas. Val e eu não estávamos juntos. Luna foi o produto de uma despedida de solteiro com cocaína em Chicago que saiu do controle. Ela foi feita na sala dos fundos de um clube de strip com Val montando em mim enquanto outra stripper subia no meu rosto. Olhando para trás, transar com uma stripper sem proteção deveria ter me dado algum tipo de recorde de estupidez no *Guinness*. Eu tinha vinte e oito anos anos — não era uma criança — e era inteligente o suficiente para saber que o que estava fazendo era errado.

Mas aos vinte e oito anos, eu ainda estava pensando com meu pau e minha carteira.

Aos trinta e três anos, estava pensando com meu cérebro e a felicidade de minha filha em mente.

— Quando essa charada vai acabar? — Interrompi Sonya, ficando cansado de correr em círculos em torno do verdadeiro tópico em questão. — Diga seu preço e eu pagarei. O que seria necessário para você se tornar particular para nós?

Sonya estava trabalhando para uma instituição privada parcialmente financiada pelo estado e parcialmente por ela mesma. Ela não poderia estar ganhado mais de 80 mil por ano, e eu estava sendo extremamente otimista. Ofereci a ela 150 mil, o melhor seguro de saúde do mercado para ela e seu filho, e a mesma quantidade de horas se ela concordasse em vir trabalhar exclusivamente com Luna. Sonya deixou escapar um longo suspiro de sofrimento, seus olhos azuis se enrugando. — Você não entende, Trent? Você deve se concentrar em fazer Luna se abrir para mais pessoas, não permitindo que ela dependa de mim para comunicação. Além disso, Luna não é a única criança que precisa de mim. Gosto de trabalhar com uma ampla gama de clientes.

— Ela te ama — Rebatí, arrancando fiapos escuros do meu impecável terno *Gucci*. Ela achou que eu não queria que minha filha falasse comigo? Com os meus pais? Meus amigos? Tentei de tudo. Luna não se mexia. O mínimo que eu podia fazer era ter certeza de que ela não estava terrivelmente solitária naquela cabeça dela.

— Ela ama você também. Só vai levar mais tempo para ela sair de sua concha.

— Esperemos que aconteça antes que eu encontre uma maneira de

quebrá-la. — Eu me levantei, apenas meio brincando. Minha filha me fazia sentir mais desamparado do que qualquer pessoa crescida com quem já negociiei.

— Trent. — A voz de Sonya implorou quando eu estava na porta. Eu parei, mas não me virei. Não. Foda-se. Ela não falava muito sobre sua família quando veio para uma foda rápida depois que Luna e a babá já estavam dormindo, mas eu sabia que ela era divorciada e com um filho. Foda-se Sonya normal e foda-se seu filho normal. Eles não entendiam Luna e eu. No papel, talvez. Mas o verdadeiro nós? Os quebrados, os torturados, os estranhos? Sem chance. Sonya era uma boa terapeuta. Antiético? Talvez, mas até isso era discutível. Fizemos sexo sabendo que não havia nada mais nisso. Sem emoções, sem complicações, sem expectativas. Ela era uma boa terapeuta, mas, como o resto do mundo, era muito ruim em entender o que eu estava passando. O que estávamos passando.

— As férias de verão acabaram de começar. Por favor, peço que você tenha espaço para Luna. Você trabalha muitas horas. Ela realmente se beneficiaria em estar mais perto de você.

Eu me virei no lugar, estudando seu rosto.

— O que você está sugerindo?

— Talvez tire um dia de folga toda semana para ficar com ela?

Algumas piscadas lentas da minha extremidade foram suficientes para dizer que ela estava exagerando grosseiramente. Ela recuou, mas não sem lutar. Seus lábios se estreitaram, me dizendo que ela estava ficando cansada de mim também.

— Entendi. Você é um grande figurão e não pode perder tempo. Promete que vai levá-la para trabalhar com você uma vez por semana? Camila pode cuidar dela. Sei que o prédio de seu escritório oferece uma sala de jogos e outras comodidades adequadas para crianças. — Camila era babá de Luna. Aos sessenta e dois anos, com um neto e outro a caminho, seu emprego conosco era nas suas horas livres. Então, sempre que eu ouvia seu nome, algo dentro de mim se mexia desconfortavelmente.

Eu concordei. Sonya fechou os olhos, deixando escapar um suspiro.

— Obrigada.

No saguão, peguei a mochila *Dora The Explorer* de Luna e coloquei seu cavalo-marinho de brinquedo dentro dela. Ofereci a ela minha mão e ela a pegou. Fizemos a jornada silenciosa até o elevador.

— Espaguete? — Perguntei, ávido pelo desapontamento. Eu nunca receberia uma resposta.

Nenhuma coisa.

— Que tal o *FroYo*?

Nada.

O elevador apitou. Entramos. Luna estava usando seus *Chucks* pretos, uma calça jeans simples e uma camiseta branca. O tipo de coisa que eu poderia imaginar a garota Van Der Zee usando, quando ela não estava ocupada assaltando pessoas inocentes. Luna não se parecia em nada com a filha de Jaime, Daria, ou com as outras meninas de sua classe que preferiam babados e vestidos. Ainda bem, já que ela também não encontrou nenhum interesse neles.

— Que tal espaguete e um *FroYo*? — Barganhei. E eu nunca barganhava. Nunca.

Seu aperto frouxo em minha mão apertou um pouco. *Ficando mais quente.*

— Vamos colocar o *FroYo* em cima do espaguete e comê-lo na frente de *Stranger Things*. Dois episódios. Quebrar a rotina da hora de dormir. Você pode ir para a cama às nove em vez de oito. — Foda-se. Era fim de semana e meus corpos dispostos de costume podiam esperar. Hoje à noite, eu iria assistir *Netflix* com minha filha. Ser um cavalo-marinho.

Luna apertou minha mão uma vez em um acordo silencioso.

— Mas sem chocolate ou biscoitos depois do jantar — Avisei. Eu era rígido quando se tratava de comida e rotinas na casa. Luna apertou minha mão novamente.

— Não dou a mínima para o que dizem, mocinha. Sou seu pai e faço as regras. Sem chocolate. Ou meninos – depois do jantar ou outra maneira.

O fantasma de um sorriso passou por seu rosto antes que ela franzisse a testa novamente, segurando sua bolsa com o cavalo-marinho de pelúcia contra o peito. Minha própria filha nunca sorriu para mim, nem mesmo uma vez, nem mesmo por acidente, nem mesmo de forma alguma.

Sonya estava errada. Eu não era um cavalo-marinho.

Eu era o oceano.

Capítulo 2



Edie

LEVEZA.

O sentimento nunca ficava velho.

Flutuando em uma onda grande, tornando-se um com o oceano. Curvando-o habilmente – joelhos dobrados, estômago contraído, queixo erguido, focando na única coisa que realmente importa na vida – não cair.

Minha roupa de mergulho preta grudava na minha pele, mantendo minha temperatura quente, mesmo na água salgada às seis da manhã. Bane estava atacando em outra onda na minha visão periférica, montado da mesma forma que fazia com sua *Harley* – de forma imprudente, agressiva, *implacável*. O oceano estava barulhento. Ele se espatifou na costa branca, ensurdecendo meus pensamentos negativos e desligando os problemas irritantes. Isso apagava minha ansiedade e, por uma hora – apenas por uma hora – não havia drama, nem preocupações financeiras, nem planos a serem feitos ou sonhos a serem destruídos. Não havia Jordan e Lydia Van Der Zee, sem expectativas e sem ameaças penduradas na minha cabeça.

Apenas eu.

Só a água.

Apenas o nascer do sol.

Ah, e Bane.

— A água está congelando, caralho — Bane rosnou em sua onda, agachando-se para prolongar cada momento de deslizar sobre uma das forças mais árduas da natureza. Ele era muito mais alto e pesado do que eu, mas

ainda bom o suficiente para se tornar profissional se ele realmente se concentrasse nisso. Sempre que ele montava uma onda doente, ele se agarrava a ela com garras sangrentas. Porque surfar era como sexo – não importa quantas vezes você fez isso, cada vez era diferente. Sempre havia algo novo a ser aprendido, e cada encontro era único – cheio de potencial.

— Não é um bom dia para um *hang eleven* — Grunhi, meu abdômen flexionando enquanto contornava a borda de uma onda para manter o passeio. Bane gostava de surfar pelado. Ele gostava porque eu odiava quando ele fazia isso, e me deixar desconfortável era seu passatempo favorito. Ver seu longo pau balançando no ar, por outro lado, era uma distração e irritação.

— Você vai engolir isso, Gidget — Disse ele, passando a língua sobre o lábio inferior com *piercing*. Gidget era um apelido para surfistas baixinhas, e Bane me chamava assim apenas quando queria me irritar. Seu equilíbrio já estava vacilando, e ele mal agarrava a onda. Se a prancha de alguém iria quebrar, era a dele.

— Vai sonhando — Gritei sobre as ondas ferozes.

— Não mesmo. Seu pai está aqui.

— Meu pai... o quê? — Eu tinha ouvido mal. Tinha certeza disso. Meu pai nunca tinha me procurado antes, e ele, com certeza, não faria uma exceção tão cedo assim, em uma praia que não poderia acomodar seu vício em ternos caros. Eu apertei os olhos em direção à costa, perdendo estabilidade, e não apenas fisicamente. A praia era ladeada por palmeiras e bangalôs em rosa, verde, amarelo e azul. Com certeza, em meio ao carnaval de bares, barracas de cachorro-quente e espreguiçadeiras amarelas dobradas, estava Jordan Van Der Zee. De pé na praia, o sol nascendo atrás dele como um inferno subindo direto dos portões do subterrâneo. Ele estava usando um conjunto *Brooks Brothers* de três peças e um olhar desaprovador, ambos os quais ele se recusava a tirar, mesmo depois de seu horário de trabalho.

Mesmo de longe, eu podia ver seu olho esquerdo tiquetaqueando de aborrecimento.

Mesmo de longe, podia sentir seu hálito quente cascadeando pelo meu rosto, sem dúvida com outra ordem.

Mesmo de longe, o desespero agarrava minha garganta com força, como se ele estivesse muito perto, muito severo, *muito*.

Escorreguei na prancha, minhas costas batendo contra a água. A dor disparou da minha espinha até a minha cabeça. Bane não conhecia meu pai,

mas como todos os outros nesta cidade, ele o conhecia. Jordan possuía metade do centro de Todos Santos – a outra metade pertencendo a Baron Spencer – e havia anunciado recentemente que estava pensando em se candidatar a prefeito. Ele sorria muito para cada câmera em sua vizinhança, abraçava proprietários de negócios locais, beijava bebês e até comparecia a algumas de minhas funções no colégio para mostrar seu apoio à comunidade.

Ele era amado, temido ou odiado por todos. Fiquei com o último grupo, sabendo em primeira mão que sua ira era uma espada de lâmina dupla que poderia cortar você profundamente.

O gosto de sal atacou minha língua e eu cuspi, puxando a coleira no meu tornozelo para encontrar minha prancha amarela flutuante. Subi, apertei meu estômago contra ela e comecei a remar em direção à costa, meus movimentos rápidos.

— Deixe o idiota esperar — A voz de Bane cresceu atrás de mim. Eu olhei para ele. Ele estava montado em sua prancha de surf preta, olhando para mim com fogo em seus olhos. Seu longo cabelo loiro estava grudado em sua testa e bochechas, seus olhos verde-floresta brilhando com determinação. Eu o observei pelas lentes que meu pai provavelmente tinha. Um vagabundo de praia sujo com tatuagens cobrindo a metade do tronco e o pescoço inteiro. Um viking, um homem das cavernas, um neandertal que se sentia confortável vivendo na periferia da sociedade.

Uma maçã podre.

Van Der Zees sempre ficam com a fruta mais bela da cesta, Edie.

Jogando minha cabeça de volta para a costa, remei mais rápido.

— Covarde de merda — Bane gritou alto o suficiente para Jordan ouvir.

Não respondi, e não por falta de palavras. Bane não sabia de toda a história. Eu precisava permanecer civilizada com meu pai. Ele segurava meu futuro em suas mãos calejadas. Eu queria de volta.

Bane recebeu seu nome por um motivo. Sem filtros, ele era essencialmente um valentão glorificado. A única razão pela qual ele nunca foi expulso da escola foi porque sua mãe tinha uma tonelada de contatos com o Conselho Municipal. Mas Bane governava todos nós. Cada maldita criança da escola. Os babacas ricos. Os jogadores de futebol corrompidos. As líderes de torcida que faziam da existência das outras meninas um inferno.

Bane não era um cara bom. Ele era um mentiroso, um ladrão e um

traficante de drogas.

E meu ex-namorado.

Então, enquanto Bane estava certo – meu pai era realmente um idiota de classe mundial –, Jordan estava certo sobre outra coisa. Eu estava obviamente fazendo escolhas de vida duvidosas.

— Jordan? — Perguntei, içando a prancha horizontalmente e colocando-a debaixo do braço enquanto caminhava em direção a ele. A areia fria agarrou-se aos meus pés, entorpecendo minha pele. A onda das ondas ainda corria em minhas veias, mas eu sabia que a adrenalina iria diminuir em breve e eu congelaria. Eu não estremei, sabendo que meu pai teria um pequeno prazer em observar meu desconforto e deliberadamente prolongar a conversa.

Ele empurrou o queixo para trás do meu ombro, seus olhos se estreitaram em fendas. — Aquele é o garoto Protsenko?

Eu torci meu nariz, um tique nervoso. Mesmo que Jordan fosse um imigrante de primeira geração, ele tinha o problema de eu fazer amizade com um garoto russo que tinha vindo para cá com sua mãe após a queda da União Soviética.

— Eu disse para você ficar longe dele.

— Ele não é a única pessoa da qual você me disse para ficar longe. — Eu funguei, olhando para o horizonte. — Acho que concordamos em discordar.

Ele manuseou a gola de sua camisa, afrouxando-a em volta do pescoço.

— Olha, é aqui que você está errada. Nunca concordei em discordar de você, Edie. Eu simplesmente escolho minhas batalhas. Isso é chamado de boa paternidade, e tento executá-la tanto quanto possível. — Meu pai era um camaleão, intercambiável e adaptável a uma falha. Ele mascarava sua crueldade com preocupação, e suas maneiras agressivas com entusiasmo e uma personalidade impulsionada pelo tipo A. Foram suas ações que o tornaram o monstro que ele se tornou aos meus olhos. De longe, porém, ele era apenas mais um cidadão respeitador da lei. Um pobre garoto holandês que veio para os Estados Unidos com seus pais, realizou o sonho americano e se tornou um milionário por meio de trabalho duro e sagacidade implacável.

Ele parecia preocupado, e talvez estivesse, mas não com o meu bem-estar.

— Pai. — Limpei meu rosto com o braço, odiando ter que chamá-lo assim apenas para agradá-lo. Ele não ganhou o título. — Você não está aqui para falar sobre ‘o garoto Protsenko’. Como posso ajudá-lo esta manhã? — Enfiei a prancha na areia e me inclinei contra ela, e ele estendeu a mão para tocar meu rosto, antes de se lembrar que eu estava molhada e colocar a mão de volta no bolso. Ele parecia tão humano naquele momento. Quase como se ele não tivesse uma agenda oculta.

— Onde você escondeu suas cartas de aceitação para a Universidade de Boston e Columbia? — Ele colocou as mãos na cintura e meu queixo quase caiu na areia. Ele não deveria saber disso, obviamente. Fui aceita em cinco universidades. Harvard, Stanford, Columbia, Brown e Boston University. Meu GPA era de 4,1 e meu sobrenome era Van Der Zee, o que significa que essas pessoas sabiam que meu pai doaria alguns milhões de dólares e um rim para a excelente instituição que o livraria da minha presença. Infelizmente, nunca tive muito interesse em frequentar uma faculdade de fora do estado. O motivo óbvio era meu surf. Era meu oxigênio e ar. O sol e o céu aberto eram alimento para minha alma. Mas o principal motivo era que a única pessoa com quem me importava neste mundo estava na Califórnia, e eu não iria me mudar. Nem mesmo para Stanford, no norte.

Jordan sabia disso muito bem.

— Eu não as escondi. Eu as queimei. — Tirei minha roupa de neoprene, o látex batendo em minha carne de forma punitiva enquanto revelava meu pequeno biquíni roxo por baixo. — Vou ficar perto dele.

— Entendo — Disse ele, sabendo que não estávamos falando sobre Bane. Todo motivo pelo qual meu pai decidiu ter essa conversa na praia e não em casa foi porque ele não podia deixar minha mãe nos ouvir. Lydia Van Der Zee estava em um estado frágil, sua sanidade constantemente pendurada por um fio tênue. Gritar era um limite rígido para ela, e este tópico era volátil o suficiente para florescer em uma luta massiva.

— Diga logo. — Fechei os olhos, um suspiro saindo da minha garganta.

— Edie, acho que falhei com você como pai e, por isso, peço desculpas.

Eu estava tremendo. A adrenalina do surf há muito havia diminuído. Estava praticamente nua e exposta, esperando que o sol mesquinho aparecesse e acariciasse minha pele.

— Desculpas aceitas. — Não aceitei nem por um momento. — Então, qual é o seu próximo esquema? Porque tenho certeza de que existe um. Você não veio aqui para me verificar.

— Já que você não vai para a faculdade este ano – e vamos deixar claro que isso não significa que você não irá no próximo ano – e já que você se formou oficialmente no Ensino Médio, acho que você deveria vir trabalhar para mim.

Para. E não com. O diabo está nos pequenos detalhes.

— Em um escritório? Não, obrigada — Disse categoricamente. Ensinava as crianças a surfar três vezes por semana. Agora que eram as férias de verão, eu estava tentando conseguir mais trabalho. Sim, também estava roubando regularmente desde que meu pai cortou meu fluxo de dinheiro. Tentava pagar minha gasolina, seguro, roupas, vida e ele, e não ia me desculpar por roubar o dinheiro. Quando eu não estava roubando, estava penhorando coisas da mansão do meu pai. O que ele comprou em Todos Santos no minuto em que entrou no Three Comma Club. Joias. Eletrônicos. Instrumentos musicais. Inferno, eu penhoraria o cachorro da família se tivéssemos um. Eu tinha muito poucos limites quando se tratava de manter o cara que eu amava feliz e contente. E, sim, roubar não era um limite rígido. Embora eu só tenha roubado de quem poderia sustentar o golpe financeiro. Eu me certificava disso.

— Não foi um pedido. Foi uma ordem — Disse meu pai, puxando meu cotovelo. Eu cavei meus calcanhares mais fundo na areia.

— E se eu recusar?

— Então, *Theodore* tem que ir — Meu pai enunciou, sem piscar. A facilidade com que ele disse seu nome partiu meu coração. — Ele tem sido uma distração constante em sua vida. Às vezes me pergunto o quanto você teria avançado se eu tivesse feito isso anos atrás.

O caos cresceu dentro de mim. Eu queria empurrá-lo, cuspir na cara dele e gritar, mas não consegui porque ele estava certo. Jordan tinha poder sobre mim. E conexões em abundância. Se ele queria Theo fora de cena, ele faria isso acontecer. Sem suor.

— Qual é o trabalho? — Mordi o interior da minha bochecha até que o gosto metálico de sangue rolou na minha boca.

— O que quer que haja para fazer no escritório. Principalmente trabalho braçal. Nenhum arquivamento ou atendimento telefônico. Você

precisa de uma boa dose de realidade, Edie. Ser aceita em várias universidades da Ivy League e recusar todas para passar os dias surfando com um maconheiro? Esses dias acabaram. É hora de se aplicar. Você virá comigo todas as manhãs às sete da manhã e abrirá o escritório – e não sairá até que eu mande, às sete ou oito da noite. Entendido?

Meu pai nunca tinha ido tão longe para tentar me punir, e eu já tinha bem mais de dezoito anos, mas isso não significava absolutamente nada. Eu ainda morava sob seu teto, ainda comia sua comida e, o mais importante, ainda estava à sua mercê.

— Por que você está fazendo isso comigo? Por que aqui? Por que agora?

Sua pálpebra esquerda latejou novamente, sua mandíbula tensa. — Por favor, você causou isso com seu estilo de vida impensado. É hora de você fazer jus ao seu nome. Não há necessidade de teatro.

Então, ele se virou e caminhou até o *Range Rover* esperando no meio-fio do calçadão vazio. O motor estava ronronando, seu motorista mudando os olhos de nós para a hora em seu telefone. Um leve sorriso apareceu em seus lábios. Meu pai levou menos de dez minutos para me colocar no meu lugar.

Eu fiquei lá, enraizada no chão, como uma estátua de gelo. Eu odiava Jordan com o tipo de paixão que as pessoas geralmente reservam para o amor. Eu o odiava como o ódio deveria ser sentido – manchava minha alma e envenenava meu humor.

— Tenho a sensação de que agora você está se arrependendo de não ter seguido o meu conselho de mandá-lo se catar — Bane murmurou ao meu lado enquanto cavava a ponta afiada de sua prancha na areia e prendia seu cabelo loiro selvagem em um coque masculino. Eu não respondi. — Parece que você foi encurralada. — Ele me deu uma cotovelada, tirando uma *Budweiser* de sua mochila jogada na areia, porque quem se importava que eram sete da manhã?

Eu apertei meu colar de conchas e disse: — Você não faz ideia.

Capítulo 3



Edie

LOUCO.

O lugar era a própria definição de loucura.

Eu nunca tinha estado no escritório do meu pai antes, mas eu conhecia a anarquia quando ela me olhava nos olhos. E no décimo quinto andar do prédio da Oracle, em Beverly Hills, onde a Fiscal Heights Holdings estava localizada, encontrei o verdadeiro caos.

O único homem cuja loucura poderia se comparar à de Bane.

Baron ‘Vicious’ Spencer.

O lugar inteiro fervilhava com telefones, mulheres fofocando em saias lápis *St. John* e homens discutindo em ternos elegantes. Granito cor de marfim e couro marrom escuro antigo adornava o salão de recepção da FHH. As janelas do chão ao teto ofereciam a vista perfeita da Los Angeles feia, bonita, falsa, real e crua em toda a sua glória.

E lá, no luxo, na indulgência, no poder, fiquei cara a cara com o homem que era considerado uma lenda no All Saint High, tanto que mesmo mais de uma década depois, eles deram o nome dele a um banco – *Vicious*.

— Se você vai plagiar um artigo inteiro sobre a bolsa de valores, pelo menos não roube da porra do *Financial Times*. Quem o contratou como chefe de RP? *Quem?* — O homem com o cabelo preto lustroso e olhos índigo escuro jogou um lote de documentos no rosto de um jovem de aparência horrorizada. Os papéis caíram como granizo, não confetes. A mandíbula de Vicious apertou quando ele apunhalou um dedo na camisa passada do cara.

— Conserte essa merda antes de encaixotar as duas fotos e meia da porra da sua família que você provavelmente trouxe aqui para domesticar seu escritório de dez por dezoito centímetros, seu idiota. E faça isso às cinco, porque quando eu me sentar para a minha reunião das seis, quero agir como se nada tivesse acontecido. Fui claro?

Embora quase todas as pessoas no andar tivessem se reunido em um círculo aberto para assistir ao show, ninguém chamava a atenção de Vicious por seu comportamento podre. Nem mesmo meu pai. Todo mundo parecia ter muito medo dele, e embora eu me sentisse muito mal pelo cara de relações públicas, que eu jurava que seu nome era Russell, não queria começar meu emprego irritando mais pessoas.

— Por favor, senhor. Você não pode me despedir. — Russell quase caiu de joelhos. Foi nada menos que uma tortura de assistir. Eu me encolhi no vestido de lã preta com uma etiqueta de estilista francês que peguei do armário da minha mãe naquela manhã e tentei não recuar.

— Eu posso, e vou, e porra, onde está meu café? — Vicious olhou em volta, batendo o dedo no lábio. Ele tinha uma aliança de casamento na mão esquerda. Você pensaria que o casamento o teria deixado mais suave. Você estaria errado.

De repente, a comoção parou. A multidão de ternos se dividiu em dois e entraram três homens que reconheci muito bem das revistas financeiras espalhadas pela minha casa.

Dean Cole, Jaime Followhill e Trent Rexroth.

Os dois primeiros eram meramente decoração, situando-se em cada lado de Trent, alguns centímetros mais baixos e mais magros, e geralmente menos semelhantes a Deus. Era Trent quem detinha a atenção, quem roubava o show. Ele usava uma camisa de botão azul bebê e calça cinza claro. Ele parecia sexo, ele andava como sexo, e eu obviamente não era a única a pensar assim, porque pelo menos três mulheres perto soltaram risos sem fôlego.

— Spencer. — Trent o olhou friamente, segurando um *Starbucks* na mão. — Está menstruado? Acalme essa merda. São oito horas da manhã de uma segunda-feira.

— Sim, que bicho mordeu sua bunda, V? — Dean Cole entrou na conversa, seu sorriso largo tornando a sala significativamente mais quente e menos assustadora.

— Olha a boca — Meu pai gritou ao meu lado, segurando meu braço

com mais força. Eu tinha esquecido que ele me segurava no lugar. Ele começou a me maltratar aos dezesseis anos, quando apareci em sua casa com dois anéis em minha narina esquerda, e mudou para apertos fortes quando eu decorei minha parte inferior do torso com uma enorme cruz nas costas. Nunca foi tão ruim – como eu disse antes, pessoas ricas não batem em seus filhos – mas nós dois sabíamos que ele fazia isso porque eu odiava ficar ao lado dele. O fato de que às vezes ele deixava hematomas era provavelmente um bom bônus aos seus olhos.

A cruz não era sobre religião. Era uma mensagem manchada com tinta preta em negrito.

Não. Ultrapasse.

— O Zé Ninguém está despedido. Quero o laptop dele na minha mesa ao meio-dia. Sem falar nas senhas, o telefone da empresa e o passe de estacionamento, que darei a alguém mais digno. Talvez à porra do garoto que nos entrega cestas de frutas todas as manhãs. — Vicious acenou na direção geral de Russell, arrebatando um dos dois copos de café das mãos de Jaime. Meu coração apertou.

Trent chutou o que eu presumi ser a porta de seu escritório aberta silenciosamente. Eu provavelmente não deveria ter sentido pura alegria em como todos eles dispensaram meu pai. — Ninguém vai ser despedido hoje. Além disso, temos peixes maiores para fritar. No meu escritório.

— A: foda-se o seu peixe. E, B: não mande em mim — Vicious terminou seu café em dois goles e entregou o copo para a pessoa mais próxima a ele. — C: café. Eu preciso de mais disso. Agora.

— Vicious... — Jaime pigarreou enquanto o cara segurando o copo de Vicious rapidamente correu para o elevador para pegar um segundo *Starbucks* para ele.

— O homem copiou e colou um artigo do *Financial Times* em nosso *site*. Nós poderíamos ter sido processados, ou pior.

— P-por favor — Russell gaguejou, fazendo cócegas nas inclinações por esporte àvidos por sangue de qualquer predador próximo, com sua fraqueza transbordante, a minha incluída. — Cometi um erro. Não tive tempo de escrever o artigo. Minha filha tem duas semanas. Ela não dorme bem à noite...

Eu não aguentava mais.

— Dá um tempo *pro* cara! — Soltei. Eu balancei meu braço livre,

sacudindo meu pai enquanto minhas pernas começaram a trabalhar seu caminho para os HotHoles. Todos os quatro homens lançaram seus olhares para mim, e mesmo que todos parecessem surpresos, Trent era o único que tinha aquela camada extra de repulsa em seu rosto. Eu o ignorei, apontando para Russell.

— Ele disse que sente muito. Por que ele estragaria deliberadamente? Vamos, ele tem uma família para alimentar.

— Adoro isto. — Cole riu, batendo nas costas de Spencer e balançando a cabeça. — Mandado por uma adolescente. *Bonitinho*.

Minhas bochechas ficaram vermelhas. Vicious parecia indiferente — mal reconhecendo minha existência e olhando para trás para Russell, enxotando-o e poupando-o de sua redundância, enquanto Trent mostrava os dentes, voltando seu foco para mim.

— É o dia de trazer a filha para o trabalho? Porque não me lembro de receber o e-mail. — Sua voz estava cheia de veneno suficiente para matar uma baleia. Eu devolvi um olhar severo, enterrando-me em uma falsa confiança que eu não estava sentindo.

Você é um sacrifício em potencial, suas palavras nadaram na minha cabeça, afogando todos os pensamentos positivos que eu tive sobre ele e sua boa aparência. Ele disse isso há poucas semanas, mas eu quase esqueci que ele seria uma complicação para trabalhar aqui.

— Edie vai trabalhar aqui por um tempo. — Jordan me puxou para o seu lado novamente, não muito diferente de uma posse.

— Quem disse? — Perguntou Trent.

— Eu disse.

— Eu não concordei com isso. Nenhum de nós concordou.

— Então, foi bom eu não ter perguntado. — Meu pai sorriu educadamente, sufocando meu braço com seus dedos finos e fortes. Eu ignorei a dor. Começar outra briga com ele poderia me levar a não ver Theo no sábado, e não podia arriscar isso. Trent caminhou em nossa direção, cada passo que dava enviando uma corrente para meu corpo, como remar em águas turbulentas.

— Com todo o devido respeito ao nepotismo branco da classe alta ao premiar sua filha subqualificada com um trabalho pelo qual os candidatos mais merecedores matariam, todas as decisões importantes de RH passam por todos os sócios, correto? — Ele se virou para seus amigos, que assentiram

solenemente, esquecendo tudo sobre o pobre Russell. Eu era agora a mais nova vítima com quem mexer, covarde e indefesa. Um ratinho atraído para a toca de um gato gordo.

— Pelo amor de Deus, Rexroth. Ela será uma assistente, não uma gerente de contas. — A onda de impaciência de Jordan não fez nada para melhorar as coisas. Seu aperto no meu braço ficou tão forte que meus ossos estavam prontos para estourar, saindo da minha pele.

— Ela vai ficar *neste andar*, ter acesso às nossas *coisas*. Não me importo se o trabalho dela é descascar bananas na cozinha. Isso vai para uma reunião do Conselho amanhã de manhã. Fim da discussão — resmungou Trent.

Todos os olhos estavam sobre ele, a energia sombria na sala zumbindo com o choque. O Mudo havia falado. Não apenas algumas palavras, mas frases. E foi por minha causa, nada menos.

Eu finalmente encontrei. O único homem mais assustador do que meu pai. Não que eu estivesse procurando. Porque, enquanto Vicious fazia muito barulho, Trent Rexroth era o caçador silencioso que o circundava por horas, atacando quando você menos esperava.

Uma pantera desolada. Selvagem, quieto e esperto. Seus olhos pálidos e frios percorreram todo o tamanho do meu pai como se ele fosse um lixo, parando onde sua mão segurava meu braço com um aperto forte. Nunca tinha visto ninguém olhar para meu pai com tanto desdém. Os dedos de Jordan relaxaram na minha pele.

— Você realmente vai lutar comigo por causa disso. — Meu pai esfregou a bochecha lisa com os nós dos dedos, incrédulo. Vai entender. Ele estava tão acostumado com minha mãe e eu inclinando nossas cabeças para todos os seus caprichos, que eu não tinha certeza se eu não era #TimeRexroth. Claro, O Mudo não me queria por perto, mas eu também não *queria* estar por perto, então, estávamos na mesma sintonia. Trent parou a passos de meu pai, onde pude respirar seu cheiro singular, de um homem limpo e uma foda suja. Ele exalava sensualidade, me fazendo querer coisas proibidas e bagunçadas. Minha reação a ele era quase nauseante, e fiz outra nota mental para ficar longe dele.

Trent inclinou a cabeça para encontrar os olhos de meu pai, sussurrando sombriamente: — Eu lutaria até a morte por qualquer coisa, Jordan, incluindo o provedor de serviços da máquina de café, se necessário.

Sangue ruim. Este lugar era como um veneno para a alma. Felizmente, parecia que Rexroth me odiava e os HotHoles sempre apoiavam uns aos outros. Essa era a lenda em All Saints High, e eu duvidava muito que eles quebrassem sua tradição por mim.

— Tudo bem — Jordan errou. — Vamos levar para a sala de reuniões.

O olhar de Trent cortou para o meu e parou quando seus tons de cinza encontraram meu azul. O barulho desbotado de Vicious latindo para as pessoas se moverem, e meu pai finalmente soltando meu braço para se mover em direção a Jaime e Dean – provavelmente tentando ganhar aliados e simpatia – morreu.

— Eu não gosto de você — Rexroth sussurrou baixinho, sua voz áspera.

— Nunca pedi que gostasse. — Dei de ombros.

— Você não vai trabalhar aqui. — Seu braço roçou meu ombro, mas não acho que foi por acidente. Soltei um sorriso açucarado, examinando seu rosto e torso por nenhuma outra razão além de provocá-lo.

— Bom, você estará me fazendo um favor. Meu pai é quem me força a trabalhar aqui. Ele está puto porque recusei cinco faculdades da Ivy League. Lembre-me, Sr. Rexroth, que universidade de primeira linha você frequentou para obter seu diploma?

O golpe baixo deveria recuperar um pouco da minha dignidade perdida, mas a bile queimou minha garganta, disparou do meu estômago. Trent Rexroth era conhecido em Todos Santos como uma história de sucesso estimulante, surgindo das sarjetas de San Diego. Ele foi para uma faculdade estadual de merda que aceitava até analfabetos, trabalhando como zelador no campus depois do expediente. Esses eram fatos que ele próprio recitava em uma entrevista para a *Forbes*.

Eu realmente tentei fazê-lo se sentir menos digno porque ele não nasceu com uma colher de prata na boca? Aquilo me deixava mais doente do que usar as roupas de grife da minha mãe.

Trent sorriu, inclinando-se em meu corpo, em minha alma. Seu sorriso era mais assustador do que qualquer carranca ou careta que eu já vi. Ameaçava me separar e costurar da maneira que quisesse.

— Edie. — Seus lábios estavam perigosamente perto do meu ouvido. Um arrepio delicioso desceu pela minha espinha. Algo quente rolou dentro de mim, implorando para desfazer o nó e florescer em um orgasmo. O que

estava acontecendo e por que diabos estava acontecendo? — Se você sabe o que é melhor para você, você vai dar meia-volta e sair agora.

Levantei minha cabeça para encontrar seu olhar e mostrei a ele minha versão de um sorriso. Nasci e fui criada em um mundo de homens ricos intimidantes, e estaria condenada se caísse como minha mãe — viciada em *xanax*, *Gucci* e um homem que a desfilou em seu braço por uma curta e gloriosa década antes de ficar com ela apenas para aparições públicas.

— Acho que vou encontrar minha mesa agora. Desejo-lhe um bom dia, Sr. Rexroth, mas acho que o navio zarpou. Você é um homem miserável. Ah, e um para viagem. — Peguei um *Nature Valley* na bolsa da minha mãe e coloquei em seu peito duro e musculoso. Meu coração bateu no meu pescoço, vibrando como um pássaro enjaulado.

Corri atrás de meu pai enquanto ele deslizava pelo vasto corredor dourado, sem ousar olhar para trás. Sei que comecei uma guerra e cheguei sem equipamento. Mas também sabia de outra coisa que me deu malícia de surfista — se eu pudesse bater o prego final no meu caixão de emprego e fazer Rexroth votar contra mim, eu estaria safa.

Eu tinha exatamente o plano para isso. Tudo que eu precisava fazer era agir como uma pirralha. *Que comece o jogo.*

Capítulo 4



ALMOCEI SOZINHO.

Crescer como filho único porque meus pais não podiam se dar ao luxo de me dar irmãos (uma decisão que respeitei) significava que os jantares não eram um evento barulhento. Ainda assim, isso não os silenciava.

Conheci a verdadeira solidão no dia em que Luna parou de falar. Aconteceu dias depois de seu segundo aniversário e esvaziou minha já instável confiança em relação à paternidade. Até então, ser pai solteiro era difícil – mas não impossível. Eu tinha dinheiro e recursos para contratar as melhores babás do planeta; meus pais para contar quando eu precisasse sair da cidade, e meus amigos e suas esposas, que estavam sempre a acolhendo e tratando Luna como se fosse deles. Pontos bônus – eu estava tão acostumado a receber todas as cartas ruins que a vida tinha a oferecer que quase não me surpreendi quando Val deu um chute em nossos traseiros.

Eu fora roubado minha vida inteira.

Roubado de minha bolsa de futebol quando um idiota chamado Toby Rowland untou o chão sob meu armário, fazendo-me cair e quebrar meu tornozelo.

Roubado de minha liberdade quando Val deu a notícia sobre sua gravidez, embora aquilo fosse culpa minha tanto quanto dela.

E, finalmente, roubado de uma criança feliz quando Val fodeu com tudo e deixou Luna comigo.

Mas isso? Essa foi a gota d'água. O silêncio. Aquilo me devorava por dentro e meu eu normal e quieto se transformou em um idiota furioso de proporções enormes que só precisava de uma boa desculpa para liberar minha ira.

Eu era quieto, ressentido e uma bagunça – por causa da minha filha.

Depois do almoço, entrei em meu escritório no décimo quinto andar, pronto para lidar com minha lista de afazeres de um quilômetro e meio, congelando no local quando vi Edie Van Der Zee esperando do outro lado da minha mesa.

Sentada na *minha* cadeira.

Pernas em cima do *meu* laptop fechado.

Saltos apontando para mim provocativamente.

Braços cruzados sobre o peito.

Vênus em um vestido. Espertinha. Precisando ser salva.

Hoje não, querida. Eu já tenho uma garota para salvar e ela está me mantendo bem ocupado.

Joguei minha pasta na minha mesa, afrouxando minha gravata.

— Você tem três segundos para tirar as pernas do meu laptop. — *Antes de abri-las e te comer para a porra do andar inteiro ouvir, me absteve de acrescentar.*

— Não acredito em você. — Seus olhos se agarraram ao meu rosto como se estivessem tentando descascar uma camada persistente de uma fachada para chegar a uma verdade. — Da última vez que você contou os segundos, nada aconteceu. Posso ser uma ladra, mas você, Sr. Rexroth, é um mentiroso.

Da última vez, eu a deixei escapar porque precisava ir para casa. Peguei um almoço rápido com minha mãe enquanto meu pai tomava conta de Luna. Agora, eu tinha todo o tempo do mundo. Além disso, era seu novo chefe até amanhã de manhã e ela estava implorando para ser disciplinada.

Fui até a mesa, agarrei seu tornozelo magro, tirei o sapato *Louboutin* vermelho, arrancando o salto sexy do calçado bege. Seus olhos dispararam para mim com horror. Enfiei o salto no bolso como se fosse uma roupa íntima sexy e indiferentemente coloquei o sapato da *Cinderela* de volta no lugar.

— Equilíbrio — Minha voz era grave, e eu também, ela precisava dessa lição — é tudo na vida. Tento não ser um idiota, a menos que seja absolutamente necessário, mas tenho a sensação de que você está aqui para

testar os limites, não, *criança*?

A calma dela evaporou como fumaça fina, substituída por desespero sexy. Ela se levantou da minha cadeira e deu a volta na mesa, hiperconsciente de seu salto quebrado. Suas mãos estavam fechadas em punhos.

— Que. Inferno! — Os olhos de Edie estavam dançando em suas órbitas. Sua raiva crispava e eu queria gargarejar em sua ira, bebendo de seu poço de tristeza. — Qual é o seu problema comigo?

— Não tenho nenhum problema com você. Você nem está na porra do meu radar. Entrei em meu escritório e encontrei você aqui, em toda a minha mesa como uma erupção na pele. — Joguei minha gravata frouxa na minha mesa, enrolando minhas mangas sem alças até os cotovelos.

— Bem, vim aqui para te dizer que não quero esse trabalho.

— Bom. Porque você não merece — Retruquei.

— Nesse caso, gostaria que você me dissesse que votará contra mim. Quer dizer, sei que você vai, mas ouvir isso de você me faria sentir muito melhor.

— Não estou aqui para fazer você se sentir melhor. O que há de tão ruim em trabalhar na Fiscal Heights Holdings, afinal? — Não tinha nenhum motivo para agradá-la, mas ela ainda estava lá, por um motivo além do meu alcance, então, pensei em jogar um osso para ela. Ela torceu o nariz, algo que eu já a tinha visto fazer antes.

— Não posso trabalhar aqui. Tenho coisas para fazer. Planos... planos diferentes para o meu futuro. Então, você pode simplesmente dizer aos outros para votarem contra mim também?

— Eu pareço aceitar ordens suas? — Pisquei lentamente, apenas ligeiramente me divertindo com sua abordagem descarada.

— Por favor. — Sua voz era firme, seus olhos ardentes nos meus.

— Não — Grunhi, segurando a mão no ar para impedi-la. Inclinei um quadril contra minha mesa. — Nunca implore, Edie. Agora, vá me fazer um café.

Ela jogou a cabeça para trás e riu. Um tanto histericamente, observei. As adolescentes eram tipicamente cheias de emoções e besteiras, e eu tinha que aceitar isso porque Luna atingiria a puberdade em menos de dez anos. Excelente.

— Eu não vou te fazer merda nenhuma.

— Eu não pedi merda nenhuma. Pedi um café.

— Não sou sua Assistente.

— Verdade. Você é inferior a isso. Você é a *vadia* do escritório — Retruquei calmamente, observando os olhos de Edie seguirem as veias dos meus antebraços como se sua vida dependesse disso. Eu ria se isso não me fizesse sentir como um pervertido.

— Eu sou *o quê*? — Ela murmurou.

Eu concordei. — Assistente geral. Esse é o seu título. Seu pai acaba de enviar o contrato para o RH e nos colocou em cópia, antecipando a reunião do Conselho de amanhã. AG é apenas uma sigla diplomática para uma vadia de escritório. Posso pedir qualquer coisa dentro do razoável. Então, estou pedindo um café. Sem açúcar. Preto.

Se nada mais, eu fui um idiota de merda por amar a expressão no rosto dela. Como se ela estivesse quebrada — mas só por ora. Apenas por este momento. Só para *mim*. A compreensão a invadiu, fazendo-a endireitar a coluna e erguer o queixo.

Ela iria fazer aquilo. Anotar meus pedidos, fazer meu café, gastar meu tempo e ser uma distração bem-vinda.

Um turbilhão de emoções nadou nos olhos de Edie. Se elas pudessem falar, gritariam. Mas não podiam. Então, tudo que vi foi uma garota extremamente irritada que recentemente tinha um novo par de seios e tinha acabado de descobrir que a vida não era um piquenique.

— Rápido. — Bati palmas duas vezes.

Eu não era a pessoa mais legal do mundo. Gostava de pensar que era bom o suficiente para pelo menos avisá-la para tirar os sapatos antes de ir embora. Mas antes que eu tivesse uma chance, Edie se virou e correu em direção à porta, caindo de bunda no chão.

O único consolo em seu cenário infeliz, quando me inclinei contra minha mesa, observando-a se erguer sobre os pés instáveis, foi que eu não ri.

Então, novamente, não a poupei da humilhação porque gostava dela. Não tinha me movido para ajudá-la por um motivo diferente.

Eu estava duro como uma pedra, e me mexer teria denunciado isso.

— Você falhou em sua primeira lição de equilíbrio. Grande surpresa.

— Você está falhando na vida, Rexroth! — Ela saiu galopando do meu escritório, com o rosto vermelho de humilhação.

Reorganizei meu monte assim que ela saiu e mandei uma mensagem de texto para Sonya.

Edie Van Der Zee começou a me deixar excitado. Felizmente, eu iria arrancá-la da minha vida amanhã de manhã.

E, então, a manhã chegou. Era a coisa que me lembrava porque eu odiava falar com as pessoas. Algo onde tudo era caótico, todo mundo falava alto e todo mundo estava atrás de mim, disparando perguntas, implorando por atenção e pedindo merda.

— *Sr. Rexroth, o senhor tem o arquivo Duran-Dexter em sua mesa. Pode assinar para mim?*

— *Trent, você tem uma chamada em conferência às três.*

— *Você pode ir a um evento de caridade em Palo Alto na próxima semana? Alguém precisa, e Jaime está muito ocupado com Mel e o novo bebê.*

— *Trent... por que Luna está aqui?*

— *Rexroth... ainda vamos beber no sábado?*

— *Rexroth.*

— *Ei, T-Rex!*

— *Trent, querido...*

Parei no meio do corredor, ignorando a multidão de colegas, e agachei-me ao nível dos olhos de Luna, minha voz enferrujada pela falta de uso. Ela estava segurando a mão de Camila, um olhar distante em seus olhos. Arrastá-la para o escritório comigo todas as terças-feiras era uma ideia terrível, mas Sonya parecia determinada a fazer isso e eu não era a porra do especialista.

— *Que tal tacos para o almoço? — Escovei meu polegar em sua bochecha e entreguei algum dinheiro a Camila. — Leve Luna para pegar alguns bagels e me encontre no meu escritório.*

— *Por quê? Para onde você está indo agora? — O forte sotaque espanhol de Camila apareceu, o que significava que ela não estava satisfeita comigo.*

Vou fazer com que uma criança de dezoito anos seja demitida porque sou muito egoísta para confiar em mim mesmo, e não fodê-la no escritório do pai se ela chegar perto de mim.

— *Reunião do Conselho. Deve ser rápido. Basta votar em algo, então,*

estarei livre. — Dei um tapinha na cabeça de Luna e dei um beijo em sua testa antes de me levantar e apertar suavemente o ombro de Camila.

Virando-me em direção ao meu escritório, vi Jordan Van Der Zee aparecendo das portas deslizantes do elevador panorâmico, sua filha seguindo seus passos. Ele a estava segurando como se ela fosse uma criminosa condenada novamente, e eu tentei não perder a cabeça por causa disso — *de novo*. Hoje, Edie estava usando um vestido de marinheiro azul-marinho um tamanho maior do que seu corpo minúsculo. Na altura do joelho, era conservador, mas ainda destacava suas panturrilhas assassinas. Uma pequena ginasta que poderia atender a todas as necessidades de um homem.

Uau. Retroceda nessa merda, rápido, Sr. Muito-Perverso.

Ela parecia ser uma pessoa completamente diferente perto de seu pai. Longe dele, ela era confiante, mal-humorada e uma dor de cabeça do caralho. Mas agora? Seus olhos estavam no chão, e suas duas argolas no nariz eram o único vislumbre de seu coração negro e rebelde.

Fodona, uma ova.

Jordan me cumprimentou com a cabeça e eu retribuí o gesto. Nós nos encontramos nas portas douradas personalizadas que levavam à sala de reuniões. Vi meus três amigos atrás das paredes do aquário, curvados sobre a longa mesa de bronze, discutindo algo entre eles.

— Reconsidere. — Jordan alisou sua gravata *Armani*. Uma declaração, não um pedido. Sem chance. Não confiava neste homem com uma colher de plástico, muito menos com minha empresa. Nos seis meses desde que começamos o negócio juntos, ele acabou com quatro dos cinco grandes negócios que eu fiz para a Fiscal Heights Holdings. Ele negligenciou todas as minhas grandes contas — propositalmente — e descaradamente tentou designar os corretores mais ecológicos e menos experientes para meus clientes. Depois de uma semana de trabalho juntos, tive meu primeiro encontro infeliz com ele. Eu o ouvi falando ao telefone no meu caminho para fora do escritório.

— Não, não Rexroth. Vamos enviar outra pessoa para tentar salvar a conta Drescher e Ferstein — Disse ele. Uma conta que eu trouxe, muito obrigado. Eu esperei, vadiando atrás da porta de seu escritório como um personagem do *Hospital Geral* e odiando isso. — Ele é também... você sabe o quê. Mal caráter. Muito zangado. Não é muito falador. Eu não o quero perto dessa conta. Peça a Dean para falar com eles. Ele é o tipo de garoto

bonito e encantador que sua CEO, Helena, apreciaria.

E foi isso. Foi quando eu soube que Jordan Van Der Zee não era apenas um racista, mas que ele queria me expulsar da empresa. Ele tinha outra coisa vindo, e ia explodir direto em seu rosto.

Vicious, Dean e Jaime já estavam na metade do caminho para fora da porta da empresa, aparecendo para trabalhar três ou quatro vezes por semana e passando a maior parte do tempo com suas famílias. Mas eu, eu só tinha Luna. Embora, para ser completamente honesto, até ela parecia preferir ficar com a babá.

— É aqui que você se separa da filha, meu caro. — Eu puxei minha gola, porque a filha da puta da Edie Van Der Zee fazia a temperatura na sala subir pelo menos dez graus.

— Com prazer. — Ela tirou o telefone da bolsa e foi embora.

Jordan entrou na sala de conferências e eu estalei os dedos, sorrindo.

— Eu preciso assinar um contrato para a conta de D&D. Já volto, garoto Jordi.

— Nunca vi essa conta. — Suas sobrancelhas se abaixaram. Ele odiava quando eu o chamava assim.

— Exatamente — Eu disse, com um salto em meus passos enquanto ia para meu escritório para buscar o contrato. Depois de assiná-lo – tendo prazer no fato de ter feito Jordan esperar por mim como uma vadia na sala da diretoria – fui até a área de recepção principal do andar, onde ela se dividia em dois corredores com a enorme sala da diretoria no meio. Decidindo fazê-lo esperar um pouco mais, virei à direita para a sala de descanso para preparar um café para mim com a máquina sofisticada que nunca tinha experimentado antes. Foi mesquinho? Sim. Incomodar Jordan por fazê-lo esperar por alguns minutos extras me fez sorrir? Claro que sim.

Eu estava prestes a abrir a porta de vidro quando parei, observando as meninas dentro da cozinha.

Luna. Camila. Edie. Juntas. Parecendo... animadas? O que...?

Edie jogou os braços em volta de Camila e a abraçou, afundando em seu ombro. Luna estava parada ao lado delas, observando a cena, com olhos de corça. Pela primeira vez em muito tempo, ela estava interessada em algo que não eram cavalos-marinhos. Edie segurou o rosto de Camila antes de enxugar as lágrimas com as costas da mão. Ela usava suas emoções como joias. Orgulhosa e sem remorso. Aquilo me fez odiá-la um pouco menos por

tentar roubar a bolsa da minha mãe algumas semanas atrás.

Então, Edie fez o impensável, mas o que todas as garotas de sua idade teriam feito.

Ela se agachou, passou a mão pelas tranças encaracoladas de Luna e sorriu.

Quase em câmera lenta, ela apontou para o cavalo-marinho azul fofo de Luna, sua boca formando um ‘o’ em forma de *uau*.

O rosto de Luna se abriu em um sorriso tímido. Ela nunca sorriu para mim assim. Pisquei para longe do meu choque, tentando envolver minha cabeça em torno de sua reação. Edie deve ter perguntado algo a Luna, porque Luna assentiu.

Acenou com a cabeça. Ela nunca acenou com a cabeça. Acenar com a cabeça estava a um passo de vocalizar suas necessidades, e Luna queria me manter no escuro.

Minha filha parecia alerta e atenta e investiu naquele momento, o que era algo que eu não poderia dizer sobre ela noventa por cento do tempo. E eu fiquei lá, enraizado no chão, não querendo entrar no momento e perfurar a névoa de magia em que elas estavam encapsuladas.

— Ei, idiota, a erva está comendo sua memória? Estamos todos esperando por você na sala de reuniões. — Dean acabou com meu transe dando um tapa nas minhas costas, mascando seu chiclete deliberadamente no meu ouvido. — Venha se juntar a nós antes que Jordi pendure você pelas bolas e Vicious arranque sua pele e faça uma nova poltrona com ela.

Relutante, segui seus passos, movendo-me em direção à sala de reuniões, meus olhos ainda na sala de descanso.

Sentei-me na sala de conferências, espremido entre Dean e Jaime. Jordan estava sentado na minha frente, parecendo que ia ter um ataque cardíaco.

— Boas veias. — Apontei para sua testa, pegando meu celular e jogando-o sobre a mesa.

— Você é muito engraçado, Rexroth. Seu charme te trouxe de longe para Beverly Hills, para Todos Santos. Mas eu vejo por trás disso, e estou menos do que impressionado. — Um silvo deslizou entre seus lábios finos.

Dei de ombros. — Obrigado pela análise, *Dr. Fantástico*. Agora, vamos fazer isso o mais rápido e indolor possível, para que Jordi possa voltar a admirar o reflexo de si mesmo no espelho caro em seu escritório. Vamos?

— Vamos. — Jaime deu um tapa na mesa, círculos escuros emoldurando seus olhos. Sua esposa, Mel, acabara de dar à luz sua segunda filha, Bailey. Ele parecia tão feliz quanto um porco na merda e tão cansado quanto a pessoa contratada para limpar o chiqueiro.

A votação começou com Jordan, que obviamente votou por manter sua filha empregada. Então, chegou a minha vez e surpreendi a todos, inclusive a mim, com a resposta.

— Sim.

— Sim? — Vicious piscou, dando-me seu olhar de ‘que porra de jogo é esse’. — Sim, significa que você vota no emprego dela — Explicou ele lentamente, como se eu fosse um idiota.

— Sei o que significa sim, idiota.

Vicious, Jaime e Dean trocaram olhares perplexos. Eles iriam seguir meu plano, mas agora, eu o mudei. Jordan parecia aborrecido, olhando para todos nós, procurando nossos rostos, tentando entender tudo.

Jaime foi o primeiro a se recuperar, esfregando as bolsas escuras sob os olhos. — Qualquer coisa. Eu não me importo.

É a vez de Dean. Ele jogou a bola de tênis na mesa. — Se Trent está bem com isso, não dou a mínima se ela trabalha aqui.

Então Vicious. Ele olhou para mim, balançando a cabeça ligeiramente em advertência.

Não quero transar com ela, idiota. Quer dizer, quero, mas não vou.

Então, novamente, eu nunca tive uma namorada séria em meus trinta e três anos, e a única coisa que tinha era uma ex-stripper fugitiva que engravidei numa relação equivocada e que me deixou com nossa filha. Então, talvez eu merecesse esse aviso.

Mas embora Edie Van Der Zee, definitivamente, fosse um problema, Luna parecia gostar dela.

Pode ser.

Provavelmente.

Maldição, espero.

Sabia que não estava fazendo nenhum sentido. Não dava a mínima. Deixe-os pensar que estou louco. Mais poder para mim. Ninguém gostava de mexer com loucos. Cruel? Por que não. Poderoso? Certo. Mas loucura era imprevisível, o pior atributo da natureza humana.

Vicious abriu os lábios, saboreando o poder que tinha na sala. — É um

sim meu.

Ela estava dentro.

Meus amigos eram minha tribo, minha família feita sob medida e selecionada à mão. Dizer que apoiávamos um ao outro era um eufemismo. Quase vinte anos e contando, ainda éramos cegamente leais uns aos outros. Quando um de nós saltava, os outros caíam com prazer.

Dean se levantou, recolhendo suas merdas da mesa. — Agora, se você me dá licença, preciso ligar para minha esposa. Ela teve uma consulta médica hoje. Mazel tov, Jordi.

Vicious e Jaime se levantaram e começaram a discutir uma teleconferência com o Japão que teriam amanhã ao amanhecer.

Van Der Zee e eu nos vimos sozinhos na sala de reuniões, cercados por nada além do ruído suave do ar condicionado. Jordan bateu com o dedo nos lábios finos, seu pé imitando o movimento irritado.

Ele estava esperando que eu explicasse. Tolamente, devo acrescentar. Oferecer informações voluntárias ao inimigo era um erro de novato, que aprendi a não cometer muito antes de meus amigos ricos e protegidos aprenderem a limpar a própria bunda.

— Está se sentindo indeciso hoje? — Seu rosto longo e ossudo como o de *Voldemort* se contorceu em desgosto. Ele parecia um czar e agia como um tirano. Jordan achava que ele era intimidante, e talvez fosse, mas não para mim. Para mim, ele era apenas latido, mordida zero.

Dei de ombros, descansando minhas pernas sobre a mesa, sabendo que isso o deixaria louco. — Não, sempre ficaria bem com sua filha trabalhando aqui. Só queria fazer você suar um pouco. Cardio é importante na sua idade.

— Quão atencioso de sua parte. Você não é do tipo que desperdiça tempo e desperdiçou muito o nosso, então, acho que há um plano por trás da sua mudança de opinião. Deixe-me ser claro: minha filha está completamente fora dos limites para você. Será sábio ficar longe dela.

Não me atingi com o comentário dele, porque não importava o quão louco e doentio fosse, eu achava sua filha adolescente boa o suficiente para comer. Ao mesmo tempo, sabia que não devia nem pensar nisso. Ela agia como uma criança. Eu tinha uma em casa. Elas não eram muito divertidas e ridiculamente difíceis de domar.

— Espero que os outros caras não recebam o mesmo aviso? — Eu inclinei meu queixo para baixo, evitando seu aviso. Não que eu fosse foder a

pequena Edie, mas ele não precisava saber disso. Cutucá-lo com vara curta era minha versão de *hobby*.

— Seus colegas são cavalheiros.

Meus colegas tinham fodido mulheres o suficiente entre eles para povoar um país de tamanho médio, mas eu não iria discutir esse ponto. Não com ele, de qualquer maneira. Eu me estiquei na minha cadeira, bocejando. Posso ter sido O Mudo – era eu que nunca, nunca falava. Nem em reuniões, nem em funções da empresa, nem para me misturar com ninguém – mas quando a situação exigia, eu ficava feliz em lutar pelo que queria.

— Sabe, Jordi, às vezes me sinto inclinado a puxar o cartão racista para você. Você parece se aproximar de mim com um saco de preconceito que não se aplica aos meus parceiros de pele clara. — Minha voz estava alegre, e eu também. Eu realmente não me importava se Jordan era um racista, contanto que ele ficasse fora do meu caminho.

Van Der Zee bufou, balançando a cabeça. — Nem pense nisso, Rexroth. Você é praticamente branco. Parece que está melhorando seu bronzado.

— Um simples ‘Eu não sou racista’ teria sido mais do que suficiente — Apontei.

— Seja o que for — Ele levantou-se —, fique longe da minha filha se quiser sobreviver um ano nesta empresa. — Um ano atrás, Jordan concordou em comprar 49% das ações da empresa, e nós quatro dividimos o restante. Fizemos isso para que todos pudéssemos nos mudar para Todos Santos e morar perto uns dos outros. Mas nunca achamos que Jordan seria um pé no saco.

— Estou entediado com sua ameaça ociosa. Além disso, eu ouvi você da primeira vez.

— Ouviu, sim. Entendeu? Não.

— Você tem meu entendimento agora, Senhor Vai-se-foder. — Tirei minhas mãos dos meus bolsos e mostrei a ele meus dois dedos do meio antes de me levantar e pegar meu telefone e carteira. Disquei o número de Sonya para dar a ela a boa notícia sobre o aceno de cabeça de Luna. Ela atendeu após o primeiro toque. — Sonya, espere um segundo. — Sorri para ele, pressionando o receptor no meu peito. — Uma palavra de ordem, Van Der Zee: da próxima vez que você fizer negócios com alguém, certifique-se de que seja um cavalheiro. Porque, com certeza, não sou, e não me importo com

quantas ações você tem na minha empresa. Que fique sabendo: se você me ameaçar mais uma vez, vou deixá-lo para juntar a poeira do que sobrou em uma série de perdas financeiras. Terminamos aqui, *sócio*.

Capítulo 5



Edie

DOIS DIAS.

Nem uma vida inteira, mas também nem um minuto. Dois dias se passaram desde que Trent Rexroth quebrou os preciosos *Louboutins* da minha mãe, e verdade seja dita – eu ainda estava desorientada e ridiculamente excitada com o que ele tinha feito.

Um arrepio de prazer penetrou em mim, da profundidade até os ossos, ao observar o estalo dos sapatos de grife luxuosos – ver coisas caras desvalorizadas era um dos meus passatempos favoritos – mas, ao mesmo tempo, fiquei feliz por colocar alguma distância entre mim e Bundão-de-uma-Figa.

Eu não tinha ninguém para culpar além de mim mesma. Quer dizer, pedi a ele especificamente para não me contratar. Deveria saber que isso só o faria querer ser mesquinho e fazer isso para me irritar.

O trabalho deixava sua marca em meu corpo, alma e mente. Eu tinha que acordar às quatro e meia da manhã todos os dias para ter tempo para surfar. Então, eu normalmente fazia quinhentos cafés para Vicious (frio e rude), Dean (divertido e rude) e Jaime (educado e impessoal) antes de começar meu turno como a cadela das secretárias e APs. Pegando roupas na lavanderia, segurando gravatas para os corretores escolherem antes das reuniões, ajudando na manutenção quando uma das torneiras do banheiro masculino estava vazando – meu pai não estava brincando. Fui nomeada para fazer as tarefas mais mundanas e chatas.

Depois do nosso encontro, Rexroth ficou longe de mim, nem mesmo

me dando um olhar enquanto deslizava pelos corredores como um demônio cuspidor de fogo, a escuridão brilhando em seus olhos claros.

Nos meus intervalos para o almoço, quando me sentava sozinha do lado de fora do prédio e chupava um macarrão *Ramen* do triste pacote que comprava no *Dollar Tree* para economizar algum dinheiro, me perguntava se minha façanha em sua mesa teve um impacto, ou se ele pensava que eu era uma estranha indigna de sua atenção.

Não importava. O que importava era que agora eu era uma das muitas assistentes sobrecarregadas desses homens privilegiados, ricos e autoproclamados, que em apenas dois dias conseguiram me fazer querer cometer crimes graves.

Odeio esse lugar, odeio essas pessoas, odeio essa vida...

Eu estava de pé na sala de descanso, escolhendo uma cesta de frutas chique (aquelas eram entregues diariamente no décimo quinto andar da Fiscal Heights Holdings, acompanhadas de bolos frescos e sucos orgânicos prensados a frio) quando a linda garota e Camila entraram.

— Mostre-me o que você quer comer no almoço. — Camila entregou à menina um *tablet* com fotos de alimentos. Minha velha babá ergueu os olhos, me viu e seu rosto se abriu em um sorriso. — Minha doce Edie, nos encontramos de novo! — Camila me deu um abraço de urso e eu a abracei de volta como se ela fosse uma âncora. Em muitos aspectos, ela era. Eu acreditava firmemente que algumas pessoas vieram ao mundo para torná-lo suportável para os outros. Camila era uma delas.

— É errado ter ciúme de uma criança de três anos porque ela tem você? — Murmurei em seu cabelo branco e delicado, me permitindo um pouco de autopiedade. Camila riu e se afastou, passando os dedos pelo meu rosto, fazendo um inventário, certificando-se de que tudo estava no lugar. Fisicamente, estava.

— Ela tem quatro anos.

— Oh. — Encostei-me no balcão, observando a garota bonita mais de perto. Aquele era nosso segundo encontro, então, percebi coisas que não percebera no primeiro. Tipo, ela estava vestida como um menino, como se tentasse esconder o quão adorável ela era. Isso me fez gostar dela instantaneamente. Ela considerava sua beleza um segredo e, como qualquer segredo, ela escolhia as pessoas para confiar com cuidado. Provavelmente era por isso que ela era econômica com os sorrisos também.

— Você não é muito falante — Observei, torcendo o nariz para a criança. Anos sendo tema de discussão estando presente no ambiente me ensinaram que as crianças ouvem, discernem e odeiam ser tratadas como se fossem invisíveis.

— Acho que você poderia dizer isso. — Camila pigarreou e desviou o olhar para a cesta de frutas, pegando um morango e colocando-o na boca. — Ela não fala. — Ela mastigou em vez de elaborar.

— Huh. — Eu me agachei, oferecendo à garota uma noz-pecã. As crianças da idade dela comiam nozes? Eu não tinha certeza, mas ela pegou mesmo assim, embolsando.

— Nunca perguntei qual era o nome dela — Disse como uma reflexão tardia.

— O nome dela é Luna. — A voz de Camila cortou acima da minha cabeça. Ela escovou os cachos castanhos e macios da garota. A garota era encantadora. Uma mistura de tudo que é belo na espécie humana comprimida em uma pessoa. Pele mocha em olhos azuis. Aquilo me lembrava alguém, mas eu não conseguia lembrar quem. Talvez uma Adriana Lima bebê.

— Eu sou Edie. — Ofereci minha mão a Luna. Ela não aceitou. Não fiquei envergonhada ou irritada com a rejeição dela.

— Certo. — Retirei minha mão. — Não preciso de seus germes em cima de mim, de qualquer maneira.

Luna engoliu em seco.

— Na verdade, não chegue perto de mim, ok? Você parece uma catucadora de nariz.

Adorava crianças. Não do jeito que a maioria das garotas da minha idade gostava delas. Gostava das endurecidas e desordenadas. Aquelas que lutavam para comunicar seus sentimentos e se sentiam presas dentro de seus corpos. Talvez porque eu tenha visto muito de mim nelas.

Fui até o outro lado da cozinha, abri a geladeira e peguei uma lata de *Coca*. Luna me seguiu com os olhos, um sorriso zombeteiro em seus lábios carnudos. Levantei uma sobrancelha e abri a lata.

— Aposto que eles não permitem que você beba refrigerante, hein?

Ela balançou a cabeça. Havia algo hesitante em seus movimentos. Como se ela não tivesse certeza de como fazê-los, ou se deveria fazê-los.

— Se eu te der um pouco, você me denuncia?

— Não, não, não, não — Camila interrompeu, correndo em nossa

direção, com as palmas das mãos balançando. — O pai dela nos mataria. Senhor, não.

Eu não disse nada, porque *não* significava *talvez* no mundo de Camila. Era uma questão de quão duro você pressionava por algo. Luna olhou entre nós, tentando escolher a nuance de nosso relacionamento.

— Preciso ir ao banheiro por um segundo. Você pode cuidar dela? — Camila alisou sua saia longa e *blazer*.

Concordei. — Claro.

— Sem refrigerante. — Ela sacudiu um dedo da porta.

Balancei a cabeça novamente. Ela sabia que não devia acreditar em mim, mas ainda sentia seu dever de apontar o mesmo dedo ameaçador para Luna. — Falo sério, Luna. Seu pai não ficará feliz.

Desnecessário dizer que, assim que ela saiu, os lábios de Luna se uniram à sua primeira lata de *Coca Diet*. Segurei a lata na minha mão enquanto permitia a ela um pequeno gole, agachando-me para pegar cada reação dela quando o efervescente atingiu suas papilas gustativas.

— É bom, não?

Luna acenou com a cabeça solenemente em concordância. Dei um longo gole, olhando para o pequeno buraco.

— Sim, tão bom. Espere até você provar a cerveja — Bufeí.

— Não há necessidade, já que isso nunca vai acontecer — Uma voz de aço veio da entrada da cozinha e eu torci minha cabeça, meu queixo caiu de horror.

Merda.

Trent Rexroth entrou, parecendo cinquenta tons de chateado e vestindo um dos ternos mais pecaminosamente sexies que eu já vi em um ser humano. Eu nem gostava de ternos, principalmente porque Jordan gostava deles e eu odiava tudo o que ele amava por associação, mas a forma como o tecido preto sedoso abraçava o corpo alto e musculoso de Trent me fez imaginar como ele ficaria em um traje de mergulho. Ou fora de um. De qualquer maneira, ele deixaria Bane e os outros caras da praia de Tobago comendo poeira. Eu não tinha certeza do que ele fazia para manter esse tipo de corpo, mas não era sentado em sua bunda das nove às cinco, escrevendo e-mails com raiva e carrancudo para mim e todos os outros.

Tirei a lata dos lábios de Luna, me endireitando.

— Ela é... — Meu olhar vagou ao redor, procurando por uma

distração ou um objeto pontiagudo para me defender, caso ele decidisse me matar.

— Minha filha — Ele interrompeu minhas palavras. — Ela é. Onde diabos está Camila? — Ele soava como a fera de *A Bela e a Fera*. Baixo, rude e ditatorial. Mas eu me recusei a me encolher em um canto e deixá-lo me intimidar.

— Que tipo de criança de quatro anos nunca provou *Coca*? — Acusei, jogando meus braços no ar.

— Como é?

— Você me ouviu. — Coloquei a mão no ombro de Luna, esperando que ela não se afastasse. Ela não o fez. — Sério, o que há de errado com você? Ela não deveria tomar todos os dias, ou mesmo todas as semanas, concordo. Mas, tipo, nunca? Por quê? Refrigerante é incrível. É doce e borbulha na sua boca e faz você se sentir feliz. Certo, Luna? — Eu a cutuquei.

Ela assentiu com veemência, e agora, foi a vez de Trent me encarar, perplexo. Ele deu um passo à frente, seus olhos se movendo de mim para sua filha.

Silêncio. E constrangimento. E o que diabos estava acontecendo?

— O quê? O quê! — Eu perdi minha calma, olhando entre eles.

— Faça de novo — Disse ele, para nós dois, eu acho.

— Fazer o quê? — Esfreguei minha nuca, ainda tentando ler a situação.

— Faça ela assentir novamente. *Por favor*. — A última palavra saiu com relutância, como se admitisse a derrota. Enruguei meu lábio inferior, inspecionando-o como se ele tivesse acabado de pousar do espaço usando um chapéu de abacaxi e uma saia Hula.

— Ok... — Franzi meu nariz, olhando para Luna.

— Ei, quer outro gole de *Coca*?

Luna assentiu e pegou a lata. Trent riu. Deus, ele *riu*. E não do jeito que ele riu de mim quando me pegou tentando roubar de sua mãe. Ele riu como se o mundo estivesse acabando e ele não se importasse. Como se este escritório não fosse um inferno e não odiássemos a bravata um do outro. Ele riu com uma promessa, com uma melodia, com um som melífluo que gotejou até os ossos e mudou o ritmo do meu coração. Meus joelhos quebraram como galhos finos e quase tropecei em choque.

Ele era tão... homem.

Não que Vicious, Dean e Jaime não fossem homens. Eles eram — junto com oitenta por cento das pessoas que povoam este andar. Mas apenas Trent Rexroth parecia torturado e sério o suficiente para cruzar todas as pontes do mundo e queimá-las de costa a costa para conseguir o que queria. Apenas Trent Rexroth parecia sujeito a arruinar sua vida se ele se empenhasse nisso. O medo que ele enraizou em mim me excitou. E aquilo me preocupou. Muito.

— Posso fazer isso de novo — Murmurei, meio desesperada para ouvir o som saindo de sua boca novamente, meio que esperando que aquilo o fizesse olhar para mim como mais do que um sacrifício em potencial.

Ele arqueou uma sobrancelha espessa e diabólica. — Vamos ver. Mas sem *Coca*.

Agachei-me para Luna e sussurrei algo em seu ouvido. Ela abaixou a cabeça e tentou abafar a risada com o punho minúsculo. Triunfante, ergui os olhos para examinar Trent. Desta vez, ele não estava sorrindo. Seus olhos estavam brilhando com algo que eu não tinha certeza se ele conseguia sentir.

Por um momento fugaz, algo se passou entre nós, mas eu não sabia o que era. Ele olhou para mim com uma intensidade que eu podia sentir em meus ombros. Como se eu tivesse um superpoder que ele queria colocar as mãos. Fiquei quase aliviada quando Camila entrou na sala de descanso e ele virou a cabeça em sua direção enquanto eu corria para descartar a *Coca* na lixeira.

— Sr. Rexroth! Eu sinto muito. Eu disse a ela para não dar refrigerante a Luna. Eu nunca deixaria Luna ficar com um completo estranho. — Ela estava gaguejando, seus olhos se movendo freneticamente entre nós três enquanto ela segurava uma de suas bochechas com a mão. — Luna, venha aqui, querida. Olha, eu fui babá da Edie por oito anos. Eu a conheço muito bem. E eu estava no final do corredor, no banheiro...

Uau. Ele deve ser um idiota de chefe. Embora eu não precisasse da reação de Camila para saber que ele era do tipo que não faz prisioneiros. Trent acenou para ela, perdendo o interesse em seu discurso.

— Está bem. Camila, você pode levar a Luna para a sala de jogos no décimo andar? Eu já desço.

— É claro. — A preocupação ainda marcava cada célula do rosto da minha velha babá quando ela pegou Luna nos braços e correu para fora da

espaçosa cozinha, seus passos acelerando enquanto ela olhava por trás do ombro para seu patrão ditador. Trent e eu ficamos sozinhos e, embora eu me sentisse enojada de mim mesma, meu estômago embrulhou como costumava acontecer antes do primeiro beijo.

Ele entrou no meu espaço pessoal com um passo. Engoli em seco quando percebi que ele era dez centímetros mais alto do que eu.

— Me irritar é sua missão na vida? — Seu tom era uma linha plana em um monitor, morto e grave.

Dei de ombros, sem perder o ritmo. — Não, mas é um bom bônus.

Ele sorriu. Havia uma ameaça em seu sorriso. Seu cheiro fazia coisas estúpidas na minha cabeça. Puxava cordas em meu corpo que eu não sabia que poderia doer e levar minha razão na direção errada. Engoli em seco, dando um passo para trás. Trent pareceu ignorar meu pedido de espaço e diminuiu a distância entre nós novamente. Minhas costas bateram no balcão frio e amarelado. Por que tudo era dourado e corrompido aqui?

— Há uma festa do Funny Felix no sábado para o acampamento infantil de Luna. Praia de Tobago. Quero que você esteja lá. — Seu pedido foi direto, insensível. Assim como a grande mão que ele colocou no balcão atrás de mim, pairando sobre meu corpo. Balancei minha cabeça.

— Eu... eu não posso.

— Eu não acho que você entendeu, Edie. Não estou convidando seu traseiro para um encontro no *Chuck E. Cheese*. Isso não é opcional. Faz parte da descrição do seu trabalho. Olhe seu contrato. A cláusula 4.4 exige que você dedique algumas horas adicionais a cada mês – inclusive nos finais de semana. Esta é uma transação comercial. Nada mais.

— Você não entende. — Agarrei o balcão atrás de mim até que meus dedos ficaram brancos, hiperconsciente de como sua mão direita estava a centímetros da minha. A ideia de tocá-lo era louca e atraente. Pecadora, até. — Não trabalho aos sábados. Meus sábados são meus e eu os gasto fora da cidade, em San Diego. Posso trabalhar aos domingos, sem problemas. Mas não aos sábados. — Engasguei cada palavra. O rosto endurecido de Trent não se alterou. Seus lábios estavam tão perto dos meus, não tinha certeza se estava imaginando ou se realmente estávamos nos moldando em outra coisa. Eu podia sentir seu torso movendo-se com o ritmo de sua respiração sem que nossos corpos se tocassem. A intimidade me despiu do sarcasmo que normalmente carregava como uma capa para manter o mundo à distância.

Por favor, chegue mais perto. Por favor, fique longe.

— Por quê? O que tem aos sábados? — Sua mandíbula era de granito, seus olhos, titânio. Se ele não parecesse tão inatingível, eu acariciaria sua bochecha mal barbeada do jeito que desejava.

Eu encontrei seu olhar. — Com todo o respeito, isso não é da sua conta.

— Não estou nem um pouco preocupado. Só estou tentando descobrir o quão imprudente você é enquanto faço planos com você e minha filha. Por alguma razão, ela parece ter gostado de você.

Hesitei, fazendo uma careta. — O que te faz pensar que sou imprudente?

— Recusar escolas da Ivy League – e se gabar disso; bater carteira numa via movimentada; irritar os homens mais poderosos do estado em seu primeiro dia de trabalho, para citar algumas. Já que quase não nos conhecemos, estou apostando em muito mais merdas aleatórias vindo em minha direção se eu cavar mais fundo. — Suas palavras me cortaram como uma faca enquanto ele desabotoava os dois primeiros botões de sua camisa.

Eu percebi algumas coisas. Tipo, era a segunda vez que ele se livrava da gravata ou afrouxava o colarinho quando eu estava por perto. Como se talvez isso significasse que ele se sentia mais quente quando estávamos no mesmo espaço fechado.

Concentrei-me no chão, tentando desviar meus pensamentos de onde ele os havia levado no minuto em que afrouxou o colarinho. — Até uma semana atrás, eu trabalhava como instrutora de surf. Quer dizer, sim, assalto as pessoas. Mas só porque... — Parei, procurando as palavras certas sem revelar muito — Olha, não tenho escolha, ok? Acredite em mim, só porque meu pai é endinheirado, não significa que eu vejo um centavo disso. Não sou cleptomaníaca. E eu só tenho como alvo certas pessoas. O tipo rico. Aquelas que não precisam de dinheiro para pagar eletricidade ou comida — Acrescentei. Porque para mim, fazia diferença.

— Bravíssimo, *Robin Hood*. Olha, quinze anos atrás, minha mãe não poderia pagar a conta de luz se você tivesse roubado sua carteira. Pare de fazer suposições indolentes. É impróprio.

— Você deveria se lembrar disso, você acabou de me rotular de imprudente — Disse.

— Porque você é. Não acho que você se encaixará bem com Luna.

— Nunca fiz teste para a vaga, então, nenhum dano causado.

A velocidade com que ele se afastou de mim foi surpreendente. Trent me examinou com frieza, um sorriso de escárnio no rosto. — Você vem para a festa. Não é negociável, Van Der Zee.

— Não faça isso — Disse, pegando meu telefone do balcão e inclinando meu corpo em direção à porta. — Vejo o que você está tentando fazer aqui. Gosto de Luna e estou disposta a ajudá-la, mesmo depois do expediente, sem problemas. Mas em meus próprios termos. E, de preferência, sem você por perto também. Camila é ótima, mas você e eu não nos damos bem.

Ele abriu a boca para dizer algo quando Dean Cole entrou valsando, pegando um prato e carregando frutas suficientes para sufocar um elefante, seus olhos impassíveis na cesta colorida.

— E aí, cara. — Ele enfiou um palito em um pedaço de melancia e o enfiou na boca, mastigando. Trent se virou para encará-lo e lhe ofereceu uma carranca sem palavras que gritou *foda-se*. Dean continuou, implacável. — Como seu melhor amigo, sinto que devo lhe dar um aviso justo. Bater na filha do seu parceiro de negócios, que poderia praticamente ser sua própria filha, é uma má jogada. Notamos que vocês se encaravam do outro lado do corredor, e todos nós sabemos que o ódio se transforma em outra coisa na maioria das vezes. Então, aqui vai o que eu acho: mantenham suas virilhas para vocês, crianças. Agora, caralho — Dean ainda estava sorrindo alegremente enquanto entregava a mensagem. Um espectador do outro lado do vidro pensaria que ele estava falando sobre o tempo ou futebol. Olhei entre os dois homens. Os olhos de Trent gritaram algo que Dean obviamente era capaz de ler, seus lábios continuavam franzidos.

— Entendi, cara. Estava apenas avisando você. — Dean levantou a palma em uma falsa derrota.

Pedi licença, escapulindo da cozinha, deixando os dois homens presos em um olhar fixo. Antes que eu conseguisse escapar, Trent agarrou meu braço – gentilmente, não como meu pai – e sussurrou no meu cabelo: — O que você disse a Luna para fazê-la rir?

Fechei os olhos, inclinando-me em direção ao seu pescoço, prendendo a respiração para não inalá-lo e alimentar o vício crescente.

— Disse que o pai dela é um idiota tenso.

Não olhei para trás para ver quem venceu o confronto direto, Trent ou

Dean.

Não importava, porque eu é que estava perdendo.

Minha sanidade, minha lógica e minha mente.

Estava perdendo e precisava de uma vitória rápida se algum dia quisesse fugir com Theo. O que eu queria. *Muito*.

Capítulo 6



Trent

— ALGUMA NOVIDADE? — Deixei minha camisa cair no chão de mármore estilo catedral com um baque suave. Amanda tirou o vestido mecanicamente, como fazia com a maioria das coisas, pendurando a peça colorida sobre a poltrona marrom adornada do meu quarto e observando o horizonte de Todos Santos das janelas do chão ao teto.

Percebi que essa não era uma maneira saudável de conduzir um relacionamento com a investigadora particular que contratara para caçar a mulher que abandonou minha filha. Eu também percebi que enganar a ela e a terapeuta da minha filha poderia dar desastrosamente errado. No entanto, eu sempre gostei de bagunça e misturar negócios e prazer era uma ótima ideia – se você não se importasse com a explosão e soubesse como aproveitar a parte do prazer em seu próprio benefício.

Amanda trabalhava muito duro para mim. Sonya via Luna duas vezes mais do que qualquer outra criança em sua clínica.

E, então, havia outra coisa que me mantinha atraído a elas: conveniência.

No que diz respeito à minha família, pais e amigos, não toquei em uma garota desde que Val foi para Deus sabe onde, e queria manter as coisas assim. Não queria que eles tentassem me arrumar uma mulher, sabendo que eu estava ‘na pista’. Não queria que eles ficassem de olho e me dissessem como era errado ficar sozinho e como eu precisava me acalmar.

Felizmente, Amanda e Sonya não me viam como mais do que um idiota gostoso que pagava uma fração saudável de seus salários e as fodia de forma tão crua e dura (com camisinha, lição aprendida) que precisavam de uma semana inteira para se recuperar. Amanda desabotoou o sutiã de renda branca por trás e ele escorregou de seus braços. Parecia o paraíso contra sua pele de chocolate.

— Ainda procurando — Ela murmurou, acendendo um baseado entre seus lábios rosados.

— Onde agora?

— Brasil. Tentando descobrir se ela está morando com seus parentes lá. — A mãe de Val morava em Chicago. Ela fugiu do pai abusivo de Val no Rio quando Valenciana tinha três anos. As chances de encontrar a mãe de Luna no Brasil eram mínimas, mas depois de três anos e nenhuma notícia, eu estava entrando em uma caçada louca. Dinheiro não era um problema atualmente, embora ainda parecesse estranho gastá-lo em uma causa tão abstrata. Desde que Valenciana decidiu sumir, estive procurando por ela implacavelmente. Não era a parte de sumir que me importava; eu desisti que ela agisse como mãe há muito tempo. Queria tornar aquilo oficial. Queria que ela cedesse os direitos de custódia para mim. Se Val decidisse entrar na minha vida novamente – o que não era tão improvável, já que ela amava dinheiro e eu tinha muito – Luna não falar aos quatro anos seria algo que ela poderia explorar no tribunal para conseguir o que quisesse. Porque se Val tomasse Luna, ela conseguiria pensão alimentícia suficiente para sustentar seu amor por tudo que é estiloso e caro.

E se havia algo que eu definitivamente nunca iria sobreviver ou permitir, era alguém tirando minha filha de mim.

Amanda foi até onde eu me inclinei na janela, ainda em seus saltos altos, uma deusa caribenha que não tinha tempo para marido ou filhos. Ela parou no meu bar (então anos noventa, mas eu era uma criança pobre naquela época e esse era o meu sonho, e o Velho Trent trabalhava meio período para tornar os sonhos do Jovem Trent realidade) e pegou uma garrafa da edição limitada de *Jameson*. Eu não bebia muito, mas depois de bater cabeça com uma adolescente hoje e ter sua bunda magricela me recusando, um pequeno gole não faria mal. Amanda se sentou na cama e deu um tapinha no veludo ao lado dela, e eu me sentei, pressionando minha cabeça contra seus seios nus enquanto ela derramava o licor acima da minha boca.

— Estou inclinada a lhe dizer, Rexroth, você provavelmente não vai encontrar Val. Ninguém se importa se você cruzar a fronteira com o México, muito menos mais ao sul. Val nem precisava de telefones descartáveis, um endereço de e-mail falso e uma identidade extravagante e falsa. Ela provavelmente poderia ir para uma cidade praiana e ficar lá com um amigo ou arranjar um emprego estranho. Ela vendeu a maioria das coisas que você comprou para ela antes de seu desaparecimento e tinha uma boa soma de pensão alimentícia, o que poderia mantê-la por muito tempo.

Senti a queimação do licor deslizando pela minha garganta e me perguntei como diabos Dean poderia ter sido um alcoólatra no passado. A bebida me deprimia. Além disso, me pegava fazendo merdas idiotas quando estava bêbado. Como escrever notas sobre minha filha e mostrá-las à terapeuta. Tirei o baseado dos lábios de Amanda e coloquei entre os meus, inclinando minha cabeça para trás e soprando uma faixa de fumaça com cheiro doce para o céu. O cabelo preto como carvão de Amanda engolfou meu peito quando ela se inclinou para beijar meu ombro nu, através da tatuagem que eu fizera pouco antes da faculdade, quando estava sentado em casa com um tornozelo quebrado e gastar tempo era uma prioridade.

— Que se foda — Foi a minha resposta sofisticada ao seu pequeno discurso. Meu pau já estava duro e grosso. Ela chupou meu pescoço, declarando suas intenções, mordendo meu ombro. O ar-condicionado da sala zumbia entre nós e eu escutei atentamente o barulho do lado de fora. Luna estava dormindo na outra ala da cobertura, seu quarto bem ao lado de Camila. Ela nunca conheceria Amanda. Ela nunca saberia o que seu pai fazia à noite.

— Deixa ela para lá, Trent. Encontre uma boa mulher que possa cuidar de sua filha. Literalmente, todas as mulheres do continente com olhos e ovários são candidatas voluntárias. Você é o pacote completo — Disse ela.

Pegando o baseado entre os dentes, deslizei sua calcinha fio dental branca combinando por suas coxas e enfiei três dedos nela de uma vez, trabalhando meu caminho até seu ponto G e esfregando-o preguiçosamente. Ela nem teve tempo de colocar a bunda de volta nas cobertas por me dar acesso à sua boceta. Seu gemido repentino cortou o ar quando eu empurrei meu polegar em seu clitóris e comecei a massagear, trabalhando-a.

— Vai doer hoje — Disse.

— Por quê? — Ela ronronou, instantaneamente se animando com a ideia. — Quem te irritou dessa vez?

O nome dela ficou na ponta da língua, mas deixá-lo sair era reconhecer que Edie estava em minha mente. Ela era jovem. Tão malditamente jovem. E mesmo que eu não me importasse com a idade – o que eu me importava, seu corpo estava preso na corda entre o maduro e o juvenil. Ele ainda não havia atingido todo o seu potencial e obtido todas as suas curvas definidas. Eu me preocupava com a Fiscal Heights Holdings e tinha planos para isso. Planos que não incluíam Edie ou seu pai vingativo. Ela era, portanto, uma calamidade, uma ruína e uma distração infalível.

— Ninguém. — Lambi meu caminho até a garganta de Amanda, parando para olhar para ela. Amanda não esperava um beijo. Ninguém esperava. — Ninguém importante.

Era uma mentira que eu queria acreditar.

Era uma mentira que cultivei no meu cérebro, meu coração e tudo o que restou de minha alma.

Era uma mentira que se tornaria verdade. Tinha que ser.

Edie

O alarme do meu telefone tocou com entusiasmo que obviamente não compartilhamos às quatro da manhã em ponto. Acordar na escuridão não era minha ideia de diversão, mas surfar era, então, aguentava firme, me convencendo de que era temporário, embora não tivesse motivo para pensar nisso.

Bocejando, me estiquei na minha cama de solteiro, meus olhos lentamente recuperando o foco. Paredes cor-de-rosa. Dois lustres. Móveis brancos antigos restaurados e importados da Itália. Tudo no meu quarto sugeria que eu era uma adolescente feliz, tipo líder de torcida. Ninguém poderia suspeitar que este quarto representava uma gaiola, uma persona que eu deveria representar. Ninguém sabia que eu tinha que enfiar meu equipamento de surf, cera, roupas de mergulho e outros enfeites no fundo do meu armário, embora eu os usasse todos os dias, na chance de alguém descobrir que eu não era uma princesa do gelo.

O surf não era prestigioso o suficiente para ser uma atividade

aprovada por um Van Der Zee.

Minhas pranchas de surf estavam escondidas sob pesados tecidos marrons em uma das garagens, onde os convidados não podiam vê-las, mesmo por acidente, e todas as fotos de família que pendurei nas paredes de coral foram retiradas no mesmo dia em que coloquei lá, a única evidência do fato de que este quarto já fora aconchegante e meu eram os pregos na parede.

Ninguém sabia nada sobre meu verdadeiro eu, porque eu não era perfeita, e os Van Der Zees eram.

Pelo menos por fora.

Éramos *The Brady Bunch*, sem os zilhões de crianças. Loiros e lindos e com os sorrisos maiores e mais brancos em nosso CEP.

Vesti um biquíni laranja, uma roupa de neoprene combinando e um moletom preto, e mandei uma mensagem para Bane. Não conseguíamos surfar juntos agora que eu estava em um trabalho escravo, mas, ainda assim, me ofereci. Era péssimo surfar na escuridão, sem falar que era extremamente arriscado. Mas eu não tinha muita escolha. Começava a trabalhar às sete da manhã e não saía até às sete da noite. E quando saía, tinha que verificar minha mãe, cozinhar para ela, me certificar de que ela estava bem. Afinal, alguém tinha que fazer isso, e com certeza não seria Jordan.

Entrei na cozinha para pegar um pouco de água de coco e uma barra de granola. Bancadas de granito vermelho-sangue e eletrodomésticos de aço inoxidável brilhavam em todos os cantos. A cozinha era um dos meus lugares favoritos na mansão porque meu pai raramente vagava por lá. Ele tinha sua comida entregue em seu quarto por uma de nossas governantas sempre que estava em casa. Quando ele aparecia, era para preparar um chá para minha mãe, que era a única coisa que parecia acalmar sua mente perturbada.

— Mamãe? — Eu engasguei quando alguém encurvado me cumprimentou, envolto em um manto de cetim esbranquiçado. — O que você está fazendo acordada?

Ela estava sentada à mesa de jantar de mármore, olhando para um artigo em um jornal local. Eu me aproximei e pressionei meus lábios no topo de sua cabeça loira.

— Ei — Disse suavemente. — Passou a noite acordada?

— Quem é April Lewenstein? — Ela pressionou uma unha bem mastigada em uma imagem de papai abraçando uma jovem empresária, ambos sorrindo para a câmera em uma das funções da FHH. Ela arrastou o

dedo pela imagem deles e a tinta manchou os rostos de ambos. Eu me permiti um suspiro indulgente, meus ombros relaxando.

— April está na contabilidade, sétimo andar. Casada, grávida de cinco meses. Você não tem nada com o que se preocupar. Volte para a cama.

Ela virou a cabeça na minha direção. Seus lábios eram anormalmente carnudos, sua pele muito rígida por causa de injeções intermináveis e seus olhos avermelhados contavam a história de outro coquetel desequilibrado de medicação que teríamos de substituir e prescrever.

— Você me diria se soubesse que ele está me traindo. — Ela agarrou o tecido da minha roupa de neoprene e a enrolou, puxando-me contra seu rosto.

Eu ofereci um encolher de ombros não comprometido. — Claro. — *Sem chance alguma.* Neste ponto, Lydia Van Der Zee não conseguia lidar com o simples fato de que nossa piscina ficaria fechada pelo resto do verão para manutenção. Mas eu disse a ela o que ela queria ouvir, porque mentiras brandas pavimentavam o caminho para viver com seu tipo de instabilidade em relativa paz. Para mim, não para ela, é claro.

— Como está o trabalho para você, minha querida menina? — Ela relaxou seu aperto em minha roupa de mergulho. Meus olhos foram para o relógio acima da geladeira, sabendo que eu devia a ela a companhia, se nada mais. Deslizei em uma cadeira ao lado dela e desatarraxeí a tampa da água de coco, trazendo-a aos meus lábios. — Está bem. Jordan escolheu os maiores idiotas da cidade com quem trabalhar. Mal posso esperar que ele encontre outro projeto de estimação para gastar todo o seu tempo.

A Fiscal Heights Holdings era apenas mais um laço no cinturão corporativo de meu pai. Ele tinha comprado e assumido tantas empresas antes que eu mal conseguia acompanhar a contagem. Ele tratava seus negócios como amantes necessitados – dando-lhes tudo de que precisavam no primeiro ano, depois, os dispensando para se defenderem sozinhos quando se entediasse e encontrasse outro empreendimento emocionante.

— Eu não sei — Minha mãe murmurou, puxando seu lábio inferior protuberante. — Ele gosta da ideia de enfrentar Baron Spencer e coisas do gênero. Eles são grandes nomes em Todos Santos, e ele quer se candidatar a prefeito.

A Fiscal Heights Holdings era sediada em Beverly Hills, na grande Los Angeles, mas morávamos na cidade de Todos Santos. E Todos Santos

era pequena. Assustadoramente (*leia-se: eu tentando roubar a bolsa da mãe do meu chefe por acidente.*)

Então, mamãe não precisava me lembrar que Trent Rexroth era um grande negócio. Recentemente, eu me peguei pensando nele obsessivamente, dentro e fora do escritório, e era por isso que fazia questão de afastá-lo sempre que ele estava por perto.

— Seu pai está agindo estranho. Traindo de novo, tenho certeza. Acho que é sério desta vez.

— Duvido. — Ofereci um sorriso consolador. Eu quis dizer a parte séria, não a trapaça. Ele definitivamente trapaceava.

Ela esfregou a bochecha com cansaço. — Suas viagens de negócios nunca foram tão longas ou tão frequentemente antes.

— Talvez ele esteja se preparando para se tornar prefeito. Encontro com doadores, blá, blá. — Embora ele não falasse sobre suas aspirações políticas há um tempo, e isso significava que elas não estavam em sua mente. Jordan Van Der Zee tinha um amor verdadeiro, e esse era o som de sua própria voz.

A porta da cozinha fez um barulho suave e virei minha cabeça por instinto, pronta para abrir uma gaveta e perseguir um bastardo com uma faca de carne. Quando vi que era o próprio diabo encostado nela, exalei, mas sabia que era melhor não relaxar.

— Você também está acordado? O que há com vocês? São quatro e meia da manhã — Murmurei, segurando minha bebida. O fim de semana estava se aproximando rapidamente e eu não queria irritar Jordan. Precisava dessa visita no sábado, então, jogar bem era crucial.

— Edie e eu temos algo para discutir. Volte para a cama, Lydia. Vou fazer um chá para você em um momento. — Mesmo que sua desaprovação fosse dirigida à minha mãe, isso não tornava a queimadura menos estragada. Ela se levantou com pés derrotados, saindo da cozinha não muito diferente de um fantasma. Cada passo que dava gritava negligência, abandono e fraqueza. Minha mãe fora abusada apenas o suficiente para quebrá-la, mas não o suficiente para que eu fosse à polícia. *Equilíbrio*, disse Rexroth. *É tudo*. E, oh, como ele estava certo.

Fechei meus olhos, respirando fundo. *Você não vai perder a cabeça por causa disso, Edie. Foda-se o surf e seus pequenos jogos de ego e faça uma afirmação. Olhe para o quadro grande.*

Jordan arrancou a água de coco da minha mão, afundando a garrafa em uma das duas pias gigantes na ilha da cozinha.

— Eu estava bebendo isso. — Havia despeito em quantidades letais em cada uma das minhas palavras inocentes.

— Não mais. Isso, e o surf... fazem você parecer uma *hippie*. Van Der Zees bebem café todas as manhãs. Isso nos mantém afiados.

— Você faz chá para mamãe duas vezes por dia. — Eu sorri.

— Sua mãe não é uma Van Der Zee. Sua reivindicação à fama foi se casar com um.

Não havia uma maneira de eu respondê-lo que não iniciaria uma terceira Guerra Mundial, então, mantive minha boca fechada.

— Edie, precisamos conversar.

— Achei que era isso que estávamos fazendo.

Ele se inclinou para frente, os cotovelos sobre a mesa. O olhar sério em seu rosto me dizia que ele estava desapontado comigo de novo, embora o inferno se eu soubesse por quê.

— Eu vi sua conversa com Rexroth ontem na sala de descanso. O andar inteiro viu.

Meus olhos dispararam para ele, minha boca aberta antes que eu pudesse dar uma resposta. Se meu pai suspeitasse que eu estava flertando com Rexroth, ele tiraria de mim tudo que me importava e que havia restado. Não podia permitir isso.

— Ouça... — Comecei, mas ele me cortou com um aceno de mão.

— Nenhuma filha minha seria estúpida o suficiente para se apaixonar por seu charme bruto. Sei disso, Edie. — Ele começou a deslizar a gravata, amarrando-a sem nem mesmo ter que se olhar no espelho. Recostei-me, cruzando os braços sobre o peito.

— Mas eu vi a maneira como ele olhou para você, e a maneira como ele se inclinou para você, o que não era apropriado considerando sua diferença de idade e seu recente emprego conosco. Não tenho certeza do que Trent Rexroth tem em mente, mas ele não vai conseguir o que quer, seja lá o que for. Agora, você conhece seu pai bem o suficiente para entender as consequências de se associar a ele, correto?

Jordan vai se livrar de Trent Rexroth? Não duvidaria. Ele era taxativo quando se tratava de proteger a honra de sua família, com *honra* sendo a palavra-chave. Amor, sentimentos e bem-estar geral eram descartáveis em

seu mundo. A percepção de que essa conversa poderia ir de tantas maneiras diferentes – todas elas erradas – atingiu meu estômago primeiro, depois, rolou até meu peito, fazendo minha garganta fechar. Meu coração estava cheio de promessas quebradas e momentos felizes incompletos. Uma terra devastada de esperanças e sonhos que nunca poderiam ser realizados sem Theo.

— Rexroth não me interessa, então, não perca seu fôlego me avisando sobre ele — Disse, sacudindo a areia velha de minhas unhas lascadas. Sempre estavam lá, não importando o quanto eu tirasse. Verdade seja dita, eu adorava. A areia me lembrava do oceano, do surf, da *liberdade*.

— Você gostaria que eu aumentasse sua taxa horária? — Meu pai cambaleou para frente como uma máquina pesada, pegando minha mão e apertando-a roboticamente. Sua pele era fria e seca, uma metáfora perfeita para o homem que ele era. Escolhi minhas palavras com cuidado, meu olhar deslizando sobre nossas mãos, o quão não natural pareciam e eram ao toque.

— Bem, você só me paga um salário mínimo.

— E você gostaria que eu providenciasse para que você pudesse ver Theodore aos sábados e todas as quartas-feiras à noite? — Continuou, seu sorriso astuto. *Theodore*. Não Theo. Nunca Theo.

Meus dedos estavam tremendo, coçando para sair das mãos do meu pai. Elas tremiam para tocar em Theo novamente. Para sentir seu rosto entre minhas mãos. Sua risada na minha pele. Sua alma ao lado da minha. Ao mesmo tempo, eu conhecia Jordan bem o suficiente para reconhecer que a cenoura que ele estava balançando na minha frente era venenosa. Minha mão ainda ardia com seu toque e eu queria lavá-la com sabão, esfregá-la até que a primeira camada de pele descascasse. Ele se inclinou mais perto, seu hálito cheio de pasta de dente mentolada e veneno.

— Preciso que você me ajude, Edie. Há um trabalho a ser feito e você é a candidata perfeita.

— Estou ouvindo — Disse, querendo ver onde ele iria levar isso.

— Trent Rexroth. Eu quero que você o investigue. Descubra qual é o problema dele.

— Por quê? — Não precisava ser um gênio para saber que esses dois se odiavam. Então, novamente, meu pai colecionava inimigos como se fossem selos ou cartões de Natal. Obediente e afetuosamente. Cada pessoa poderosa que encontrava era rotulada, vista e tratada como uma ameaça

nacional. O termo *egomaniaco* foi inventado, cunhado especificamente para ele. Jordan Van Der Zee não tinha problemas em ser agradável com pessoas menos dignas, ricas e importantes do que ele. Mas no minuto em que você se tornasse um competidor, ou um obstáculo, ele o atropelaria e retrocederia para frente e para trás apenas para verificar novamente e estar do lado seguro.

— O silêncio dele é irritante e ele sempre vai contra mim. Ele está tramando algo. Quero saber o que é. Quero saber tudo o que há para saber sobre o que ele faz em seu escritório a portas fechadas. Quero saber em que dias ele leva a filha à terapeuta. Sua programação. Onde ele guarda seu cofre, arquivos e *iPad*. Eu quero. Saber. De. Tudo.

Claramente, ele pensava que Trent Rexroth estava planejando algo sombrio pelas costas. Uma aquisição hostil ou talvez uma emboscada surpresa que afetaria sua amada empresa de investimentos.

Trent Rexroth definitivamente dava a impressão de ser um maníaco por controle. Talvez Jordan estivesse certo em estar preocupado. Não fazia diferença alguma. Porque por mais que eu odiasse recusar quartas-feiras com Theo, também não queria cavar uma cova mais profunda, deixando meu pai me jogar dentro. Seria uma maldita se eu fizesse ou não fizesse isso. Ou ele estava mentindo para mim sobre me dar mais tempo com o único cara que eu gostava ou ele estava dizendo a verdade, mas abrindo um precedente para uma cadeia de chantagens, agora que ele sabia que daria certo. A espada de dois gumes cortou meu coração em dois.

— Não, obrigada — Disse lentamente, batendo meu polegar contra a borda da mesa. — Leve sua oferta a alguém que esteja interessado nela.

— Minha querida filha. — Ele agarrou minha mão novamente, puxando meu braço de propósito. Não doeu, mas estava longe de ser confortável. — Você *irá fazer* isso. As vantagens são apenas um pequeno empurrão na direção certa. Você não tem escolha nesse assunto.

— Não vou espionar Trent Rexroth. — Minha voz ficou mais alta, mais estável. — Ele não fez nada de ruim para mim e, além disso, você está latindo na árvore errada. Rexroth me odeia. — Isso era um eufemismo. Nesse ponto, eu tinha certeza que ele preferia confiar em um neonazista do que me contar todos os seus segredos.

Meu pai, é claro, preferiu ignorar minha crescente resistência. — Se você não fizer isso, Edie, vou mandar Theodore para Nova York. Você sabe que posso puxar as cordinhas certas e fazer acontecer. Sua instalação em San

Diego já está bastante superlotada. Eu estaria fazendo um favor a ele.

De volta a águas familiares. Era mais assim. As ameaças, eu estava acostumada. — Chantagear alguém para fazer chantagem é um método interessante. Eu gostaria de ver você fazer isso. Mude Theodore para uma instalação menor quando você estiver tentando se candidatar a prefeito. O alguém que você não quer que ninguém saiba — Disse secamente, odiando-o, e a Rexroth, e ao mundo inteiro por se colocar entre mim e a felicidade. Não me importava com o dinheiro e o brilho ou os *Louboutins* quebrados. Só queria surfar e estar ao lado do Theo. O fato de que essas coisas pareciam impossíveis de alcançar me fazia sentir como uma borboleta presa em uma redoma de vidro. Uma pequena criatura batendo contra a barreira até que eu ficasse sem energia, fôlego e esperança.

— Você está usando a palavra *chantagem* com muita frequência e em voz alta para o meu gosto, mocinha. Considere uma pesquisa — Ele sugeriu, liberando minha mão novamente.

— Você pode chamar de pesquisa, ou chantagem, ou tio Joe. A resposta ainda seria não.

Já eram cinco da manhã e eu oficialmente perdera meu tempo de surf. Dane-se, eu poderia chegar mais tarde uma vez por semana. A cadeira embaixo de mim raspou quando me levantei.

Algo atingiu a mesa com um *tapa* forte. Virei minha cabeça e olhei para ele mais uma vez.

Uma sacola.

A sacola de remédios da minha mãe.

Não deveria ter soado tão pesada, mas soou, porque era. Porque hoje em dia, minha mãe precisava de três comprimidos só para tirá-la da cama, e isso sem as vitaminas – nas quais ela era viciada – e as gominhas prometendo pele radiante, unhas duras e sono celestial, que ela mastigava ao longo do dia. Ela também tomava mais três para adormecer à noite.

— Reconsidere. Você tem duas pessoas em quem pensar. Uma delas, sua mãe, é uma criança indefesa presa no corpo de uma mulher. Você queimou todas as pontes para salvá-los, Edie. Cada uma. Da sua educação, ao seu sonho de ser surfista e sair daqui, de *mim*. Você fez todos os sacrifícios por sua mãe e Theodore... o que é mais um?

Fiquei de frente para o corredor, um grito eterno fazendo meu corpo estremecer. Ele me tinha exatamente onde me queria, e sabia disso. Ele

caminhou em minha direção, uma nuvem de sua presunção pairando na sala como um fedor.

— Não cometa esse erro, Edie. Vou sacrificar sua mãe e sua obsessão presa sem pensar duas vezes. Você se inscreveu para ser minha pequena marionete obediente... você não pode ditar as regras. — A última frase foi dita tão perto de mim que pude sentir sua respiração roçando minhas costas.

Saí da cozinha, sentindo seus olhos atirando adagas nas minhas costas.

Eu sangraria até a morte antes de me virar e ver seu rosto. Sabia como ele se sentia.

Vitorioso.

Capítulo 7



Trent

FUNNY FELIX ERA uma merda de show.

Nenhuma surpresa.

Na verdade, aquilo não era inteiramente justo com a pessoa vestida num ursinho de pelúcia de aparência felina, qualquer que seja a fantasia, parada no centro de um círculo feito de crianças gritando, dançando para elas como um macaco treinado.

Acho que a festa estava boa para todos que não eram do meu círculo imediato. Para todos os pais que estavam sorrindo largamente, de mãos dadas – até mesmo os malditos divorciados estavam sendo civilizados pelo bem de seus filhos – vendo o fruto de suas entranhas sendo pintados e girando com um bando de palhaços, também conhecidos como Ajudantes de Felix. Era assustador, mas quando você pensa sobre isso – quando você realmente, de verdade pensa nisso – muitas das coisas que os adultos acham intimidantes são as coisas favoritas das crianças. Porque as crianças, ao contrário de seus pais, veem o mundo sem as lentes manchadas do preconceito e da intolerância.

Crianças não são racistas.

Crianças não julgam.

Crianças não se importam que seu carro custe o dobro do salário anual do americano médio.

Crianças são divertidas.

Crianças são puras.

Mas eu não sou.

Eu era um homem birracial em um mundo branco, então, sabia exatamente como Luna estava se sentindo. Assim como Luna, não me detestava fisicamente, nem mesmo na cidade Protestante Branca Anglo-saxônica de Todos Santos. Eu nem tinha a pele escura. Minha mãe era alemã, meu pai era afro-americano. Minha cor de pele estava diluída. Ainda assim, estava lá. Estava lá na minha altura, nos meus lábios suaves e no meu cabelo encaracolado (quando deixava crescer, o que nunca fazia, caralho.) Estava lá quando as pessoas faziam piadas sobre paus grandes e basquete. Estava lá quando tentava me candidatar a empregos estranhos enquanto estava me sustentando na faculdade. Estava lá, mas outros fingiam que não.

Há algo a ser dito sobre nós, pessoas birraciais. A sociedade nos fodia bem em todos os buracos e ângulos. Eu era muito negro para ser totalmente aceito na cidade branca e rica em que fiz o Ensino Médio (bolsa de estudos de futebol), e muito branco para ser aceito na comunidade negra de San Diego, onde cresci.

Não é que eu não tivesse amigos, porque tinha muitos. É a identidade que estava faltando. A tribo. Esse quebra-cabeça em que eu me encaixaria.

Luna era diferente e semelhante a mim nesse sentido.

Ela era linda e exótica, um diamante raro que provavelmente sofreria menos com o preconceito porque os tempos haviam mudado. Ela atraía as pessoas para ela e foda-se, ela parecia tão normal, até que ela abriu a boca e nada saiu. Até que uma mãe desavisada perguntava o nome dela, e minha filha desviava o olhar e as lágrimas ardiam em seus olhos, porque um estranho conversara com ela.

Até que o filho da mãe chamou Luna de aberração.

— Ela não fala inglês, mãe. Ela nem fala espanhol. A aberração não fala nada.

O que foi que eu disse? Um show de merda.

Minha mãe estava ali para apertar meu ombro, implorando com os olhos para que eu não chutasse a cabeça do garoto no chão e enfiasse seu rosto na areia e o obrigasse a comê-la. A festa acontecia na praia, dentre todos os lugares, e o calor estava lentamente matando os cupcakes, a pintura facial e meus nervos.

— Que tipo de criança fodida diz algo assim, afinal? Eles têm *quatro anos*. — Passei a mão pela cabeça. Luna estava sentada com Sonya sob uma

árvore a alguns metros de nós, tentando se acalmar com o incidente. Elas estavam compartilhando uma maçã. Já que a Senhorita Ocupada-aos-Sábados era muito importante para acompanhar Luna e eu, achei que deveria levar um arsenal de pessoas como apoio moral e para me fazer companhia. Meus pais, Darius e Trisha, vieram, e Sonya conseguiu vir no último minuto, embora ela devesse assistir seu filho em alguma competição esportiva que eu nem conseguia me lembrar.

— Eles têm quatro, são privilegiados e são contundentes. Você cresceu com as crianças mais desagradáveis do país. Por que esse comportamento ainda te surpreende, eu não tenho ideia. — Minha mãe passou a ferro minha camisa com a mão. Ela percorreu um longo caminho desde Trish, que trabalhava meio período no *Walmart*, desde que ganhei o prêmio corporativo. Vestindo tudo de grife e sem se desculpar por isso, ela agora parecia as mulheres que ela nem mesmo tinha a honra de servir, porque elas nunca haviam posto os pés naquela loja. Eu amei que agora fazíamos parte de um clube que nunca nos aceitou de verdade. Era irônico, no estilo de Groucho Marx.

Meu pai era o único homem negro membro do Todos Santos Country Club.

Luna foi para a escola com a filha de Toby Rowland, o bastardo rico que quebrou meu tornozelo no colégio para roubar o título de capitão do time de futebol de mim.

Estávamos nos misturando, engrenando, roubando tudo o que não nos foi oferecido.

E. Eu. Prosperei. Nessa. Merda.

— É hora de encerrar essa merda. Oficialmente cheguei ao fim da minha paciência. — Balancei minha cabeça e soltei um suspiro quando Luna se recusou a sair de debaixo da árvore e se juntar às outras crianças em uma dança, mesmo quando Sonya a encorajou, sem dúvida prometendo nunca sair do seu lado. Luna era especialmente tentada em eventos sociais. Passei o primeiro ano depois que sua mãe desapareceu em casa com ela, antes de finalmente ceder à vida. Queria compartilhar o mundo com ela. Ela era minha. Meu sangue, meu DNA, minhas células, meus olhos, minha porra de ser. Ainda assim, gostaria que ela aceitasse mais o mundo exterior, e que fosse mais tolerante com ela.

Meus pais trocaram olhares preocupados, franzindo a testa. Eles

ajudaram muito na criação de Luna desde que me mudei de Chicago, onde administrava uma filial da FHH, de volta a Todos Santos, vendendo uma boa porcentagem de minhas ações para Jordan Van Der Zee, junto com uma parte da minha alma no processo.

— Por que você não vai descansar um pouco? — Minha mãe esfregou minha bochecha, forçando um sorriso em seu rosto doce. — Papai e eu vamos levar Luna de volta para nossa casa para uma festa do pijama. Ela está morrendo de vontade de ajudar Dar a construir aquela nave há semanas.

A nave espacial.

Meu pai era um sonhador. Um inventor. Ele construía merdas que nunca funcionavam. Ele não estava realmente construindo uma nave espacial, obviamente. O que ele estava construindo era um relacionamento saudável com minha filha, usando pilhas vazias, caixas de papelão, supercola e fósforos velhos que haviam ficado encharcados na chuva e não podiam mais ser usados. Ele estava construindo o que eu não conseguia nem definir. Um relacionamento saudável e divertido com minha filha.

Ou os olhares estranhos que ela estava recebendo.

Ou suportando o fardo por ser diferente.

Aquilo me incomodava porque essas diferenças eram as coisas pelas quais as pessoas me culpariam se sua mãe um dia voltasse para sua vida. As diferenças de Luna eram o que Val exploraria. Então, sim, aquilo me fazia ficar ressentido com eles.

— Você não tem que fazer isso — Eu disse, sem realmente discutir com ela. Eu poderia usar a noite de folga. Eu nem mesmo ligaria para Sonya ou Amanda. Por mim, iria direto para a porra da cama. Talvez assistir a um filme de ação idiota e pedir comida gordurosa que eu nunca me permitia comer durante a semana. Meu treinamento de força seis vezes por semana não ia bem com *junk food*, mas às vezes até mesmo homens crescidos se permitem uma pequena festa de piedade.

— Por favor. — Mamãe me puxou para um abraço. Ela era muito menor do que meu corpo de um metro e noventa, era engraçado pensar que eu saí dela. Também era engraçado porque Trish Rexroth era uma das pessoas mais graciosas que conhecia e eu era um idiota com I maiúsculo. — Amamos Luna e queremos aproveitar todas as chances que temos para fazê-la feliz. E, de qualquer maneira, eu estava planejando assar aquela torta de maçã, e o nível de açúcar do seu pai está nas alturas. Ela estará fazendo um

favor a ele comendo a maior parte. Certo, Dar? — Ela se virou para meu pai, que estava discutindo — brigando de verdade — com um menino de quatro anos sobre do que era feita a pintura facial que eles estavam usando nas crianças.

Eu sorri. — Ok.

Disse adeus a Luna, meus pais e Sonya, e subi em meu *Tesla* preto. Liguei para um churrasco coreano no caminho para casa, pedindo todos os outros pratos do menu, e dirigi em círculos por um tempo, desfrutando de um tipo diferente de silêncio. Não carregado de palavras ou tensão, mas de solidão e egoísmo, duas coisas que você aprende a desejar como pai. Se alguém me perguntasse baixinho, em seu último suspiro, se eu queria ser pai, e eu soubesse que minha confissão nunca sairia de sua boca, diria a verdade. Diria que não. Porque era muito difícil, muito doloroso e muito intenso ser o pai de Luna Rexroth.

E ainda é.

E *ainda é*. Eu amava minha filha com devoção, desesperadamente, com urgência. O que só fazia minha incapacidade de ajudá-la ainda mais esmagadora. A ideia de que ela desistira das pessoas, ou talvez até pior — da vida dela, antes mesmo de começar, me enfurecia. Eu queria mostrar a ela que o mundo é um lugar lindo e assustador que vale a pena experimentar. Que os camponeses poderiam ser coroados reis se trabalhassem bastante, e como seu pai era a prova viva daquilo.

Havia um reservatório arborizado espremido entre os limites do condado de Orange e Todos Santos, que eu amava especialmente quando era adolescente. Era um pouco selvagem. Grande, remoto e um poço de dinheiro total para os Conselhos locais. Nenhum distrito queria lidar com aquilo, especialmente porque costumava ser a prefeitura de Todos Santos, antes de ficar toda extravagante e se mudar para um código postal do centro com fontes e cisnes suficientes para ser confundido com Mônaco. Visto que tecnicamente não fazia parte de nenhuma cidade, foi negligenciado e esquecido. Mas apenas pelos adultos.

Muitas crianças iam ao reservatório para fazer sexo, ficar bêbadas e, geralmente, ser idiotas, que eram os passatempos favoritos da maioria dos adolescentes. Quando estávamos no colégio e os pais de Vicious estavam em casa — o que era raro — nos encontrávamos lá para nossas lutas semanais, nas quais desafiávamos um ao outro.

Decidi dirigir até lá por capricho, sabendo que o restaurante coreano demorava uma vida inteira para que seus pedidos de entrega fossem feitos – especialmente um tão grande quanto o meu. Uma viagem pela estrada da memória me lembraria que nem sempre fui tão velho, tão amargo, tão fodido.

Passei pelos bancos antigos, o farol no lago, impressado entre as trilhas de caminhada. Abaixei minha janela, inalando o perfume da natureza. Liberdade. Juventude. Ar puro. Um pequeno sorriso curvou-se em meu rosto, e quase adorei senti-lo.

Quase.

A pessoa que apagaria o sorriso era a última que esperava ver, embora fizesse todo o sentido ela estar lá.

Edie Van Der Zee.

Eu a ouvi antes de vê-la, e mesmo quando a vi, foi através de arbustos e neblina, sombreado pela noite. Na verdade, só a reconheci porque seu cabelo loiro rebelde, ondulado e exclusivo, estava caindo em cascata por seus ombros nus e por causa daquela risada rouca e gutural. Ela estava vestindo uma blusa *ROXY* larga, short curto e seu *Dr. Martens* desamarrado. Ela parecia tanto com uma criança que eu queria me dar um soco nas bolas por imaginá-la se contorcendo debaixo de mim enquanto eu me enterrava em Amanda na outra noite. As pernas de Edie ainda não tinham curvas, dois palitos retos. Não muito diferentes das de Luna.

Você está perturbado pra caralho.

Ela estava na frente de dois caras e uma garota, compartilhando um banco, sentada no encosto dele, porque eles eram rebeldes *pra caralho. Não.*

Eu só queria diminuir a velocidade para ouvir do que eles estavam rindo, mas acabei parando completamente atrás de uma parede de arbustos selvagens quando percebi que meu carro preto combinava perfeitamente com a noite. Aquele foi o ponto onde eu provavelmente deveria ter reconhecido que cruzei uma linha de algum tipo. Eu estava vigiando minha empregada, *minha empregada adolescente*, tarde da noite. Mas escolhi descartar o nível assustador que estava exibindo, apontando para mim mesmo que, A: eu não a tinha procurado ativamente, por acaso topei com ela. E, B: se ela estivesse com algum tipo de problema e eu virasse as costas para ela, nunca me perdoaria.

Extremamente absurdo, mas eu vou aceitar.

Um dos caras, que estava vestindo um moletom em pleno verão e

merecia uma morte lenta só por isso, levantou-se e caminhou até um dos símbolos mais icônicos do reservatório – o antigo prédio da prefeitura da cidade. Era deserto, decadente e feito de arenito. Grande, ostentando salas vazias, e da última vez que estive aqui há quinze anos, cada uma delas estava ocupada com um casal ou um trio que usava colchões ou sofás sujos que haviam sido arrastados para dentro do local e provavelmente estavam contaminados. Meus dentes cerraram quando ele jogou o braço sobre o ombro de Edie, enganchando-a pelo pescoço e puxando-a em sua direção para um beijo na testa.

— Vamos, Gidget. Não fodemos há muito tempo e todas as novas garotas na praia são muito sem graça — Disse o inútil enquanto ziguezagueavam em direção à entrada. *Gidget?* E por que sua escolha de palavras provocou todos os meus nervos? Eu usava a palavra foder como verbo, advérbio, substantivo e uma decoração simples em todas as outras frases. Se eu pudesse me casar com ela, provavelmente o faria. Mesmo assim, odiei que aquilo tivesse saído de sua boca, e odiei ainda mais que fosse dirigido a ela. Principalmente, eu odiava que o inútil estivesse usando um moletom, então, não podia nem ver o maldito rosto que eu estava prestes a quebrar com meu punho.

— Espera, deixe-me ouvir de Wade — Murmurou a voz rouca de Edie e ela correu na direção oposta, em direção aos perdedores no banco. Ela realmente iria foder algum idiota em um prédio abandonado? Eu não estava acreditando. Então, novamente, o que diabos eu sabia sobre essa garota? Oh, certo. Ela era uma batedora de carteiras e mentirosa egocêntrica que abandonara a festa da minha filha para sair com idiotas fumantes de maconha. *E* ela era uma adolescente. Claro, ela iria transar com ele em um bastião abandonado. E, claro, ela não era sem graça.

Meu pau mexeu nas minhas calças e eu fiz o impensável, segurando-o com meu punho e apertando com força. Minha maneira de dizer que nunca iria acontecer. Ela nem era meu tipo. Muito pequena, muito loira, parecendo muito doce, embora neste ponto, eu soubesse que ela não era nada parecida com sua aparência. A garota tinha uma bagagem séria.

Em meu apelo desesperado para não me masturbar, não lembrei que meus faróis ainda estavam acesos. Seus amigos no banco esticaram o pescoço para ver o que – ou quem – estava escondido atrás dos arbustos. Eu precisava fazer algo. Esse algo era dar o fora de lá.

Então, novamente, eu sempre fui o bastardo que fazia merdas estúpidas, de preferência com a mulher mais venenosa de sua localidade. Por que parar agora?

Em vez de fazer meia-volta e sair, pisei no acelerador, meu carro acelerando silenciosamente – justificando seu preço de 170 mil – e pisei no freio quando a bunda de Edie estava bem na frente da minha janela, a poucos metros das portas da prefeitura.

— Van Der Zee — Rugi. Ela virou a cabeça tão rápido que pensei que sua espinha fosse quebrar. Inclinei-me para o lado e abri a porta do passageiro. — Entra no carro.

Sua boca se abriu e, por um segundo, eu não queria nada mais do que enfiar minha língua nela. Em vez disso, empurrei mais a porta, rosnando.

— *Agora.*

O idiota para a qual ela estava prestes a abrir as pernas estava agora diretamente na minha frente. Ele tinha uma tatuagem no pescoço, olhos verdes caídos e um *piercing* no lábio. Parecia um maldito rejeitado do Blink182. Apenas mais alto. E provavelmente mais musculoso. Não tão grande quanto eu, mas certamente do tipo que embolsava calcinhas suficientes para abrir uma loja da *Victoria's Secret*. *Meu tipo.*

Ele valsou até o meu carro e estacionou os cotovelos na porra da minha janela como se ele fosse o dono. Corajoso. Ele ia dizer adeus àquelas bolas se não tomasse cuidado.

— E posso perguntar quem diabos é você? — Ele acendeu um cigarro sem graça, soprando o jato de fumaça diretamente no meu rosto. Ele estava jogando o jogo que eu dominava quando tinha dezoito anos. Aquele em que você empurra até que algo se encaixe. Mas eu tinha trinta e três anos agora e poderia esmagar seu pescoço e futuro, sem piscar. Tentei me lembrar que não queria fazer nenhuma dessas coisas com ele. Que ele era apenas um adolescente com capuz. Um pavão tentando peidar algumas penas extras bonitas para impressionar sua amiga.

— Eu sou o chefe dela. Quem diabos é você?

— O pau de estimação dela. — Ele inclinou a cabeça para o lado, sorrindo. — E não gosto de competição fora do oceano. Então, eu sugiro que você vá dar uma caminhada. — Ele bateu no cigarro com o dedo indicador, espalhando cinzas no meu carro. No meu assento de couro.

Péssima ideia.

Eu ouvi a risada suave de Edie atrás dele, e talvez fosse porque ela tinha desistido da festa de Luna, e talvez fosse simplesmente porque eu tinha acabado de conter meu idiota interior quando se tratava dela, mas eu já estava em modo implacável, pronto para ir para cima e colocar *pra* foder. Eu estacionei o carro, abri a porta e saí rápido, dando a volta na frente do meu veículo antes de segurar seu cotovelo.

— Se você não entrar no carro agora, verá exatamente o que acontece quando a contagem regressiva terminar — Sussurrei em seu cabelo, meus lábios roçando acidentalmente a concha de sua orelha. Meu pau estremeceu nas minhas calças e eu gemi. Ela torceu a cabeça para me olhar, perplexa.

— Por que eu faria qualquer coisa por você fora do horário de trabalho, Rexroth?

— Porque você me disse que tinha negócios importantes hoje e, portanto, não poderia comparecer à festa da minha garota quando, na verdade, estava indo comer um maldito idiota em um prédio abandonado cheio de ratos. Eu juro, Edie. Se você não entrar bem neste segundo, seu pai receberá uma visita de domingo de seu parceiro de negócios amanhã de manhã, e contarei a ele tudo sobre seus métodos de roubo e aventuras sexuais peculiares.

Ameaçar delatar uma filha de dezoito anos para seus pais era uma espécie de fundo do poço, com certeza. Ao mesmo tempo, ela não precisava disso. Fumar maconha e transar em um lugar público. Não se engane, fiz exatamente isso na idade dela. Ah, bem. Eu nunca disse que estava acima de ser um hipócrita.

— Ei, agora, velho. Resfrie seus ossos privados de cálcio e pare de tratá-la como lixo, ou terei que chutar seu traseiro. — O Carinha Loiro entrou na minha cara, e eu ia terminar a noite em uma delegacia. Eu o empurrei uma vez antes de Edie colocar seu corpo entre nós, empurrando nós dois em direções opostas.

— Ei, ei, ei, parem com isso!

— Você não precisa de outro Jordan, Gidget. Diga a ele para ir embora. — O garoto apontou para mim, seus lábios torcendo em desgosto. Ela balançou a cabeça, com as palmas das mãos no peito dele, conduzindo-o de costas para o banco. Seus outros amigos estavam olhando com a boca tão aberta que você praticamente podia ver o que eles comeram no almoço. Eles se levantaram do banco, mas não se aproximaram. Covardes do caralho.

— Não é assim, Bane. Olha, eu explicarei mais tarde. Te vejo amanhã na praia. — Ela se virou de costas para mim, pressionando seus lábios nos dele. Suas bocas roçaram em uma familiaridade que eu nunca tive com uma mulher porque eu nunca fiquei com alguém por mais de duas semanas, e eu assisti, meus dentes rangendo um no outro.

— Chega dessa merda. Hora de ir. — Eu praticamente joguei a bunda de Edie no banco do passageiro antes de virar para o meu lado do carro e apertar o cinto. Liguei o motor, tentando envolver minha cabeça em torno da minha reação a esse encontro surreal e descobrir para onde diabos iria levá-la.

— Onde você mora? — Coloquei o carro em movimento. Ela não respondeu, olhando pela janela, com lágrimas não derramadas nos olhos. Meu carro deslizou pela estrada de terra que saía do reservatório, o motor elétrico silencioso tornando nosso silêncio particularmente insuportável. Apertei o volante, sentindo minhas narinas dilatarem.

Ela não iria responder. Não antes de eu explicar meu comportamento.

— Você é a filha do meu sócio, Edie. Não posso deixar você sair por aí fumando maconha e fodendo garotos tatuados. Posso ignorar quando não estou perto de você, mas se eu topar com você no meio da noite em um lugar deserto, com certeza vou agir.

— Por favor. — Ela fungou, agarrando-se à sua calma com tudo o que tinha dentro dela. — Nunca engane um mentiroso. Você pode me poupar de sua explicação estúpida. Você não dá a mínima para Jordan Van Der Zee e, com certeza, não se importa com a filha dele. Este foi um ato de poder, Rexroth. Você ficou puto por eu não ter ido à festa de Luna e decidiu retaliar. Mas saiba disso – *fui* a algum lugar hoje. Em algum lugar importante. Só porque consegui voltar a tempo de sair com amigos não significa que abandonei Luna.

Edie estava parcialmente certa. Eu estava chateado por ela escolher sair com seus amigos ao invés de passar o tempo com minha filha. O que era possivelmente pior é que a outra razão pela qual a arrastei de seu ponto de encontro de fim de semana era porque eu estava interessado em sua bunda. Ou, pelo menos, com a ideia de aproveitá-la. Claro, isso garantiria que Jordan de alguma forma encontrasse uma maneira de me expulsar do Conselho, da empresa, e, essencialmente, arruinasse toda a minha carreira. Sem mencionar que não seria capaz de me olhar no espelho depois de foder uma adolescente, legal ou não.

— Onde você mora? — Repeti minha pergunta, ignorando os pontos válidos que ela havia feito. Ela bufou e cavou dentro da mochila preta em sua mão, pegando seu telefone celular.

— Ei. — Peguei o dispositivo da mão dela, meus olhos ainda na estrada. — Estou falando com você.

— Sim, bem, isso dificilmente significa que estou ouvindo — Ela murmurou.

— Qual é a porra do seu problema, garota? — Perguntei.

— Você é meu problema. Meu pai é meu problema. O mundo é meu problema. Me deixe sair — Ela exigiu, tirando meus dedos de seu telefone e recuperando-o. A tensão crescente no veículo me fez perder o foco na estrada.

— No meio do nada? — Eu ri. — Não.

— Trent.

Balancei a cabeça. Eu a levaria para minha cobertura, se necessário. Eu tinha dois quartos de hóspedes que não eram usados durante todo o ano. Ela poderia ficar lá e eu entregaria sua bunda para seus pais logo de manhã. Era uma solução complicada, mas uma em que ela estaria segura e não fodendo o Loiro Filhinho de Papai.

— Me deixa ir.

Esfreguei meu queixo pensativamente, ignorando-a enquanto olhava para a estrada.

Então ela fez.

A garota maluca abriu a porta do meu veículo em movimento e saltou para dentro de um arbusto.

Esmaguei o pedal do freio e saí correndo em sua direção. Ela estava deitada dentro de um matagal, em decúbito dorsal. Seus braços estavam esticados como um anjo da neve, e ela estava rindo para a lua com lágrimas nos olhos como a criança perdida que era.

Não rindo, não sorrindo, mas rindo completamente.

Se fosse um grito de socorro, optei por não ouvir. Escolhi ignorar o que ela estava obviamente passando, porque todos nós estávamos tentando nos manter à tona neste lago de miséria, e ajudá-la veio com o preço de afundar ainda mais. Eu a puxei pela cintura, ignorando o quão íntimo parecia. Desconsiderando como seu corpo combinava com o meu como duas peças de um quebra-cabeça, contra todas as malditas probabilidades. Minha mão

estava na parte inferior das suas costas novamente, meu joelho, entre suas coxas, e ela era firme e atlética em todos os lugares, mas seu rosto era suave e terno, como uma pintura de Edgar Degas.

Nossos olhos travaram uma guerra silenciosa. Seu azul bebê brilhava mais forte sob a lua cheia e gorda. Eu sabia que se mantivéssemos essa posição por mais alguns segundos, provavelmente faria algo de que me arrependeria. Cometer o tipo de erro que pode arruinar muitas vidas. Então, inclinei-me em direção ao rosto dela para sussurrar que sentia muito por esta noite. Por tudo, realmente. Por ser um burro, um hipócrita e um idiota.

Eu deslizei em sua direção, apenas para perceber que ela abriu os lábios, esperando por... porra, um beijo?

Estou dentro. Eu conhecia o sentimento, porque já estive nesta posição mais vezes do que poderia contar. Ela estava me dando luz verde, o ok, o consentimento para tocá-la. Seus quadris rolaram em direção à minha virilha muito levemente, e um rosnado baixo e lento deslizou entre meus lábios.

Que reviravolta interessante nos acontecimentos. Edie Van Der Zee quer que eu enfie meu pau nela.

Cinco anos atrás, eu teria dado a ela o que ela queria, as consequências que se danassem.

Esta noite, porém, eu tinha muito a perder.

— Edie — Meus lábios se moveram em sua têmpora —, há uma razão pela qual você está transando com minha perna? Pensei que você estava com raiva de mim por ter atrapalhado sua foda esta noite.

Ela não estava mais à beira de chorar, mas, agora, eu tinha um problema muito maior para lidar, e ele estava apontado diretamente para sua boceta, duro e inchado e pronto para dar a ela o que ela obviamente queria.

— *Por que* você me atrapalhou, Rexroth? — Ela respirou, quase em meus lábios, e cheirava a baunilha e mulher. Não como uma garota. Ficando de pé assim, com ela praticamente escarranchada em uma das minhas coxas, tornava as coisas menos terríveis.

— Você já sabe por quê.

— Estou começando a achar que perdi um detalhe importante. — Seus quadris rolaram para frente em um movimento ondulatório, atingindo minha ereção uma vez, e levemente, e de forma tão fodidamente provocadora, foi o último prego no caixão do debate de diferença de idade. Esta mulher sabia o

que estava fazendo. Sabia como trabalhar seu corpo, trabalhar o corpo de um homem, e me matava que aquele maldito Bane – que tipo de nome era esse? Ele era uma imitação do Vicious? – conhecia todos os segredos de sua carne sedosa e beijada pelo sol, seus lábios escarlates e, provavelmente, sua boceta muito doce.

Afastei-me dela, apoiando-me no carro ainda em funcionamento com um sorriso malicioso.

— Sinto muito, querida. Não faço com crianças.

Ela se aproximou de mim, sua coxa pressionando contra o lado da minha perna. Sorriu, seu sorriso deslumbrante com dentes brancos – um deles torto e ligeiramente lascado e imperfeitamente sexy – e ronronou: — Não faça promessas que vão fazer você se sentir um perverso quando quebrá-las.

— Eu não vou quebrá-las — Disse impassível, mas ainda a deixei pressionar seus peitos pequenos, alegres, sem sutiã – *merda, sem sutiã* – contra meu peitoral inferior. A ideia de que eu poderia jogá-la contra o meu capô e transar com ela por trás era demais. Ou talvez pudesse espalhá-la e comê-la antes de fodê-la no meio do reservatório. Ela deixaria, e aquilo era o pior de nossa situação. Edie me deixaria fazer isso com ela, e não porque ela fosse uma menina ingênua com problemas com papai.

Mas porque ela veio aqui para foder, e eu era um corpo aceitável para ela. Nada menos, nada mais.

— Interessante — Disse ela, dobrando os joelhos e esfregando-se contra mim, segurando toda a minha coxa entre as pernas. Sua pele nua raspando ao longo do meu jeans, seu mamilo enrugado e duro roçando meu antebraço. Eu não me mexi. Apenas a encarei como se ela fosse uma porra de um perigo para a saúde, esperando que ela parasse ou colocasse meu pau em sua boca e me tirasse da minha miséria. — Você sabe qual é a minha palavra favorita? — Ela sibilou, apertando minha coxa, sentindo-se quente e úmida.

Foder? Quis retrucar. Porque eu ficaria feliz em lhe dar alguns sinônimos, fatos e exemplos concretos de como fazer isso.

Mas eu estava fascinado demais com a direção que ela estava tomando – nós – para interromper seu pequeno discurso. Ela tinha razão. Isso era certo. Pela primeira vez desde que nos conhecemos, deixei que ela se expressasse e falasse o que pensava. Não só porque ela estava esfregando sua boceta elegante por toda a minha coxa e eu não queria quebrar o feitiço, mas, também, porque ela precisava disso. A garota saltou de um carro em

movimento há cinco minutos para mostrar sua razão.

Não uma garota, eu me lembrei. Uma mulher, Trent. Uma mulher.

— Sonder. — A palavra rolou entre seus lábios deliciosos como uma proposição ilícita. Ela pegou minha mão e pressionou contra a curva de sua bunda, na fronteira entre a coxa e a nádega. Sua pele quente fez a dor surda na boca do meu estômago desaparecer de alguma forma, e a coisa mais estranha sobre isso é que eu nem tinha percebido que estava lá antes. Não apertei nem retirei a palma da mão. Minha mente estava agitada, sabendo que isso não deveria estar acontecendo, e, novamente, dei desculpas a mim mesmo.

Não era nada.

Não estávamos realmente fazendo merda nenhuma.

Não estávamos nos beijando, ou dando um amasso, ou transando, ou chupando um ao outro. Mal estávamos nos tocando, embora parecesse mais pesado e denso, ainda mais do que estar completamente nu em um quarto com uma mulher que já tinha um preservativo pronto na boca.

— Sonder é a compreensão de que cada indivíduo tem uma vida tão vívida e complexa quanto a sua. Tenho a sensação de que você pensa que é o único a conhecer as dificuldades, Rexroth. Isso não me cai bem. De jeito nenhum.

— Que azar, querida, porque você está trabalhando sob mim, e essa é a única coisa que você fará nessa posição comprometedora. — Arrastei minha mão de sua bunda para o meu bolso, fazendo uma parada provocante em seu quadril, escovando-o com o polegar. Ela se empurrou para o meu toque e eu neguei, não apenas para ficar no controle de minhas mãos, mas também porque vê-la queimando por mim era um visual que poderia muito provavelmente definir alguns poucos princípios morais que eu tinha em chamadas.

— Começamos com o pé esquerdo. — Ela ignorou o gesto, mas seus arrepios denunciaram sua reação. Seus mamilos estavam tão intumescidos que pareciam doloridos, precisando de alívio. — Peço desculpas por roubar sua mãe. Você pode se desculpar por me intimidar? Podemos deixar tudo isso para trás. Começar de novo. Gostaria disso. — Sua voz era honesta e suave, genuína.

Mas o que Edie não havia percebido era que o dia em que eu parasse de dar merda a ela seria o dia em que seríamos indiferentes um com o outro,

porque não havia como nos comunicarmos inadequadamente em qualquer outro nível além de insultos. E nos odiando. E nos desprezando.

Infelizmente para ela, ela era divertida demais para odiar. Eu não estava pronto para me separar do que éramos, mesmo que o relacionamento que estávamos desenvolvendo soasse e cheirasse e parecesse uma doença incurável.

Então, em vez de ser um adulto e aceitar sua verdade, eu parei sua pequena dança de colo girando e colocando-a contra o meu carro. Minha mão estava em sua garganta, que tremeu ao engolir, me dizendo que ela estava sentindo a pressa, a emoção de estar à minha mercê.

Foda-se, Edie. Você não tem ideia de como eu poderia ser impiedoso.

Coloquei todo o peso possível sobre ela, o suficiente para ser intimidante, mas não doloroso. Ela podia sentir minha ereção, os sulcos do meu abdômen, meus peitorais flexionados e a maneira como meu suor colava minha camisa na pele. Inclinei-me em sua boca, sabendo o quanto ela queria ser beijada, sabendo que eu nunca, nunca daria a ela.

— A única coisa pela qual eu sempre me desculparia é não chegar até você hoje à noite. Se algum dia eu pegar você abrindo essas pernas para aquela idiota, aqui ou em qualquer outro lugar, seria o fim. Seu, dele, de todos os envolvidos. Contanto que você saia com minha filha — e é isso que espero que você faça todas as terças-feiras quando ela chegar no trabalho comigo — você será celibatária. Você pode se esfregar contra o chuveiro enquanto pensa em meu pau dentro de você, e pode brincar com seu clitóris desejando que fosse minha boca, mas chega da porra de Bane, entendido?

Ela riu e deslizou para longe do meu toque e entrou no carro, batendo a porta na minha cara.

Dei a volta e retomei nossa viagem, observando enquanto ela programava seu endereço no meu navegador sem me responder.

Aquilo foi ótimo. Eu não precisava das palavras dela. Precisava que ela entendesse.

Sua mandíbula apertou, me dizendo que a mensagem foi recebida.
Ótimo.

Capítulo 8



Edie

— O QUE VOCÊ quer que eu descubra sobre Trent Rexroth? —
Joguei uma pilha de documentos na mesa do meu pai na manhã da segunda-feira seguinte, enxugando minha testa com as costas da mão. Passei meu domingo inteiro surfando, evitando perguntas sobre Trent de Bane e tentando convencer minha mãe a sair da cama e jantar conosco. Fiz cuscuz (de micro-ondas) e frango com limão (da *Whole Foods*), e até fiz uma salada perfeitamente comestível, que comi sozinha, na frente da TV da cozinha. Eu estava 20 minutos assistindo a um episódio horrível de um reality show policial antes de perceber que estava mastigando às imagens de criminosos jogando urina engarrafada nos policiais.

Acho que você poderia dizer que eu estava distraída.

A dor persistente entre minhas pernas me lembrava que Trent havia mexido com meus sentimentos, minha sexualidade e minha mente. Acima de tudo, sua noção de que ele poderia fazer isso comigo – me controlar do jeito que meu pai fazia – tornava minha vingança contra ele quase obrigatória. Eu não era um brinquedo para ser controlado e jogado de mão em mão. Meu pai tinha um poder muito particular contra mim.

Trent, não.

Ele estava prestes a descobrir que eu não era moleza, mesmo quando, na verdade, deixava Jordan Van Der Zee me dominar.

Meu pai ergueu os olhos do laptop, esfregando o queixo com as pontas dos dedos. Hoje, ele usava um terno cinza claro e uma gravata azul claro, ambos feitos sob medida e comprados durante sua breve viagem de negócios,

uma semana atrás. O que denunciava o fato de que alguém o encomendara para ele.

Uma amante, sem dúvida.

Ele estava entrando em um avião naquela tarde, voando para Zurique por uma semana. Foi a terceira vez que ele foi lá em três meses, o que me levava a acreditar que ele tinha um novo brinquedo brilhante para brincar. Se ele realmente estava indo para Zurique, eu não me importava. Eu estava feliz que ele ficaria fora por seis dias.

— Garota inteligente. — Ele estalou a língua em aprovação.

Vá se ferrar, respondi internamente. Ele estava certo. Eu era seu pequeno fantoche de sombra, pronta para entreter cada vez que ele enviava um raio de luz em minha direção.

Meu pai recolheu os documentos que dei a ele e os enfiou em uma gaveta que trancava, considerando minha resposta.

— Vamos começar descobrindo se ele leva seu laptop e *iPad* para casa ou se os deixa no escritório. O piso é eletrificado na recepção, fora do banheiro e em frente aos elevadores. Ter uma câmera em seu escritório é uma escolha pessoal. Procure câmeras em seus tetos, paredes ou embutidas em seus móveis. Além disso, quero saber quantos dispositivos eletrônicos ele tem com e-mail e conexões de internet. E quantas vezes ele os usa. Se você conseguir colocar as mãos em um deles, traga-o aqui.

Uau, aquilo era incrivelmente específico. E aqui eu pensando que ele me daria o benefício da dúvida e não tinha certeza se eu cederia. Ele obviamente tinha um plano detalhado.

Pela milionésima vez, eu silenciosamente jurei que no minuto em que me desvencilhasse do complicado negócio com meu pai, eu o expulsaria da minha vida e trancaria a porta atrás dele para uma boa medida. Não queria depender de ninguém para minha felicidade. Mas meu pai tinha essa habilidade de mexer nas cordas e usar seu poder e conexão para machucar pessoas que não concordavam com ele.

Sacrifício potencial, as palavras ecoaram em minha cabeça. Oh, como a situação mudou.

— Dá para fazer. — Concordei. A assistente de Trent, Rina, tinha me enviado um e-mail no início daquela manhã notificando-me que eu passaria a maior parte da terça-feira com Luna e Camila. Íamos a um zoológico local e almoçaríamos com Trent no The Vine. A ideia de passar um tempo com as

meninas – de quem eu gostava – era nada menos que emocionante. Mas ficar cara a cara com Trent depois de ter me esfregado nele, como ele disse sem rodeios, era desconcertante.

A boa notícia era que eu tinha certeza de que teria acesso ao seu escritório em algum momento amanhã. — Quero que minhas limitações de visitas sejam eliminadas. Quero ver Theo aos sábados e todas as quartas-feiras, e quero passar minhas férias com ele. — Minha voz tinha um tom cortante. Jordan acenou com a mão, a cabeça já enterrada em um contrato que ele retirara da impressora em sua mesa. — Isso é bom. Diga a Max para resolver isso. — Max era o Assistente Pessoal do meu pai. Minha mãe exigiu que Jordan parasse de contratar mulheres como assistentes, na esperança de que aquilo o fizesse parar de trair com as empregadas. Sim. Grande chance, a julgar por sua agenda irregular e visitas esparsas à nossa casa.

Saí do escritório do meu pai, sua voz me parou no lugar.

— E Edie? — Eu me virei lentamente, examinando-o atrás de sua mesa de titânio. Ele parecia tão presunçoso. Como se ele fosse o dono do mundo. Como se ele fosse imortal. *Idiota*. — Apenas um lembrete amigável como seu pai, seu empregador e o homem que tem o seu futuro nas mãos – não me traia. Trent Rexroth é um garoto inteligente, mas não é nada comparado a mim.

Fechei a porta na cara dele, evitando que minha boca contorcida se abrisse e cuspsisse a verdade que meu pai nunca quis ouvir: Trent Rexroth era mais do que inteligente. Ele era diabolicamente brilhante. Mas isso não iria ajudá-lo nessa batalha, porque eu o deixei fraco.

Fraco onde importava.

Fraco onde ele me deixou doendo.

E em sua fraqueza, eu encontraria poder.

E o usaria.

Não porque fosse vingativa ou estivesse zangada, mas porque queria salvar Theo e minha mãe.

Não porque eu fosse uma pessoa má, mas porque precisava ser boa para aqueles que dependiam de mim.

Roubei seu *iPad*.

A facilidade com que fiz isso foi emocionante e desconcertante, considerando que ele já me pegara roubando.

Tenho certeza de que ele ficou surpreso por eu ter me juntado a eles sem brigar – encurralei Camila na sala de descanso e casualmente disse a ela que tinha sido convidada pelo Sr. Rexroth e que iria acompanhá-los, o que não era uma mentira completa – mas a verdade sobre sua reputação imparcial, Trent agiu como se eu fosse a amiga irritante de sua filha. Em outras palavras: ele me ignorou completamente.

Durante todo o almoço, ele esteve ocupado dando atenção a Luna, cortando sua comida, conversando com ela sobre seus planos para o fim de semana. Ele estava vestindo uma calça azul-marinho elegante e uma camisa branca impecável, as mangas arregaçadas até os cotovelos. As veias sinuosas e os músculos fortes em seus antebraços tinham o objetivo de jogar uma garota contra a parede e fazê-la louvar ao Senhor como uma cristã renascida. Eu não era uma pessoa particularmente sexual. Então, definitivamente me pegou desprevenida quando tive que pedir licença e ir ao banheiro, apoiando-me na pia em frente ao espelho e balançando a cabeça. Tentei fazer com que a ideia dele me jogando contra um dos cubículos, puxando minha saia e calcinha para baixo e me devorando por trás se dissolvesse antes que meu corpo pegasse meus pensamentos sujos. Cheguei a me convencer de que querer fazer sexo com Trent Rexroth era apenas um protesto silencioso contra meu pai. *Mas aqueles antebraços*. Eu sabia que eles iriam me assombrar à noite, me cortar na próxima vez que meus dedos do pé se enrolassem de prazer. Imaginar seus braços fortes me agarrando serviria como um fósforo para acender o desejo adormecido na boca do meu estômago. Lavei meu rosto com água gelada. *F-o-c-o*.

Quando voltei para a mesa, Luna apontou para o celular de Trent antes de gesticular com as mãos para demonstrar algo maior.

— Você quer o *iPad* — Disse ele. Eu odiava a maneira como ele falava com ela. Como se ele se importasse – como ele realmente se importava – embora eu soubesse que ele era apenas outro Jordan. Talvez eu estivesse fazendo um favor a ele ao expulsá-lo da FHH. Ele obviamente precisava de perspectiva e tempo para se relacionar com sua filha.

— Está no meu escritório. Camila vai dar a você quando terminarmos. Termine seu macarrão.

Luna dedilhou os dedos na mesa, com as sobrancelhas franzidas.

— Talvez ela devesse aprender a linguagem de sinais — Murmurei, mais para mim mesma do que para qualquer outra pessoa, enfiando um garfo dentro de um pedaço suculento de bife e arrastando-o junto com o purê de batatas. Eu nunca fui mais a restaurantes — gastava meu dinheiro em coisas importantes como gasolina e Theo — então isso, na verdade, não era completamente terrível. Eu não tinha uma refeição tão boa há anos. Trent rosnou, sua forma favorita de comunicação.

— Ela sabe falar. Ela só precisa fazer isso. — Ele percorreu seu teclado digital, nem mesmo me dando uma olhada. Camila afagou os cantos da boca de Luna com um guardanapo, enchendo o ar rico com palavras como ‘lavar as mãos é importante’ e ‘quer sobremesa?’

— Ela obviamente se sente mais confortável se comunicando com as mãos agora — Insisti, dando outra mordida no bife. — Por que tornar a vida dela mais difícil? Você mesmo disse que ela pode falar. Ela vai quando quiser. Nesse ínterim, você pode dar a ela outra maneira de se expressar.

Ele ergueu os olhos para mim, seu olhar carregado como uma arma, antes de retornar ao seu telefone.

— Vou pedir a Rina para encontrar um professor de Linguagem de Sinais — Ele me surpreendeu ao dizer.

— Você também precisa aprender — Disse. Ele não gostou disso. Eu poderia dizer pelo jeito que ele desligou o telefone e me olhou com olhos gelados. Ele não havia tocado em seu frango à parmegiana, e eu quase fiquei tentada a perguntar se ele me deixaria levá-lo em uma ‘quentinha’.

— Você acabou de me dizer como criar minha filha?

— Na verdade, não. E não tenho certeza se você está falando comigo — ou com qualquer outra pessoa, por falar nisso — como se isso fosse construtivo para ela.

Essa era outra coisa que me incomodava na lista crescente de coisas que me irritavam em Trent Rexroth. Ele frequentemente agia como se sua filha não estivesse presente na sala, embora Luna claramente entendesse tudo o que ele dizia. Suas expressões faciais se moldavam e mudavam de acordo com suas palavras.

Ele se levantou, me desconsiderando, e foi até a recepcionista, pagando a conta. A garçonete flertou com ele, brincando com seu cabelo e rindo alto do que ele disse, embora Trent fosse o cara menos engraçado que

eu já conheci em toda a minha vida. No mínimo, ele poderia me levar às lágrimas apenas por olhar para mim, se realmente tentasse. Ele não flertou de volta, não sorriu, não pareceu interessado, mas quando ela virou a cabeça por um segundo para passar seu cartão, ele revirou os olhos e zombou. Se nada mais, eu não estava me sentindo tão mal por roubar seu *iPad* agora.

Caminhando de volta para o escritório na calçada movimentada, Trent e eu caminhamos um ao lado do outro, com Luna e Camila atrás de nós.

— Você parece ter muitas críticas sobre o meu estilo parental.

Eu ri de sua observação. — Oh, você tem um estilo parental? Não tinha percebido. Você claramente manteve sua atitude de merda – aquela que você usa no escritório como um distintivo – na mesa do almoço também. Você sequer olhou para Camila e eu. Você acha que sua filha não consegue perceber que você é apenas civilizado com ela?

— *Edie* — Disse ele. Sua voz enviou um arrepio pela minha espinha e tentei não deixar minha boca se curvar em um sorriso. Nós estávamos nisso novamente. O gato e o rato. Mas eu não era apenas um rato. Ele era *Tom* e eu era *Jerry*. Ele pode ganhar nossa batalha eventualmente, mas eu consegui machucá-lo. Eu ‘mordo e assopro’ o tempo todo, deixando cicatrizes de batalha. Marcas que eu adorava olhar, na forma de seu rosto irritado.

— *Trent*.

— Como está nosso pequeno amigo Bane? — Ele mudou de assunto.

Mordi meu lábio inferior em uma tentativa de suprimir uma risada. A relutância em sua pergunta era nada menos que emocionante. Ele não deveria ter se importado. O fato de ele ter sido o primeiro a trazer à tona aquela noite parecia uma vitória.

— Não há nada de pequeno nele, e ele é bom. *Muito, muito bom*.

— Essa ousadia não vale a retribuição, Edie. Eu te prometo isso.

— Olha, você supor que eu me importo com sua notoriedade é seu primeiro erro. Esqueça isso — Disse facilmente, e isso, bem aqui, foi o que excitou Trent. Eu sabia porque ele parou por um segundo, sua garganta tremendo ao engolir, e olhou de lado para ver se Camila e Luna estavam olhando para ele enquanto ele arrumava seu pacote impressionante dentro de suas calças. Dei uma parada para permitir que ele tivesse tempo para fazer isso – era o epítome da provocação, afinal. Em seguida, retomamos nossa caminhada.

— Você está mantendo nosso acordo?

— Que acordo? — Perguntei, prolongando a conversa. Paramos novamente, desta vez em um semáforo, e Luna se aninhou entre ele e eu, observando o sinal vermelho com interesse. Um pedestre tentou entrar na nossa frente, forçando Luna a dar um passo para o lado em minha direção. Eu a segurei pelo ombro e a apertei na minha coxa. Trent percebeu, sua carranca derretendo muito lentamente, sua mandíbula rígida se abrindo. O sinal ficou verde. Continuamos caminhando até chegarmos às portas giratórias do edifício Oracle.

Na recepção, Trent girou das portas fechadas do elevador e ofereceu à filha seu sorriso profissional. Aquele que dava às pessoas que eram importantes o suficiente para serem reconhecidas no décimo quinto andar. Todos os três.

— Camila, Luna, tragam rosquinhas para a sobremesa. — Ele tirou uma nota de sua carteira e colocou nas mãos de Camila. Ela acenou com a cabeça, segurando a mão de Luna e caminhando para fora do prédio. O elevador se abriu. Entramos, junto com outros dois empresários de terno que acho que trabalhavam na contabilidade no sétimo andar. Nós quatro olhamos para os números vermelhos acima de nossas cabeças com uma urgência silenciosa, a tensão no pequeno espaço fazendo minha nuca umedecer de suor.

Em seguida, os dois homens saíram em fila no andar. No segundo que eles saíram do elevador e as portas se fecharam, Trent girou em minha direção e bateu meu corpo na parede prateada, e não do jeito que eu imaginava. Ele nem mesmo me tocou. Ele prendeu os braços em cada lado da minha cabeça, olhando para mim. — É hora de parar com essa merda. Você transou com Bane neste fim de semana? — Sua voz era um grunhido indomável. Pisquei inocentemente, molhando meus lábios com minha língua. Saber disso o deixaria louco. Reconhecendo que a necessidade era recíproca. O que quer que fôssemos, éramos tóxicos. Uma canção de ninar em um disco totalmente riscado que continua tocando continuamente na linha que você odeia.

Isso não pode acontecer.

Isso não pode acontecer.

Isso não vai acontecer.

— O que você tem a ver com isso? — Levantei meu queixo.

— É uma pergunta, sim ou não.

Eu examinei seu rosto. A maneira como ele me dispensou no sábado deixou cicatrizes no meu ego e bolhas na minha libido.

A maneira como ele me empurrou em seu carro como se me possuísse.

A maneira como ele minou meus planos como se eles fossem sem sentido.

A maneira como brincávamos com os corpos um do outro como se eles não estivessem conectados às nossas almas.

Meus olhos foram para o numeral digital acima das portas do elevador. Quinze. As portas se abriram e eu fugi sob seu braço, fazendo um caminho mais curto em direção ao seu escritório. Eu podia senti-lo me seguindo pelo calor que emanava de seu corpo. Passamos por Vicious e Dean no corredor. Eles estavam curvados juntos, franzindo a testa sobre um documento.

— Tudo bem? — Trent perguntou, mantendo sua bravata *negócios primeiro*. E talvez realmente não significasse nada para ele. O que éramos. Mas para mim, era tudo. Pelo menos no reino do décimo quinto andar do edifício Oracle.

— Ótimo, onde diabos vocês dois pensam que estão indo? — Dean foi o primeiro a desviar os olhos dos papéis, mordendo o interior da bochecha para abafar um sorriso. Vicious nos ignorou, assim como fazia com a maioria das pessoas. A única vez que eu o vi olhando para alguém — realmente olhando em oposição ao tempo passado — foi quando sua esposa de cabelo lilás e aparência boêmia e filho bonito visitaram o escritório na semana passada. Ele olhou para eles com uma proteção feroz. Como se eles deixassem sua alma faminta e satisfeita ao mesmo tempo. Todo mundo merece ser visto dessa forma.

— Trabalho. — Trent fungou.

Vicious riu, balançando a cabeça, os olhos ainda na página. — Oh, irmão.

— E o que diabos isso quer dizer? — Trent parou, me levando a fazer o mesmo. Os três homens estavam se encarando, e ler nas entrelinhas não demorou muito. Todos eles não gostavam de meu pai e queriam que Trent ficasse o mais longe possível de mim. Com razão. Jordan queimaria todo o chão e varreria o prédio da Terra se eu me metesse com Rexroth do jeito que eu fantasiei há pelo mesmo uma hora, no banheiro feminino. Nenhuma filha dele seria pega brincando com um homem mais velho. Um homem birracial

mais velho, ainda por cima. Um homem mais velho birracial que o desprezava e, provavelmente, estava tentando destroná-lo.

Trent era o único dos quatro que precisava de mim. Para Luna, não para o trabalho. Isso me tornava um problema dos outros por associação, e eu não ficaria surpresa em descobrir que eles queriam me eliminar da equação.

Trent ergueu o queixo e desviou o olhar para mim. — Espere no meu escritório.

Eu ia discutir, mas me ocorreu que ele tinha acabado de me dar a abertura perfeita. Eu corri pelo corredor, contornando as esquinas, e abri a porta dele. Corri para sua mesa com as pernas trêmulas, livrando-me de meus escrúpulos e boas intenções a cada passo que dava, como uma cobra trocando de pele.

Como uma cobra. É quem eu era naquele momento. Uma verdadeira Van Der Zee.

Não me lembro como cheguei à mesa dele, mas me lembro de ter tentado abrir a primeira gaveta. Trancada. A segunda estava trancada também. A percepção de que a sala poderia estar grampeada bateu em mim de uma vez, e minha cabeça se ergueu, meus olhos procurando as câmeras. Fotos abstratas penduradas nas paredes, móveis esparsos e um tapete me encaravam de volta, mas nenhum ponto vermelho piscando em qualquer lugar para ser encontrado. Não que isso significasse que não estavam lá. Meus dedos úmidos faziam marcas em tudo que eu tocava, não importa quantas vezes eu os esfregasse na saia. Mesmo que Trent tivesse instalado câmeras ao redor, era tarde demais para desistir do que eu estava fazendo. Talvez consiga levar o que eu vim fazer aqui. Retomei minha busca tocando um estojo de couro preto embaixo de sua mesa, enfiando minha mão nele. Um aparelho quadrado e frio encontrou minha pele. Peguei, sem tirar meu olhar da porta fechada.

Prêmio.

Seu *iPad* estava na minha mão, uma euforia nauseante tomando conta de mim. Jordan estava na Suíça. Ele não seria capaz de atender a isso até a próxima semana. Tive que fazer um movimento rápido.

Colocando o *iPad* no cós da minha saia *Sensible*, saí da sala, lançando sorrisos educados no meu caminho enquanto me dirigia para o escritório do meu pai. Eu tinha a chave, não porque ele confiasse em mim, mas porque esperava a entrega. A culpa se espalhou dentro de mim como células

cancerígenas raivosas. Minha ação tinha dentes pontiagudos e eles devoraram minha alma. Mas Theo era mais importante do que Trent e, sim, a necessidade de protegê-lo queimava em mim mais forte do que cuidar de Luna.

Entrei no escritório do meu pai, enfiando o *iPad* em uma de suas gavetas e fechando-a. Rapidamente – muito rapidamente – corri de volta para a porta, trancando-a duas vezes atrás de mim e girando a maçaneta para me certificar de que era à prova de violação. Meus olhos estavam tão focados na chave em meu aperto instável, a voz atrás de mim me fez pular e gritar.

— Este não é meu escritório.

— Bom Deus. — Eu me virei, levando a mão ao meu coração. — Você me assustou. Tive que parar no escritório de Jordan para regar suas plantas. — A mentira escorregou tão rápida e facilmente da minha boca que eu queria vomitar do que eu havia me tornado. Fiel às suas raízes holandesas, meu pai gostava muito de flores e tinha uma quantidade absurda de vasos em seu escritório. Trent ia me odiar de verdade, muito em breve, quando percebesse o quanto eu o havia ferrado. Eu não podia deixar seus olhos sugadores de alma e seu corpo galã bagunçarem minha cabeça.

— Jordan? Por que diabos você não está se referindo ao seu pai como *pai*?

Porque ele não é. — Educação europeia — Expliquei, limpando a garganta.

— Europeia, uma ova. Nunca engane um mentiroso, entendeu?

Trent olhou para a esquerda e para a direita, certificando-se de que estávamos sozinhos, antes de agarrar minha mão e me arrastar para uma alcova estreita que separava os banheiros e a sala de descanso. Ele me prendeu na parede novamente, me pressionando. Seu cheiro me atingiu primeiro, drogando meus sentidos, então, o tecido macio de sua camisa roçou meu ombro. Cada músculo do meu corpo ficou tenso enquanto eu tentava fortemente não tremer.

— Vou perguntar pela última vez. Você fodeu ou não fodeu Bane de sábado à noite para cá?

Eu estava indo para o inferno pelo que estava prestes a fazer. Pela crueldade que eu estava despejando de bom grado nesse relacionamento já tóxico. Em minha defesa, eu tinha certeza de que ele só se importava porque era um idiota egomaníaco.

— Transei — Menti, não ousando sorrir. Sorrir era demais, mas ele precisava saber que não era meu dono. Ninguém é. Nem mesmo Jordan. — Como eu disse antes, não recebo ordens suas, Rexroth.

Se eu esperava que ele gritasse, batesse com o punho na parede ou ficasse com muita inveja, estava enganada. Em vez disso, Trent me lançou um sorriso perigoso, se virou e foi embora, deixando-me ali ofegando contra a parede. Minhas coxas apertadas e necessitadas pareciam que tínhamos feito preliminares, mas o buraco no meu peito sugeria que isso era mais do que apenas físico.

Além disso, o que diabos aconteceu?

Capítulo 9



Trent

UMA LADRA É uma mentirosa.

Ela conquistou esses títulos por meio de trabalho árduo e persistência.

A primeira vez que vi Edie Van Der Zee foi em um churrasco quando estávamos comemorando o aniversário de Knight – filho de Dean Cole. Passaram-se poucas semanas antes que ela começasse a trabalhar na Fiscal Heights Holdings, e ela roubou a atenção e os holofotes simplesmente por estar ali, parecendo como era. Como um anjo sujo grunge com grandes olhos oceânicos e cabelos como areia virgem.

A segunda vez que a vi, seu roubo foi literal – ela estava roubando de minha mãe.

Na porra da hora em que a vi hoje, ela estava mentindo na minha cara sobre regar as plantas de Jordan (ele contratou uma florista certificada para isso – ela vinha quatro vezes por semana), sem piscar.

Então, por que diabos fiquei surpreso com a filmagem na minha frente?

Eu estava assistindo à câmera de segurança reproduzindo a mesma imagem de Edie tentando abrir minhas gavetas fechadas e deslizando meu *iPad* em sua saia. De novo. E de novo. E de novo. De novo.

Retrocede. Pausa. Observa. Repete.

Finalmente, recostei-me na cadeira, entrelaçando meus dedos e avaliando a tempestade de merda que ela preparou tão persistentemente para mim.

Não havia nada no *iPad* do qual ela pudesse se beneficiar, a menos que tivesse os interesses e hobbies de uma criança de quatro anos. O *iPad* pertencia a Luna. A única evidência repugnante a que Edie teve acesso foram fotos de animais e alimentos e alguns aplicativos infantis.

Mas por que Edie precisaria do meu *iPad*, em primeiro lugar?

A garota não estava nadando em coisas materialistas. Isso não era uma suposição, mas um fato. A maneira como ela tinha comido no restaurante, como se estivesse provando comida pela primeira vez, foi uma revelação mortal para sua situação. Depois, havia as pequenas coisas que muitas pessoas não teriam notado, mas alguém que costumava ser pobre, sim. Seus sapatos – não os que ela pegava emprestado de sua mãe – eram esfarrapados e gastos. Sua mochila estava costurada, presa por alfinetes de segurança, e não porque parecia legal. Seu carro precisava de um encontro urgente com a oficina. Ela nunca comia fora ou pedia *delivery* para comer com os outros no andar.

Ela precisava de dinheiro.

Ela economizava cada centavo.

Foda-se se eu soubesse por quê.

Foda-se se eu soubesse para quê.

Queria acreditar que ela havia roubado o *iPad* de Luna para que pudesse vendê-lo. Infelizmente (ou felizmente, dependendo de como eu olhava para isso), eu cresci entre ladrões o suficiente para saber que joias e dinheiro eram as únicas coisas nas quais eles estavam realmente interessados. Merda que você poderia penhorar ou queimar. Qualquer outra coisa era... bem, inútil.

O que me deixava com a conclusão inevitável: Jordan Van Der Zee.

Ela odiava o pai, mas isso realmente não significava nada. No final de tudo, a vida não era um jogo de xadrez. A vida era como a porra do jogo *Jenga*. Você tentava voar através dele, esperando que não caísse de forma espetacular e fosse enterrado. Fui o primeiro a reconhecer que às vezes você tinha que fazer coisas com as quais não estava completamente bem para um bem maior. Sempre havia um jogo maior a ser disputado, e o pai de Edie havia claramente cortado o cordão umbilical de seu fluxo de dinheiro.

Ela tinha um segredo. Uma mentira sombria que a jogava fora de seu caminho de ouro. Todo mundo guardava um ou dois segredos clandestinos. Sem exceções. Eu nunca estive interessado em saber o que eles eram antes.

Parte de mim estava grato que Vicious, Jaime e Dean me permitiram me manter em meu silêncio. Eles não me pressionaram para falar merda, o que era uma bênção.

Mas com Edie, eu queria saber. Queria arrancar os segredos dela como um mágico. Para arrancar esse lenço sem fim de sua boca e saber tudo o que havia para saber.

Por que ela precisa de tanto dinheiro? Por que seu pai não dava? O que está por trás de seu asco contra os ricos? Por que ela chama seu pai de Jordan? Por que tenho a sensação de que ela o odeia quase tanto quanto eu? Quem diabos é Bane e como posso fazê-lo desaparecer sem quaisquer consequências graves?

Na verdade, o *iPad* era a última das minhas preocupações.

Edie Van Der Zee me consumia de maneiras que só minha filha fazia, e isso deveria ser o suficiente para eu transferir sua bunda para outro andar, ou melhor ainda, fazer com que ela fosse demitida. Agir com meu desejo por ela era impossível. Mas eu não conseguia me livrar dela também, porque Luna a amava. Porra, Edie a abraçou hoje no semáforo. Aquilo foi enorme. Talvez não para Edie, mas definitivamente para mim. Portanto, decidi ir contra meus instintos, regras e princípios básicos e deixei o incidente do *iPad* passar. Eu ficaria de olho no traseiro de Edie de agora em diante, e não da maneira como eu a estava observando, mas permitiria o benefício da dúvida. Por enquanto.

Por enquanto.

No sábado seguinte, Camila perguntou se ela poderia levar Luna ao zoológico e eu agarrei a oportunidade de ter um tempo para mim. Mesmo que meus pais tenham levado uma grande parte da carga de pai, e Camila fizesse um pouco do trabalho pesado, era eu quem tinha que lidar com as emergências reais. Como levar Luna ao pediatra quando uma erupção cutânea estourou por todo o corpo, ou quando ela foi picada por uma abelha, ou quando ela teve uma porra de um colapso no meio da *Target* e chorou no chão por vinte minutos seguidos porque um idiota bateu no cachorro dele na frente dela no estacionamento e seu coração se partiu junto com a pata traseira do cachorro.

Passei minha manhã treinando com os caras. Todas as esposas decidiram levar os filhos para tomar sorvete. Fiquei meio aliviado por Luna estar com Camila, porque sabia que Emilia iria pedir para levá-la com eles, e

Luna não gostava muito de sair com os filhos dos meus amigos. Knight a protegia furiosamente toda vez que alguém zombava dela – ele era um ano mais novo, mas agia como um irmão mais velho sempre que estavam juntos – mas Daria a olhava com cautela e confusão.

— Então, cresceu um hímen em seu pau, ou algo parecido? — Dean grunhiu, curvando seus bíceps com um haltere de dezoito quilos em cada mão na frente do espelho no ginásio do meu prédio. Cada um desses desgraçados tinha sua própria academia pessoal em casa, mas eles sempre acabavam ficando aqui, porque gostavam da música, da companhia e de tirar sarro dos idiotas locais.

Jaime deu um tapa na nuca de Dean. — Hora de calar a boca. Deixe o homem viver sua vida da maneira que quiser. Você nunca teve que lidar com algo assim.

— Isso mesmo. — Dean cerrou os dentes, lançando um olhar sujo a Jaime. — Não tenho que lidar com nenhuma merda ruim. Certo, Cara?

Vicious estava perto de revirar os olhos, e o filho da puta nunca mostrava exasperação, mesmo nos momentos mais difíceis. Ele terminou sua série de elevações, saltou da barra e se aproximou de nós, apertando sua garrafa d'água no rosto e abrindo a boca para beber um pouco.

— Essa conversa é tão inútil quanto uma garota sem seios. O filho da puta provavelmente vê mais boceta do que o ginecologista da sua esposa. — Vicious apontou para Jaime com sua garrafa, seu cabelo preto pingando suor e água. — E mesmo que ele ficasse celibatário por um tempo – o que eu não acho nem por um segundo –, ele está prestes a foder a pequena Senhorita Chave-de-Cadeia.

— Edie Van Der Zee — Jaime falou, movendo-se até sua bancada e pegando seu *shake* de proteína. — Sem chance no inferno. Até ela começar a trabalhar para nós, eu costumava vê-la todas as manhãs enquanto corria na praia. Ela surfava com seu namorado loiro, muito nu e muito tatuado. Ela tinha corações em seus olhos quando ele entregava suas cervejas às sete da manhã e segurava sua bunda como se fosse seu amado primogênito. Aparentemente, é isso que as crianças legais fazem hoje em dia. Surf bêbado. — Ele riu, balançando a cabeça. Eu o encarei sem responder, porque a única resposta que eu poderia pensar seria no meu punho. Bane parecia adequado *pra* caralho. Ele estava rapidamente se tornando a ruína da minha existência. Eu nem tinha certeza do porquê me importava. Não estava com ciúmes. Sem

chance. Ela era uma adolescente, pelo amor de Deus. Talvez assim seja cuidar de alguém. Bane parecia um problema, enquanto ela simplesmente parecia problemática. Havia uma diferença. Enorme.

Problemática poderia ser abandonada, perdoada e redimida.

A questão era nos braços nos quais a Problemática morreria sem pressa, uma morte crua.

Ele deu drogas a ela. Ele deu bebida a ela. Queria fazer sexo selvagem com ela. Em suma, ele fez exatamente o que eu teria feito se tivesse dezoito anos novamente.

— Você está tremendo — Dean notou vagamente, movendo-se até mim e tirando os dois halteres que usava para meu ombro. Eles ficaram suspensos no ar por longos segundos enquanto eu contemplava todas as maneiras de quebrar os dentes de Jaime para que ele não me contasse merdas como essa de novo.

— Enfim, então, sim, você está saindo com alguém, ou o quê, Trent?
— Jaime perguntou, terminando seu *shake* de proteína com um gole.

Eu balancei minha cabeça.

— Por que não? — Dean perguntou.

— Porque é complicado. Porque não acho que haja uma mulher lá fora que possa realmente entender a situação de Luna. Porque estou ocupado com o trabalho.

Porque o mais longe que já fui com uma mulher, emocionalmente ou não, foi com Val, com quem fiz uma criança, e ela fodeu com tudo, e estou tentando encontrá-la, e está se tornando cada vez mais difícil não afundar sob o peso de pena e expectativa. E às vezes, à noite, quando fico acordado, revirando-me na cama, digo a mim mesmo que a turbulência, os problemas, a falta de palavras de Luna são tudo culpa dela e espero que ela esteja morta.

— Luna parece ter gostado de Edie. Eu continuo vendo-as saindo juntas. — Dean caminhou até o banco ao meu lado, e agora estávamos todos de pé ou sentados em um círculo, suados e exaustos e prontos para enfrentar o dia. Tirei a toalha do meu banco e esfreguei no rosto.

— E?

— Então, é por isso que você a está mantendo? Jesus, cara, arrancar palavras de você é como fazer uma extração dentária em um hipopótamo. Fala.

Todos eles riram e olharam para mim, esperando por uma resposta. Eu dei de ombros, me levantando. — Acho que sim. Ela é inofensiva. Apenas uma criança. E Luna gosta dela. Não me pergunte por quê. Então, as deixo sair quando Camila está assistindo.

— Talvez ela possa cuidar de Luna enquanto você sai em encontros. Ela parece estar sem dinheiro por algum motivo — Dean, sempre muito perspicaz, sugeriu.

— Pode ser. Se eu estivesse namorando. O que eu não estou.

— O que você vai — Corrigiu Jaime, arrotando alto. — Mel tem uma amiga de seu estúdio de dança. Ela dá aulas de balé. Linda, inteligente, divorciada com um filho.

Aqui vamos nós novamente. Desde que me tornei um pai solteiro, as pessoas tentaram jogar divorciadas com filhos em mim como contas no Mardi Gras.

— Pais solteiros não são uma porra de um culto — Cerrei os dentes, acrescentando —, e é um não.

— Não acho que Mel pediu sua permissão, mano. Ela está apenas esperando Katie retornar a ela sobre seu horário de aula para ver quando ela estará disponível.

Uma emboscada. Perfeito.

A última coisa que eu disse a eles antes de voltar para minha cobertura para um banho e uma longa tarde assistindo a filmes de merda e folheando as páginas de todos os relatórios inúteis que Amanda me deu ao longo dos anos foi: — Não estou interessado em namoro.

Mas, é claro, as esposas dos meus amigos eram muito mais teimosas do que eles.

E muito mais determinadas do que eu.

Capítulo 10



Edie

— VOCÊ SABE O quanto eu quero ver você, mas não no sábado. Eu gostaria que você me deixasse ir ver você em sua casa. Sua mãe não pode ser tão ruim, e eu sinto falta... de nós — Eu disse a Bane no telefone no trabalho. Ele era a única pessoa a me ouvir. A única pessoa que se importava. Mamãe estava muito fora de si ultimamente para fazer muito mais do que ficar na cama assistindo TV.

— *Basta dizer que você sente falta do meu pau e vamos encerrar o dia. É um encontro.* — Eu podia ouvir as ondas quebrando na costa atrás de Bane. Ele estava ensinando no clube de surf novamente. O ciúme arrepiou minha nuca.

— Não quis dizer aquilo. — Revirei meus olhos. — Falei como amigo.

— *Sim. Tanto faz. Estou aqui se você precisar de mim. Seja forte contra o papai Lunático.*

Meu pai tinha voltado da Suíça todo sorrisos, o que significava que essa amante em particular era para se manter. Ele nem parecia muito incomodado com o fato de que o *iPad* que roubei de Trent não estava conectado a nenhuma de suas contas e era totalmente inútil. Ele apenas me deu outra tarefa, disparando ordens e não perdendo um minuto sequer para me perguntar como foi meu encontro com Theo naquele sábado. Ou como mamãe estava. Ou se eu a tinha levado ao médico porque seus remédios a estavam bagunçando novamente.

Bane zombou. — *Foda-se Jordan. Continue fazendo isso, Edie,*

tentando segurar o universo inteiro em seus ombros e correr com ele para o porto seguro mais próximo. Você não pode. É muito pesado. Você entrará em colapso. Já tentou ver o que vai acontecer se você deixar para lá?

— Não. — Esfreguei meu rosto com cansaço. — Nunca vou deixar para lá.

— *Bem, então você nunca será livre. Não este ano, não no próximo ano, nunca, porra.*

A verdade me atingiu em um lugar sensível, bem entre meu intestino e meu coração. Bane estava certo. Minha situação era desesperadora.

Na noite anterior, tinha chorado no meu travesseiro até que a marca do meu rosto se fixou nele. Não vou mentir, foi bom. Tentei me lembrar de que quebrar era necessário para se reconstruir. O único problema era que eu não tinha ideia por onde começar e como sair dessa situação.

— *Conversamos mais tarde, Gidget.*

— Ok.

Ele desligou primeiro. Bane não precisava ver minhas lágrimas para saber que eu estava emaranhada em fios sufocantes de angústia, mas ele não me convidou para iniciar o sexo. Ele devia tê-lo feito. Eu teria dormido com ele apenas com o propósito de irritar Rexroth, mesmo que apenas em minha cabeça torcida.

E agora, eu estava no escritório, no décimo quinto andar, às oito da noite, prestes a fazer algo que sempre considere um limite muito rígido.

Invasão e roubo. Seria presa se algum dia fosse pega.

Todo mundo se foi. Era segunda-feira, uma daquelas noites de verão em que o mundo inteiro desabou de felicidade, tirando férias ou bebendo na praia. Eu aproveitei o silêncio, e o fato do dia seguinte ser uma terça, e terças significavam tempo com minhas preciosas Camila e Luna. O fato de pular todo o trabalho sujo que normalmente tinha que fazer no escritório não doía.

Ficar em frente à porta de Trent era como enfrentar um pelotão de fuzilamento que apontava direto para minha consciência. Eu estava ficando sem maneiras de justificar meu comportamento, até para mim mesma.

Tentei argumentar comigo mesma que não estava realmente arruinando a vida de Trent. Não ativamente, pelo menos. Qual era a pior coisa que poderia acontecer? Meu pai pode conseguir expulsá-lo do conselho da Fiscal Heights Holdings. Rexroth ainda teria ações da empresa. Ele ainda seria um milionário e teria seu precioso dinheiro. Ele provavelmente seria

cortejado por outras empresas. Então, eu estaria fazendo um favor a ele. Ele obviamente tinha suas prioridades erradas. Ele passaria mais tempo com Luna. Ele deveria lutar por ela, não com seu dinheiro, babás e uma equipe de especialistas, mas com seu amor.

Puxei meu moletom idiota e fora do lugar, inalando.

Pegue o pen drive. Eu posso fazer isso.

Alguém estava passando o aspirador na sala acarpetada da diretoria enquanto falava alto ao telefone em uma língua estrangeira. Ele era a única pessoa no andar e nunca me notaria. Eu estava longe demais. Muito escondida. Muito cuidadosa.

O escritório de Trent nunca era trancado. Paranoia e ansiedade não o impulsionavam como faziam com meu pai. Mas isso não significava que a recepção em frente ao seu escritório não estava conectada como o maldito Pentágono. Coloquei meu moletom preto e uma calça jeans no banheiro, sabendo que ele poderia facilmente me localizar na câmera de segurança e também sabendo que eu negaria tudo que ele me acusaria. Por tudo que todos na pista sabiam, eu cheguei naquele dia com um vestido *DKNY* azul-claro. Trent poderia dizer o que quisesse – a filmagem de segurança mostraria alguém que não se parecia em nada comigo.

Com a cabeça abaixada, o capuz cobrindo meu cabelo e rosto, empurrei a porta de seu escritório abrindo de uma vez, pronta para correr para sua mesa.

Em seguida, congelei, o coração martelando na garganta.

O som veio até mim antes do visual. O tilintar seco de pulseiras batendo umas nas outras e batendo na pele.

Então, veio a visão que derreteu meus joelhos em geleia.

Uma mulher, curvada sobre a mesa de Trent, seu cabelo escarlate espalhado sobre os ombros como fogo, uma bochecha pressionada contra uma pilha robusta de documentos. Ele estava de pé atrás dela, totalmente vestido, batendo nela enquanto apertava sua nuca como tinha feito comigo no dia em que me escoltou até meu carro depois que me pegou furtando. Como um animal.

Eu queria me mover. Sabia que precisava, rápido. Mas estava oprimida por tudo – eu sendo pega, eles sendo pegos, e a percepção de que estava prestes a pegar fogo de ciúme. Eu estava colada no meu lugar, incapaz de desviar os olhos da cena à minha frente. Eu não precisava me anunciar. Eu

estava bem na frente deles, segurando a maçaneta com meu aperto, a boca comicamente aberta. Meu coração saltou de paraquedas, fazendo meu estômago rolar de agonia e emoção.

Os olhos de Trent travaram nos meus, seus quadris rolando para frente enquanto ele me mostrava como ele fodia. Enfiando, movendo-se, exigindo. Ele torceu as mechas de cabelo dela cor de vinho entre seus dedos fortes e longos. E me observou. Assisti como se fosse eu me curvando para ele, levando-o para dentro. Eu retornei seu olhar.

— Van Der Zee, você chegou bem a tempo para o show das oito. — Seu tom indiferente era um contraste com o ato selvagem que ele estava realizando para seu público. Eu. — Sei o que você está procurando e está no meu bolso. Para o sábio, este jogo é jogado por dois. Se eu terminar antes de você sumir, vou persegui-la. E eu vou te pegar. O que significa que você vai cantar para mim, Edie. Você vai me dizer exatamente qual é a fixação de seu pai por mim. Então, *saia*.

Esta era a parte em que qualquer garota sã correria para salvar sua vida. Siga seu conselho, dê meia-volta e fuja. Mas eu estava aceitando o fato de que talvez eu não fosse completamente sã e que, inevitavelmente, não era uma garota inteligente no que se referia a Trent Rexroth. Baixei meus olhos, examinando a mulher. Seus olhos arregalados me disseram que ser pega não era sua perversão, e, ainda assim, ela continuou se esfregando contra ele. Horror e constrangimento vazaram de suas feições. Ela olhou para mim como se me conhecesse. Como se me reconhecesse. Mas aquilo não poderia ser verdade. A ruiva parecia ser mais velha do que Trent, o que colocava um espinho em meu estômago, torcendo dolorosamente. Se mais velhas eram seu sabor favorito, ele não tinha nada para ver em mim.

Não que eu o queira, de qualquer maneira.

Meu olhar voltou para Trent. Seus olhos me alimentaram com mentiras em que fui tentada a acreditar, até mesmo dele. Eles me disseram que eu era a semente da qual tudo que era belo crescia neste mundo. Que eu era ar, água e arte. Que eu era a mulher com quem ele queria dormir. Eles estavam nus de tudo com que a vida o tinha manchado e enviava arrepios pela minha pele.

O ciúme. O insuportável monstro verde parecia estar sugando a lógica em mim. Eu precisava reagir, mesmo que não tivesse como explicar o que estava fazendo lá, em primeiro lugar.

— Você queria que eu te pegasse — Disse baixinho, minha voz mal tremendo. Ele ainda estava tentando, uma de suas mãos cavando na carne de sua cintura enquanto ele enfiava com tanta força na mulher que a pesada mesa de carvalho se movia e raspava ao longo do piso de granito. Ela fechou os olhos e gemeu. Ele não me deu uma resposta. — Você está distorcendo o nosso jogo — Acrescentei, meu aperto na porta relaxando. Eu ainda estava em guarda, mas minha indiferença de faz de conta chegou, me dando coragem.

— Estou tornando isso interessante.

— Você está trapaceando — Disse. Eu não sei por quê. Talvez porque estupidamente parecesse. Como se ele fosse meu de alguma forma, embora eu não tivesse razão para acreditar nisso.

— Você trapaceou primeiro.

— Como?

— Com o Loiro.

— O Loiro é apenas um amigo.

— Sim, bem, Sonya é apenas uma foda.

Engoli, meus olhos disparando para a mulher na mesa. Ela parecia louca demais para se preocupar mais com a troca, e eu brevemente me perguntei se essa era a sensação de ser uma adulta ‘decente’. Meu pai era indiferente. Trent era indiferente. Seus amigos eram. Todos neste andar eram. E a única pessoa que se importava com o amor — minha mãe — perdera a cabeça no processo.

O decote da amante de Trent estava exposto, a metade superior de seu vestido conservador azul-marinho desabotoado e ela gemia bem alto, seus olhos revirando nas órbitas, não havia dúvida de que a objetificação era mútua entre os dois.

Te odeio, murmurei, sentindo minha mão suada escorregar da maçaneta. Foi dirigido a ambos. Eu não estava contando com Trent me ouvir. Foi mais uma declaração privada. Então, novamente, esqueci que Trent morava com uma pessoa que o fazia procurar palavras e implorar por sons.

— Ótimo. — Ele sorriu, erguendo o queixo. — Porque o sentimento é mútuo. Você vai cair, querida. De joelhos, e de outra forma.

— Isso não é jeito de falar com uma criança, Rexroth — Provoquei, lançando-lhe um sorriso que combinava com o seu. Virei-me e fui embora, sem me preocupar em fechar a porta. Acreditei nele quando ele disse que

sabia por que vim. Eu também sabia que Sonya era sua resposta para mim, dizendo a ele que dormi com Bane. Ela não fazia parte da nossa equação. Em sua mente, ele estava acertando o placar.

Cheguei ao meu carro no estacionamento, esperando que ele me seguisse, me girasse, me parasse. É por isso que o único homem constante em minha vida era conhecido. Puxando meus braços e certificando-me de que ouvia e obedecia. Mas Trent era a antítese de Jordan. Ele gostava de me provocar, mas nunca realmente me deixava cair. Liguei meu carro velho tossindo, olhando ao redor do estacionamento escuro, engolindo meu pulso errático e o cheiro de borracha queimada e combustível. Nada aconteceu. Eu estava sozinha.

Dirigindo para casa, minha mente não estava na estrada. De alguma forma, consegui voltar inteira e preparei o jantar para minha mãe. Ela estava sempre cuidando de seu peso, então, optei por quinoa com vegetais e um hambúrguer de tofu que tirei do pacote e joguei no forno. Eu o trouxe para a cama dela em uma bandeja e sentei na beirada, oferecendo a ela minha ideia de um sorriso, considerando minha noite maluca. Seus olhos estavam fundos, assim como suas bochechas. Minha mãe fora uma concorrente à Miss América certa vez. Ela ainda era bonita, mas de uma forma triste e murcha. Uma flor na areia, sem água, ar ou raízes. Ela nunca pediu a Jordan nada além de amá-la.

Mas ele não conseguia nem fazer isso.

— Você jantou, querida? — Ela farejou a comida, como se eu fosse envenená-la ou algo assim.

— Sim — Menti. Talvez não fosse uma mentira. Eu tinha acabado de comer uma grande fatia de torta, servida pelo meu próprio cavaleiro das trevas. Ele me mostrou o que ele pode fazer com o corpo de uma mulher, e eu queria continuar assistindo, mesmo que aquilo me deixasse doente. Um nó forte apertou minha garganta com a memória de Trent fazendo sexo com uma mulher que não era eu. Não apenas parecia ruim, mas também, estranhamente bom.

Qualquer coisa que possa te deixar louca não pode ser tão ruim, certo? Até ciúme. Até ódio. Até Trent Rexroth.

— Isso é bom. Tem notícias do papai? — Seu sorriso cansado não iluminou seu rosto. Meu pai me perguntou sobre Rexroth, minha mãe me perguntou sobre meu pai e ninguém me perguntou sobre mim. Ou Theo. Ou

surfar. Eu empurrei meu lábio inferior para fora, alisando sua roupa com a palma da mão aberta.

— Você sabe como ele fica com a diferença de fuso horário e tudo.

Eu não tinha ideia de onde meu pai estava, mas não o estava protegendo. Estava protegendo minha mãe. Embora eu realmente desejasse que ela se divorciasse dele e me poupasse de participar dessa charada. De acordo com as leis da Califórnia, ela tinha direito a cinquenta por cento de tudo o que ele tinha. Ela nem precisava de cinco por cento para manter um estilo de vida luxuoso. Eu iria convencê-la a fazer isso um dia, apenas se livrar dele. Mas ela precisava melhorar primeiro, e eu não tinha certeza se ela queria.

Uma parte de mim suspeitava que seu desamparo era uma armadilha. Meu pai não podia descartar minha mãe como fazia com suas amantes já que ela estava em um estado tão frágil. Era o beijo da morte em sua carreira por dois motivos: *o* tornava ruim de se sentir empatia — o que ele era — e *a* tornava uma bomba-relógio capaz de revelar todos os segredos sujos dele.

Mamãe se esparramou na cama e piscou para a TV plana à sua frente. Ela estava assistindo a uma novela sem realmente prestar atenção. O show passava no modo mudo e me fez pensar nos Rexroths.

— Acho que todos devemos sair de férias quando ele voltar — Declarou ela, puxando seus cabelos loiros como se quisesse se livrar deles. Levantei a mão e a impedi de puxar o cabelo, com medo de que ela fosse arrancá-lo.

— Claro, mãe. Claro.

A última vez que nós três saímos de férias foi há oito anos. Jordan escapuliu uma das noites para dormir com uma das meninas hula. Mamãe teve um ataque de claustrofobia na sauna — provavelmente como resultado do desaparecimento dele — e foi levada às pressas para o hospital. Desnecessário dizer que aquilo dificilmente me deixou desejando mais tempo com a família.

— Você está pensando em alguma coisa, Edie? Você parece quieta. — Mamãe pausou a TV e segurou minha bochecha, franzindo a testa. Seu quarto era enorme e branco. Aquilo me sufocava, cheio de ar parado por ela ficar sentada nele o dia todo e rançoso com seu perfume *Chanel*. Gostaria de poder contar a ela. Sobre Trent. Sobre Theo. Sobre Bane. Sobre Sonya. Gostaria de poder contar a ela sobre Jordan e o que ele me chantageou para fazer. Gostaria de ser a filha no nosso relacionamento, apenas por uma vez, e surtar.

Em vez disso, revirei os olhos, dando tapinhas em seu joelho coberto.

— Estou bem. Totalmente bem. Ei, precisamos levá-la ao médico amanhã às nove e meia. Você estará pronta ou precisa que eu te acorde? Eu estava pensando em pegar algumas ondas antes.

— Com certeza. Estarei pronta. Dr. Fox, certo?

— Não. — Eu torci meu nariz, dando a ela um olhar engraçado. Dr. Fox era seu cirurgião plástico. — Dr. Knaus. — Ela pensou que iria receber *Botox*? E que eu tiraria um dia de folga do trabalho para levá-la até lá?

— Oh, *ele*. — Ela franziu os lábios, revirando os olhos para o teto. — Eu acho que eu deveria simplesmente parar com as pílulas, para ser honesta. Li um artigo, Edie. Diz que elas realmente bagunçam sua cabeça. Essas pílulas psiquiátricas fazem você sentir como se um peso fosse tirado de seus ombros e você se vicia nisso, e nelas, e nunca para. Um ciclo vicioso. Não preciso delas.

Mas você precisa mesmo.

— Escute, mãe...

— Sim, *mãe*. Sou sua mãe — Ela me lembrou, puxando seu cabelo novamente, como se fosse um tique nervoso. — A adulta responsável nesta situação. E não quero mais tomar os comprimidos.

— Mas...

— Sem mas.

— Você precisa deles, mãe. Não estou dizendo para sempre, mas você tem que fazer uma verificação e cuidar dessa... situação. Por favor, vamos ao Dr. Knaus. Ele tem lidado com problemas como o seu há anos. Ele saberá o que fazer.

— É por isso que ele me deu os remédios errados?

— É tudo tentativa e erro com essas coisas. É difícil encontrar o equilíbrio certo, mas quando ele encontrar...

— Edie Van Der Zee. — Sua voz se transformou em aço em um segundo, seu tom como uma chicotada na minha pele. Meus ombros cederam. *Inacessível*. Ela sempre viveu atrás de uma tela que eu não sabia como ultrapassar. — Chega com isso. Entendo que você está desesperada para surfar, e me levar ao médico é a desculpa perfeita para deixar o trabalho por algumas horas, mas você precisa respeitar minha decisão sobre isso. É meu corpo. Tenho planos a fazer e quero sair de férias em família, que pretendo começar a planejar amanhã de manhã. Os comprimidos estão me

fazendo ganhar peso. É um efeito colateral comprovado. Eles me deixam cansada o tempo todo. Tenho uma infecção na bexiga por causa deles. De novo. Estou lhe dizendo, é melhor fazer ioga e beber aquele chá de ervas que seu pai me faz todas as noites quando ele está em casa.

Por um momento, eu apenas pisquei. Ela achou que eu estava brava porque queria surfar amanhã. Pensei que ela era uma ferramenta, um peão, um pequeno pedaço de um plano maior. Claramente, ela viveu com meu pai por muito tempo. Levantei-me da cama dela, passando os dedos pelo meu cabelo comprido e indomável.

— Se você precisar de alguma coisa, sabe onde me encontrar — Murmurei.

Ela me deu um leve aceno de cabeça, pressionando o botão *play* no controle remoto, seus olhos mudando para sua novela. — O mesmo vale para você, querida.

Saí do quarto dela tentando pensar na última vez que mamãe me ajudou com alguma coisa e não consegui pensar em nada.

Uma sensação estranha me envolveu. Como se tudo estivesse indo para uma merda e eu não tivesse como parar. Eu peguei Trent fazendo sexo com outra mulher – *uma mulher*, Deus, ela parecia ter trinta e muitos anos – e minha mãe estava começando a se deteriorar, ficando cada vez mais longe da sanidade bem diante dos meus olhos.

Enfiei meu celular no meu *JanSport*, peguei minhas chaves e prancha de surf e fui para a praia no meio da noite, sem me importar o quão estúpido e perigoso era.

Tudo parecia sem sentido.

Tudo, menos o oceano.

Capítulo 11



CARDIO. EU PRECISO trabalhar nisso.

Pelo menos, era isso que tentava dizer a mim mesmo enquanto tinha minha bunda patética em short de corrida, uma camisa cinza justa e meus tênis *Prada*. Eu já tinha feito muito levantamento de peso recentemente. Era hora de fazer aeróbica.

Quase acreditei em mim mesmo, exceto pelo fato de que estava parado em uma praia às seis da manhã, olhando para os jovens surfistas remando no oceano, em busca de uma juba loira.

Você é maluco e está indo longe demais.

Comecei a correr, olhando por cima do ombro para as águas turbulentas de vez em quando. Ela não estava lá. Repassei a noite passada em minha cabeça, tentando ver em seus olhos. Sonya apareceu com brochuras de linguagem de sinais. Ela me elogiou por fazer um esforço para tentar me comunicar com Luna e passou por todas as aulas nas redondezas e o que elas tinham a oferecer. Estávamos estritamente no modo de negócios. Na verdade, eu não a comia há um bom tempo. Preocupado com trabalho e merda. Então, Sonya disse que estava com sede e Rina não estava mais no escritório, fui fazer um café para nós. No corredor, vi Edie. Ela estava encostada na parede, de costas para mim, falando ao telefone. Diminuí a velocidade, não parei – eu não era um idiota do caralho, não importa o quanto me sentisse como um perto dela – e sua conversa vazou para meus ouvidos.

— Não, Bane. Eu não posso. Sei que você tem boas intenções, mas... não.

Eu esperava que ele estivesse oferecendo seu pau a ela. Esperava que ela recusasse. Esperava que fosse o fim deles como casal.

— Você sabe o quanto eu quero te ver, mas não no sábado. Gostaria que você me deixasse ir ver você em sua casa. Sua mãe não pode ser tão ruim, e eu sinto falta... de nós.

Ela sentia falta dele.

Ela sentia falta *deles*.

Eu me virei na outra direção, sem me preocupar em ouvir o resto.

O café que dei a Sonya estava horrível.

— Tem certeza que colocou duas colheres de açúcar? — Ela torceu os lábios em desaprovação, os olhos ainda nos folhetos que ela estava separando.

Eu não tinha respondido a ela. Simplesmente levantei uma perna sob a mesa e pressionei a ponta do meu sapato entre suas coxas, separando-as. Ela olhou para cima por um segundo, sua carranca se transformando em um sorriso. Meu escritório era o único sem paredes de vidro — eu tinha uma janela do chão ao teto, estava escuro lá fora e as cortinas estavam fechadas. Eu era o único entre meus amigos que não gostava de público. Irônico, já que era o cara que mais chamava a atenção.

— Curve-se sobre minha mesa — Falei, meus olhos e tom taciturnos.

— Ainda não concordamos com um curso de língua de sinais. — Ela apontou para os folhetos espalhados pela minha mesa com um sorriso animado. — A propósito, estou tão feliz que você decidiu iniciar algo assim. É absolutamente...

Não havia falado com ela. Eu não tinha iniciado merda nenhuma. Foi ideia de Edie, e era boa, então aceitei. Agora, ela me deu uma má ideia — transar com outra pessoa para fazê-la desaparecer da minha mente — e eu faria isso também.

— Eu escolho este. — Eu peguei um folheto aleatório e o coloquei nas mãos de Sonya, recostando-me e arrastando meu pé até sua virilha, esfregando seu centro. Seu vestido azul-marinho estava virado para cima, acomodando meu sapato *Derby*. — Agora se incline.

Ela colocou o folheto em sua bolsa de ombro no chão e se levantou, caminhando até mim. Ela pousou a bunda no meu joelho e pôs os braços em

volta do meu pescoço, inclinando-se para um beijo. Mas beijar não estava no esquema. Além disso, nunca fui muito fã de beijos. Eu fodia. Sujo, duro, cru, sempre. Doloroso, às vezes. Beijar era revelar algo pessoal. E essa era uma cortesia que eu não podia pagar.

— Não, ninguém nunca disse nada sobre preliminares. Você vem a mim, você sabe o que há no cardápio. O que você está com vontade hoje? — Sonya gostava da minha boca suja, embora muitas vezes me implorasse para parar de usá-la quando minha filha estava por perto. Eu sabia que não estava ferindo seus sentimentos. Estávamos no mesmo lugar na vida. O lugar onde não tínhamos tempo nem nada para oferecer a um parceiro. Queríamos apenas nos concentrar em nossas carreiras, filhos e em sobreviver a essa tempestade de merda chamada vida. Nunca perguntei a ela nada sobre seu filho ou o pai de Roman. Não me importava.

— Eu fico com a porra suja, por favor. — Ela sorriu, levantando-se. Eu me pus atrás dela. Levantei sua saia.

Arranhe essa coceira.

Raspe com as unhas.

Até sangrar.

Bati nela, e ela estava encharcada, pronta, e *errada*. O preservativo deslizava para dentro e para fora sem esforço. Minha mente vagou. Apertei sua nuca e observei seu cabelo vermelho-rubi em seus ombros.

Não é o cabelo certo.

Não é a mulher certa.

Não está certo em porra nenhuma.

Então, Edie entrou, parecendo dividida e culpada. Parecendo que ela ia tentar me foder de novo. Se eu tivesse alguma dúvida em minha mente para o que ela estava lá, aquilo evaporou assim que seus olhos se encontraram com os meus quando a bunda de Sonya estava no ar, comigo batendo nela, fazendo-a bater com mais força na minha mesa.

Eu grunhi, fechando meus olhos com força. Quando os abri, estava de novo na praia. Corri os cinco quilômetros da praia de Tobago até o recife Morello. Eu nem ofeguei.

Fiz meia-volta e corri todo o caminho de volta para o meu prédio, sem perder o batimento cardíaco.

Acontece que eu não precisava de cárdio.

Precisava coçar essa coceira até sangrar até a morte.

Na maioria das vezes, eu gostava das esposas dos meus amigos. Eram mulheres simpáticas e elegantes. A Millie do Vicious era a que eu mais gostava, porque ela nunca enfiava o nariz muito fundo na minha merda. Rosie, sua irmã e esposa de Dean, também era ótima. Ela enfiava o nariz na minha merda – ela era apenas esse tipo de extrovertida que sempre precisava saber e falar sobre tudo e todos – mas ela sempre respeitou minhas decisões. A Mel de Jaime era outra história.

Porque Mel tinha ideias.

A mais recente, desde que todos nós nos mudamos de volta para Todos Santos, era encontrar uma esposa para mim. Caralhos sabem de onde ela tirou a noção de que eu precisava de uma. Como eu disse antes, aos trinta e três anos, nunca tive uma namorada. Nem mesmo uma aventura de um mês. Cresci em um lar pobre com pais que tinham um amor rico. O tipo de amor que atrapalha o preconceito e as expectativas sociais. Nunca conheci uma mulher que me deixasse tão louco como Trish Schmidt deixou Darius Rexroth. Nunca quis trabalhar em três empregos só para poder comprar um anel de noivado para alguém. Nunca quis pedir a alguém em casamento em uma viagem de barco, embora tivesse tendências para o enjoo, porque esse era o sonho dela.

As pessoas pensam que os filhos que são produtos de um divórcio estragaram os relacionamentos. Elas estão erradas. Pessoas que são o produto de lares desfeitos tentam muito não repetir os erros de seus pais, porque conhecem a miséria de uma casa sem amor.

Pessoas como eu, pessoas que viram seus pais dando beijos sorrateiros no parque e rindo sob o sol quando nem sabiam como pagar a próxima conta de luz ou meus livros didáticos para o próximo ano, eram os bastardos. Eu tinha grandes expectativas e, até agora, não tinha conhecido uma mulher que fosse candidata a atendê-las.

O problema era que eu não precisava de ninguém para conhecê-las. Neste ponto, com minha bagagem, eu precisava de alguém para *esmagá-las*.

Razão pela qual eu sabia que Katie e eu iríamos falhar em nosso encontro esta noite.

Concordei em sair com Katie por motivos egoístas. Eu pensei que indo e não falando uma palavra com ela, e sendo um completo idiota, Mel finalmente desistiria de tentar me arrumar com suas amigas. Katie foi o primeiro encontro com o qual concordei e, se as coisas corressem de acordo com meu plano, também seria o meu último.

Camila tinha as noites de sexta de folga. Não era negociável. Essas eram as noites dela com o neto. Então, eu precisava de uma babá.

Essa era a única razão pela qual eu parei em sua mesa na primeira hora da manhã.

A cabeça de Edie estava inclinada e ela digitava algo em seu laptop, franzindo a testa. Seus dentes rolavam um lápis para frente e para trás em sua boca, e tentei não prestar atenção. Coloquei meu *Starbucks* em sua mesa e estalei meus dedos na frente de seu rosto. Ela olhou para cima lentamente, arqueando uma sobrancelha questionadora.

— Ei — Eu disse. *Ei*. Nunca cumprimentei ninguém assim. Não um colega de trabalho, de qualquer maneira. Eu geralmente vou direto ao ponto. Ela não respondeu, mas pelo menos parecia calma. Eu não tinha certeza por que esperava que ela não estivesse. E daí se ela quisesse me foder? Ela era uma adolescente. Ela gostaria de foder qualquer tipo alto, moreno e bonito que não cheirasse a vômito. E não vamos esquecer que ela não estava exatamente em posição de me irritar. Eu sabia por que ela tinha entrado em meu escritório. Meu *pen drive* guardava todos os arquivos e planilhas de minhas conexões e empresas. Eu tinha grandes planos para minha carreira, e o pai dela não fazia parte deles. Como ele conseguiu que ela o ajudasse, não tinha certeza, mas o que eu sabia era que Edie Van Der Zee não era do #TeamRexroth e, portanto, deveria ser vista com suspeita.

— Você vai dizer por que veio ou apenas esperar até que seus amigos te busquem aqui para almoçar? — Ela perguntou, cruzando os braços sobre o peito.

— Preciso de uma babá para esta noite. — Ignorei seu sarcasmo. Estava abaixo de mim.

— Por quê?

— Vou sair.

— Com quem?

— Não é da sua conta.

— *Au contraire*, Sr. Rexroth. Se você se sente confortável o suficiente

para me dizer com quem devo ou não transar, acho que pelo menos me deve isso.

Eu bati minha mão em sua mesa e me inclinei, mostrando meus dentes.

— Primeiro de tudo, abaixe sua voz antes que eu realmente vire minha merda. Alerta de *spoiler*: não vai ser bonito. Em segundo lugar, errado de novo. Eu nunca disse com quem você não *deveria* transar. Eu disse que você *não pode* transar com ninguém. Preste atenção, querida. Essa é a segunda lição em que você está falhando.

Ela jogou a cabeça para trás e riu, mostrando-me seus dentes brancos tortos na frente. Eles eram lindos. Ela também, e não adiantava negar. Endireitei minha postura, ignorando minha mandíbula cerrada.

— Amo seus padrões duplos. Especialmente depois de ontem. Alguém já disse que você é engraçado?

— Não — Resmunguei.

— Isso é porque você não é. O que você é, é seriamente irritante.

Isso estava ficando fora de controle, e rápido. Soltei um leve sorriso, alisando minha camisa branca imaculada. — Em meu escritório, Van Der Zee. Você tem dez segundos para me seguir.

Ela bufou, mas ouvi seus sapatos clicando atrás de mim. Entramos em meu escritório. Fechei a porta. O andar estava cheio e eu sabia que as pessoas logo começariam a fazer perguntas. Eu fui o único dos quatro fundadores originais que a poupou um minuto de seu dia. E ela estava no meu escritório. O tempo todo.

— Eu espero que você esteja lá às sete. — Caí na minha cadeira atrás da minha mesa e anotei meu endereço em um *post-it*.

Ela ficou parada na porta, deixando a maçaneta cavar em suas costas, e olhou para mim com homicídio em seus olhos. — Eu não vou até que você me diga para onde vai.

— Vou a um encontro.

— Você não namora — Ela respondeu, sem emoção em sua voz.

Finalmente, eu olhei para cima. — E por que diabos você diria isso?

Ela não estava errada, mas estava dizendo algo que eu não exatamente anunciei. Ela mordeu o lábio inferior, olhando para o teto como se odiasse a si mesma por oferecer esta informação. Que ela sabia disso. Que ela se importava o suficiente para examinar minha vida amorosa — ou melhor, a

falta dela – em primeiro lugar.

— Ouvi Vicious repreendendo Jaime outro dia. Ele disse a ele para tirar Mel de cima de você quando se trata de namoro, porque você vai morrer sozinho e solteiro. Ele disse que você odeia as pessoas.

— Ele disse isso? — Passei um dedo sobre meu lábio, contemplando isso. Não era necessariamente falso. Embora eu fosse mais indiferente do que hostil.

— Você odeia. Você me odeia.

Eu não te odeio. Nem mesmo perto disso. Nem mesmo se eu tentar pra caralho. E olha que eu tento.

Ela suspirou, olhando por trás do meu ombro, para o horizonte de Los Angeles. — Não vá ao encontro, Trent. Sei o que aconteceu ontem. Esta mulher... ela era o seu Bane. Ela era seu passatempo. Mas namorar é diferente de sexo.

— Às sete na minha casa — Repeti, apontando meu queixo em direção ao bilhete na minha mesa. — Não se atrase.

— O que te faz pensar que vou fazer isso?

— Vou te pagar bem.

— O quão bem?

— Quanto você precisa para parar de farejar a porra dos meus assuntos para o seu pai? — Eu entrelacei meus dedos, apoiando meus cotovelos na minha mesa. Se ela ficou surpresa com minha franqueza, não deixou transparecer. Sua testa ainda estava lisa em sua carranca, seus lábios carnudos ainda com um leve sorriso.

— Doze mil dólares por mês — Disse ela, sem piscar. Eu não esperava um número específico. Nem esperava que ela levasse minha pergunta a sério.

Eu ri. — São muitas horas sendo babá.

— Bem, tenho a sensação de que você vai precisar de muitos encontros antes de achar alguém que esteja disposto a tolerar seu comportamento — Ela respondeu com indiferença.

Gosto de você, sua vigarista obstinada.

Gosto de como você age como se fosse igual a mim, mesmo que você não seja.

Gosto que você tente ser durona, quando tudo que você quer é fazer minha filha sorrir.

Gosto da sua casca, da sua mordida e de tudo o que ocorre no meio quando lutamos.

— Sete — Repeti pela terceira vez, percebendo que apenas Edie Van Der Zee conseguia tirar tantas palavras da minha boca — às vezes exatamente as mesmas, e eu fazia questão de nunca me repetir. — Vou pagar a você cinquenta dólares por hora, o que é muito mais do que você recebe por trabalhar aqui. Acrescentarei um bônus generoso se você conseguir não enfiar refrigerante, açúcar ou álcool na garganta de Luna enquanto eu estiver fora.

— Não vá — Disse ela novamente. Eu queria saber por que ela estava insistindo, mas perguntar a ela era admitir que me importava. E eu não deveria. Estava em uma posição frágil no trabalho, com apenas 12% das ações de toda a empresa. Jordan segurava quarenta e nove. Minha carreira, minha vida, meu trabalho árduo poderiam cair em chamas por causa disso, por causa dela, se eu não tomasse cuidado.

— Direi a Luna que ela verá você esta noite. — Eu a ignorei.

Ela suspirou.

Eu era um bastardo, mas estava salvando nossas bundas.

Capítulo 12



Edie

NÃO ERA UMA boa ideia.

A conscientização me atingiu no rosto quando ele abriu a porta de sua cobertura em seu prédio ridiculamente chamativo de frente à praia de Tobago. Um dos únicos arranha-céus da cidade, e novo, o prédio tinha dois anos, no máximo, e ainda tinha aquele cheiro de tinta fresca, com todas as fontes e plantas totalmente incomuns para o local.

Trent usava uma camisa branca com decote em V que se agarrava a seus bíceps protuberantes, jeans escuro e tênis de aparência escandalosamente cara. Ele parecia um anúncio da *Armani*. Tão ridiculamente proporcionado, simétrico e bronzado. Lábios suaves e queixo duro. Seus olhos me examinaram brevemente antes de dar um passo para trás, me deixando entrar. Em vez de me cumprimentar, ele gritou: — Ei, Luna, olha quem está aqui para brincar.

Hora de brincar. Eu odiava que ele tivesse dito isso, embora não tivesse motivo para isso. Era apenas uma brincadeira, certo? Entrei, apreciando o espaço de sua casa pela primeira vez: prateleiras industriais, um sistema de *home theater* monstruoso, uma parede escura que parecia que alguém tinha jogado tinta escura nela ao acaso, uma parede de tijolos à vista, pisos de madeira escura e lâmpadas encanadas, fazendo o lugar parecer um luxuoso laboratório de crack. Trent Rexroth pode ser quieto, mas sua casa definitivamente falava muito sobre quem ele era. Áspero em torno das bordas. Não convencional. Perigoso, mesmo.

Luna saiu de seu quarto descalça, já vestindo um conjunto de pijama

amarelo. Seu cabelo estava trançado desleixadamente – provavelmente pelo pai dela – e adorei que ele tentou, mesmo enquanto eu fazia uma nota mental para refazê-lo. Eu me agachei e sorri, cutucando seu umbigo.

— Ei, Germes.

Ela sorriu, revirando os olhos para mim.

— Germes? — Trent perguntou por trás.

— Sim. Sua filha é uma fazenda de germes. E ela gosta de cutucar o nariz, então, pedi a ela para não apertar minha mão.

Os olhos de Luna se arregalaram de horror. Você poderia dizer que ninguém nunca tentou ser bobo com ela. As pessoas sempre eram sérias quando se tratava dela, e por que não seriam? Elas queriam que ela melhorasse. Mas o que elas não percebiam é que para alguém melhorar, precisava se sentir melhor. Minha mãe é o caso.

As pessoas precisam de algo pelo que lutar.

Eu ia dar a Luna um motivo para rir até que tudo acabasse, sabendo que acabaria mal.

— Não vou explorar mais esse assunto porque vejo que Luna está achando isso divertido. — Trent pegou as chaves e a carteira na ilha preta de sua cozinha aberta e me lembrei por que vim. Para que ele pudesse ir a um encontro. Minha pele formigou. — Luna vai dormir às oito horas. Ela ainda não jantou. Estou deixando-a livre porque não estarei aqui esta noite. Tem espaguete e *FroYo* na geladeira.

— Espera. — Joguei minha mochila no chão e chutei meus sapatos. — Espaguete e *FroYo* devem ser guloseimas?

Ele me encarou, bem nos olhos, sem vacilar. — Sim. Não dê a ela muito disso.

— Uau, você está, tipo, no C-R-A-C-K — Soletrei, caminhando até a ilha para ficar ao lado dele — Ou você é simplesmente um produto do regime soviético? Isso não é ostentação. Eu quero pedir pizza.

Ele encolheu os ombros em seu blazer. — Você não vai. E, a propósito, ela sabe soletrar.

Fiquei parada, me perguntando por que o havia agradado e mimado em primeiro lugar. Ele era terrível comigo. Rude, arrogante e frio além das palavras. Eu também fui horrível com ele. Roubando, espionando e constantemente bisbilhotando ao seu redor. Mas as respostas estavam lá, claras e simples. Eu precisava do dinheiro e gostava de sair com Luna.

— São sete e cinco. — Ele olhou para seu *Rolex*. — Meu número está na geladeira se você precisar de mim. Embaixo dele, você encontrará o número de Camila, o número da minha mãe e o de Sonya, sua terapeuta. Luna precisa escovar os dentes antes de ir para a cama, há uma pequena lâmpada que sempre fica acesa à noite em seu quarto, e ela ouve uma história para dormir que escolhe na biblioteca ao lado de seu quarto. Alguma outra pergunta?

Sonya? Eu tinha uma pergunta, mas não era relacionada a Luna. Era, *puta-merda-você-está-realmente-transando-com-a- terapeuta-da-sua-filha?*

— Tem certeza que está indo? — A questão sublinhada era: *you really don't want?* Estúpido. Patético. Impensado. Por que Trent Rexroth iria me querer, e por que isso faria alguma diferença? Eu era uma graduada do Ensino Médio com um buraco no meu coração e problemas maiores do que a minha existência, e ele era... o oposto do que eu precisava agora.

— Dê-me uma boa razão para não fazer isso — Ele brincou, enfiando a carteira e o celular no bolso de trás, os olhos ainda no relógio.

— Porque você não quer.

— Você não sabe o que eu quero.

— Você sabe?

Ele olhou para cima, me avaliando, antes de sorrir. — A propósito, tenho mais câmeras de babá neste lugar do que seu amigo Bane tem tatuagens, *piercings* e DSTs combinados, então, fique fora da minha merda — Ele sussurrou baixo para que sua filha não pudesse ouvir. Foi até Luna, beijou sua cabeça, disse a ela que a amava e valsou para fora da porta.

Deixando-me ficar lá, meu queixo no chão, me afogando na deliciosa energia negra que ele havia deixado para trás.

Pedi pizza.

Protestos pequenos e sem sentido eram meu estoque e moeda de troca. Muitas vezes me senti como uma cidadã da Europa ocupada na Segunda Guerra Mundial. Alguém que não era corajosa o suficiente para se juntar à resistência, mas não conseguia abaixar completamente a cabeça para o mal. Eu mesmo paguei pela pizza, embora Trent tivesse deixado algumas notas no

balcão, só para garantir. E deixei Luna tomar refrigerante.

Porque aquilo a fazia sorrir.

E quando sopramos bolhas no refrigerante, ela até bufou.

E quando eu disse a ela que estava tão cheia que poderia vomitar, mas a pizza estava tão boa que provavelmente comeria qualquer coisa que eu vomitasse, seus olhos brilharam junto com seu sorriso.

Depois do jantar, coloquei meia xícara de açúcar no *FroYo* orgânico e sem açúcar e levei para a sala de estar, onde assistimos *Girl Meets World*. Eu tinha noventa e nove por cento de certeza de que era fora da faixa etária dela, mas mantinha nós duas entretidas. Oito horas vieram e se foram. As regras foram violadas porque Trent foi o primeiro a quebrá-las. Ele as quebrou no dia em que quebrou os caros *Louboutins* da minha mãe. No dia em que concordou me contratar. Ele as quebrou quando me mandou entrar em seu carro quando eu estava com amigos e me proibiu de fazer sexo com Bane, e muito mais vezes do que eu gostaria de contar.

Depois de assistir ao show e se recuperar lentamente do coma por comida e do consumo de açúcar, Luna, que estava sentada ao meu lado no sofá de couro marrom escuro, virou a cabeça em minha direção e sorriu, olhando para minha caixa torácica.

— O que é, Germes? — Fiz uma careta. Ela apontou para meu pescoço e eu olhei para baixo. — Isso? — Toquei a concha do meu colar, feita de cadarço preto e concha cerith escura. Parecia uma adaga, e cortava como se fosse uma também. Luna acenou com a cabeça, sua mão batendo em sua coxa. Ela queria tocá-la. Tirei-a do pescoço, colocando-a na mão dela. — Mas cuidado. É afiado.

Ela pressionou a ponta do dedo até o fim, prendendo a respiração.

— Eu estava correndo na areia um dia, estava muito quente e deixei meus chinelos no carro porque gosto de andar descalça, quando tropecei em alguma coisa. Cortou meu calcanhar tão fundo que pude ver meu tendão. Peguei a coisa espinhosa. Eu não conseguia acreditar que algo tão bonito pudesse me machucar tanto. Então, decidi mantê-la. Porque às vezes, nossas coisas favoritas são as que nos fazem chorar. — Ri com o olhar cético no rosto dessa garota. — Você já nadou no oceano? — Perguntei. Tive a sensação de que sabia a resposta para essa pergunta. Ela hesitou por um momento antes de encolher os ombros. — Vou interpretar isso como um não.

Era definitivamente um não.

— Você gostaria?

Luna encolheu os ombros novamente, mas de uma forma totalmente diferente. Seu primeiro encolher de ombros foi de decepção, ressentimento. Seus ombros caíram. Seu segundo encolher de ombros foi mais melancólico. Talvez eu estivesse lendo muito sobre isso, mas me agarrei às nuances como se fossem minha salvação. Afinal, às vezes, elas eram a única coisa que eu conseguia arrancar de Theo.

— Você iria? Se eu te levasse? Se eu... te ensinasse — Investiguei, minha pele pegando fogo em seu olhar intenso.

Ela assentiu, erguendo a cabeça, como se se lembrasse de algo. Ela colocou a mãozinha no meu antebraço, me dizendo para esperar, e pulou do sofá, caminhando pelo corredor. Essa garota estava morando bem em frente ao oceano, mas tudo o que ela tinha permissão de fazer era ir às festas do Funny Felix na areia seca e enfadonha, sem molhar um dedo do pé. Seu pai parecia um idiota egocêntrico. Eu me perguntei se ela era capaz de compartilhar algum de seus gostos e desgostos com ele. Sentei no sofá deles, olhando as paredes ao meu redor. A parede era decorada como se algum grande artista tivesse jogado tinta escura nela de propósito. Cinzas, pretos e roxos profundos. Estava meio grafitado e parecia exatamente com algo que você encontraria em um apartamento de solteiro. Mas Trent não era mais um solteiro, não importava o quão emocionalmente indisponível e solteiro ele fosse. Ele tinha uma filha.

Este lugar se parecia com ele.

Sombrio. Programado. Temperamental.

Não se parecia com Luna.

Hesitante. Curiosa. Gentil.

Luna voltou com um grande livro infantil, quadrado, fino e achatado. Ela o jogou nas minhas pernas, subiu no sofá e começou a folheá-lo até encontrar o que estava procurando. Ela apontou o dedo para a imagem.

— Cavalo-marinho? — Perguntei, franzindo minhas sobrancelhas. Ela acenou com a cabeça, olhando para mim com expectativa. — Oh, você quer saber se eu alguma vez vejo algum cavalo-marinho quando surfo? Não. Eles são difíceis de encontrar. Eles são criaturas tímidas, eu acho. Vivem em recifes e lugares protegidos.

A decepção em seu rosto fez meu coração torcer. Esfreguei minha nuca e olhei em volta. O laptop de Trent estava na mesa de jantar do outro

lado da sala. Eu sabia que não era por acaso. Ele queria que eu visse. Queria que eu tocasse. Era um teste e eu estava prestes a falhar – colocando em risco o plano do meu pai – para tentar acalmar Luna.

— Ei, por que não lemos mais sobre cavalos-marinhos na *Wikipedia*? Talvez haja um bom documentário sobre eles no *YouTube*.

Seus olhos brilharam como o Natal, e valeu a pena toda a merda que ele ia me dar quando descobrisse.

— Estou meio que quebrando as regras por você. Você vai me delatar?

Ela torceu o nariz, balançando a cabeça como se a simples ideia fosse um insulto. E aquele gesto – o nariz enrugando – era tão *eu*.

Nos quarenta minutos seguintes, Luna e eu aprendemos tudo o que havia para saber sobre cavalos-marinhos. Vimos um cavalo-marinho macho dar à luz zilhões de cavalos-marinhos bebês e rimos. Ela riu porque havia tantos. Eu ri porque parecia um homem atirando sua carga depois de assistir ao filme pornô mais sujo já gravado.

Então, antes que soubéssemos, eram dez horas e a hora de dormir tornou-se inegociável, porque eu tinha certeza de que Trent me enforcaria em sua varanda se nos encontrasse ainda na sala de estar quando chegasse em casa. Luna não lutou, o que eu achei estranho, porque Theo sempre lutava. Ele gritava e implorava e barganhava e tentava me manipular, assim como seu pai.

Coloquei Luna na cama, sentada na beira de sua cama de madeira preta. A sala inteira era azul e cheia de pôsteres de cavalos-marinhos, conchas penduradas nas paredes. Tinha sua personalidade e, de repente, a necessidade de chorar bateu em mim. Porque não era minha primeira rodada colocando alguém na cama, e não era a primeira vez que soube que teria que dizer adeus a eles, eventualmente.

Queria abraçá-la, mas não o fiz. Não poderia.

Cada osso do meu corpo doía, queimava e ansiava por isso. Era exatamente por isso que eu precisava ficar longe. Não poderia invadir a vida dela, sabendo que não poderia ficar. Era como plantar, regar a semente, deixar o sol beijá-la e permitir que ela crescesse apenas para arrancá-la de suas raízes. Saber que Luna era como eu – apegada a um homem instável que poderia afastá-la de mim amanhã de manhã se quisesse. E quem sabia o que Trent Rexroth realmente queria? Ele era um enigma eterno envolto em um

terno delicioso.

— Ei, Germes, sabe o quê?

Luna acenou com a cabeça, deixando-me ‘enrolá-la’ enfiando as pontas de seu cobertor sob seu corpo para que ela ficasse positivamente protegida. Isso é o que eu costumava fazer com Theo, as raras vezes que ele me deixava.

— Eu me diverti muito esta noite. E espero que você também tenha.

Ela acenou com a cabeça e eu sorri, e talvez estivesse muito escuro para ela ver, porque a próxima coisa que ela fez me chocou.

— Eu também.

Gutural. Baixo. Ofegante, como o vento acariciando as ondas ao amanhecer.

Pasmada, pisquei para afastar minha surpresa. Luna tinha falado. Comigo! Eu me perguntei se ela fazia isso com Trent e Camila também, de vez em quando, mas eu duvidava – ele deu muita importância ao aceno dela. Eu queria pular e ligar para ele, mas tive que jogar com calma. Preocupar-se com isso serviria apenas como um lembrete de que ela era diferente.

— Você só está dizendo isso porque alimentei você com pizza e *Coca* e quebrei todas as regras do seu pai. — Sorri. Ela riu. Eu me levantei sem jeito, me afastando. Não beijando. Sem tocar. Não acariciando.

— Boa noite, Germes.

Um pequeno aceno de cabeça no escuro. Acendi a lâmpada *Dora the Explorer* perto da porta e sorri. *Fico com isso.*

Capítulo 13



Trent

KATIE DEJONG ME fazia pensar no adolescente Trent.

Uma coisa sobre ele era que não acreditava que estaria sentado aqui hoje, comendo uma lagosta (ele odiava lagosta), bebendo vinho importado, embora morasse na Califórnia (ele odiava vinho), discutindo os prós e contras dos rankings universitários (ele não dava a mínima.)

Foi exatamente por isso que eu nunca namorei. Era chato. O jogo final – casamento e filhos – não me interessava, e o toque final de curto prazo – sexo – estava disponível sem a inconveniência de ter que sair para jantar com alguém.

Não disse mais do que dezesseis frases durante todo o encontro, mas também não fui rude. E acompanhei Katie até seu carro e sorri para ela, e não prometi que ligaria, mas quando ela se inclinou para um beijo, o tipo que eu nunca daria a mínima, eu suavemente o desviei para um selinho na bochecha.

Então, dirigi para fora de lá, percebendo, quando estacionei meu carro no estacionamento subterrâneo, que não conseguia nem lembrar o que ela usava ou a cor de seu cabelo.

A estranha sensação de urgência tomou conta de mim no elevador. A noção de que colocara minha filha nas mãos de alguém que mal conhecia de repente fez muito pouco sentido. Tudo que sabia sobre Edie Van Der Zee era que ela era uma mentirosa, uma ladra e uma garota em apuros. Por que eu a teria em qualquer lugar perto da minha filha sem supervisão era um mistério. Eu estava nervoso antes mesmo de enfiar a chave na porta. No momento em

que abri a porta e vi o que estava acontecendo, estava prestes a virar a cara.

Uma caixa de pizza estava na ilha, fazendo toda a sala de estar e a área da cozinha cheirar a pão oleoso e fofinhos cogumelos. Duas latas de *Coca* no balcão – é claro, ela nem se incomodou em jogá-las no lixo – e isso antes de eu entrar na sala e encontrar Edie dormindo no sofá, com meu laptop na frente dela. Espionando, sem dúvida, e não dando a mínima para esconder isso.

Aproximei-me dela, colocando minhas mãos nos bolsos, observando-a. A maneira como seu peito subia e descia. Os cabelos loiros de suas sobrancelhas. Seus lábios carnudos e rosados e cabelos dourados. As marcas bronzeadas nos ombros. Suas sardas.

— Acorda — Ordenei, minha voz pingando gelo por todo o corpo dela.

Suas pálpebras tremeram, a princípio lentamente, e ela não se sentou até que eu dei mais um passo para frente, cutucando seu braço com meu joelho.

— Ei. — Sua voz estava rouca. — Como foi?

— Você pediu pizza. — Eu a ignorei. — Minha filha não come pizza, porra.

Não era sobre a pizza. Era sobre o laptop. Não que houvesse algo nele – eu mantinha tudo no *pen drive* – mas me deixou louco que eu confiei nela com minha própria filha e ela, em troca, passou o tempo aqui tentando me foder. De novo. Ela havia ignorado Luna o tempo todo para brincar de *hacker*?

Essa coisa entre nós há muito havia separado o território fodido e agora estava profundamente em uma cidadezinha louca.

— Eu paguei e ela só comeu uma fatia. Também a fiz comer pimentões e cogumelos, se isso faz diferença. — Edie bocejou, esfregando os olhos com a base das mãos antes de se levantar. Ela se espreguiçou, seus longos membros em plena exibição. Ela estava descalça, e uma regata roxa e short jeans cortado grudado em seu corpo.

— E a *Coca*? Sério? De novo? — Rosnei, chegando em seu rosto. Eu estava com raiva. Com raiva *pra caralho*. De Mel e Katie e Edie e Luna e Val e da vida, e porra, as mulheres eram criaturas tão complicadas. Tentava muito ficar longe delas o máximo que podia, mas elas pareciam estar em toda parte.

— Jesus, Trent, ela escovou os dentes. Foi um evento único, então,

pensei que poderíamos fazer alarde. E quero dizer realmente alarde. Que diabos! — Ela disparou para o outro lado da sala, sentando-se no chão e calçando os sapatos. Queria que ela desse o fora. Pelo menos, pensava que queria.

— Por último, mas não menos importante, o computador? Sério? Nenhuma aula de merda.

— Estávamos assistindo a vídeos no *YouTube*! — Ela exclamou, pegando sua mochila e se levantando com pressa. — Nossa!

— Vídeos do *YouTube*. Certo. — Soltei uma risada, puxando minha carteira do bolso de trás e arrancando o dinheiro para pagá-la. — Não foi você quem me disse para nunca enganar um mentiroso?

— Não estou brincando com você!

Enfiei a pilha de dinheiro com faixas em seu peito e rosnei em seu rosto: — Basta ir.

— Ei, espera... — Ela correu atrás de mim enquanto eu girava em direção ao quarto de Luna. O dinheiro caiu no chão. Ela não se preocupou em pegá-lo.

— Luna falou.

Eu girei no lugar, minhas sobrancelhas caindo.

— Edie... — Avisei. Se ela estivesse mentindo de novo, haveria consequências. Ela mexeu na bainha de sua camisa, puxando-a, mas seus olhos eram determinados e corajosos. Ela não desviou o olhar.

— Ela fez! Quando eu a coloquei na cama. Eu disse a ela que me diverti hoje à noite, e ela disse “eu também” e foi baixinho, mas eu ouvi, Trent. Tudo que eu queria, tudo que eu sempre quis era fazer com que ela não se sentisse um robô ou um caso de caridade. Comemos *junk food* e assistimos TV depois de sua hora de dormir. Quebramos as regras e ela sobreviveu. Não só isso, mas tenho certeza de que ela se divertiu. Talvez isso a ajude em mais uma semana de sessões de terapia e você agindo como se ela estivesse em algum tipo de situação terrível.

Esfreguei minha testa. Merda. Ela estava fazendo isso *de novo*. Me confundindo. E o pior é que acreditei nela. Não deveria, mas me agarrei a cada uma de suas palavras e as deixei assentar em meu estômago e me reanimar. Luna tinha falado. Era um grande avanço, mas ousar acreditar e esperar por mais poderia me quebrar — e eu não sabia se podia confiar em Edie tanto quanto eu poderia despachá-la.

Olhamos um para o outro por um longo tempo, de uma distância segura.

— Ela falou — Repeti, finalmente. Parecia monumental. Como se ela fosse acordar amanhã e começar a tagarelar sobre o tempo. Não era o caso, mas Edie era apenas a segunda pessoa com quem Luna havia falado.

Ela assentiu. — A voz dela é tão doce e suave. Como veludo na pele fria.

Quem diabos falava assim? Edie. Edie falava assim. — Eu nunca a ouvi.

— Deveria. É realmente ótimo.

Acreditei nela.

Ela engoliu em seco. — Deixe-me levá-la à praia no domingo. Ela nunca esteve na água. Eu quero... mostrar as coisas para ela.

Eu olhei para baixo, querendo dizer não. Estava com medo por Luna. Não confiava em Edie com Luna fora do prédio. Mas também não podia simplesmente sair com elas, porque aquilo não era apropriado, nem benéfico para a obsessão furiosa que eu estava começando a desenvolver por essa garota.

— Você sabe qual é o seu problema, Trent? — Ela estava ofegante, cuspidando fogo, e eu era muito egoísta para acalmá-la. Eu gostava dela gostosa. Eu gostava dela bagunçada. Gostava dela em todo lugar, porque é assim que ela me fazia sentir. Necessitado. Havia alguma justiça poética nisso.

— Não, mas tenho certeza de que você está prestes a me contar.

— Você luta contra a maré. Você joga os braços, chuta as pernas, tentando escapar, dominar. O segredo é seguir o fluxo. O segredo é aproveitar a onda. Não tenha medo de se molhar.

Eu estava molhado, no entanto. Eu estava pingando, porra. Merda, na maioria das vezes, parecia que estava me afogando. Talvez fosse esse o seu ponto. Edie era muitas coisas. Estúpida não era uma delas.

— Não se esqueça do seu dinheiro. — Apontei para o chão, limpando minha garganta e desviando meu olhar. Eu estava desconfortável para dizer o mínimo, e isso era a primeira vez. Ela se aproximou e o pegou, folheando e puxando quatro notas de cinquenta do topo.

— Toma. — Ela tentou me entregar o resto. — Acho que foram, tipo, quatro horas.

— É seu. — Balancei minha cabeça, enrolando seus dedos em torno do maço de dinheiro. — Tudo isso.

— O quê? — Ela piscou, folheando-os. As notas de cem em leque, como nos filmes. — Isto é muito dinheiro.

— Doze mil dólares.

— O quê?!

Dei de ombros, olhando para a caixa de pizza na ilha para me impedir de fazer algo estúpido. — Você disse que precisava do dinheiro. Não vou perguntar para quê. Mas serei um adulto responsável e recomendo fortemente que você resolva esta situação rapidamente, porque não é uma quantia fácil de conseguir em uma base mensal.

— Agradeço a dica e o dinheiro, mas não vou aceitar. — Ela o empurrou contra meu peito.

— Você pode, e você vai.

— Não. — Ela deu um passo para trás, o dinheiro caindo entre nós novamente. Nós dois estávamos muito absortos para sequer olhar para ele. Não era a porra do ponto de tudo isso.

— Dê-me uma razão por que não.

Ela começou a contar com os dedos. — Um: é muito dinheiro que eu não ganhei; dois: me faria ficar em dívida com você; e três: porque não somos amigos. Somos inimigos.

Usei o mesmo método de dedo. — Um: pode ser muito dinheiro, mas não para mim. Dois: não espero merda nenhuma de você, e três: é fofo como você pensa que é minha inimiga. Você não está no meu nível.

Seu olhar me disse que ela não se importava que eu a tivesse diminuído. E por uma boa razão. A garota conseguia fazer o que quisesse e roubar minhas coisas várias vezes. Ela pode ter sido a oprimida, mas com certeza sabia como resistir.

Eu esperava que ela discutisse sobre isso, como ela tinha feito com qualquer assunto, mas ela me surpreendeu colocando o dinheiro em sua bolsa. Engoliu em seco – seu orgulho, provavelmente – jogou a mochila sobre o ombro e silenciosamente fez seu caminho até a porta. Observá-la me fez sentir um merda, então, novamente, eu olhei para o outro lado.

— Obrigada, Trent.

— Tudo bem.

— Não, estou falando sério.

Também falei sério. Não sabia o que diabos estava acontecendo com ela, *contra ela*, mas sabia que a ideia de ela estar em uma merda profunda me deixava nauseado.

A porta estava começando a se fechar na minha visão periférica enquanto eu me apoiava contra o balcão, e não pude resistir a mostrar a ela que não só eu estava ficando molhado, mas que nós dois estávamos prestes a ficar encharcados se não tomássemos cuidado.

— Você ainda está aí? — Perguntei.

Ela não respondeu, mas não ouvi o clique da tranca automática.

— O encontro. Foi uma merda.

Eu ouvi o sorriso em sua voz quando ela disse: — Não fiz sexo com Bane depois que você me encontrou no reservatório.

Clique.

Eu não fui atrás dela. Mas ainda estava ferrado porque sabia que da próxima vez... iria.

Capítulo 14



Edie

O AMOR É IMPLACÁVEL.

O amor é cruel.

O amor não é um sentimento, é uma arma.

O amor destrói.

O amor destrói.

O amor destrói.

Não conseguia parar de ler essa linha no meu caminho de volta de Theo. Meu carro havia parado de funcionar dois dias antes e estava na oficina. Não podia pagar um táxi ou um *Uber*, então, peguei dois ônibus para cada lado. Aquilo me dava tempo para ler uma velha brochura que encontrei em nossa biblioteca. Autobiografia de um poeta francês que acabou cometendo suicídio depois que sua noiva o deixou por um homem que ela tratava como enfermeira do exército. O outro homem era um herói, então, o amor não correspondido do Poeta Francês foi varrido para debaixo do tapete.

O amor destrói. Estas não eram apenas palavras para mim. Tinham peso, um cheiro e uma cor contaminada que nunca desaparecia. Cada pessoa que amei me machucou.

Eu ainda precisava encontrar uma maneira de colocar minhas mãos no *pen drive* de Trent. Sabia que ele carregava com ele aonde quer que fosse – ele me disse que estava em seu bolso enquanto ele fazia sexo com outra pessoa – e também sabia que ele era muito inteligente para deixar qualquer uma das coisas que meu pai queria pegar, em qualquer um de seus

dispositivos. Aquilo tornava minha tarefa incrivelmente difícil, mas pelo menos eu estava começando a encontrar os padrões de sua vida cotidiana, que Jordan também havia pedido.

Larguei o livro, observando o oceano Pacífico da janela.

— Fica melhor — Disse alguém próximo, e eu não tinha certeza se falava ao telefone ou comigo, mas não importava, porque não acreditava nisso. Nem por um momento. Peguei meu telefone da minha mochila e verifiquei minhas mensagens.

Bane

Você vem surfar amanhã?

Desconhecido

Se ela for com você amanhã, quero que a avó dela esteja lá.

Trent.

A ideia de que ele teve tempo para abrir uma mensagem e escrever para mim – gastar esse tempo comigo – era lamentavelmente emocionante. O que havia nesse homem que me fazia querer quebrar todas as minhas regras? Sem apego, sem complicar as coisas e absolutamente sem cutucar o tigre – Jordan Van Der Zee – dando-lhe um motivo para atacar Theo.

Tentei dizer a mim mesma que aquilo era inocente. Estava levando Luna para a praia. Trent não estaria lá. Era bastante razoável. E Luna poderia realmente ter um cara a cara com o oceano. Abri a primeira mensagem de texto, para Bane:

Não posso. Estou levando a filha do meu chefe à praia para coletar conchas. Semana que vem. X

Então, abri outra, escrevendo, apagando, corrigindo, corrigindo, apagando novamente, antes de finalmente apertar o botão enviar.

8h / Praia de Tobago / perto do clube de surf.

Entrei em casa e encontrei meu pai sentado à mesa de jantar, o que significava que ele estava prestes a iniciar uma conversa. Uma que eu

provavelmente não queria ter. Diminuí meus passos, observando-o arrastar a cadeira em frente a ele com o pé, silenciosamente me mandando sentar.

Relutantemente, sentei.

Minha vida não era perfeita. Era feita de remendos. Havia o surf e a questão Bane. A questão da mãe mentalmente doente. A questão do pai controlador. A questão do Theo. E mesmo que eles fossem costurados juntos, nunca havia uma sobreposição. Cada quadrado era sua própria ilha. E se havia uma coisa que eu odiava, era banhar-me na suavidade e limpeza da questão Theo antes de pular para a áspera e gasta questão Jordan. Era o que estava acontecendo agora.

— Como está Theodore? — Ele me surpreendeu ao perguntar, mas previsivelmente o fez enquanto verificava o mercado de ações em seu laptop sobre a mesa. Seus olhos estavam grudados na tela, e coloquei minhas mãos entre minhas coxas, tentando não engolir em seco.

— Está melhor.

— Oh?

Você não se importa, seu bastardo de coração frio. Portanto, não me diga 'oh'.

— Há um programa especial onde eles permitem que você visite sua família na casa deles e monitorem você o tempo todo. Duas noites. Ele queria ir. — Desta vez engoli o nó na garganta, porque, como não poderia? Parecia muito um apelo, e ouvir um 'não' me esmagaria.

— Isso é maravilhoso para as famílias, Edie. Alguma notícia sobre Rexroth? — Ele me lançou um olhar e eu vacilei.

Para as famílias.

Como em: *não para a nossa*. Eu não tinha família.

Conversar com mamãe sobre isso nos colocaria em uma discussão novamente. Ela me disse que precisava fazer isso com meu pai e que estava se sentindo pressionada. E Jordan... ele tinha prazer em nos separar. Além disso, ele simplesmente disse não à sua maneira.

— Edie?

Eu olhei para cima, piscando. Ele me deu um sorriso tenso de advertência, fechando a tela do laptop e empurrando-o de lado, cruzando os braços sobre o peito. — *Pendrive* de Rexroth?

— Ainda estou trabalhando nisso.

— Por que você está demorando tanto?

— Eu só tenho tempo com ele nas terças-feiras — Disse, convenientemente deixando de fora o fato de que seria babá dele na sexta-feira. Se meu pai se importasse com meu paradeiro — o que ele não se importava — ele poderia ter pensado em perguntar. Dizer a Trent para não dizer nada era inútil. Nós dois sabíamos o quão perigoso era — especialmente depois que ele me deu tanto dinheiro.

Se ele se sentia como um segredo antes, agora, ele era um pecado encoberto.

— E ele carrega o *pen drive* com ele para todos os lugares. Esse é o único lugar onde ele mantém tudo importante.

— Huh. — Jordan coçou o queixo, olhando pela janela. O sol estava começando a se pôr e um brilho azulado filtrava pelas cortinas. Era hora de mostrar a ele o que eu consegui recuperar do apartamento de Trent quando fui lá na sexta-feira. Não tinha orgulho de roubá-lo, mas isso foi antes de ele me dar o dinheiro. O fato de ele ter latido para mim, me degradou, praticamente me expulsou de sua casa apenas ajudou um pouco a acalmar minha culpa ardente. Levantei-me e fui até minha mochila, tirando uma fatura paga que encontrei em seu balcão, enfiada sob um monte de outras faturas que estavam ordenadamente empilhadas, esperando para serem arquivadas, sem dúvida.

— O que estou olhando? — Meu pai franziu a testa para a fatura.

Bati no lado esquerdo superior dela. — Amanda Campbell, IP. Ela é uma investigadora particular. Ele a está usando para alguma coisa.

— Onde você achou isso? — Jordan perguntou.

A mentira escapou da minha boca sem pestanejar. — Seu escritório.

— Do que você acha que se trata?

— Não o conheço muito bem, mas ficaria surpresa em descobrir que é sobre você. — Trent nunca falava sobre meu pai. Nem para mim, nem para qualquer outra pessoa da empresa. Ele parecia desconsiderá-lo completamente. Mas, o que eu realmente sabia sobre o cara? Além de que ele não gostava nem um pouco de mim.

— Eu sei sobre o que é.

— Oh, sabe? — Limpei minha garganta, tentando não soar muito ansiosa.

— A mãe de sua filha.

A mãe de sua filha. Depois que descobri que Trent era o pai de Luna,

eu bisbilhotei com Camila, descobrindo que seu nome era Val, ela era do Brasil e que eles nunca estiveram juntos. Não em um relacionamento, de qualquer maneira.

Observei o rosto de Jordan com cuidado. Vi como aquilo mudou de tédio e desdém para interesse. Ele realmente estava fascinado por esse cara e aquilo me irritava. Ele dobrou o papel, guardando-o no bolso.

— Mais — Disse ele. — E rápido.

Sentindo-me vazia, tirei alguns fios de cabelo dos olhos, gemendo. — Posso, por favor, preencher os papéis para que Theo me visite em algum momento deste verão? Só no fim de semana.

A mim.

Me visitar.

Ficar comigo.

Me curar.

— Absolutamente não. — Jordan se levantou de sua cadeira, fingindo estar preparando uma xícara de chá para minha mãe como se fosse o Marido do Ano. Para ele, essa conversa acabou. Para mim, estava apenas começando. Ele pegou a xícara fumegante e saiu da cozinha. Corri atrás dele pelo corredor, o mármore lustroso, os belos arcos, a verdade feia sob essas paredes. Tentada a puxar a manga de seu terno *Prada*, mudei de ideia quando considerei as consequências.

— Por favor — Disse.

— Desfilar com ele por um fim de semana vai contra o nosso acordo, Edie.

— Jordan... *Pai.*

— Concentre-se em sua tarefa Rexroth e esqueça isso. Você precisa de propósito. É isso. Ajudando sua família.

— Theo é minha família!

Meu pai parou em frente à porta fechada do quarto e girou no lugar. Sua expressão me dizia que eu havia cruzado a linha.

— Se você não entregar, vou garantir que Theo seja expulso. Quero tudo o que há para saber sobre Rexroth. Tudo. E não negocio com crianças.

— Você não vai fazer isso comigo. — Minha voz tremia. E se eu não conseguisse encontrar mais sujeira sobre Trent? E se encontrar essa sujeira tornasse tão difícil para mim olhar no espelho que eu quisesse vomitar em mim mesma? — Eu irei. Você sabe que sim. Você está partindo meu coração.

— A admissão era amarga na minha língua, como uma derrota.

— Está tudo quebrado, de qualquer maneira. Não há mais nada a ser arruinado. — Ele se referia a Theodore. Eu sabia.

Abri minha boca para responder quando ele bateu a porta na minha cara.

Meu pai me deu duas opções: derrubar Trent para salvar a pessoa que eu amava ou comprometer a pessoa que eu amava para manter um homem inocente a salvo.

Eu sabia que opção escolheria.

Isso só me deixava mal do estômago.

Capítulo 15



EU OBSERVAVA A praia de Tobago do conforto do meu terraço, fumando um baseado gordo usando minha cueca de grife, minha água *Bling H2O* ainda em temperatura ambiente apesar do calor imperdoável graças à minha governanta, que ficava enfiando um cubo de gelo nela a cada dez minutos. Tirei meus *Wayfarers*, olhando para os pontos pretos espalhados pela praia dourada. Eu não sabia por que alguém iria comprar água por quarenta dólares a garrafa, mas eu ainda fazia isso porque podia. Fazia isso porque, uma vez, fui tão pobre que as solas dos meus sapatos velhos eram muito finas e tinha que passar supercola nelas e deixá-las secar ao sol para que meus pés não queimassem contra o concreto.

Ficava fascinado com minha conta bancária, como todos os meninos pobres que cresceram e se tornaram ricos. Ostentar meu dinheiro era quase obrigatório – uma falha da qual não me orgulhava – e dinheiro deixava Edie Van Der Zee doente. Era fácil ver por que não gostávamos um do outro.

De forma alguma.

Bati as cinzas no cinzeiro ao lado da minha poltrona, a fumaça subindo em espirais preguiçosas de minha boca. Quando olhei para baixo, meus olhos se concentraram em meus alvos, aqueles que saíram do meu prédio momentos atrás. Elas caminhavam próximas uma da outra. Minha mãe, Luna e Edie.

Elas estavam se movendo quase em câmera lenta, e eu não conseguia

ver quem era quem. A não ser Luna. Ela era o ponto menor. Uma das mulheres colocou uma toalha vermelha na praia – minha mãe, provavelmente – a cor mal reconhecível à distância. As duas outras figuras correram para o oceano, talvez até de mãos dadas. Meu coração tropeçou no meu peito quando coloquei a água nos lábios, meus olhos as perseguindo antes que desacelerassem perto da onda que quebrava na costa. Elas estavam apenas mergulhando os dedos dos pés. Nada mais.

Acalme-se, porra. Luna está bem.

Eu precisava de uma distração. Peguei meu laptop e comecei a trabalhar, olhando para baixo de vez em quando, tentando adivinhar quais pontos eram as meninas que eu me importava. E Edie. Meia hora depois, meu telefone começou a vibrar e eu o agarrei. Era minha mãe, ligando por meio de um chat por vídeo. Eu deslizei meu dedo pela tela. Minha mãe apareceu, embaçada, mas feliz, sorrindo para a câmera do telefone e acenando. — *Ei!*

— Mãe. — Não pude deixar de sorrir. Apesar de todas as coisas ruins que eu tinha a dizer sobre crescer pobre, não trocaria de lugar com nenhum dos meus amigos. Meus pais eram demais, o que ninguém mais no meu grupo poderia dizer.

— *Essa garota.* — Ela virou a cabeça para o oceano antes de olhar de volta e rir. — *Ela é incrível! Você não tem ideia de como ela está se divertindo com Luna. Ela a está ensinando a surfar.* — Meus olhos devem ter saltado das órbitas, porque ela foi rápida em acrescentar: — *Na areia. Ela apenas colocou Luna de barriga para baixo em uma prancha de surf e mostrou a ela o que fazer. Elas estão coletando conchas agora. Edie disse que vai surfar até a parte mais profunda e conseguir as especiais. Luna... ela nunca pareceu tão feliz, Trent.*

Engoli em seco, me levantando e levando meu telefone comigo enquanto deslizava abrindo a porta de tela e entrei na minha sala de estar, arrastando minha mão sobre meu rosto.

— Mostre-me. — Quase engasguei com o pedido. — Me mostra elas.

O telefone da mãe dançou em sua mão enquanto ela tentava aproximar a câmera das duas meninas sentadas à beira-mar. Vi Luna em seu maiô preto (nada rosa para essa garota), de joelhos, observando cuidadosamente enquanto Edie contava, ou examinava, uma pilha de conchas. Ambas as cabeças estavam abaixadas, as línguas saindo pelo canto da boca, como se estivessem se concentrando muito. Edie estava usando uma parte inferior do

biquíni vermelho e uma blusa longa de surfista – vermelha também – e seu cabelo longo e ondulado estava parcialmente preso em um coque no topo da cabeça, com o resto caindo em cascata pelos ombros.

— Mais perto. — Minha garganta tremeu com o gole.

A câmera vacilou quando mamãe se levantou e caminhou até elas. Quanto mais eu via, menos sentia que estava no controle da situação de Van Der Zee. Luna estava brilhando *pra* caralho. Não havia engano no sorriso estampado em seu rosto.

— *O que você acha desta, Germes?* — Edie tirou uma concha da pilha e franziu o nariz. Luna revirou os olhos e balançou a cabeça. — *Sim, é feia, certo? Também acho* — Disse Edie. Ela estava prestes a jogá-la no oceano – observando-as por alguns minutos, percebi que as conchas que foram consideradas indignas foram jogadas de volta para o lugar de onde vieram.

No último minuto, Luna parou Edie, levantando-se de um salto e segurando o punho de Edie, balançando a cabeça. Edie abriu a mão, permitindo que Luna pegasse a concha de sua mão.

— *O que é?* — Ela perguntou. Elas estavam tão ocupadas separando suas conchas que nem perceberam que minha mãe estava documentando tudo. Luna apontou para a concha, então, arqueou uma sobrancelha. — *Está quebrada* — Disse Edie. Luna acenou com a cabeça novamente. Eu não estava acompanhando. — *Você quer mantê-la porque está quebrada.* — Um sorriso se espalhou pelo rosto da adolescente loira.

Luna encolheu os ombros.

— *Isso é lindo da sua parte, Germes.* — Edie esfregou o braço de Luna antes de perceber o que ela estava fazendo. Ela retirou a mão rapidamente. Não sabia por que, mas fiz uma nota mental para dizer a Edie que ela sempre pode tocar em Luna. Se havia uma merda em que eu era bom, era abraçar a minha filha. Ela não tinha medo de carinho quando era dado pela pessoa certa. — *Ei, eu tenho uma ideia. Você pode me dar isso? Prometo que vou mantê-la segura e devolver* — Disse Edie. Luna hesitou, mas deixou cair a concha na palma da mão de Edie.

Eles compartilharam um sorriso. Eu desabei no meu sofá, assistindo enquanto a história se desenrolava. A câmera girou, minha mãe aparecendo novamente, desta vez com o maior sorriso.

— *Edie é a melhor coisa que já aconteceu a esta família, Trent.*

Minha mãe estava errada, mas eu não tinha coragem de dizer a ela quem Edie realmente era.

O fim de seu filho.

Luna voltou para casa cheia de histórias que ela não conseguia contar. Minha mãe sugeriu que ela a colocasse na banheira e fizesse o jantar para ela, e eu agarrei a oportunidade de sair de casa e ordenar a confusão que estava em meus pensamentos.

— Edie ainda está lá, surfando, Deus a abençoe. — Trish franziu a testa, girando seu relógio *David Yurman*. Se ela soubesse que era a mesma garota que agarrou sua bolsa semanas atrás. — Na verdade, acho que ela pode estar indo agora. O sol está começando a se pôr.

Sem pensar muito no que estava fazendo, vesti meu equipamento esportivo e desci as escadas. Disse a mim mesmo que iria correr na praia novamente, mas isso era uma besteira total.

Eu estava indo lá para encontrá-la.

Eu estava indo lá para pegá-la.

E uma vez que eu a tivesse... o que diabos eu faria com ela?

Identificá-la foi fácil. Ela era a única pessoa que restava na praia. O calçadão ainda fervilhava de gente, rica e colorida como um festival, mas todos os surfistas e bronzeadoras já haviam ido embora. Ela estava deitada de costas para o pôr do sol, a cabeça apoiada na mochila preta, sem nada além do biquíni. Seu top de surfista foi descartado junto com seu óculos de sol, a areia fria pressionada contra sua pele. Seus olhos estavam fechados e ela murmurava as palavras de qualquer música que estava ouvindo em seus fones de ouvido. Sua prancha de surf amarela estava ao lado dela, como uma companheira leal. Uma entidade viva. Como um animal de estimação.

Diminuí a distância entre nós, simplesmente olhando para ela. De pé sobre ela. Porra, eu estava a um passo de uma ordem de restrição, mas era difícil não olhar. Ela revivia algo em mim, assim como com Luna. Eu não sabia o que era, mas apreciava o calor não solicitado que veio com ele. O que era realmente uma merda, porém, era que Luna e eu estávamos fodidos, porque essa garota tinha seu coração em outro lugar.

E aquilo podia comprometer minha filha e eu no processo.

— Puta merda! — Sua voz ficou alta, e ela se levantou em um segundo, puxando seus fones de ouvido para fora e batendo-os contra sua mochila. — Você tem que parar de se aproximar furtivamente de mim como Pervy McCreepson, cara. O que você está fazendo aqui?

Porra, eu não sei, mas você precisa me fazer partir.

Tudo nela parecia maduro. Ela era atraente, mais do que apenas fisicamente. Como uma velha canção com uma doce memória grampeada. Ou como um primeiro. Primeira cerveja. Primeiro baseado. Primeiro beijo. Eu sabia que ela iria me assombrar até o túmulo se não fizesse algo a respeito – e faria pior comigo se eu agisse de acordo.

Observei seus seios subindo e descendo, a maneira como ela respirava desesperadamente enquanto me aproximava dela com uma confiança que não sentia inteiramente pela primeira vez em anos. Ela recuou lentamente. A praia estava deserta. O sol já havia se posto. Eu estava encurralando ela, provavelmente a assustando muito, e eu estava muito fodido para me importar. Queria me molhar e deixar a maré passar por cima de mim sem mergulhar um dedo do pé no oceano.

Eu queria o que era proibido, errado e louco *pra* caralho.

Queria a filha do meu sócio, que tinha quase metade da minha idade.

O tango parou quando suas costas bateram no posto do salva-vidas pintado de azul. Sua coluna atingiu os trilhos de madeira e ela não tinha para onde ir. Eu me aproximei de seu rosto, inalando-a. O mar, suor fresco e seu cheiro doce e singular me irritavam. Queria enterrar meu nariz em seu cabelo bagunçado pelo vento e nunca mais sair para respirar. E queria beijá-la, o que era uma loucura, porque eu nunca quis beijar ninguém.

Segurei sua bochecha em minha palma voraz, e estava fria. Seu corpo inteiro tremia. Eu estava usando uma camisa longa e justa, mas ela ainda estava de biquíni. Olhei para baixo como o idiota que eu era. Seus mamilos estavam enrugados e intumescidos, apontando para mim. Minha mão se moveu de sua bochecha lentamente para seu pescoço. Ela não se retirou ou desviou o olhar. Acaricieei sua pele macia, descendo para sua clavícula, então, toquei um de seus mamilos pelo tecido de seu biquíni. Eu a encarei silenciosamente, com calor demais para sentir a vergonha de brincar com uma adolescente.

Ela olhou para cima, o medo e a luxúria nadando em suas pupilas, sua profundidade sem fim me atraindo a pular.

— De novo — Ela respirou, seu pulso acelerando sob a minha palma. Senti seu corpo se movendo contra o meu, embora não tenhamos nos tocado, e porra, isso não era uma boa notícia para o meu pau.

Descongelando. Ela estava ficando mais quente.

Sem quebrar o contato visual, escovei meu polegar contra seu mamilo novamente. Ela gemeu, levantando os braços para me tocar. Dei um passo para trás e estalei.

— Não é justo que você seja o único que se diverte — Ela gemeu de frustração, seu corpo ainda inclinado em direção ao meu.

Arqueei uma sobrancelha. — Você acha que vai ser divertido voltar para casa com bolas azuis?

— Elas não precisam ser azuis.

— Infelizmente para mim, sim.

— Problema seu.

— As coisas que eu quero fazer com você... — Eu parei, exalando meu hálito quente em sua pele fria — irão afetá-la.

Ela fechou os olhos, balançando a cabeça. — De novo.

Eu iria para o inferno por isso, mas resvalei meu polegar contra seu mamilo direito pela terceira vez, observando seus quadris rolarem para perseguir algo que não estava lá. Eu não estava perto o suficiente para ela se esfregar em mim, e não porque não quisesse estar. Se chegarmos perto, perderia o controle. Eu não podia. Não faria. Não quando tanto estava em jogo.

— De novo — Ela gemeu.

Eu fiz de novo.

— De novo... e de novo e de novo e de novo.

Usei meu polegar e indicador para esfregar seu mamilo direito através de seu biquíni, observando-a jogar a cabeça para trás, sua boca aberta de prazer. Eu me inclinei contra ela sem querer, apenas um centímetro. Em seguida, outro centímetro, quando seu mamilo intumescido ficou tão apertado e sensível, eu me encontrei torcendo-o um pouco para amplificar seu prazer. Queria tanto libertá-la, mas de alguma forma, pegá-la com as duas mãos e reivindicá-la parecia final demais. Um ponto sem volta.

— Como pode ser tão bom? — Ela quase protestou, estendendo a mão para me tocar novamente. Afastei-me rapidamente, ainda brincando com seu peito.

— Porque é diferente quando você está nas mãos de um homem.

— Me mostra.

Não respondi.

— Por favor — Ela ronronou, e desta vez ela conseguiu deslizar sua virilha de biquíni sobre meu short de treinamento. Porra, eu não tinha certeza se era o oceano ou ela, mas havia algo úmido.

Foi quando eu perdi.

Fechei a distância entre nós, permitindo que ela se esfregasse em mim livremente, como se eu fosse uma porra de um poste de stripper, enquanto brincava com seus dois seios, observando-a enquanto meu pau ficava incrivelmente duro. A tensão em minhas bolas já parecia demais. Não sou muito um cara de preliminares, mas aqui estava eu ficando quente lentamente e de forma constante, sendo conduzido pela porra do pau para algo que não se materializaria.

— Vou gozar — Disse ela, apertando as pernas em volta da minha coxa. Meu pau cutucou a parte interna de sua coxa, e ela sabia disso, porque ela se esfregou ainda mais, a fricção fazendo um vazamento pré-sêmen. Aquilo fez minha cabeça grudar na minha cueca e realmente estava ficando fora de controle.

— Diga-me por que você precisa de doze mil dólares por mês, e eu deixo — Eu sibilei em seu rosto, com cuidado para deixar espaço suficiente para ela não tentar me beijar. Ela choramingou, montando minha coxa como um maldito rodeio, esfregando seu clitóris no meu quadril, com os olhos fechados. Ela estava dentro do momento, em uma bolha, e não queria que eu a estourasse. — Me responda agora.

— Trent...

— Quem está te causando problemas? — *Quem diabos eu vou precisar matar?* — Por que você precisa conseguir esse dinheiro?

Nada.

Ela estava chegando perto. Suas coxas estavam tremendo, e agora eu sabia que não era a porra do oceano. Era ela. — Desembucha.

— Não.

— Edie.

— Não.

Eu me afastei dela em um segundo, deixando-a cair na areia, ofegante e excitada. Seu cabelo estava por todo o rosto, a parte de baixo do biquíni

tinha um pequeno ponto de excitação e seus mamilos estavam tão duros que ela provavelmente poderia me cortar a um ponto de sangramento com eles.

Fiz uma careta. — Uma última chance, Edie.

Mas ela sabia tão bem quanto eu que o momento havia acabado. Eu não poderia tocá-la depois disso. Depois de quebrar aquele feitiço de embriaguez. Meu pau ainda estava apontando para ela furiosamente, exigindo sua atenção, mas minha mente estava começando a entender a realidade.

— Que se foda — Disse ela, de novo, assim como tinha feito quando eu a peguei roubando.

— Não vai acontecer — Falei, novamente.

— Talvez na próxima vez. — Ela riu, levantando-se da areia e caminhando até sua mochila, recuperando seu fone de ouvido, moletom com capuz e short.

Sorri, virando minhas costas para ela, certificando-me de que estava falando alto e claro: — Agarre-se à memória de ficar roçando em mim, Van Der Zee, porque é aí que tudo termina.

Capítulo 16

Edie



HAVIA ALGO NAQUELA manhã que parecia podre antes mesmo de eu abrir os olhos. Minha intuição provou estar certa quando entrei na cozinha e encontrei minha mãe rastejando no chão, juntando pedaços de... o quê? O que diabos ela estava segurando? Caía entre seus dedos, como ouro derretido.

Cabelo.

Era seu cabelo. Meus olhos dispararam do chão para ela.

Minha mãe havia cortado tudo.

Cada centímetro de seu cabelo loiro havia sumido. As solitárias mechas amarelas pendiam de seu crânio com relutância, desiguais em forma e comprimento. Seus olhos estavam vermelhos. E o lindo cabelo loiro do qual ela se orgulhava... estava em toda parte.

— Eu preciso dele de volta. — Ela ergueu a cabeça para olhar para mim. — Oh, Deus, Edie. O que eu fiz? Agora, ele nunca vai me querer. Eu só... eu preciso consertar isso.

Fiz chá para ela. Enfiei os comprimidos na sua garganta. Disse a ela que consertaria tudo, embora nós duas soubéssemos que não havia nada que eu pudesse fazer. Então era hora de eu encarar as consequências, e seu marido.

Eu estava na porta da frente, meu pai, do lado de fora, seu monstruoso *Range Rover* já ronronando. Ele enfiou a cabeça pela janela, obviamente aborrecido com o fato de seu motorista dizer que estava doente naquela manhã e agora ele tinha que fazer a viagem de Todos Santos a Los Angeles usando suas mãos preciosas e pés sagrados. Meu carro ainda estava na

oficina, então, fazia sentido eu pegar uma carona, embora a ideia de passar um tempo com ele em um espaço confinado me causasse arrepios na espinha.

— Vamos, Edie. É hora de ir — Ele latiu.

— Mãe — E falei, agarrando-me ao batente da porta e sentindo que perdia o equilíbrio —, você precisa que eu fique com você hoje? Por favor, seja honesta, porque eu vou. Eu vou agora. — Ela estava piorando. Piorando muito. Mas não tão ruim quanto quando ficou hospitalizada por um ano porque perdera completamente o controle e tentou cortar os pulsos. Ela não cortou muito fundo, felizmente, o que significa que eu não fiquei órfã aos doze anos. Mas ainda me lembro do que meu pai disse a ela dois meses depois que ela voltou para casa do centro de reabilitação.

— *Não dá para acabar com sua própria vida de maneira adequada, não, Lydia?* — Ele bufou, balançando a cabeça enquanto fechava o zíper de sua mala, sem dúvida a caminho de outra amante. — *Da próxima vez, me fala se precisar de ajuda.*

Eu não tinha certeza de quando exatamente meu pai começou a desprezar minha mãe, mas sabia que tinha a ver com o fato de que ele não poderia deixá-la, com seu estado mental atual, se ele quisesse entrar na política. O que era ainda mais confuso para mim era o amor que minha mãe ainda sentia por ele. Embora eu não tivesse certeza se era amor, um hábito ou simplesmente um medo paralisante de ficar sozinha.

De volta à realidade, minha mãe bufou, o queixo apoiado no ombro, de costas para mim.

— Não, eu não preciso de você, Edie.

— Tem certeza? — Pressionei. Eu sabia que ela ignoraria minha existência por completo se eu ficasse sem permissão.

— Edie! Vamos nos atrasar. Tenho uma reunião às dez. Arraste sua bunda aqui antes que eu deixe você andar todo o caminho — Meu pai gritou atrás de mim. Eu o ignorei.

— Positivo. Seu pai quer que você vá. Apenas vá.

Eu nem mesmo perguntei a ela o que aconteceu com o planejamento de férias e como melhorar. Ela provavelmente tinha parado de tomar seus remédios e agora estava em uma espiral descendente desagradável, girando fora de controle até o fundo do poço.

— Ok. Vou manter meu telefone ligado. — Balancei o dispositivo no ar.

— Obrigada, querida. Quando você voltar para casa, você pode... você pode me ajudar com meu cabelo?

Concordei. — Claro.

— Fique de olho no seu pai.

Não houve necessidade de elaborar. Eu sabia o que ela queria dizer.

— Eu te amo mãe.

— Eu te amo, querida menina.

Acreditei nela, porque Lydia Van Der Zee não era uma pessoa má.

Ela era apenas uma mãe ruim.

Lista do que fazer: pegar o pen drive.

Eu não poderia deixar Jordan mandar Theo para algum lugar na Costa Leste. Não poderia.

E foi esse o pensamento que me levou a pensar naquela segunda-feira, quando peguei o café das pessoas, fui à lavanderia, fiz a lição de casa dos filhos de outras pessoas na escola de verão, segurei um quadro branco por vinte minutos seguidos enquanto o cara da manutenção tentava descobrir por que ele tinha caído de uma parede em uma das salas de reunião e peguei a correspondência de Jordan.

A sala de correspondência era meu lugar favorito no prédio.

Ficava no décimo quarto andar e era deserta. Os APs costumavam pegar correspondência todos os dias às quatro da tarde. Em qualquer outro momento, éramos apenas os envelopes e eu. E embora pudesse ver as câmeras conectadas por todo o lugar (a Fiscal Heights Holdings lidava com contratos e pacotes confidenciais), ainda me sentia sozinha lá.

Não era o oceano, mas era bom o suficiente.

Encostei-me em uma impressora industrial, trocando mensagens de texto com Bane e gastando tempo. Ninguém precisava de mim por uma hora ou mais, e eu não poderia suportar todos os ternos e saias lápis vagando pelo décimo quinto andar. Eles achavam que o que estavam fazendo era muito importante. Eu chamava de besteira. Eles não salvavam vidas. Eles não ensinavam as crianças a ler. Eles não construíam casas, consertavam carros quebrados ou produziam alimentos, eletricidade, água potável, *vida*. Eles apenas tornavam os ricos mais ricos, ou menos ricos, se estivessem fazendo

um trabalho terrível. Tornavam as empresas corporativas mais fortes ou mais fracas. Era a versão adulta de *ToyLand* e me entediava até a morte.

Bane

Então, quando diabos você vai arrastar sua bunda para a praia?

Eu

Estou muito ocupada agora. Apenas tentando me manter à tona.

Bane

Essa é a hora de surfar, espertinha.

Eu

O que se passa contigo?

Bane

Estou comprando uma casa-barco.

Eu

Faz essa merda não.

Bane

╰(´´)╯

Eu

Isso significa que você finalmente deixará as pessoas virem até sua casa? Eu nunca estive em sua casa. Você é sempre tão reservado.

Bane

Sim, isso significa que posso levá-la a algum lugar privado de agora em diante. As vantagens de ser proprietário de um barco.

Sobre aquilo.

Eu provavelmente deveria ter dito a Bane que não íamos fazer sexo tão cedo, ou, talvez, nunca mais. Não era por causa do que Trent me disse. Não. Eu realmente falei sério quando disse que não aceitaria ordens dele.

Infelizmente, isso não significava que eu pudesse dormir mais com Bane.

Trent estava em minha mente. Invadiu meu cérebro, ocupando cada vez mais espaço ali, empurrando para o lado todas as coisas que antes me habitavam, à beira da loucura. Passei o polegar no decote do vestido preto que peguei emprestado do armário da minha mãe, me preparando para enviar uma mensagem de texto para Bane, quando o som de uma porta fechando me fez prestar atenção. Virei a cabeça e vi Trent parado, com o ombro encostado na parede.

Mãos nos bolsos. Terno azul-marinho escuro. Os olhos de um predador. *Delicioso.*

Nosso encontro ontem me deixou ansiosa por mais, mas também me incomodou que ele tivesse ido tão longe. Aquilo me fez pensar o quanto mais eu poderia fazer para que ele fosse além comigo. Peguei meu telefone, arqueando uma sobrancelha.

— Você está me seguindo, Sr. Rexroth?

— Você está reclamando, Srta. Van Der Zee?

Nunca. Mas não tenho certeza se vou sair dessa com vida, uma vez que você descobrir o quanto vou te machucar.

— Indecisa ainda. Depende se você está com vontade de ser um idiota hoje. — Fingi examinar minhas unhas. Meu coração batia tão rápido e forte que ameaçava quebrar minha caixa torácica. Ele me olhava, caminhava, falava e se movia como um demônio perfeito. Aquilo me assustava e emocionava ao mesmo tempo. Trent parou quando seu corpo estava próximo ao meu. Quando tudo deixou de existir, exceto nós, e estávamos sozinhos no mundo. Minha respiração estava irregular e ficou dolorosamente difícil olhar para ele sem revirar os olhos e ceder ao seu cheiro poderoso.

— Adoro a cor preta em você. — Ele ergueu a mão, aparentemente para afastar uma mecha de cabelo do meu rosto. Eu me perguntei se ele sabia o que disse, porque com certeza era óbvio que ele quis dizer isso.

— O que você está fazendo aqui? Rina pega sua correspondência todos os dias — Disse baixinho, olhando para seus peitorais, não seus olhos.

— Eu vi você no CITV.

— E?

— E queria você sozinha.

— Para quê? — Lambi meus lábios. Por que ele me queria sozinha? Ele era nada além de rude e arrogante comigo, a menos que Luna estivesse

envolvida. Peguei meu colar de conchas e agarrei-o como se fossem pérolas caras. Seu olhar seguiu minha mão. Ele desembrulhou meus dedos e o pegou em sua mão, examinando a concha.

— Por que você me queria sozinha? Você diz que não pode me tocar, mas quase toca. O tempo todo. Na noite passada, você perdeu o controle. Amanhã, você fará de novo, porque não podemos impedir isso. Seja o que for, está acontecendo. Você me diz que não posso dormir com outras pessoas, mas não me dá o que preciso. Dê-me, Trent, ou vou encontrar em outro lugar.

— Eu não podia acreditar que essas palavras saíram da minha boca, mas, ao mesmo tempo, fiquei aliviada que elas saíram. Sua coxa pressionada contra a minha e minhas costas estavam firmemente pressionadas contra a impressora. Agora, sua mão se afastou do colar, seu polegar roçando minha clavícula.

— Devo te avisar, Edie. Não sou o príncipe deste conto de fadas. Sou o vilão. A maçã venenosa, o monstro cuspidor de chamas.

— Bom. Sempre gostei mais do quebrado nos contos de fadas. A maçã sempre parecia mais brilhante porque eu sabia que poderia me destruir. O vilão é apenas danificado e incompreendido, e o monstro... — Eu me inclinei na ponta dos pés, mordendo a ponta de sua orelha, mal alcançando sua altura impossível. — Sempre mantive a porta do meu armário entreaberta quando criança para ter certeza de que ele poderia sair no caso de querer brincar.

Sua respiração patinou no meu pescoço, quente e desejosa e delirantemente fresca. — O monstro quer brincar.

— E eu não tenho medo do escuro — Retruquei. — Então, o que estamos esperando?

— Francamente, você ser legal — Ele brincou.

— Fiz dezoito anos em janeiro.

Pausa. Tique-taque de um relógio aéreo. Um gole alto – eu nem tinha certeza se era eu ou ele. E depois...

— Haverá regras — Trent me informou, afastando-se para segurar minha bochecha e olhar nos meus olhos. — E se você quebrá-las, as consequências serão graves. Você entende?

Meus olhos o desafiaram a continuar. Eu não ia dar a ele o prazer de responder. Ele se afastou, saindo da sala. Ele me deixou lá por vários minutos – de pé, esperando, esperando, implorando. Olhei para cima, vendo as câmeras na sala morrerem, uma por uma, os pontos vermelhos

desaparecendo. Então, a porta rangeu novamente, Trent reapareceu... o painel de segurança estava mesmo neste andar?... e voltou até mim.

— Eu não beijo. Odeio isso. Não tenho relacionamentos, minha vida não permite isso agora. E não gosto quando as pessoas tentam esfaquear minhas costas.

Um leve sorriso encontrou meus lábios quando ele recuperou sua posição, quase em cima de mim. — Entendi. *Uma Linda Mulher*. Sem beijos. Sem flores. Sem esfaqueamento. Também tenho regras — Disse.

— Claro que você tem — Ele concordou, sua mão deslizando para o meu pescoço. —, vamos ouvi-las.

Enganchei minha perna sobre sua coxa e me inclinei para trás na impressora, sentindo sua ereção cavando em meu estômago, e gemi minha resposta. — Regra um: é apenas sexo, nada mais, então, você não pode mandar em mim sobre o que eu faço fora disso. Regra dois: nada de sábados. Não é negociável. Tenho um lugar para estar aos sábados. Regra três... — Com esta, fui um pouco criativa. Eu só tinha duas em mente, mas isso me deu uma desculpa para exigir o que orei silenciosamente. — Quero que você vá com Luna às aulas de língua de sinais.

— Já reservamos uma aula particular para amanhã à noite. — Ele ergueu minha perna contra ele, seu autocontrole pendurado por um fio. — Há uma quarta regra — Ele falou.

— Tudo bem, mas é a última. — Eu sorri contra ele enquanto sua palma se arrastava por baixo do meu vestido.

— Vou te dar os doze mil dólares por mês, sem fazer perguntas e, em troca, você vai parar de roubar merdas de mim e farejar meu negócio.

Congelei. Ele sabia sobre o *iPad*. Sobre minha pequena missão. Por que ele não disse nada até agora? Mesmo agora, ele estava apenas insinuando. Eu queria manter assim. Quanto menos eu soubesse, mais poderia encolher os ombros depois, quando se tratasse de morder minha bunda. E eu realmente precisava continuar dizendo a Jordan sujeiras sobre Trent. Não era pessoal contra o belo diabo na minha frente. Tratava-se de salvar a única pessoa que realmente me amava.

— Você não vai pagar por... — Comecei, mas Trent bateu sua virilha na minha em um golpe, fazendo minhas costas arquearem e minhas pernas se abrirem e se enrolarem em torno dele, agarrando-se à sua cintura como hera venenosa. Eu estava pingando e pronta para ele finalmente me reivindicar.

— Cale a boca, Edie. Eu disse sem discutir. Esta é uma das regras.

— Não vou parar. — Eu engoli em seco, recusando-me a olhar nos olhos dele. — Você deveria saber agora, Trent. Sempre vou fazer o que Jordan me mandar. Não porque gosto dele. Não porque eu tenha medo dele. Mas porque ele tem algo de que preciso. Sempre vou obedecê-lo, Trent. Sempre.

Por um momento, parecia que ele iria se afastar. Tudo sobre sua postura dizia isso. Sua mão parou de deslizar pela minha coxa, invadindo minha carne, subindo pelo meu vestido, e seu corpo se afastou, o calor dele diminuindo.

— Você sabe o que isso significa, certo? — Limpei minha garganta. Posso ter sido uma ladra e mentirosa, mas não era idiota. Precisava que ele soubesse. Para reconhecer o que éramos. Sua mão retomou sua jornada para a parte interna da minha coxa, seu pau inchado pressionando contra mim.

— Isso significa — Seus dentes arrastaram ao longo do meu pescoço — que o que somos um para o outro são sacrifícios em potencial. Contanto que você saiba que vou jogá-la debaixo do trem se você bagunçar meus planos, estou bem.

Engoli. — Tudo bem para mim.

— Vamos nos divertir, então.

E essa foi toda a preparação que ele me deu antes de enfiar a mão dentro da minha calcinha. Seus dedos fortes e quentes acariciaram minhas dobras suavemente, como se as acalmasse, preparando-se para o que quer que ele me desse.

— Um último aviso — Ele disse, sua língua quente fazendo sua primeira aparição, lambendo um rastro de desejo tentador ao lado do meu pescoço, me fazendo estremecer violentamente. —, fodo com força. — Ele enfiou um dedo em mim e eu arqueei minhas costas, ofegando com a penetração repentina. — A garganta profunda é um requisito, não uma opção — Ele enfiou um segundo dedo em mim — e estou prestes a arruinar você para qualquer outro homem. Então, quando chegar a hora e ninguém mais puder se comparar a mim, lembre-se: você pediu por isso.

Terceiro dedo.

Quarto dedo.

Jesus Cristo, este homem tinha quatro dedos dentro de mim e os empurrava para dentro e para fora. Seu polegar esfregava meu clitóris — que

ele encontrou em tempo recorde – enquanto brincava comigo sem se importar com o fato de que esta era a primeira vez que nos tocávamos adequadamente e nem sequer nos beijávamos. Enganchei um braço em volta do seu pescoço e apertei meu núcleo contra sua mão, gemido após gemido escapando da minha boca. Meus lábios pareciam nus, em contraste com a plenitude entre minhas pernas. Eu estava montando sua mão descaradamente, nossos olhos se encontraram. Meu núcleo apertou e o acúmulo de orgasmo foi mais rápido do que eu jamais senti. Eu queria segurá-lo em suas calças, mas sabia que ele nunca me deixaria.

— Oh, meu Deus, vou gozar — Ofeguei, sabendo que soava como uma estrela pornô barata, mas não me importava muito. Isso foi... o que diabos foi? Eu nunca tive um homem me penetrando de forma tão rude e ousada, e nem mesmo estávamos fazendo sexo. Ele agia como se já conhecesse meu corpo, como se ele o possuísse. A pior parte era que eu não podia contestar essa noção. Normalmente demoro muito para gozar com um parceiro. Trent conseguiu me deixar encharcada, gemendo e ansiando por seu toque depois de menos de dois minutos.

Ele sorriu. — Olha só, molhada como a porra de um lago.

Ele retirou um dedo... dois. O que diabos ele estava fazendo? A sensação de perda foi imediata, mas isso foi antes de eu perceber que ele não estava diminuindo a velocidade. Ele estava me colocando em chamas.

— Olá, ponto G de Edie — Ele murmurou em meu ouvido, esfregando o ponto furiosamente. Acho que tive um mini-orgasmo apenas por ele fazer isso comigo. Eu gemi alto quando seus dedos se curvaram dentro de mim, esfregando o lugar sensível. — Tenho a sensação de que você e eu vamos nos ver uma tonelada de vezes.

— Ohhh. — Arqueei e deslizei para morder seu pescoço exposto, sentindo o gosto amargo de sua fragrância em minha língua e dentes. — Isso é uma loucura.

— Por que ele te chama de Gidget? — Trent perguntou, dedilhando cada nervo do meu corpo como um violinista. Uma onda quente de prazer estava se formando em mim, pronta para cair. Meus dedos dos pés enrolaram.

— Huh?

— Bane. Ele chama você de Gidget. Por quê?

— Por que estamos falando sobre Bane? — Minha irritação quase alcançou meu tom. Quase. Eu conhecia Trent. Ele era um idiota teimoso. Ele

não ia recuar. Se qualquer coisa, ele iria me negar outro orgasmo, e desta vez eu iria matá-lo por isso. Ninguém no mundo, exceto o próprio Jesus Cristo, me negaria este orgasmo. Especialmente algum imbecil rico em um terno – alguém que prometera a mim mesmo que nunca me ligaria, em primeiro lugar.

— Gidget é um termo para uma surfista baixinha — Respondi, enquanto seus dedos começaram a bater no meu ponto G brutalmente. Ele era implacável. Verdade, Trent não me beijou, mas todo o seu corpo, sim. Estava colado no meu e eu o senti em todos os lugares. O orgasmo me atingiu como uma tempestade, começando do fundo e subindo até que todos os pelos dos meus braços se arrepiaram. Agarrei seus ombros largos e musculosos e apertei sua cintura entre minhas coxas, a intensidade do meu clímax me cegando momentaneamente.

Mas ele não terminou.

Trent agarrou minha parte de trás dos joelhos e me ergueu sobre a impressora, minhas costas contra uma pilha quente de papéis. Ele abriu minhas pernas, jogando-as sobre os ombros e empurrou minha calcinha para o lado, nem mesmo se preocupando em removê-la.

— O que você está fazendo? — Murmurei, horrorizada. Eu ainda voltava a mim. Era difícil encontrar meu equilíbrio quando todos os órgãos e sistemas do meu corpo ainda estavam ocupados se recuperando do que pode ter sido o orgasmo mais brutal que já experimentei.

Ele não me respondeu. Apenas olhou fixamente para minha boceta nua, empurrando lentamente seu dedo indicador em mim. Ele então o puxou para longe, revestido com minha luxúria e umidade, e o chupou avidamente, seus olhos ainda mortos em minha boceta.

— Eu me pergunto a mesma merda de pergunta toda vez que toco em você — Ele murmurou para si mesmo.

Ele não parecia com tesão. Ou encantado. Ou ligado. Mas perturbado.

Minhas bochechas já cor de cereja ficaram ainda mais vermelhas. Ele enfiou a mão inteira em mim menos de cinco minutos atrás, depois de quebrar descaradamente as regras da empresa ao desligar o sistema de segurança em um dos andares mais sensíveis do prédio, e ele ficou incomodado com isso?

— Você acabou de levar uma adolescente ao orgasmo. — Lambi meus lábios, assumindo o controle e empurrando sua mão para longe da

minha boceta. Eu puxei minha calcinha de volta no lugar e pulei da impressora. Minha calcinha estava encharcada e desconfortável.

Ele acompanhou meus passos facilmente enquanto caminhávamos para a porta. Antes de sairmos, ele ligou as câmeras novamente e apertou a tela do telefone algumas vezes. — Joe? Sim, Trent Rexroth. Acho que o sistema de CITV desligou no dia 14. Preciso que você verifique isso. Acabei de passar pelo monitor de segurança e vi que estava em branco.

Oh, Deus. Ele era um sociopata. E eu estava com sérios problemas.

Caminhamos juntos para o elevador.

— Você vai primeiro. — Ele enfiou o telefone no bolso da frente, seu tom frio e atitude ‘que se foda’ em tela cheia agora.

— Aonde você vai? — Perguntei, entrando no elevador aberto.

Quando as portas começaram a se fechar, ele disse: — Vou me masturbar até meu pau cair. Com você em minha mente, em meus dedos e meus lábios, Edie. Adolescente ou não, você está prestes a fazer um monte de coisas de adulto comigo.

Capítulo 17



Edie

SETE DIAS SE passaram desde o incidente na sala de correspondência. Uma semana inteira sem as mãos de Trent na minha cintura, abrindo minhas pernas, torcendo meu cabelo, reivindicando meu corpo de maneiras que nem sabia que eram possíveis. Depois daquela segunda-feira, passei toda a terça-feira com Camila e Luna. Jordan parecia contente com o acordo, lendo imediatamente as entrelinhas e querendo saber da conspiração. Nós, meninas, fomos comprar roupas para Luna, e mesmo que Camila torcesse o nariz para as tendências de roupas de menino da garota, eu fiquei muito impressionada com o individualismo de Luna e a encorajei a experimentar o *Converse* prateado que ela sorriu quando viu ou aquele jeans preto rasgado nos joelhos. Trent não pôde ir, nem mesmo para o almoço, porque estava em reuniões fora do escritório o dia todo. A ideia de entrar valsando em seu escritório depois que voltasse do meu tempo com Camila e Luna me ocorreu, mas abandonei, sabendo, com certeza, agora que ele tinha câmeras por todo o lugar. E não era só isso – era também a culpa. A culpa terrível e incômoda que me dizia que deveria haver uma separação entre quando eu saí com sua linda filha e o deixei usar seu dedo em mim até chegar ao êxtase... até quando roubei dele, entregando minhas descobertas ao meu pai.

A semana havia se arrastado. Trent não disse uma palavra para mim – nem mesmo ‘bom dia’ quando passou por mim no corredor. Ignorou-me completamente, fazendo questão de agir como se eu não estivesse lá.

Mamãe não saiu da cama mais de duas vezes, inclusive no fim de

semana. Tive que cozinhar e trazer suas refeições para ela no andar de cima. Não tínhamos cozinheira há anos, porque mamãe uma vez acusou uma de tentar envenená-la. E daí em diante, decidimos que não adiantava. Jordan comia fora, mamãe geralmente ficava na cama o dia todo, e mal comia, e eu não era uma comedora exigente. Tentava fazer com que ela falasse com o Dr. Knaus, mas ela rejeitava a ideia repetidamente, até que tive de ligar para meu pai e implorar para que ele argumentasse com ela. Ele gritou comigo que não tinha tempo para os dramas dela e que estava a caminho de LAX, pegando outro voo, desta vez para Londres.

Meu carro ainda estava na oficina. O mecânico disse que precisava trocar o cilindro e, quando perguntei o preço, quase desmaiei. Eu não poderia pagar, não naquele mês, então, perguntei se ele poderia ficar com o carro até que eu recebesse meu salário. Afinal, todo o dinheiro que Trent me dera tinha ido para onde deveria. E nunca tirava nada dos meus pais – nem o dinheiro, nem os carros, nem o amor deles, principalmente porque essas coisas nunca foram oferecidas.

Por outro lado, meu pai não estava por perto, então, eu poderia vir trabalhar às nove da manhã como uma pessoa sã, o que me dava tempo de surfar novamente.

Eu estava deitada de costas na minha prancha de surf, a água parada ao meu redor, observando o céu ficar mais claro a cada segundo que passava. O laranja e o rosa deram lugar ao branco e ao azul. Eu estava flutuando, olhando, sonhando, o gosto do oceano em meus lábios. Desde o dia em que nasci, sabia que tinha uma alma salgada. Sabia que amava de forma diferente. Mais violentamente. Tudo que sempre amei. Aquilo que me causava tantos problemas em primeiro lugar. A obsessão absoluta que tinha com tudo que me importava.

— Você vem, Gidget? Tenho cerveja — Bane disse ao meu lado.

Perto, mas não o suficiente para quebrar meu feitiço com a natureza. Pisquei uma vez para o sol nascente.

— Estou bem — Disse.

O som da água movendo-se encheu meus ouvidos antes que ele aparecesse ao meu lado em sua prancha de surf preta. Ele estava montado nela, os dois pés atirados na água.

— Então... Você e Rexroth. — Não havia um tom particular em sua voz. Ele não parecia zangado, irritado ou mesmo surpreso. Recusei-me a

olhar para ele, ainda curtindo o momento íntimo com o sol nascente.

— Como você sabe o nome dele? — Murmurei.

— Como posso saber o nome de Trent Rexroth? Você frequentou seu próprio colégio nos últimos quatro anos antes de se formar? Ele era a lenda do *quarterback*, idiota, idiota, blá, blá, porra, capitão do futebol, blá. Assim que vi seu rosto naquele sábado, soube quem ele era. Você sabe o que ele é?

Tive a sensação de que Bane não estava esperando minha permissão para falar.

— Velho. Fodidamente antigo, só isso. Vocês estão transando?

Um pequeno sorriso apareceu em meus lábios. — Não.

A meia-verdade veio naturalmente para mim. Como nadar. A ideia de contar a Bane toda a verdade nunca me ocorreu. Estávamos acabados, eu tendo pouco tempo para surfar e para ele, e com ele conseguindo um barco e vivendo a vida de solteiro, sem dúvida. Nunca tínhamos nos apaixonado. Nós mal nos gostávamos. Estávamos apenas... entediados. E sexualmente compatíveis, eu acho.

Ele suspirou. — Olha, é a sua vida, e você não tem idade suficiente para fazer suas escolhas, mas também é uma garota muito forte. Então, vou deixar por isso mesmo, e você nunca mais me ouvirá dizer merda sobre isso, Trent Rexroth é um problema. Ele vai te mastigar e cuspir, se for preciso. Certifique-se de que ele não precise, porque toda a cidade conhece ele e seus amigos e há um motivo pelo qual eles são reservados. Ninguém mais está disposto a se aproximar o suficiente para se queimar.

Bane saiu logo depois. Fiquei mais tempo, sorrindo quando as palavras de minha mãe ecoaram em meu crânio. *Pare de ficar tanto fora. Suas sardas estão aparecendo. Sua pele vai envelhecer. Que homem gostaria de se casar com uma mulher de 25 anos com pele de 45?*

Não queria me casar.

Não queria ficar longe do sol.

Queria apenas... ser.

Quando saí da água, minha prancha de surf enfiada sob minha axila, fui direto para minha mochila. Sem me preocupar em me trocar ou secar, meus pés ainda descalços e cobertos de areia, caminhei até o calçadão onde levaria o carro de Bane, de volta para casa para um banho rápido e depois, trabalho. Bane gostava de estacionar seu *Ford Ranger* 2008 em uma pequena duna colina acima, onde ninguém poderia lhe dar uma multa por não colocar

dinheiro no medidor. Vasculhei minha bolsa em busca das chaves sobressalentes que ele me dera quando uma mão pesada tocou meu ombro. Eu me virei, molhada e assustada, para ver quem era, mas a pessoa bateu meu estômago no carro de Bane e colou seu corpo contra o meu. Forte, alto, musculoso, assustador. Em seguida, seu cheiro rastejou em minhas narinas, fazendo minhas coxas tremerem.

— Pensei que tínhamos concordado em não mais ver Bane — Ele sussurrou em meu ouvido, sua mão serpenteando pela minha cintura e pela parte interna da minha coxa. A duna estava longe da civilização e a necessidade de abrir minhas pernas para ele era urgente e selvagem.

— Não que seja da sua conta, mas não vamos fazer sexo. Ele está apenas me emprestando seu carro até o meu ser consertado.

— Porra, não. Você vai levar meu carro sobressalente. — Ele apertou minha coxa, lambendo o sal do meu pescoço.

— Não, obrigada, Sr. *Sugar Daddy*. Eu vi esse filme. Assisti todos os malditos dias. Não vou me tornar minha mãe, e não vou depender de você para viagens e dinheiro.

Isso o fez rir e retirar a mão da minha coxa, girando-me no lugar. Após o primeiro olhar para ele, minha respiração foi arrancada dos meus pulmões. Ele não era apenas incrivelmente lindo, sem camisa e vestindo short de corrida, mas seus olhos me diziam que mataria alguém se suas ordens não fossem seguidas.

Seu tanquinho era do tipo glorioso que precisava de um *outdoor* na Times Square para celebrar.

— É isso que você pensa que é? — Um lado de sua boca se contraiu em um meio-sorriso quando ele fez uma careta. — Oh, não sou seu namorado, querida.

— Então, o que é você? — Engoli em seco.

Ele se inclinou mais perto de mim, sussurrando na curva do meu pescoço: — Sua ruína.

Então, antes que eu soubesse o que estava acontecendo, a porta do banco de trás de Bane se abriu e fui jogada nele, de costas, com ele subindo em cima de mim. Ele preencheu o espaço, não deixando espaço para nada além da luxúria, desejo e pecado. Ele se apertou contra mim e senti sua enorme ereção. Eu o acomodei abrindo minhas pernas o máximo que pude no pequeno espaço, segurando suas nádegas e trazendo-o para mim.

Gemi, arranhando suas costas nuas e suadas enquanto seu pau perfurava meu estômago, me fazendo enlouquecer, me esquivando e deslizando desconfortavelmente apenas para obter mais de seu toque. Ele iria me foder a seco no carro do meu ex-namorado, e não era por acidente. Era assim que ele agia. Reivindicava seu brinquedo, brincava com ele e, depois de um tempo, o destruía.

— Por que você está fazendo isso? — Perguntei, sentindo a fricção entre nós aquecendo minha pele. Meu corpo estava implorando para que as barreiras entre nós desaparecessem. Eu precisava dele dentro de mim.

— Por que estou fazendo o quê?

— Por que você está fazendo essa afirmação estúpida no carro de Bane? Você claramente me seguiu aqui. Você fez isso todas as manhãs esta semana?

— Sim — Ele disse honestamente, levantando-se nos antebraços para puxar a barra do meu biquíni para baixo. Ele olhou para minha fenda novamente, como se tivesse perdido. Para a minha tatuagem da cruz negra em meu quadril, esfregando o polegar distraidamente. — Mas não era a hora certa. Não podemos ser pegos.

— Eu sei. Não vamos — Disse. Nós dois tínhamos muito a perder. Eu mais do que ele, mas ele não precisava saber disso. Eu adorava como Trent me fazia sentir, mas não confiaria nele com meu alisador de cabelo, muito menos meu segredo. Não queria que ele tivesse mais influência sobre mim.

Ele levantou as minhas pernas para descansar contra seus ombros e se inclinou para frente, fazendo meus tendões esticarem e minhas pernas se espalharem enquanto ele movia sua língua da minha bunda até minhas dobras. Tremi, meus olhos se arregalando em choque e prazer. Ninguém jamais havia tocado essa parte em mim. A parte da porta dos fundos. E Trent... ele nem havia pedido permissão.

— Tão fodidamente doce — Ele rosnou em minha pele macia, chupando meu clitóris. Eu choraminguei, segurando sua cabeça com as duas mãos e erguendo meus quadris até seus lábios para obter mais dessa sensação inebriante. — Tão minha.

— Doce? Posso ser. Sua? Não — Ofeguei, esfregando-me contra seu rosto descaradamente enquanto ele tomava seu doce tempo chupando meu clitóris vagorosamente, seus dedos roçando minha fenda, mas nunca realmente penetrando. Ele estava apenas brincando com a minha excitação

neste momento, esfregando-a contra a minha entrada como se estivesse construindo algo mais.

— Importa-se de testar essa teoria? — Ele mordeu a carne das minhas dobras e meus dedos apertaram suas têmporas enquanto eu rolava minha cabeça para trás, meus olhos fechados, sentindo a baba se acumulando na minha boca. O que diabos estava acontecendo?

— Claro — Mal consegui falar.

Seu dedo molhado viajou ao longo da minha boceta e em direção à minha bunda, e eu imediatamente apertei lá, mas não queria ser a covarde me afastando antes que ele tentasse qualquer coisa. Além disso, sua boca me devorando foi a melhor coisa que já aconteceu ao meu corpo desde o surf.

— Já experimentou anal? — Ele perguntou. Seu dedo cutucou meu buraco, desenhando círculos preguiçosos ao redor dele. Parecia... engraçado, mas não ruim. Fazia cócegas e era estranhamente provocador. Eu engoli, balançando minha cabeça, meus olhos ainda fechados.

— Você vai conhecer quando eu terminar com você. Já levou um tapa na sua boceta? — Seu dedo empurrou em meu buraco enrugado, apenas uma polegada, mas ele mergulhou em minha boceta com sua língua ao mesmo tempo, me fazendo rugir de desejo e luxúria e fazendo minhas pernas tremerem.

— Não — Admiti.

— Sim, isso vai acontecer também. Que tal cubos de gelo?

— S-sim! — Eu expirei, enquanto ele enfiava sua língua dentro e fora de mim, me penetrando de uma forma que parecia mais áspera do que sexo real. Eu estava encharcada, e não do oceano. Enfiei sua cabeça mais profundamente entre minhas coxas, não me importando com as consequências, e ele, em troca, empurrou seu dedo inteiro dentro de mim e o curvou para cima, seu sorriso contra minha pele quente me fazendo queimar como uma fogueira. Meu clímax agarrou todos os ossos do meu corpo, me sacudindo em ondas lentas e intensas e fazendo meus dentes baterem. Meu Deus. Oh, meu Deus. Não sabia que isso poderia ser tão poderoso. Muito louco. Eu estava... *completa*.

— Claro, você experimentou gelo — Ele murmurou em minha boceta, rindo maldosamente. — Aposto que é por isso que Bane disse que você não era comum. Você não é apenas comum, você é comum e sem glúten. Repita comigo: segura, sensata e consensual, Edie.

O orgasmo estava batendo em mim como uma chicotada. De novo e de novo. Levei alguns momentos para perceber que estava experimentando orgasmos múltiplos pela primeira vez na minha vida. Eles eram todos igualmente intensos, e eu estava começando a me perguntar o que havia em Trent que me fazia sentir como se estivesse queimando de dentro para fora. Bane era bom de cama. Ele era ótimo, na verdade.

Mas ele não me deixava em chamas apenas por virar as costas para mim quando as línguas de fogo me consumiram.

Ele não despertava em mim a necessidade de fazer e dizer coisas malucas.

— Diga — Trent ergueu a cabeça, olhando para mim intensamente com seus olhos lívidos, sua boca brilhando com meus sucos. Meus olhos viajaram de seu rosto para seu antebraço musculoso e venoso, seu braço desaparecendo entre minhas pernas enquanto seu dedo ainda estava enfiado dentro da minha bunda.

— Segura, sensata e consensual, Edie — Repeti descaradamente.

— Isso — Disse ele, pairando sobre mim, seus lábios quase tocando os meus. De repente, ele estava perto, perto demais. Perto do meu rosto. Perto do meu corpo. Perto do meu coração. Seu dedo deslizou para fora de mim lenta e provocativamente, e um tremor final percorreu meus membros relaxados. — É por isso que sei que você é minha, Edie. Seu corpo já é meu. Sua boceta pertence a mim, sua bunda está na metade do caminho, e o resto... — Ele sorriu, desejo agitando em suas íris fazendo-o parecer diabolicamente sinistro. — O resto eu não me importo.

Seus olhos caíram para meus lábios, que estavam selados e fechados, e não abertos para negócios. Ele pode ter sido ótimo na cama, mas ele estava certo. Beijar não fazia parte do pacote. Não por causa de alguma besteira de filme de Hollywood, mas porque não havia nada de íntimo no que éramos. Na verdade, quando se tratava de nossos corações e mentes, mantivemos o máximo de distância que podíamos um do outro.

A boca de Trent se abriu e por um minuto achei que ele fosse dizer mais alguma coisa. Pior, achei que ele fosse me beijar. Seus lábios macios quase tocaram os meus antes que ele se levantasse e deslizasse para fora do veículo, virando as costas para mim e me dando tempo para deslizar a parte de baixo do meu biquíni de volta.

Fora, ele agarrou a prancha de surf encostada no veículo.

— Vou levá-la para casa.

— O quê? — Bufe e ri, acompanhando seus passos. — Você não pode ser visto comigo.

— Tenho vidros escuros. Além disso, seu pai está fora da cidade. Se você não colocar sua prancha no teto, estamos bem. Nós precisamos conversar.

Caminhamos até seu prédio. Ele carregou minha prancha de surf todo o caminho até lá, a enfiou no carro e eu tive que me lembrar que ele não era um cavalheiro. No carro, ele tinha a mão na minha coxa nua, apertando-a enquanto seus olhos estavam na estrada. Adorei estar lá com ele. Tudo cheirava a ele. Limpo, caro com uma mordida de proibido. De algo sujo e sexy. O assento adaptado de Luna atrás de nós era o único lembrete de que ele era um pai. Todo o resto nele parecia um homem solteiro imprudente. Um único homem que queria me destruir.

— Então, o que há com a mãe de Luna? — Perguntei. Não era nem sobre ele. Sabia que ele estava livre. Apenas tentei entender como alguém pode deixar seu filho e nunca olhar para trás.

— Não é sobre isso que eu quero falar. — Sua voz era de aço.

— Que azar, Rexroth, porque você não controla todos os aspectos desse relacionamento — Disse, fingindo olhar pela janela para a cidade praiana em que morávamos quando, na verdade, tudo que eu queria era pegá-lo na visão periférica.

— A mãe de Luna chutou nossas bundas quando minha filha tinha um ano de idade. Tenho procurado por ela desde então. — Seu tom foi direto e profissional. Eu gostava desse lado dele. O lado que me dava algo sem me sentir magoada ou incomodada por seu ego.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que você está procurando por ela? Ela obviamente não quer ser encontrada.

Ele balançou a cabeça, a mão no volante, a outra ainda massageando minha coxa. Era difícil me concentrar com ele me tocando. Mal fui capaz de decifrar suas palavras enquanto ele estava simplesmente lá, todo homem, e músculos e atitude arrogante, não importa quando ele estava me tocando. Mas eu estava muito excitada para fazê-lo parar.

— É complicado.

— Por quê? — Insisti.

— Porque todo mundo precisa de uma mãe.

— Depende da mãe — Disse vagamente.

— Na verdade, não — Disse ele.

— Confie em mim. — Ri, desviando o olhar, desta vez de verdade.

Depois de uma batida prolongada, ele começou a falar novamente. — Diga-me por que você precisa de tanto dinheiro, Edie. Diga-me por que seu pai garante que você fique falida. Por que você odeia dinheiro como se ele o prejudicasse.

Como eu poderia dizer a ele sem de alguma forma tentar justificar que ainda morava com meus pais? Eu deveria ter me mudado há muito tempo. Não queria viver nas ruas e não conhecia ninguém que fosse louco o suficiente para irritar Jordan Van Der Zee e me permitir morar com eles. Bem, além de Trent Rexroth. A verdade significava admitir que era completamente propriedade de meu pai.

— Não é sobre isso que eu quero falar — Ecoei sua rejeição anterior.

— Que azar, Van Der Zee, porque você não controla todos os aspectos de nosso relacionamento. — Um sorriso amargo encontrou meus lábios. Sua mão subiu entre minhas coxas, agora cobertas por short curto, e ele começou a esfregar meu ponto sensível, me fazendo apertar e gemer.

— Ok. — Respirei fundo, ainda delirando com meus orgasmos anteriores esta manhã. — Resumindo, Jordan tem algo contra mim. Algo que dá a ele muito poder sobre minha vida.

— É algo que você fez? — Ele perguntou.

Eu pensei sobre isso objetivamente. — Não.

— Pode ser alterado?

— Em teoria, sim. Mas, na prática, ele tem muito poder para perder esse tipo de batalha legal. Além disso, tem algumas coisas acontecendo em casa. Minha mãe... — Eu não sabia por que estava confiando em Trent, mas talvez fosse porque eu não tinha mais ninguém com quem conversar. — Ela está sofrendo de problemas de saúde mental. Cortar os laços com Jordan significaria cortar os laços com ela por associação. Ela está muito fraca. E precisa de mim.

— Então, você está criando um dos pais e tentando não ser destruída pelo outro — Ele esclareceu, seu tom seco e sem emoção. Estremeci por dentro com a maneira como ele disse, mas, felizmente, sua mão entre as

minhas coxas tornou tudo muito menos deprimente do que realmente era.

— Exatamente.

Ele parou em um posto de gasolina e tirou a carteira do console central.

— Vou pegar um café. Quer um?

Balancei minha cabeça. — Mas água de coco seria ótimo.

Ele bufou, revirando os olhos. — Fodidamente hippie rico.

No momento em que ele se foi, sua mão não estava mais no meu clitóris, minha mente disparou. O que eu estava fazendo, falando com ele sobre coisas pessoais? E o que eu estava fazendo, me aproximando dele quando deveria usá-lo?

Atordoada e confusa, abri o porta-luvas que parecia quase biônico no *Tesla*, sabendo que tinha que trazer algo para o meu pai para a próxima semana, *qualquer coisa*. O *pen drive* exigia mais tempo, mas eu ainda poderia mostrar a ele que fiz minha devida diligência.

Peguei um celular antigo – o tipo de *Nokia* que as pessoas costumavam jogar *Snake* – e uma pilha de cartões de visita que nem me incomodei em ler. Alguns deles devem ser úteis para Jordan. Enfiei os tesouros em minha mochila, sentindo minha nuca ficar suada enquanto a vergonha inundava minhas entranhas. Eu iria para o inferno por fazer isso. Mas eu enfrentaria um milhão de infernos para passar esta vida com Theo.

Trent voltou com um café e uma garrafa de água de coco, entregando-me minha bebida. Ele afivelou o cinto de segurança e saiu de ré da vaga, parecendo casual e tranquilo. Não consegui olhar para ele o resto do caminho, e ele deve ter percebido a mudança de humor porque não me tocou mais.

Quando estacionou na frente da minha casa, ele se virou para mim. Olhar em seus olhos foi como jogar roleta russa com cinco balas no pente.

— A partir deste dia, você passa um tempo com Luna e Camila nas terças e seus domingos são meus.

— E quanto a Luna?

— Ela é um pacote. Vamos passar o dia com ela, e quando for sua hora de dormir, será nossa também.

Peguei meu lábio inferior entre os dentes superiores, arrastando-o lentamente enquanto o observava. Eu estava me enredando nele. Sabia que deveria parar.

— Ok. — Edie estúpida. Boca estúpida. Luxúria estúpida.

— Hoje, no escritório, vou instalar o app *Uber* no seu celular através do meu cartão de crédito. Este será o seu meio de transporte até que o carro seja consertado. Chega de porra de Bane e chega de *porra* de Bane.

— Não, eu...— Comecei de novo, mas ele agarrou meu queixo com a mão, inclinando minha cabeça para que nossos narizes quase roçassem por estarmos tão perto.

— Houve um ponto de interrogação na minha frase? Acho que não. Poupe-me dessa merda sobre sua mãe e seu pai, Edie. Você não é eles. E você não está dirigindo algum lixo não confiável. Você vai tomar um *Uber*. Fim da história.

Sorri, sabendo que ele não conseguiria o que queria. Nem naquele dia, nem nunca. Eu não era moleza. Não quando não era sobre Theo. Abri a porta do passageiro, saindo e encostando-me na janela, como fiz no reservatório. Seus *Wayfarers* já estavam postos.

— Ei, Trent?

— O quê? — Ele quase rosnou.

— Sobre os domingos. Posso decidir o que faremos com Luna.

— Absolutamente não. Não podemos ser vistos juntos, Edie.

— Vou garantir que sejamos discretos.

— Não.

— Houve um ponto de interrogação no final da minha frase? — Joguei nosso jogo novamente, onde jogamos as palavras um do outro como bumerangues. — Eu posso decidir o que fazemos...

Ele suspirou, colocando o carro para andar. — Que dor de cabeça do caralho — Disse ele.

— Dirija com segurança, sensato e consensual. — Bati no teto de seu carro e fui embora. Pensei tê-lo ouvido rir atrás de mim, mas não me virei para verificar.

Em vez disso, fechei os olhos e imaginei que sua voz era uma onda.

Deslizei todo o caminho até um sorriso.

Capítulo 18



Trent

— TEM ALGUMA COISA errada? — Sonya perguntou.

O mesmo escritório doce e caloroso de sempre, mas agora tudo que consegui foi um ombro frio. Meus dedos estavam entrelaçados em sua mesa, meu rosto não-fode-comigo em plena exibição. Luna estava lá fora, brincando com Sydney. Sonya a mandou embora e eu sabia exatamente por quê. Luna e eu tínhamos passado por outra sessão fútil – mas isso era de se esperar – e eu até contei a Sonya sobre a aula de linguagem de sinais que tínhamos ido e como aprendemos sinais práticos, como *estou com fome*, *quero ir para casa* e *estou desconfortável*, o que Luna já havia usado algumas vezes e eu conseguia ler – embora devagar *pra caralho*.

A única coisa que não caiu bem para Sonya foi o fato de eu não ter ligado para ela por algumas semanas. Meu apetite sexual não estava satisfeito. Nem um pouco. Na verdade, nunca sofri de um caso extremo de bolas azuis. Mas o que eu poderia dizer à terapeuta da minha filha? Que não queria mais bater em sua bunda porque estava muito ocupado comendo e tocando alguém com quase metade da minha idade, que recentemente adicionou à sua coleção de itens roubados meu antigo telefone celular, meu *iPad* e cada pedaço de documento de merda que mantinha no meu portafólio?

— Não há nada de errado — Assobieei.

— Não acredito em você.

— Luna responde muito bem às aulas de língua de sinais e está

passando mais tempo com a garota do trabalho. — Sonya sabia sobre Edie. Sabia que a garota que nos pegou transando estava fazendo amizade com Luna. Sonya era cautelosamente a favor do relacionamento, gostando da ideia de Luna curtir a companhia de outra pessoa, mas preocupada que Edie não entendesse as consequências de se afastar repentinamente e ignorar Luna quando ela fosse para a faculdade, arranjasse um novo namorado, ou qualquer caralho desse. Felizmente, bloqueei o problema do namorado. Ela não iria namorar tão cedo.

Sonya se recostou na cadeira e franziu os lábios, exalando vibrações ruins.

— Você não me chama há algum tempo.

Ela poderia registrar esta reclamação ao lado de Amanda, que também não tinha recebido uma ligação recentemente. Como tudo que fiz, não era pessoal. Acontece que havia apenas uma pessoa que queria colocar entre os lençóis agora.

— As coisas mudaram. — Eu estalei meu chiclete, meu olhar duro e entediado.

— Como assim?

— Estou saindo com alguém. — Mentira cega, mas, ei, mentiras eram o que mantinham este mundo funcionando. Eu não estava saindo com Edie. Estava apenas observando seu rosto bêbado de desejo enquanto eu a comia e tocava sua bunda doce e apertada. Ao mesmo tempo, Sonya não era mais necessária para mim e eu tinha que deixá-la ir. Nosso relacionamento sem compromisso atingiu a data de expiração. Era hora de seguir em frente.

— Oh. — A terapeuta se animou em sua cadeira, suas sobrancelhas subindo tão alto na linha do cabelo que quase desapareceram. — Eu a conheço?

— Por que conheceria? — Retruquei rápido demais. Certo. Talvez eu estivesse um pouco na defensiva porque Edie mal tinha idade legal e a ideia de ser um papa-anjo me irritava. Mordi o interior da minha bochecha pensando em como éramos, nos sentíamos, *parecíamos* ilícitos. O homem bronzeado e musculoso e a adolescente loira.

— Vamos, Trent. Você dificilmente sai de casa. E aposto tudo na minha conta de poupança que você não tem o aplicativo *Tinder*. Como vocês se conheceram?

— Trabalho.

— Ela trabalha com finanças?

Nem mesmo perto. Inclinei minha cabeça para o lado. — Algo parecido. Espero que isso não mude seu compromisso com Luna? — Tentei parecer cortês e manter o tom de voz afastado.

Sonya franziu a testa, alcançando sua mesa desordenada para bater na minha mão. — Absolutamente não. Estou cem por cento comprometida com sua filha e cerca de oitenta por cento feliz por você.

— Oitenta? — Levantei uma sobrancelha.

— Os outros vinte são principalmente ciúme e amargura. — Ela riu. Eu quase sorri.

Após a sessão, coloquei Luna em sua cadeirinha e dirigi sem rumo por um tempo. Era muito cedo para voltar para casa e começar nossa rotina de dormir, e Luna gostava de lugares pequenos, onde ela podia ver, mas não ser vista. Eu não sabia o que havia em Edie que me enfurecia. Talvez fosse o fato de que nos conhecemos quando ela tentava roubar de minha mãe. Talvez porque o pai dela fosse racista, e eu pensava – esperava até, porque isso tornaria as coisas muito mais fáceis – que talvez ela também fosse. Ou era o fato de que eu sabia que ela estava atrás de mim – atrás da minha merda, dos meus segredos, do meu pescoço?

Bem, as coisas ficaram fora de controle.

E eu não as tinha impedido.

Deveria, mas não fiz.

Ela tinha dezoito anos. Aquilo era bom. Ela era legal.

Aquilo também era ruim. Ela ainda era muito jovem para entender o que tudo isso significava.

Se minha filha conhecesse um homem com o dobro de sua idade e decidisse ficar com ele, eu estaria perdendo a cabeça e iria para cima dele como *Gran Torino* sem nem piscar.

Felizmente para mim, Edie não tinha um pai amoroso. Ela tinha Jordan Van Der Zee.

Luna chutou meu assento e eu olhei para o retrovisor, franzindo a testa.

— E aí?

Ela apontou para algo fora da janela. Movi meu olhar para ver o que ela queria. — Sorveteria? Sim, não vai acontecer.

Dois chutes. Depois, mais um de saideira.

— Nada de *junk food*, garota. Você sabe as regras.

Eu era bom nas coisas técnicas. Eu a alimentava com uma dieta nutritiva e bem balanceada, assegurei-me de que ela dormisse bastante e tivesse o tipo apropriado de estímulo intelectual. Era a parte pessoal que eu não tinha esperança.

Luna acenou com as pequenas mãos como se estivesse gritando, marcando território, e me ocorreu que ela nunca tentara se comunicar comigo assim antes. Ativamente. Uma bala de emoção atingiu meu estômago. Pode não ter parecido um grande avanço, mas parecia um. Eu me vi batendo os dedos no volante, tentando conter minha empolgação. O sorriso que eu estava mordendo estava escapando.

— Você está com fome ou apenas com vontade de algo doce? — Perguntei, meus olhos grudados no espelho retrovisor. Ela bufou e jogou uma mão no ar, olhando para mim como se eu fosse uma idiota.

— Doce, então. Se você estivesse com fome, teria chutado até quebrar minhas costas.

Seu sorriso era leve, mas estava lá. Era inebriante.

Eu queria escrever algo para ela. Algo bom. Algo que deixaria Sonya orgulhosa.

Luna, Luna, Luna.

Meu labirinto emaranhado.

Mostre-me o caminho para o seu início e o seu fim.

Para o ponto de saída.

Para sua pequena alma pura.

— Vou fazer uma sugestão, se me permitir. — Funguei, esfregando meu rosto com a mão para esconder meu sorriso estúpido.

Ela balançou a cabeça, sorrindo. Desta vez, eu não pude evitar. Eu ri. Minha filha tinha um senso de humor do caralho e estava aceso.

— Pirralha. Era uma figura de linguagem. Eu realmente não estava perguntando. Há uma barraca de churros perto do nosso prédio. Eles também vendem pretzels de canela. Você nunca comeu um churro, comeu?

Ela balançou a cabeça novamente.

— Bem, precisamos retificar isso antes que o serviço social tire você de mim por negar a você tudo de bom neste mundo. Mas, se você comer um churro hoje, você não receberá nenhum *junk food* até a próxima semana. Isso inclui domingo com Edie, e eu não sei o que ela planejou para nós.

Os olhos dela. Seus malditos olhos. Eles se pareciam com os meus e se acendiam como vaga-lumes à noite. Pareciam os olhos de qualquer criança de quatro anos. Esperançosos. Ela deu chutes firmes, rápidos e ansiosos no meu assento.

— Isso é sobre o churro ou sobre Edie?

Um chute.

— Chute uma vez se for o churro, duas se for Edie.

Chute, chute. Sentei-me, roçando o volante, sentindo-me calmo pela primeira vez em anos.

— Sim, ela vai vir no domingo e passar algum tempo conosco. Ei, por que ela te chama de Germes?

Eu sabia por que, mas queria tentar fazer com que ela falasse comigo.

Luna parecia perplexa. Parei de fazer perguntas que exigiam que ela falasse ou elaborasse há muito tempo. Minha mãe disse que eu a estava matando com gentileza, deixando-a não falar. Eu geralmente respondia que ela tinha merda suficiente sendo questionada e cutucada por outras pessoas para que eu a importunasse também. Vi as rodas girando na cabeça de Luna. Ela estava tentando descobrir como se comunicar comigo. Normalmente ela me ignoraria e seguiria em frente. Mas, pela primeira vez na vida, ela quis me contar. Alguém buzinou atrás de nós. Eu estava muito envolvido no momento e perdi o sinal verde. Eu não dava a mínima. O carro deu uma guinada para frente e desviou de nós no momento em que Luna abriu as mãos e acenou para eles.

— Você dançou?

Ela balançou a cabeça, parecendo irritada. Colocou as mãos perto do rosto e fez um som de nojo.

— Você é suja? — Tentei, fingindo que Edie não tinha me contado na noite em que foi babá.

Fale, Luna. Converse. Aceito qualquer coisa, não apenas palavras. Não apenas gestos. Qualquer. Porra. De. Coisa. Então, talvez nós dois não ficaríamos tão solitários naquela grande cobertura.

— Você a conheceu quando estava suja? Você tinha algo em suas mãos? Ela ajudou você a limpar?

Ela balançou a cabeça violentamente, suas sobrancelhas descendo. Ela apontou para a palma da mão aberta, então, beliscou o nariz em um gesto de mau cheiro, seus olhos arregalados me implorando para pegá-lo.

Fala!

— Ela fede? Você fede? Você tinha algo em sua mão? Ela te deu algo fedorento?

A pior parte da minha semana foi o momento em que vi Luna desistindo de nossa conversa. Seus ombros caíram e ela suspirou, cruzando os braços e olhando pela janela. Me ignorando.

Não nos comunicamos pelo resto da viagem até chegarmos em casa e perguntei se ela ainda queria aquele churro. Ela me ignorou pela milionésima vez naquele dia, assim como fazia todos os dias.

Nada mudou.

O domingo não poderia chegar rápido o suficiente.

Edie Van Der Zee era provavelmente a pessoa mais branca que já conheci. Fato.

Ponderei esse pensamento enquanto ela se sentava ao meu lado, conversando carinhosamente com um cachorro que lambia suas bolas enquanto fazíamos um piquenique em um parque de Anaheim, que era o último lugar que alguém que conhecíamos estaria. Era também onde ficava a Disneylândia, para onde levamos Luna.

Luna estava usando orelhas de *Minnie Mouse* que eram muito grandes e comendo o sanduíche que Edie tinha feito antes de sairmos de casa. Manteiga de amendoim, geleia e uma fatia de queijo cheddar no meio.

— Você está gostando da vista com sua refeição? — Rosnei, sentando-me na beira da nossa mesa de piquenique e sem tocar em nada da comida. Não estava particularmente com fome, e não apenas porque a Srta. Van Der Zee inventou o sanduíche mais nojento conhecido pelo homem. Também estava sendo um idiota ciumento porque Edie conseguia espremer reações e expressões faciais que eu não sabia que existiam da minha filha.

As garotas me ignoraram, suas cabeças amontoadas quase se tocando enquanto Edie explicava a Luna algo sobre como a crosta do pão é obscenamente subestimada e como ela gosta de torrá-la e mordiscar como um palito.

— Trent, você é um comedor de crosta? — Edie me perguntou, levantando a cabeça. Cocei meu queixo mal barbeado, evitando uma

insinuação sexual grosseira na frente da minha filha. Edie se comportou como a babá perfeita em toda a Disneylândia. Ela basicamente ignorou minha bunda, segurou a mão de Luna o tempo todo e nem piscou quando duas jovens mães me paqueraram enquanto eu comprava raspadinhas para nós.

— Não como pão.

— Por quê?

— Não gosto.

— Quem não gosta de pão?

— Alguém que gosta de seu abs. — Dito como o verdadeiro bastardo presunçoso que eu era. Os olhos de Luna voaram para Edie em alarme, e ela colocou a mão no ombro da minha filha.

— Está tudo bem, Luna. Não precisamos de abs. A vida é muito curta para negar a si mesmo uma festa de manteiga de amendoim, geleia e queijo cheddar.

Uma coisa era ser um idiota com Edie – uma forasteira, mas eu não podia fazer isso com Luna. Abaixei-me, batendo nas orelhas de *Minnie Mouse* de Luna. — Ei. Se importa em dar uma mordida para o seu velho? — O pedido de desculpas para ela estava na minha voz.

Ela me entregou seu sanduíche e eu dei uma pequena mordida, observando seu rosto se transformar em um sorriso. *Porra, valeu a pena.*

Quando chegamos em casa, eram seis. No momento em que Luna tomou banho, foi alimentada e eu li uma história para ela – Edie aproveitou a oportunidade para ir cuidadosamente até um dos banheiros e tomar um banho – já passavam das oito.

Então, éramos apenas nós. Edie, eu e nossos pensamentos sinistros.

Percebi que entrar no banheiro enquanto ela tomava banho era muito assustador, especialmente considerando que eu já havia cedido às minhas tendências de *stalker* para limitar o território da ordem de restrição quando se tratava dela.

Relutantemente, esperei por ela no sofá, olhando para um filme de ação sem realmente assisti-lo, me perguntando o que diabos eu estava fazendo.

Eu sabia que ela ainda viria atrás de mim.

Mesmo assim, não consegui parar, caralho.

Eu tinha sentimentos por ela? Acho que não. Mas gostava de tê-la por perto. Gostava de como ela colocava um sorriso no rosto da minha filha.

Como sua bunda fodível e o corpo magro de surfista ficavam contra o meu. Como ela respondia ao meu toque da mesma forma que você responde ao seu primeiro beijo. Com crueza incontida. Ela era argila. Eu poderia fazer o que diabos eu quisesse com ela. E queria fazer tudo. Até a última fantasia sórdida que permanecia adormecida em minha cabeça.

Para validar meu argumento, Edie foi até a sala de estar descalça, seus longos cabelos amarelos ainda molhados e cheio de nós. Ela voltou com as roupas que usara na Disneylândia – um short turquesa e uma blusa *Rip Curl* na cor do arco-íris. Ela parecia um presente esperando para ser desembulhado, e me perdoei por não tê-la confrontado sobre o telefone roubado, tentando me lembrar de que não deveria me importar. A única coisa com informações comprometedoras sobre Jordan era meu *pen drive*, e ela nunca poria as mãos nele. No momento, estava no meu cofre, longe de seus dedos pegajosos.

Ela só podia colocar as mãos em coisas inúteis, e nós estávamos apenas brincando, então, nenhum dano aconteceu. Nenhum de nós mentiu sobre nossas intenções. Não era como se ela tivesse me traído.

Esparramado no sofá, bati na minha coxa, deixando cair minha cabeça na pilha de almofadas fofas atrás de mim. — Vem cá.

Ela espiou por baixo dos cílios molhados, parecendo tímida por um breve momento. Eu me perguntei se era por causa do que íamos fazer ou do que ela *pensava* que aconteceria. Bane disse que ela não era normal, mas o que ele realmente quis dizer é que ela não era normal para *ele*. Para mim, eu era diferente. Um animal sombrio e carente vivia dentro de mim. Sempre que eu o deixava sair – e sempre o deixo sair na cama – ele floresce. A liberdade dava ao selvagem dentro de mim um bom zumbido, e era por isso que às vezes eu ficava um pouco empolgado.

Não conseguia perder o controle com Edie. Não com ela.

Edie se aproximou e montou em mim como se fosse uma stripper no primeiro dia e não tivesse certeza do que fazer. Foi estranho porque não éramos um casal. Não éramos íntimos. Nós nem éramos amigos. Eu não comentava sobre isso, porque a familiaridade estava fora da porra da mesa com todos, mas com ela especificamente.

Em vez disso, arrastei minhas mãos por suas coxas até a curva de sua bunda, e nós dois observamos, sua pele clara sob o crepúsculo da minha. O desejo não tinha cor. Mas tinha um rosto e olhou para mim, piscando

rapidamente ao ritmo de seu coração martelando.

— Gosto de Luna — Ela disse baixinho, envolvendo os braços em volta do meu pescoço, seus dedos tentando agarrar meu cabelo muito curto. Por um segundo, eu queria beijá-la, apenas por dizer isso.

Em vez disso, apertei sua bunda, batendo seu corpo na minha ereção, meu jeans e seu short se roçando.

— Ela gosta de você também — Retruquei.

— Ainda assim, não gosto de você — Ela continuou, esfregando-se contra meu pau deliberadamente, e desde quando eu estava fazendo a terceira base regularmente? Tive várias chances de transar com Edie, mas não conseguia. Pegar essa garota – tão diferente do meu tipo normal, maduro e cheio de curvas – e fazer coisas de adulto com ela.

Queria morder seu lábio e vê-la sangrar em mim.

Em vez disso, caralho, eu tranquei minha mandíbula, sentindo meu pomo de adão tremendo ao engolir. Com a mão ainda em sua bunda, estendi a outra para a mesa de centro perto do sofá, abrindo a gaveta à prova de crianças e pegando um baseado. Coloquei-o entre meus lábios e segurei a ponta com a mão, acendendo-o.

— Também não gosto de você — Respondi casualmente, fechando meu *Zippo* e colocando-o de volta na mesa de aço inoxidável.

— Mas gosto de como você me faz sentir. — Ela me cavalgou por entre nossas roupas. A necessidade dolorosa por ela escalava tortuosamente lenta, me lembrando de por que sexo na adolescência era muito mais divertido do que na casa dos trinta. A antecipação fez meu pau estremecer. — Você me faz sentir selvagem. Destemida. Como se eu fosse alguém. Alguém forte. — Seus lábios arrastaram ao longo do meu pescoço, quentes e macios.

Exalei uma faixa de fumaça para cima, inclinando-me e passando meus lábios contra o lado de seu pescoço. — Qual é o seu fascínio pelo poder? — Corri minha mão por seu braço, acariciando a bainha de sua camisa. Queria que saísse. Seus mamilos estavam eretos sob sua blusa, implorando para serem lambidos, chupados e mordidos. Seus seios eram tão pequenos – minúsculos *pra* caralho – a ideia de amassá-los em minhas mãos grandes fazia minhas bolas apertarem, sabendo que não havia o suficiente deles, que eu ficaria faminto por mais *dela*.

— É menos uma questão de poder, mais uma questão de força. Por que eu não quero ser forte? Não é isso que todo mundo está atrás? — Ela

inclinou a cabeça, deslizando os dedos para agarrar meu baseado e dar um trago. Deixei. Deixei a garota de dezoito anos no meu colo, esfregando sua boceta molhada em todo o meu jeans *Diesel*, fumar comigo. Passaram-se anos desde que eu dei a uma mulher uma tragada, e eu nunca, nunca fiz nada ilegal com uma garota que ficava na linha entre quase legal e *sexy-pra-caralho-e-vale-a-pena-a-auto-aversão*.

Mas Edie não era uma garota.

Edie era a porra do meu fim.

Ela exalou a fumaça direto no meu rosto e aproveitei para arrancar o baseado de sua mão e colocá-lo no cinzeiro. Puxei sua blusa e joguei no chão, admirando seus seios nus pela primeira vez. Seus mamilos eram duas moedas rosa. Ela estremeceu de prazer quando segurei um deles, rolando a pele rechonchuda sob meus dedos e olhando para ela como um cão faminto.

— Se você quer ser forte, seja — Sibilei.

— Fácil para você dizer. — Ela enfiou os seios no meu rosto, perdendo cada grama de controle sobre seu autocontrole. Eu a segurei, meus dedos acariciando, roçando em suas costelas enquanto levava um de seus mamilos em minha boca, chupando-o vorazmente antes de morder a ponta e senti-la puxar seus seios, mas apertar em meu pau com mais força. Parei quando senti arrepios em torno de seu mamilo e suguei a dor, e ela gemeu mais alto.

É isso aí, baby. Dor e prazer. Jogando juntos, mas não de forma boa.

— Oh, sim, sou um bastardo sortudo — Bufe, escovando meu polegar sobre seu mamilo corado. — Ir para o Ensino Médio com as crianças mais ricas do estado quando não tinha dinheiro nem para comprar equipamentos de futebol. Trabalhar em dois malditos empregos depois da escola apenas para poder comprar suprimentos para o meu próximo ano letivo. Sendo o *playboy*, a foda boa e casual que ninguém jamais namoraria seriamente nesta cidade — porque sou meio negro, porque sou pobre, porque sou o estereótipo que as pessoas desejam como amigo, mas nunca como família. Você está certa. Não conheço as dificuldades. — Dei um tapa em seu peito, não muito forte, mas não suavemente também. Ela estremeceu e agarrou minha cabeça, puxando-me para ela. Nós derretemos um no outro e era perigoso, fazendo qualquer porra que estávamos fazendo na sala de estar, onde Luna poderia facilmente entrar. Dei uma última tragada no baseado antes de terminá-lo, então, coloquei tanto ele quanto o isqueiro no meu bolso

para eliminar todas as evidências de que já estive lá. Peguei Edie pela bunda e a carreguei para o meu quarto, meus lábios e dentes em seu outro mamilo. Beijando, acariciando, lambendo, fazendo sua pele florescer. Eu não a mordi. Não quando ela estava esperando. Metade da diversão era não esperar o tapa e a mordida. Ela iria aprender. Eu iria ensiná-la.

Meu pau estava tão duro que pensei que fosse atirar minha carga nas minhas calças como um maldito adolescente.

— Minha — Disse, meus lábios correndo de seus seios até sua caixa torácica, todo o caminho até seu pescoço. Tudo era macio e bronzeado e cozido pelo sol. Chutei a porta do meu quarto e a deitei na cama *king-size* com plataforma de carvalho escuro. Suas pernas se abriram para mim de boa vontade, mas seu coração não, e talvez seja por isso que ela era a garota que deixava meu pau ainda mais duro e se esquecia de todas as outras.

— Cada centímetro seu é meu. Sua respiração é minha. — Apertei sua garganta, deslizando em cima dela, minha língua explorando o espaço entre seus seios, logo acima de seus pulmões. Minha boca se moveu como uma seta direta até seu umbigo. — Sua mente é minha. — Puxei seu cabelo sem nem mesmo levantar os olhos de sua barriga lisa, ouvindo seu gemido. Ela usou as duas mãos para empurrar minha cabeça para baixo, sua postura estalando como os botões de uma camisa rasgada.

— Seu corpo é *definitivamente* meu. — Enfiei minha mão em sua calcinha e apertei sua boceta com força. — Admita, Edie. Você está se afogando em mim, rápido. Você está muito molhada. — Deixei a palavra rolar na minha língua enquanto deslizava dois dedos dentro dela, brincando com sua excitação, e ela estava tão encharcada, e eu iria fodê-la esta noite, sim, mesmo que isso significasse me colocar diretamente na lista de merda de Deus. — Você é minha e você odeia isso. Você é minha e eu não sou uma onda em que você possa surfar. Sou a porra do oceano. E todos os dias, quando você faz merda como roubar meu *iPad* ou meu telefone antigo ou a porra do lixo que eu mantenho no porta-luvas, você está caindo mais fundo. Diga-me, Van Der Zee, faço com que seja difícil para você respirar?

Minha boca estava perto de sua calcinha. Seu short estava no meu chão. Olhei para ela e parecia que ela queria chorar. Isso seria lindo? Suas lágrimas escorrendo pelo seu rosto de porcelana perfeito. Uma boneca quebrada. *Minha* boneca quebrada.

— Faz. — Ela respirou fundo, observando-me deslizar sua calcinha

por suas coxas. Meu coração gaguejou irregularmente ao vê-la nua — completamente nua — pela primeira vez. Não em uma posição comprometedoras contra a impressora, ou no banco de trás de alguém com a blusa ainda vestida, mas completamente nua. Eu ainda estava totalmente vestido, mas, de alguma forma, não me fazia sentir menos exposto. Aquilo me deixou desconfortável, mas não o suficiente para parar o que estávamos fazendo. — Não consigo respirar quando penso nas coisas que quero fazer com você, e respiro muito rápido quando penso nas coisas que quero que você faça comigo — Admitiu Edie.

— Me diz — Sussurrei na curva entre sua coxa e boceta, observando todo o seu corpo tremer sob mim antes mesmo de eu tocá-la —, o que você quer que eu faça com você?

— Tudo — Ela sussurrou. — Eu quero que você faça tudo comigo.

Lambi a parte interna de suas coxas, sua boceta, por dentro e por fora — cada gota do seu desejo por mim — então me levantei e alcancei minha mesinha de cabeceira, puxando um preservativo. Ela tirou minha camisa com pressa enquanto eu trabalhava em meu jeans, a camisinha entre os dentes.

— Uma coisa, Edie. O que quer que façamos, levamos para nossos túmulos.

— Para nossos túmulos — Ela ecoou. — Meu pai vai tomar tudo que eu me importo se descobrir.

O mesmo vale para mim, pensei amargamente. A única diferença era que eu iria lutar contra o filho da puta até o fim. Ela não conseguiria. Ou não faria. Mesma diferença.

Rolei a camisinha, sentindo a familiar contração apreciativa do meu pau. Fiquei de joelhos, entre suas pernas, dei um tapa e acariciei meu pau embainhado enquanto a dedilhava. Ela gemeu, me olhando.

— Gostei quando você mordeu meu mamilo com força — Disse ela. Eu a ignorei, puxando meus dedos e cobrindo sua boceta com sua excitação. — Você me faz sentir louca de necessidade — Ela choramingou, assim que eu dei um tapa em sua boceta pela primeira vez. Isso fez seu corpo gaguejar e se mexer, e ela soltou um pequeno grito que sufoquei enfiando meus dedos molhados em sua boca.

— Shhh — Disse. — Você disse que gostava. Mostre-me quanto.

Ela chupou meus dedos limpos e eu segurei a parte de trás de sua cabeça, puxando-a para mais perto enquanto deslizava para dentro dela sem

aviso. Não é diferente de qualquer outra mulher com quem dormi antes. Mesmo coisa, me convenci. Mesma merda.

Muito molhada.

Enfieí uma, duas, três vezes, sem perguntar se estava tudo bem ou qualquer consideração, como fazia com outras mulheres.

Mas inferno se a sentia como qualquer outra mulher.

Edie se movia embaixo de mim, devagar no início, acompanhando meu ritmo. Ela grunhia cada vez que eu entrava nela, arranhando minhas costas enquanto eu deslizava uma de suas panturrilhas contra meu ombro e batia mais fundo nela. Ela era apertada e pequena, mas o sorriso que ela deu me mostrou que ela gostava dessa agonia do jeito que eu gostava.

Cada vez que sentia essa onda em meu peito, enfiava mais forte, mais rápido, mais violentamente, tentando me livrar da sensação que acompanhava minhas bolas de formigamento e músculos tensos. Ela, em troca, arranhava com mais força, tirando sangue de mim, gritando meu nome em um travesseiro que jogou no rosto.

Montei nela.

Mas ela também me montou.

— Estou perto, quase, quase — Ela cantarolava, e esta foi a minha deixa para virá-la de bruços, entrar por trás e pressionar a cabeça contra o travesseiro.

— Quero machucar você — Disse, porque é o que eu sempre digo, porque é o que sempre *sentia*. Mas não sentia isso agora. Eu estava no piloto automático. Como as pessoas dizem que estão com fome ao meio-dia em ponto só para dar o fora do escritório e fazer a pausa para o almoço.

— Então faça — Ela gemeu no travesseiro, completamente flexível, e gozou, fodidamente, segurando meu pau e estremecendo como se estivesse tendo uma convulsão —, me machuca, Trent. Adoro sua ira na minha pele.

Enrolei seus longos cabelos em volta do meu punho e puxei com força, fazendo-a arquear as costas quando ela estava de quatro. Sua bunda era redonda e branca contra suas óbvias linhas de bronzado. Dei um tapa.

No início, com cautela, conseguindo sentir, e quando ela gemeu e se apertou em torno de mim, quase impossibilitando que eu deslizasse para fora e depois voltasse, bati com mais força.

Mas eu não estava sentindo. A necessidade de infligir dor a ela.

— Mais forte — Ela gemeu.

Eu dei um tapa na bunda dela com mais força, e o *plaft!* pairou no ar. Uma marca vermelha se formou ao redor de sua banda direita. Adorei. Odiei ter gostado daquilo. O que diabos havia de errado comigo?

— Mais forte — Ela gritou.

E eu fiz, odiando que meu pau estivesse tão inchado e pronto para explodir com os sons de dor que ela estava fazendo. Ela me confundia. Nunca me senti culpado pelas coisas que queria. Eu sentia agora.

— Mais forte.

— Não.

— Trent.

— Não.

— Preciso disso.

— Você já teve o suficiente por um dia, Edie. Seu gozo está em todo o meu pau. Posso te comer fora se você quiser outro orgasmo. — Eu estava barganhando com ela no meio da foda? Aquela era a primeira vez. E a última. Essa garota não estava comandando o show, não importava o quão forte eu queria que sua boceta rosa apertada ordenhasse meu pau.

— Se você não quiser, Bane quer. — Eu ouvi o sorriso em sua voz, mas não pude ver. Foda-se. Ela pediu por isso.

Plaft!

Gozamos juntos como uma tempestade. Seu aperto no meu pau aumentou quando minhas estocadas se tornaram erráticas, sacudindo antes de eu encontrar minha liberação. Juro que gozei o suficiente para encher um balde naquele preservativo. Merda, foi bom.

Puxei imediatamente, rolando para fora dela e vagando para o banheiro para me desfazer do preservativo. Não olhei para trás para vê-la quando lavei o esperma do meu pau, vendo-o encolher cansadamente acima da pia. Dei as costas a ela, sabendo que se ela pegasse minha expressão através do espelho do banheiro, ela daria um sorriso de vitória.

Fiz uma nota mental de nunca pegar o *pen drive* do meu cofre.

Eu estava começando a senti-la como um vício. Mais algumas merdas como essa, e eu não confiaria em meu eu fodido para não entregá-lo de boa vontade.

Capítulo 19



Edie

EU TINHA SEIS anos quando percebi que havia algo muito errado com meu pai. Muito antes de tudo acontecer com Theo. Era uma rara tarde de outono quando Jordan chegava em casa na hora certa e minha mãe estava ‘preparando’ o jantar na cozinha. Ou é o que ela chamava de beber uma garrafa de vinho enquanto olhava para o prato circular no micro-ondas aquecendo nossa refeição.

Tudo parecia estranho, torto e perigoso. Quebrar a rotina me assustava, mas a ideia de viver com um homem que eu mal conhecia e estava com muito medo de pedir para me colocar na cama era mais assustadora, então, eu obedientemente me sentava ao lado dele no sofá, enquanto ele observava distraidamente um programa de finanças na *CNN* e folheava sua correspondência. Um comercial apareceu na tela, anunciando uma organização sem fins lucrativos para animais abusados e negligenciados. No comercial, eles mostraram rostos de cachorrinhos tristes e gatinhos desfigurados olhando para as câmeras, implorando por ajuda. Um dos cães estava deitado em uma poça de lama. Um saco de pulgas feito de ossos e pele. Ambos os olhos estavam faltando e parecia que não tinha mais nenhum dente. Eu engasguei de horror, segurando o tecido do sofá caro em meus dedos minúsculos.

— Edie, pare de fazer isso. É camurça. É um tecido muito suave. — Ele bateu no meu pulso, mas não com força. Nunca com força.

Eu imediatamente o soltei, curvando minha espinha, virando-me para encará-lo. — Podemos doar?

— Eu doo o suficiente no trabalho.

— Mesmo? Para abrigos? — Eu me animei, desesperada para me apegar a algo positivo sobre ele. Construir o caráter das pessoas que conhecemos é um mecanismo psicológico que, eu aprenderia mais tarde também, pode morder você na bunda, porque eu queria muito acreditar que meu pai era um homem bom e que minha mãe estava bem. Em minha mente, ele era atencioso e generoso. Não calculista e indiferente. Ele me deu uma olhada de lado, a maior parte de sua atenção ainda dividida entre a tela e a espessa pilha de cartas.

— Não. Eu doo para quem precisa da minha ajuda em nossa comunidade.

— O comercial me faz sentir engraçada, pai. Engraçadamente... triste — Admiti, desviando o olhar da tela enquanto o narrador explicava todas as coisas horríveis pelas quais esses animais haviam passado. Naquela época, eu ainda o chamava assim. *Pai*.

— É a vida, Edie.

— Não consigo olhar. — Minha cabeça se moveu para frente e para trás, meus joelhos dobrados sob meu queixo enquanto eu me segurava. — É muito triste.

— A vida é triste, então, é melhor você se acostumar.

Eu sabia muito pouco sobre o mundo naquela época, e provavelmente era por isso que ainda me apegava ao meu otimismo. O que sabia era que ele me deixava desconfortável. Porque, pela primeira vez desde que eu conseguia me lembrar, um sorriso malicioso se formou em seus lábios finos e duros enquanto ele continuava a virar as cartas.

Eu pensei, *por que aqui, por que agora, por que tão feliz?*

No dia seguinte, ele me pegou na escola. Fiquei chocada, para dizer o mínimo. Normalmente tínhamos um motorista que me ajudava a ir de um lugar para outro. Escola, atividades à tarde e encontros para brincar. Nunca meus pais. Eu me senti lisonjeada e ansiosa ao entrar na parte de trás do carro de Jordan, tentando me comportar da melhor maneira. Eu me perguntei para onde estávamos indo, já que ele dirigiu na direção oposta da nossa casa, mas não queria parecer ingrata ou desconfiada. Foi só quando comecei a ver a floresta e o Lago Santo Ângelo, além dos limites da cidade, que meu queixo caiu.

— Onde estamos indo?

Ele apenas sorriu no espelho retrovisor como um predador, ligando a seta e virando à direita. Mais tarde, percebi por quê.

Era um abrigo para animais. Meus pés haviam se arrastado e, ao passar pelo portão enferrujado que levava aos canis, foi como entregar minha alma a alguém em quem não confiava.

— Às vezes, Edie, você precisa olhar nos olhos da crueldade e não fazer nada a respeito. Para ter sucesso na vida, você precisa deixar a lógica e a racionalidade ditarem seu comportamento, não seus sentimentos. Agora, você sabe que é alérgica a cães e gatos, certo?

Lembro-me de assentir, minha mente ainda uma névoa nervosa. Eu nunca poderia ter um cachorro ou um gato — aquilo era certo — mas nunca pedi um. Tudo que queria era doar algum dinheiro para aquela organização sem fins lucrativos na TV. Eles precisavam tanto disso e nós tínhamos muito. O som estridente de latidos frenéticos encheu meus ouvidos, e eu queria me virar e correr. A única razão pela qual eu não fiz foi porque eu sabia que ele não iria atrás de mim. Ele me deixaria perdida na floresta, sem nem piscar.

— Então você sabe que não podemos adotar nenhum desses animais. Agora, eu preciso que você os veja, olhe nos olhos deles e se afaste deles. Você pode fazer isso por mim, Edie? — Jordan se agachou na altura dos meus olhos, sorrindo. Atrás dele havia um voluntário vestindo uma camisa verde com o nome do abrigo e um sorriso peculiar e largo demais.

Não.

— S-sim.

Havíamos passado quase uma hora e meia passeando pelos canis, olhando para cães e gatos angustiados pedindo, implorando. Eu tinha que olhar cada um deles nos olhos antes de mudar para o próximo quadrado. O voluntário que se juntou a nós no passeio achou estranho meu pai nunca especificar o que estava procurando em um animal de estimação. Ela não percebeu o que ficou claro para mim naquele dia: ele não queria adotar, mas definitivamente queria um animal de estimação. Ele queria fazer de mim seu fantoche treinado e domesticado.

E o que me mata agora é que, até certo ponto, ele conseguiu.

Aquele dia tinha me quebrado, e todos os dias desde então, ele fez a rachadura no meu coração um pouco maior.

Eu não tinha permissão para dar dinheiro ou comida para moradores de rua. *Não os incentive, Edie. A vida é feita de escolhas. Eles, obviamente,*

fizeram as erradas.

Eu não tinha permissão para falar com estranhos, nem mesmo conversa fiada com adultos responsáveis ao meu redor. *Os Van Der Zees não gostam de conversa fiada. Somos ocupados demais para isso.* Era esperado que eu me comportasse como a princesa de gelo perfeita. E no começo, eu me rebelei. Mas, então, Theo aconteceu, e meu pai se tornou mais do que o ganha-pão. Ele se tornou o mestre que puxava as cordas invisíveis de seu fantoche de sombra. *Eu.*

Doze anos depois que Jordan me mostrou a crueldade quebrando minha rotina, ele fez isso de novo.

Eu estava em casa, abrindo pacotes com perucas em potencial para mamãe que encomendei em uma loja judia ortodoxa no Brooklyn quando ele entrou no meu quarto. Jordan não se incomodava em bater e eu não me incomodava em perguntar por que ele estava em casa. Ele nunca estava – e, com certeza, nunca entrou no meu quarto – mas eu o tratava com cuidado. Seu comportamento peculiar e egocêntrico parecia ter piorado ainda mais nas últimas semanas.

— Posso ajudar? — Perguntei, arrumando as perucas loiras de cabelo humano na minha cama e escovando-as, tentando decidir qual mamãe gostaria mais.

Jordan apoiou um ombro no batente da minha porta, olhando para mim com desdém. Eu me perguntei se ele podia sentir aquilo. Que eu era diferente. Porque dormir com Trent Rexroth definitivamente me mudara, muito mais do que as evidências em meu corpo. Os mamilos rachados, doloridos e vermelhos, e os vergões rosa na minha bunda e na parte interna das coxas eram apenas uma decoração externa. Mas quando ele gozou dentro de mim, deixou algo para trás. Um pouco de sua força.

— Sente-se, Edie.

— Dê-me um bom motivo para isso — Disse, pegando uma peruca e passando a escova de bambu por ela. Eu não estava com humor para uma palestra, e se fosse o *pen drive* que ele estava procurando, ele precisava me dar mais tempo. Trent não estava apenas na minha cola. Ele tinha todo controle de mim agora.

— Porque eu sou seu pai e você não responde a mim se quer uma vida pacífica e calma. Agora, sente-se. — Ele entrou no quarto, seus severos olhos azuis vazando desprezo. Sentei-me na beira da cama sem pressa, olhando

para cima para encontrar seu olhar. Meu silêncio falou muito. Eu esperava que ele pudesse ouvir todas as palavras que gotejava.

— Edie, temo que as coisas vão mudar em breve nesta casa, e é meu dever informá-la primeiro, já que você é a adulta responsável por você e por sua mãe. — Ignorando a crítica à mamãe, ele não era um candidato respeitável para o prêmio de Pai do Ano em Todos Santos, cruzei os braços sobre o peito, esperando por mais.

— Estou indo embora. — Ele disse simplesmente, como se as palavras não tivessem me dado um tapa na cara. Como se pontos pretos não estivessem nadando na minha visão.

— Por quê? — Perguntei. Não me importava com ele saindo. Na verdade, o termo ‘boa viagem’ surgiu em minha mente. Eu o odeio. Mas mamãe não odiava. Mamãe dependia dele e eu estava cansada de recolher os pedaços quebrados dela que ele deixava para trás, tentando juntá-los novamente.

Não seria a limpeza que eu teria que fazer após ele partir que me consumia. Eram as arestas afiadas que cravariam na minha pele quando as pegasse. Porque sempre que ele despedaça mamãe, nós duas sangramos.

— Vamos admitir. Sua mãe não está bem há muito tempo e se recusa a buscar a ajuda de que obviamente precisa. Nem todas as criaturas podem ser ajudadas. Não posso ficar sobrecarregado com a situação dela se ela não fizer mais esforço e, infelizmente, não posso me ver sentado esperando que isso aconteça.

Ela não está bem por sua causa. Ela não quer ir para a reabilitação porque tem medo de que você fuja com outra pessoa. O que você provavelmente fará. As palavras giraram em minha cabeça e abriram caminho até minha língua, mas mordi meu lábio superior. Foi ele quem disse que os Van Der Zees devem ser sempre calculistas e astutos. Larguei a peruca na cama, ao meu lado, virando minha cabeça para o teto com um suspiro.

— Isso não vai acabar com suas aspirações políticas? — Esfreguei minhas mãos em meu rosto.

— Acabaria. — Ele deu de ombros, entrando mais no quarto e fechando a porta para que minha mãe não ouvisse. Não que ela gostasse de sair do quarto ultimamente. — Não estou concorrendo a prefeito. Fui ontem à prefeitura e retirei minha candidatura. A campanha está encerrada.

Minha piscada rápida revelou minha surpresa. Eu me endireitei na

cama, usando a mão para massagear meu crânio dolorido. Tudo doía. E eu quero dizer tudo. Minhas coxas, minha bunda, meu núcleo ainda estava dolorido de ter passado a noite com Trent Rexroth. Minha cabeça estava girando com a recente revelação de meu pai, e meu coração estava se afogando em tristeza e autopiedade com o que isso significava para mim.

Jordan Van Der Zee era um planejador cuidadoso. Ele sabia onde queria estar daqui a cinco anos e trabalhava para isso em silêncio e com determinação. Então, ouvir isso mais do que me desequilibrou.

Ele balançou a cabeça, pegando uma das perucas, passando os dedos pelo cabelo humano com uma carranca. — Vou me concentrar na expansão da Fiscal Heights Holdings, chutar Rexroth do tabuleiro e viver minha vida em paz — Ele confirmou, retirando a mão como se a peruca fosse feita de fogo frio. — E não vou ficar com sua mãe. Você tem seu futuro para se concentrar. Aqui está meu conselho, Edie: matricule-se em uma boa faculdade, longe deste lugar, e faça algo de si mesma. Pare de fumar maconha. Pare de socializar com os perdedores e pare de dar à sua mãe seu tempo quando ela claramente não faz o mesmo por você.

E você? Você me dá seu tempo? Mas, novamente, eu tinha muito a perder. As palavras de Trent foram como um eco fraco dentro da minha cabeça. *Se você quer ser forte, seja.*

— Você não pode fazer isso agora. Ela precisa melhorar primeiro. — Balancei minha cabeça.

Jordan olhou para o meu teto e tocou o lustre de ouro, sorrindo para si mesmo com a memória de quem eu deveria ser. — Ela nunca vai ficar melhor. Vou fazer isso, e logo.

— Eu preciso de mais tempo — Argumentei, me sentindo completamente fora de controle.

— Eu não devo nada a você.

— Quando você vai contar a ela? — Eu me levantei, cara a cara com ele. Ele parecia o homem branco e frio que foi para a aldeia de *Pocahontas*. O destruidor. Ele parecia um personagem de *Harry Potter* que poderia sugar sua alma.

— Essa semana. Talvez na próxima. Não importa. Quando é um bom momento para algo assim?

— Considerando que você jurou amá-la para sempre, na doença e na saúde, nunca é um bom momento. Ela precisa de você — Disse impassível,

estreitando meus olhos.

— Não está em discussão. — Ele apontou para as perucas na minha cama. — Isso não é saudável ou construtivo para alguém da sua idade. Você deve se concentrar em seus estudos e em fazer um futuro para si mesma.

— Meu futuro é cuidar da minha família — Respondi, projetando meu queixo para fora. — Meu futuro é passar todas as manhãs surfando.

Meu pai olhou ao redor da sala de coral com olhos mortos, como se representasse todos os sonhos e esperanças que destruí ao longo dos anos sendo eu mesma. Ao escolher *Doc Martens* em vez de *Louboutins*. Escolhendo a praia ao xadrez. Escolhendo caras como Bane em vez dos garotos mauricinhos de All Saints High.

Ele encolheu os ombros. — Problema seu.

Dentes batendo, punhos cerrados, olhos sangrando de ódio. — E quanto a ele?

— Theodore?

Não. O Papa. — Sim.

— Nosso negócio ainda está de pé. Você poderá mantê-lo por perto contanto que forneça as informações de que preciso sobre Rexroth. Agora que meus planos mudaram, ficar por dentro das coisas na Fiscal Heights Holdings é vital — Disse ele secamente, passando a mão sobre a penteadeira que eu nunca tinha usado, uma camada de poeira cobrindo sua palma.

— E se eu falhar? — Eu esperava que ele não tivesse percebido aquele gole.

— Você não vai falhar. O fracasso significaria a mudança de Theodore para uma instalação na Costa Leste. Conheço uma excelente perto da filial de Nova York da Fiscal Heights Holdings.

— É difícil encontrar coisas em Trent. Ele não é um homem estúpido. — Engasguei com minhas palavras, batendo os pés. Odiava ter batido os pés. Eu não era esse tipo de garota. Eu não era uma garota.

— Ele é inteligente, mas acredito que você seja mais inteligente. Afinal, você veio de mim.

Nojo. Como eu poderia reagir a isso sem parecer odioso? Mudei de assunto.

— Você tem outra pessoa? Você está deixando a mamãe por uma amante? — As palavras pareciam sujas na minha boca. Eu queria tomar um banho e me enterrar sob os edredons, mas, acima de tudo, não queria me

sentir tão cansada de lutar nessa guerra fria que nunca cessava. Foi exatamente assim que minha mãe começou seu caso difícil com remédios controlados e depressão.

Não saindo da cama.

Todo dia.

Jordan me examinou sem emoção. Ele deu um passo para trás, indicando que tinha encerrado a conversa, e limpou a mão empoeirada no meu moletom preto descansando nas costas da minha cadeira. — Não seja infantil, Edie.

— Eu conheci algumas de suas amantes ao longo dos anos. Estou me perguntando se uma delas finalmente conseguiu fazer o que as outras não conseguiram. É a Tracey? Holly? Talvez Cadence? — Fiz beicinho, sabendo muito bem que estava perdendo o controle e não me importando mais. Eu era vingativa e cheia de ira. Uma bola de fogo destruidora. Estava faminta por aquele poder que ele tirava de mim sempre que estava na sala.

Ele balançou sua cabeça. — Louca como sua mãe.

Eu dei um passo em direção a ele, observando enquanto seu rosto se contorcia em confusão. Nunca invadi seu espaço pessoal. Mas, agora, meu nariz estava perigosamente perto do dele e vi tudo nadando em seus olhos azuis claros. Eu me vi em suas feições, em sua mandíbula cerrada, na pequena curva de nossos narizes, na pastosidade de nossa pele – a minha diluída pelo meu bronzeado, sardas e juventude – seu branco ainda severo. E pela primeira vez, percebi que talvez eu fosse ele. Um produto de algo horrível, que daria origem a coisas mais horríveis.

— Não me importo se você a deixar por outra pessoa. Sei que não posso te convencer a ficar, e mesmo se pudesse, na metade das vezes acho que ela ainda é assim por sua causa. Mas vou lhe dizer uma coisa: se você decidir desfilar seu novo brinquedo pela cidade e humilhar minha mãe, haverá consequências. Quanto a Theo – não Theodore, Theo – e Trent Rexroth, estou farta de perguntar a você quão alto cada vez que você me diz para pular. Vou pegar o maldito *pen drive*, *papaizinho querido*, mas, em troca, você vai assinar toda a documentação legal que guardei na gaveta daquela vaidade inútil que você comprou para mim quando eu tinha 12 anos, e libertar Theo e eu. Concorde com isso agora, Jordan, ou não temos um acordo. E, por favor, antes de dizer qualquer coisa, nunca subestime uma pessoa quebrada. Somos imprevisíveis, porque uma vez que você está

quebrado, o que é mais uma rachadura?

As palavras deixaram meu corpo como um furacão e, depois que terminei, fiquei ofegante. Senti a deslealdade por Luna e a infidelidade a Trent em meus ossos. Eu estava doente do estômago, sabendo como aquilo afetaria Camila, mas as coisas estavam ficando muito complicadas. Eu precisava fugir com Theo e desaparecer. SoCal não era o único lugar no mundo com boas praias. Poderíamos morar em outro lugar. Construir uma vida. Poderíamos sentar em uma varanda que eu nunca tinha visto antes, assistindo ao pôr do sol, tomando sorvete de pistache, rindo. Fazendo boas memórias e engarrafando-as em nossas mentes. Poderíamos.

— Edie — Disse meu pai. Olhei diretamente para ele, então, passei por ele. Ele sabia que eu quis dizer isso. Além disso, algo me disse que ele acabou comigo, de qualquer maneira. Comigo, com minha mãe, com Theo. Pegar o *pen drive* e me tirar de sua vida era uma situação de dois pássaros, uma pedra. Claro, ele diria sim.

— Pegue aquele *pen drive* — Ele se inclinou para perto de mim, sua bochecha pressionando a minha —, e você terá seu futuro com Theodore.

— Mantenha suas amantes no escuro, onde o pecado deveria estar escondido — Eu o lembrei. Desta vez fui eu quem segurou seu pulso. Eu não conseguia envolver meus dedos em torno de sua carne fria – como a pele morta de uma cobra – mas eu fiz desta vez. A tensão em sua mandíbula me disse isso.

— Verdadeira Van Der Zee — Ele murmurou, sacudindo-me como se eu fosse um gato de rua molhado na chuva torrencial.

Porque naquele momento, eu era a criança que olhava para o cachorro morrendo e não piscava.

Naquele momento, fui implacável.

Naquele momento, eu era a Van Der Zee que nunca pensei que seria.

Eu odiava essa pessoa. Mas essa pessoa odiava Jordan muito mais do que ela o temia.

Meu estômago roncou pela décima oitava vez naquela manhã, alto o suficiente para ser ouvido mesmo através do som das ondas do Pacífico.

— Deus, Gidget, que porra é essa? Coma uma maldita barra

energética. — Bane remexeu em sua mochila e jogou uma barra de proteína em mim, carrancudo. Sua expressão taciturna não diminuiu nem um pouco quando eu me aproximei e coloquei a barra de volta em sua mochila, deslizando em meus chinelos e içando minha prancha para descansar na minha cabeça o resto do caminho pela via. Eu não comi para irritá-lo. Não conseguia comer. A náusea consumia meu estômago, fazendo o ácido dançar na minha língua. Desde que disse ao meu pai que iria recuperar aquele *pen drive* com Deus sabe o que nele, eu me sentia mal. Não apenas física, mas mentalmente. Não tinha certeza do que sentia por Trent, mas tinha certeza de que ninguém no mundo merecia o que eu estava prestes a fazer.

Bane pegou seu rádio da areia, *Pacific Coast Highway*, de Kavinsky, explodindo nos alto-falantes. Ele agarrou minha prancha e a enfiou debaixo do braço, carregando ambas as nossas pranchas de surf até o calçadão. Eu o segui com as pernas bambas, a bile ainda fresca e azeda em minha garganta. Quando chegamos à calçada, ele cumprimentou os sem-teto que moravam em casas improvisadas de papelão nas colinas gramadas perto das lojas. Ele conhecia todo mundo nesta praia. Cada artista falido que jogou seu CD nas mãos das pessoas e cada novo vendedor nas lojas de maconha, surf e bicicletas. Bane ainda estava sem camisa e descalço quando me acompanhou até o meu carro. Um doador não tão secreto pagou minha fatura pendente na oficina e finalmente liberou meu *Audi*, com cilindro novo e tudo. Bane se virou e encostou-se na porta do passageiro quando chegamos ao meu carro, cruzando os braços sobre o dragão raivoso em seu peito. Seus olhos letárgicos de jade me examinaram com desinteresse divertido, e ele inclinou a cabeça, como se eu fosse uma criatura mística estranha que ele não conseguia descobrir.

— Vem conhecer minha mãe — Ele disse do nada.

A risada borbulhou da minha garganta. Não era felicidade, mas constrangimento diluído em ansiedade. Esfreguei minhas mãos para me aquecer da água, batendo minhas palmas sobre o meu rosto para mantê-lo alheio às minhas bochechas coradas. — Ah, não sabia que estávamos ficando sérios. E isso, depois que você se recusou a me levar ao baile quando estávamos namorando.

Ele revirou os olhos antes de me lançar um olhar sério. — O baile é chato e nunca estivemos realmente juntos. Estávamos transando exclusivamente até que seus problemas com seu pai saíssem com força total.

De qualquer forma, acho que minha mãe poderia ajudá-la.

— Me ajudar com o quê? — Eu quase bufei. Eu estava além de qualquer ajuda. Estava prestes a foder com duas pessoas para salvar uma que eu amava.

— Com a sua situação familiar. — Bane não sabia de tudo, mas sabia o suficiente. Obter ajuda de um estranho era tentador, mas eu nunca tinha conhecido a mãe de Bane antes e, embora soubesse que ela era uma figura importante com todos os tipos de conexões, não confiava em adultos. Adultos de verdade. Aqueles que comandavam o mundo em que eu vivia. — Agradeço a oferta, mas tenho tudo sob controle. — Fui até o lado do motorista do meu carro e abri a porta, deslizando para dentro do *Audi*. Eu ainda podia sentir o cheiro de Vicious, o dono anterior, no meu carro, e ele me lembrava Trent. De sua postura afiada e carranca formidável. Bane apareceu na minha janela e bateu no teto do meu carro, sorrindo.

— É por isso que você se esqueceu de amarrar a prancha no teto? Olha, você deveria pelo menos pensar nisso, Gidget. Pelo que vale a pena, acho que você não tem tudo sob controle, e se precisar de uma mão amiga, você sabe que a minha serve para mais do que dedilhar.

— Nojento, mas obrigada.

Amarrei minha prancha de surf e fui embora, sem me preocupar em parar em casa para tomar banho e me trocar. Precisava pensar sobre o que faria com minha mãe. Precisava bolar um plano para aquele *pen drive*. Mas, acima de tudo, precisava parar de pensar em Trent como se ele não fosse o inimigo.

Capítulo 20



Trent

ATLANTA, NA PORRA da Geórgia.

— Tem certeza? — Bati meus dedos na minha mesa, uma das mãos segurando minha bochecha. Olhei para Amanda como se ela estivesse me entregando um natimorto, e não a porra da notícia que eu estava esperando há anos. De certa forma, ela estava. Aquela informação era inútil, fútil, peso morto. Ela se sentou na minha frente, parecendo em cada centímetro a investigadora particular profissional – vestida de maneira elegante, mas não muito sofisticada, com uma blusa branca e uma calça preta cigarette – e acenou com a cabeça, deslizando uma pasta para documentos pela minha mesa.

— Positivo. Ela mora em um belo prédio de apartamentos em Buckhead, uma área nobre de Atlanta. Ela tem um Chihuahua. Sem marido. Sem filhos. Pelo que sei, ela não trabalha. Não tenho certeza de onde vem o dinheiro. Posso examinar mais a fundo, é claro, mas isso implicaria em voar para Atlanta. Você precisará cobrir a passagem, o hotel e a taxa horária. Ou posso colocá-lo em contato com um colega que trabalha lá. Ele pode descobrir todos os dados que você precisa.

Se houvesse uma porra de orientação sobre o que sentir, sobre a coisa Val e em geral, eu compraria tudo isso e pediria cópias extras. Pela primeira vez em anos, parecia que as coisas estavam melhorando. Meus pais e eu levamos Luna para suas aulas semanais de linguagem de sinais. Todos nós

estávamos nos esforçando e ela realmente começou a se comunicar conosco. Luna tinha Camila, de quem ela gostava, e Sonya, a quem ela absolutamente adorava. E, em algum ponto intermediário, Edie Van Der Zee conseguiu fazer minha filha sorrir, rir, comprar roupas e ir para a Disneylândia. Parecia que eu estava à beira de uma descoberta, e balançar o barco parecia uma aposta louca em Vegas. Quando comecei minha caça a Val, a situação era diferente. Eu estava sentado sozinho em Chicago com um bebê de um ano nos braços. Ainda me lembro do momento em que decidi pegar meu telefone e ligar para meu melhor amigo, Dean, perguntando se seu pai advogado sabia de um bom IP em quem eu pudesse confiar. Eu estava olhando para a cidade da minha cobertura, Luna mordendo meu braço com seus novos dentes pontiagudos entre os gritos de súplica por sua mãe.

Estava com raiva.

Estava frenético.

Estava desesperado.

Fui vingativo.

...e percebi que agora não era mais nenhuma dessas coisas.

Ou talvez fosse, mas não o suficiente para bagunçar tudo que havia conquistado nos últimos meses. Luna vinha primeiro, e não parecia que sua mãe estava interessada em reivindicá-la. Se qualquer coisa, parecia que Val havia encontrado uma nova carteira gorda para sugar.

— Deixe isso — Falei, acenando com a mão. Levantei-me e fui até minha janela do chão ao teto, franzindo a testa para Los Angeles. A cidade era como luxúria. Feia, crua e suja, mas, de alguma forma, totalmente irresistível. Ela carecia de todas as coisas que as pessoas amam. Estrutura, sofisticação, beleza. No entanto, atraía tudo e todos. Chupar e cuspir pessoas com os bolsos cheios de sonhos e dinheiro. É por isso que decidi ficar em Todos Santos, embora um único homem birracial não fosse o melhor candidato para viver em Todos Santos ultra-branco e de alta classe. Não queria que Luna conhecesse a feiura. Ela merecia mais do que a vida tinha dado a ela até agora.

— Tem certeza? — Amanda perguntou, seu sotaque jamaicano um pouco mais forte do que antes. Acontecia com ela quando ela perdia o equilíbrio. Minha resposta foi definitivamente surpreendente. Balancei a cabeça, virando-me, minhas mãos cruzadas atrás das costas.

— Luna está em um bom lugar agora. Não quero que nada afete ela.

Prefiro me concentrar em torná-la melhor. — *Fazendo-a falar*. — Então, se tudo correr de acordo com o planejado, posso entrar em contato com Val discretamente e fazer com que ela assine seus direitos.

Amanda balançou a cabeça, já segurando a bolsa. Foi o fim de uma era. Eu trabalhei com Amanda por muito tempo, transei com ela por meses e, agora, estava tudo acabado. Ela se levantou e eu me aproximei, sentindo a necessidade de fazer algo civilizado. Eu não era um idiota. Não na maioria das vezes, de qualquer maneira. E definitivamente não para pessoas que não eram idiotas para mim.

— Obrigado. — Eu apertei seu braço. — Por tudo. Por me ajudar com a situação Val, por tudo naquele *pen drive*...

— Se você precisar de mais alguma coisa — Ela devolveu meu abraço, se aproximando —, sabe onde me encontrar. — Seus lábios roçaram minha orelha e eu me afastei, capturando seu queixo, arrastando meu polegar sobre seu lábio inferior enquanto balançava minha cabeça.

— Não mais — Falei suavemente.

— Garota de sorte. — Ela ergueu uma sobrancelha.

— De jeito nenhum. Confie em mim.

Ela se afastou de mim, toda profissional agora, a mão no quadril. — Devo prosseguir com o caso Jordan Van Der Zee ou encerrar tudo e enviar para você?

Não precisei de tempo para pensar. — Continue implacavelmente e não pare até que eu tenha a cabeça do bastardo espetada.

Edie

Segunda, terça, quarta, quinta pareciam insuportavelmente longos e entediante. As únicas coisas notáveis eram que meu pai estava felizmente fora do escritório, provavelmente tirando longas férias com uma de suas amantes ou planejando o próximo passo de sua dominação mundial, e eu não tinha estômago para comer ou olhar para minha mãe. Ela ainda não sabia que

seu marido planejava deixá-la. Ela passava os dias olhando para o espelho do banheiro, esperando que seus cachos miraculosamente crescessem dez centímetros mais. Eu fazia a comida para ela. Ela comia sem reclamar. Não havia Trent, e sem Trent significava sem esperança. Eu estava andando pelos corredores do décimo quinto andar com meu coração na barriga, veias, tórax, pernas, em todos os lugares. Estava inchada, doente, infectada. Terça-feira, passei o dia ajudando Luna a encontrar fotos de cavalos-marinhos online e pintando-as com aquarela. Dei a ela o colar que fiz para ela, de uma concha, que parecia exatamente como a minha, mas também diferente.

A dela estava lascada, quebrada, imperfeita.

Usei o segundo cadarço preto do pacote para fazer aquilo, então, acho que era como uma daquelas pulseiras da amizade. Nunca fiz uma para ninguém. Quando eu disse isso a ela, um prazer perplexo brilhou em seus olhos. Ela não me entendia.

Nem eu.

Eu pairava e vagava por todo o andar, desesperada para ter um vislumbre de Trent. Precisava daquele *pen drive*.

E na sexta-feira, meu desejo finalmente se tornou realidade.

Eu estava na minha mesa fora do escritório do meu pai. Era uma versão menor e mais triste da mesa de carvalho em forma de L de Max. Minha cabeça estava entre as páginas de uma revista de surf que trouxera de casa comigo, e eu estava prestes a virar uma página quando alguém jogou algo nela. Duas coisas. Uma barra de *Snickers* e um *Nature Valley*. Minha cabeça se ergueu. Eu arqueei uma sobrancelha. Trent ficou na minha frente. Alto, elegante e irresistível. Ele ficou em silêncio, como eu esperava que estivesse, então, peguei a barra sem nem mesmo examinar a etiqueta, rasgando a embalagem e dando uma mordida. A fome da semana bateu em mim de uma vez, como se eu estivesse esperando para ver seu rosto para saber que não havia problema em consumir comida.

— Faz algum tempo que não jogamos este jogo — Comentei.

Ele encolheu os ombros. — Encontrei jogos melhores para jogar com você. — Só ele poderia dizer isso tão baixinho que ninguém ouviria. Minha alma era um balão perdendo ar, e rápido. Eu ansiava por ele, mas para ele era apenas mais um encontro espontâneo. Talvez ferrar com ele fosse uma bênção disfarçada. Não sobraria nada para nos manter juntos uma vez que eu nos separasse. Minha mente se afastava do meu objetivo original quando ele

estava por perto. Ele obviamente não compartilhava do sentimento.

— No meu escritório. — Ele inclinou a cabeça na direção do corredor. — Em vinte minutos, para não parecer suspeito.

O fato de não termos sido pegos até agora apenas mostrava que as pessoas eram real, e principalmente, idiotas egocêntricas. Porque eu não escondia meu interesse muito bem. Claro, nós não tínhamos conversado, saído ou ficado um com o outro nos corredores. Mas meus olhos não deixavam margem para dúvidas. Quando o via, eles ficavam com fome.

Ele desapareceu no corredor, dando-me o tempo necessário para organizar meus pensamentos e o cabelo em um coque bagunçado, então me aproximei e bati em sua porta.

— Entre.

Fechei a porta, encostando-me nela com as mãos nas costas. Eu gravitei em direção a ele como se ele fosse o sol. Um belo prazer concebido pela natureza que pode muito bem te matar se você chegar muito perto. Ele olhou para mim como se eu fosse a lua. Pálido e solitário e tão distante.

— Por que eles chamam você de O Mudo? — Perguntei. Finalmente. Eu pretendia fazer isso há muito tempo, mas nunca me senti bem. Trent parecia estar de bom humor hoje. Eu iria capitalizar isso enquanto ainda estávamos conversando.

— Não é óbvio? — Ele se recostou na cadeira, parecendo poderoso e severo. — Eu quase não falo, Edie.

Ele não tinha nenhum problema em falar comigo. — Sim, mas você sempre foi assim ou isso é algo que...?

— Aconteceu depois que a mãe de Luna fugiu? Não, sempre fui quieto.

— Alguma razão para isso?

— Eu não gosto de conversa fiada, ou fofoca, ou qualquer coisa intermediária. Falo com um propósito. Diga-me, Edie, essa conversa tem sentido ou você já está perdendo meu tempo?

Fiz uma careta. — Por que você me chamou para vir aqui? Você obviamente está com um de seus humores.

— Estava pensando mais em algo sujo e errado, mas tenho uma proposta. Sente-se. — Ele acenou com o queixo em direção à cadeira em frente a ele. Eu olhei para ele antes de finalmente caminhar e me sentar. Minhas mãos estavam no meu colo e as segurei juntas para não roer minhas

unhas.

— Deixe-me começar dizendo que sei e respeito que seus sábados são seus. Acredite em mim, você deixou esse ponto muito claro. Mas tenho um favor a pedir. Vicious vai fazer seu churrasco anual de verão – na verdade, sua esposa, Emilia, está no comando – e Luna e eu temos que ir. Luna absolutamente despreza esse tipo de reunião e as crianças que tentam conversar e brincar com ela. Eu levaria meus pais para fazer companhia a ela quando tenho que ajudar na cozinha e na churrasqueira, mas eles estarão fora da cidade. Eu não perguntaria a menos que fosse necessário. Você sabe disso, certo?

Eu estava tão acostumada com seu comportamento severo que levei um momento para decifrar seu pedido.

Sábado.

Churrasco.

Theo.

Não.

Engoli em seco. — Ouça...

— Ponto de ruptura. Todo mundo tem um. Esse tipo de situação é da minha filha, Edie. — Ele me lançou um olhar que tentei decodificar. Não estava exatamente destruído, mas, com certeza, não estava em seu estado normal. — Não conheço sua história, mas sei que você entende como Luna se sente. Ela vai ficar lá sozinha porque eu não serei capaz de estar com ela a cada segundo. Ela vai ser abordada por crianças. Vai se sentir desconfortável, assustada e estressada. Não quero isso para ela, mas não posso recusar cada convite que recebo e nos trancar na minha cobertura para sempre, que é o que sou forçado a fazer na metade do tempo.

Doeu. Seu discurso me atingiu em algum lugar profundo, porque ele estava certo. O pária. Eu sabia. Ele vivia em mim, mesmo que eu não parecesse ou falasse como um. Balancei minha cabeça, sentindo as lágrimas pinicando meus olhos. Não importava o que escolhesse, eu sairia desta sala com o coração pesado. Desde que Theo entrou em suas instalações, eu sempre o visitava, todos os sábados, sem faltar nenhuma vez. Nem mesmo quando estava doente. Eu realmente iria quebrar a tradição por Trent e Luna?

Quanto tempo mais eu ainda estaria na vida de Luna? A ideia de dizer adeus à linda e silenciosa garotinha que me lembrava eu mesma me arrancou as palavras.

— Só desta vez — Ouvi-me dizendo. — Por favor, não me peça de novo e me faça dizer não para Luna. Porque eu me odiaria por rejeitá-la e você, por perguntar de novo. Meus sábados são *meus* — Continuei. Ele me deu um breve aceno de cabeça, tentando esconder sua alegria óbvia.

Seus ombros tensos relaxaram. — Primeira e última vez. Não sei quem ele é, mas ele tem sorte de ter você — Disse ele. A paranoia em mim se animou e fez meu corpo disparar.

— Como você sabe que é ele?

— Principalmente porque não sou idiota. Ele está na prisão? Você está planejando estar com ele quando ele sair? Armando um pé de meia, pagando suas dívidas?

Era quase risível, se não fosse tão trágico. Como ele estava certo e errado. Fui até a porta, agarrei a maçaneta de bronze e olhei para ela, murchando com uma expiração. Atrás de mim, eu podia sentir o olhar de Trent nas minhas costas enquanto ele esperava por uma resposta. Do lado de fora, eu podia ouvir o som de um escritório zumbindo. — Vejo você no sábado.

— Você não pode ir embora antes de me responder.

— Quem disse?

— Seu chefe.

Eu me virei. — Você não agiu como meu chefe quando me deu maconha e seu pau.

Para isso, ele não disse nada. Seus olhos deslizaram como uma agulha de dor em meu pescoço, me lembrando do poder que ele tinha sobre mim.

— Primeira e última vez que faço isso por você — Frisei. — Falo sério.

— *Edie* — Ele repreendeu. Por quê? Eu era apenas uma garota que ele costumava gozar e fazer sua filha se comunicar com o mundo. E fui estúpida o suficiente para deixá-lo me usar porque eu amava Camila e Luna e gostava de suas mãos no meu corpo. Mesmo que, francamente, também tivesse um cachorro nessa luta. Seu *pen drive*. Minha chave para a liberdade.

— A propósito, obrigada por pagar a oficina. Por consertar meu carro. Agradeço, mas não preciso de um *sugar daddy*. — Minhas costas ainda estavam para ele.

— Bom, porque se você me chamar de *sugar daddy* mais uma vez, vou quebrá-lo de volta ao estado de merda que estava antes. Não é isso que

somos, Edie. Você me usa tanto quanto eu uso você.

Queria acreditar nele, mas sabia o que sentia.

O *pen drive* não nos deixaria quites. Nem de perto.

Abri a porta e saí, sem me preocupar em fechá-la. Não adiantava tentar me esconder dele.

Ele me encontraria. Sempre encontrava.

Capítulo 21



Edie

MAIS TARDE NAQUELE dia, comi meu macarrão *Ramen* em um beco imprensado entre o prédio da Oracle e um grande estacionamento de concreto. O lugar tinha o cheiro desagradável de mijo rançoso, mas era tão deserto, frio e silencioso que eu simplesmente não pude resistir. O que era irônico, porque era exatamente como eu descreveria Trent. Sem mijo, obviamente.

Chuí o último macarrão entre os lábios e joguei a tigela de plástico na lixeira atrás de mim, meu estômago cheio, mas meu coração vazio, quando me virei e bati direto em um corpo forte de concreto quente demais para ser uma parede.

Trent.

— O quê? — Eu mordi. Não estava com disposição para seus jogos. Embora, claramente, não se tratasse apenas de sábado e Theo e suas perguntas. Eu simplesmente não queria estar perto do cara que tinha tanto poder sobre mim sem manter nada como refém, como Jordan. Trent me encurralou até que minha coluna pressionou contra o metal frio do elevador traseiro que conduzia ao prédio da Oracle. Enfiando a mão no bolso, ele tirou um cartão-chave e passou-o atrás da minha cabeça, fazendo o elevador *pular* de alegria. A porta se abriu e tropecei para dentro, meus joelhos fracos. Ele me empurrou o resto do caminho até que minhas costas estivessem contra a parede. A porta se fechou. Ele se virou para apertar o botão do andar, então, virou a cabeça para me encarar novamente.

— O que está acontecendo, Trent? Dei a você o que você queria. Por

que você está aqui? — Franzi meus lábios. Seu rosto estava sério como um ataque cardíaco.

— É mais fácil assim — Disse ele, enrolando meu cabelo em torno de seu punho e puxando-o, arqueando minhas costas. Meu pescoço estava longo e exposto, e ele arrastou seus lábios quentes por ele, fazendo minhas coxas tremerem de antecipação.

— O que é mais fácil?

— Não falar. É por isso que sou O Mudo. Quando você não fala, as pessoas presumem que você não escuta. Elas param de te pedir merdas. Começam a se importar menos. As pessoas adoram o som das vozes. Delas e dos outros. É por isso que elas amam música. Eu não. Não gosto de música e não gosto de pessoas. Então, não falo merda. Mas nunca pensei que seria assim com Luna.

A revelação cândida me pegou desprevenida. É por isso que eu mal percebi que sua mão já estava trabalhando nos botões da minha calça cinza. Trent era como uma especiaria. Eu o provei em todos os lugares, embora nossos lábios nunca tivessem se tocado. Nunca fariam isso, provavelmente. Mas ele ainda fazia minha boca encher de água e meus olhos arderem.

— Preciso te foder — Ele gemeu em meu pescoço, me pressionando contra a parede. — Isso é tudo que eu consigo pensar, Edie. Sua boceta apertando em volta do meu pau. Preciso te foder, e isso está acabando comigo. Com minha mente. Com minhas prioridades.

— Então fode — Gemi, empurrando a mão em sua calça e segurando seu pau. Era enorme, e ele estava tão duro que eu realmente choraminguei. Eu precisava dele dentro de mim também. Precisava dele para me preencher e me fazer esquecer. Esquecer minha mãe, a partida de Jordan e o que eu tinha que fazer com Trent para proteger Theo. Esquecer que a vida era principalmente uma cadeia de decepções ligando tragédias.

Trent se virou e apertou um botão que fez o elevador parar violentamente. Ele me pegou pela parte de trás dos joelhos, me fazendo envolver minhas pernas em torno dele. Ele beijou meu rosto pela primeira vez. Não meus lábios. Meu pescoço, mandíbula e olhos fechados. Seus dentes retos se arrastando pela minha pele me provocando, sua língua saindo para uma primeira prova. Eu queria morrer em seus braços e nunca mais voltar. Comecei a esfregá-lo através da cueca, sentindo-o endurecer ainda mais contra a minha palma. Minha calcinha estava bem úmida, a pele do meu sexo

agarrada ao tecido.

— Por favor — Assobieei.

— Por favor, o quê?

— Por favor, me fode — Engasguei. Eu nunca implorei. Nunca tive que fazer. Tive muito poucos parceiros em meus dezoito anos, mas eles estavam mais do que dispostos a se livrar de nossas roupas antes mesmo de eu dizer uma palavra. Não Trent. Com ele, sempre havia um empurrão. Em seguida, um puxão. Então, uma explosão no meio quando finalmente acontecia.

— Estou sem camisinha — Ele disse, enquanto puxava minha calça desajeitadamente para baixo entre nós. Minhas pernas ainda estavam abertas e ele começou a esfregar minha calcinha. Seu pau na minha mão, minha boceta sob seus dedos, não era o suficiente. Eu queria mais. Eu queria *tudo*.

— Preciso de você dentro de mim — Gemi.

— Isso pode ser arranjado. — Ele sorriu, dando um passo para trás e me deixando deslizar para o chão. Meus joelhos nus atingiram a superfície áspera, assim que seu pau saltou para fora de sua cueca *Armani* branca e apertada. Era grosso, duro e inchado. Ele agarrou meu cabelo e trouxe meu rosto para seu pau monstruoso. Enganchei meus dedos nas alças de sua calça com a mão e envolvi meus dedos em torno de sua base com a outra, beijando a ponta.

— E você disse que não temos permissão para beijar — Disse impassível. Sua risada vibrou pelo seu corpo forte e musculoso. Minha fome por ele era tão carnal, não estava nem mergulhada na vergonha usual do que queria fazer. Eu tomei o máximo que pude dele, primeiro cobrindo seu pau com minha saliva antes de chupá-lo como um pirulito, fazendo sons que sabia que o estavam deixando louco enquanto bombeava sua base com meu punho.

— Porra — Ele sussurrou, puxando meu cabelo com mais força. Eu ainda estava de costas para a parede, enquanto ele estava no meio do elevador se enfiando na minha boca. Ele se ajeitou um pouco, apoiando uma das mãos na parede. — Por que eu continuo voltando para mais de você? O que a torna tão irresistível?

Eu o bombeei mais rápido, chupando-o com mais força. Então, pressionei a ponta da minha língua em sua fenda, sentindo o gosto salgado de seu pré-sêmen e quase desmaiando de prazer. Não iria responder a ele.

— Se toque — Comandou ele, aparentemente frustrado com a minha

falta de resposta. Obedeci, interessada em saber aonde aquilo iria levar.

Três baques vieram acima de nossas cabeças, como se alguém tivesse socado o elevador.

— Ei! Tem alguém aí? Sou o Clint da manutenção.

— Porra de Clint da manutenção... — Trent murmurou, agarrando a parte de trás da minha cabeça e começando a foder minha boca sem piedade. Lágrimas picaram meus olhos, ameaçando escorrer enquanto meu reflexo de ânsia era atacado com seu pênis novamente e de novo. — Enfia três dedos dentro de você. Solte meu pau. Brinque com você mesma. Estou quase lá.

Fiz o que me foi dito, ouvindo-o gemer acima de mim e sentindo um pequeno arrepio percorrer meu corpo. Podíamos ser apanhados. Seríamos. Clint seria obrigado a apresentar um relatório. Sabia disso porque passava meus dias imprimindo e preenchendo formulários preenchidos pelo pessoal da manutenção do prédio. E o que ele ia dizer iria nos arruinar.

— Porra, Edie, porra. Não para.

Não parei. As lágrimas agora escorriam pelo meu rosto enquanto tomava tudo dele em minha boca – dentro e fora, dentro e fora – e o senti empurrando minha língua achatada.

— Vou gozar na sua boca. — Declaração, não um pedido. Concordei.

— Tem alguém aí? — Clint ecoou acima de nós, e Trent bateu com o punho na parede.

— Trent Rexroth e Edie Van Der Zee do décimo quinto. Você se importaria de enviar a porra da ajuda em vez de bater na porta? — Ele rugiu. Houve um breve silêncio. Eu não sabia se Clint iria buscar ajuda ou tentar resolver o problema sozinho. — Edie — Disse Trent, segurando minha bochecha. — Vou gozar, porra.

Em segundos, minha boca estava cheia de um líquido quente e espesso. Todo sal e másculo. Eu já tinha feito isso antes e sempre, sempre engolia antes de deixar o cheiro forte atacar minhas papilas gustativas. Não desta vez. Desta vez eu bebi dele. Ele era um bom vinho e eu estava viciada. Continuei me tocando.

— Santa mãe dos boquetes — Ele gemeu, puxando meu cabelo para me fazer levantar. Eu entendi. Estávamos ficando sem tempo. Mas eu ainda queria terminar. Minha mão ainda estava entre minhas pernas quando me levantei com os pés trêmulos. Ele me empurrou contra a parede novamente.

— Quero sua bunda — Ele sussurrou em meu ouvido. — Diga-me que

posso comer neste domingo, e farei você gozar antes que o maldito Clint chegue.

— Não. — Minha voz estava rouca pela falta de fala. — Não estou nem perto. Agora que sei que Clint está chegando...

— Clint não está vindo, querida — Trent me cortou, colocando minha boceta sobre minha mão e apertando com força. — Você vai gozar. Se você me der sua palavra, posso montar em sua linda bunda neste fim de semana.

— Nunca fiz anal.

— Quero cada buraco em seu corpo, Van Der Zee. Inferno, quero criar coisas novas no processo de foder você.

Quase ri, mas ele colocou seus dedos nos meus e me direcionou, fazendo com que eu me tocasse. Abri minhas pernas o máximo que pude, sentindo seu dedo médio acariciando meu buraco apertado enquanto ele me ajudava a me levantar novamente.

— Você está quieta hoje — Ele disse, sua respiração engatando mais uma vez.

— Achei que você gostaria. Você não gosta de falar com as pessoas, certo? — Apoiei uma das minhas pernas contra sua cintura e ele empurrou seu dedo médio em mim – tocando meus próprios dedos dentro de mim – alimentando minha excitação antes de empurrar lentamente o dedo na minha bunda.

— Odeio quando as pessoas falam. Gosto quando você fala. Você não é como o resto. Você sempre tem algo interessante a dizer. Você odeia essa merda tanto quanto eu. O material rico falso.

— Você adora as coisas falsas e ricas — Bufeí, sentindo cócegas meu estômago com o orgasmo.

— Não. Só estou fazendo o mesmo jogo, minha pequena Maré.

— Você acabou de me dar um apelido? — Sorri, sentindo os músculos do meu buraco apertando em torno de seu dedo. Doeu um pouco, mas parecia estranho. Mas não estranho no mau sentido. Mas o tipo com o qual você precisa se acostumar para desfrutar. A maneira como ele trabalhava seus dedos sobre os meus... aquele era o verdadeiro prazer.

— Melhor do que Gidget. — Ele mordeu meu queixo.

— Gosto de Gidget.

— Você gosta mais de pequena Maré.

— Não, não gosto.

— Você está quase lá. — Ele bateu o dedo mais fundo na minha bunda e eu gritei, agarrando-me a seus ombros largos. Seus lábios encontraram minha orelha e ele a mordeu, sorrindo.

Explodi em nossos dedos. Quebrando como nunca antes, de uma forma que me fez duvidar que algum dia seria capaz de me recompor. Os arrepios foram tão violentos e profundos que achei que fosse me quebrar em pedaços. Batidas soaram do lado de fora.

— Ei! Ei! Sr. Rexroth? É Clint. Estou aqui com o técnico do elevador, Steve. Viemos pegar vocês. Fiquem calmos.

Trent olhou para mim, sorrindo. Minhas bochechas estavam vermelhas – eu podia senti-las queimando e tornando o espaço apertado mais quente – e nossos dedos estavam completamente encharcados com meus sucos. Ele tirou seu dedo de cima de mim e percebi como meus músculos não estavam mais tensos e rígidos.

— Você está calma agora? — A voz de Trent acariciou o topo da minha cabeça.

— Fisicamente, sim. Mas estamos entrando em território perigoso. Nunca estive em águas tão profundas. — Fechei os olhos com força, de repente com medo de ser tão franca.

— Nem eu, mas sou um bom nadador. E, Edie? Você é uma excelente surfista.

Capítulo 22



Trent

— JESUS CRISTO, VOCÊ traçou a garota. — Dean fechou os olhos, jogando a cabeça para trás e esfregando o rosto com cansaço. Estávamos todos parados perto da grelha que Vicious estava cuidando. Ele estava virando bifês e hambúrgueres, com uma carranca e roupas semi-casuais, enquanto Jaime estava desembrulhando batatas assadas e despejando salada de repolho suficiente para sufocar uma girafa de merda nelas para as crianças. Coloquei os hambúrgueres em seus pães metodicamente em uma longa ilha de porcelana no jardim de 1.800 metros quadrados de Vicious, ignorando-os.

Eles não podiam saber disso.

Não com a porra de um olhar que joguei em sua direção enquanto achei que ninguém estava olhando.

— Desembucha, bastardo. Queremos saber. — Jaime riu, tomando um gole de sua *Bud Light*. Atrás dele, Daria, sua filha de seis anos, estava brincando com Vaughn e Knight, os filhos de Vicious e Dean. Lev e Bailey, os bebês, estavam em balanços para bebês na outra extremidade do jardim, com Rosie e Mel cuidando deles e compartilhando chá gelado. Emilia, a esposa de Vicious, estava na cozinha preparando tudo.

E Luna e Edie estavam em seu próprio mundinho, deitadas na grama, olhando para o céu, com os braços dobrados sob a cabeça. Edie estava falando, e Luna sorria um pouco e acenava muito com a cabeça, ouvindo. Eu estava morrendo de vontade de estar com elas, de me aproximar, de perguntar

do que estavam falando, mas compartilhar esse momento com as duas era exatamente o tipo de águas profundas de que Edie estava falando.

— Queremos. — Dean deu uma cotovelada em minhas costelas, passando por mim com uma tigela cheia de batatas. — Você enfiou ou não seu pau em uma adolescente?

Levantei os olhos dos pães e hambúrgueres, piscando lentamente. Às vezes, era benéfico ser chamado de Mudo.

— Sei que você quer que a gente dê o fora, mas vamos lá, temos que saber. Somos seus melhores amigos — Jaime me lembrou, esticando a cabeça tirando um baseado do bolso. Dean revirou os olhos e todos pararam o que estavam fazendo.

— Me dá isso, seu merdinha. Não fumo há uma vida. — Imaginei. A esposa de Dean tinha uma doença pulmonar. Ele fazia bastante sacrifícios por sua família, o que me fazia respeitá-lo ainda mais do que no passado. Rosie parecia bem. Normal. Bonita. Mas ainda doente. Portanto, toda vez que ele conseguia fumar maconha, éramos lembrados de como sua vida não era tão normal. O filho da puta tinha um grande coração. Ele se casou de boa vontade com o que eu aceitei amargamente — uma situação em que tínhamos que cuidar de outra pessoa.

Dean acendeu o baseado e recostou-se na ilha, passando para mim.

— Vamos, agora — Ele disse, fumaça saindo de seus lábios —, fala.

Eles não iam deixar aquilo passar, então, joguei um osso para eles por nenhuma outra razão a não ser para calar a porra da boca deles.

— Temos algo acontecendo — Disse baixinho, não encontrando nenhum de seus olhares. Dei um longo trago e passei para Vicious, que me olhou intrigado antes de levar o cigarro aos lábios —, não é nada. Ela sai muito com Luna, mas tem suas próprias coisas para cuidar em casa e eu tenho minhas coisas para cuidar. É apenas casual. Para nós dois.

Que porra de eufemismo foi aquilo. Edie não era casual. Nunca foi. Mas admitir outra coisa era loucura.

— Devo ser eu a apontar que Jordan Van Der Zee é nosso sócio e que você é a única pessoa com quem ele tem problemas? — Jaime perguntou, pegando o baseado de Vicious. Dean tirou outra cerveja de um balde cheio de gelo.

— Porra sabe por quê. Trent é a única pessoa que realmente trabalha duro fora de nós quatro. — Ele riu. Todos concordaram.

— Talvez ele realmente *seja* racista. — A voz de Jaime estava baixa.

— Não. Se fosse, ele tentaria esconder. — Vicious encolheu os ombros. — É mais profundo do que isso. Tudo que sei é que Jord quer expulsá-lo do tabuleiro, Trent. Vejo a maneira como ele olha para você. O que quer que ele tenha contra você, é grande. Ele quer você fora da Fiscal Heights e quer você fora da vida dele. A filha dele é a desculpa perfeita.

— Ninguém vai saber — Sibilei, arrebatando o baseado de Jaime —, tomamos cuidado.

Mas mesmo aquilo não era verdade. Dois dias atrás, eu coloquei meu dedo em sua bunda no elevador, minutos depois que ela quase engolira meu pau. Precisávamos ser mais cautelosos e eu precisava parar de ser atraído pela boceta mais perigosa da minha vizinhança. Ela não era confiável. Queria dar a seu pai todas as informações que ele precisava sobre mim. Edie Van Der Zee estava começando a se parecer muito com a minha morte, mas aqui estava eu, voltando para buscar mais e mais de seu veneno. Viciado como um viciado em crack.

— Você está dormindo com ela para se vingar do pai dela por tentar se livrar de você? — Perguntou Jaime.

Eu zombei. — Porra, não.

— Você tem sentimentos por ela? — Dean acrescentou.

Revirei os olhos, voltando-me para Vicious. — Você pode calá-los para mim?

Vicious encolheu os ombros. — Pareço seu garoto de recados? Você parece saber se cuidar muito bem.

Eu estava prestes a abrir minha boca e dizer a eles que, em um futuro muito próximo, Jordan não seria mais um problema para mim. Então, ouvi um grito vindo de trás das costas de Dean. Deixei cair o baseado na grama, correndo em direção ao som que reconheci, porque eu o estudei obsessivamente *pra* caralho.

Luna gritando.

— Não fiz nada com ela! Juro! — A voz de Daria gritando. Ela estava correndo pela grama exuberante e cuidadosamente cortada com seus rabos de cavalo loiros em pequenos laços rosa, vestindo o uniforme de balé que ela usava constantemente. Que deixava sua mãe ex-bailarina ainda mais orgulhosa. Mas ela estava começando a parecer, sentir e falar como uma garota má.

— Ah, não! Luna, querida, o que há de errado? — Mel correu em direção à cena ao mesmo tempo que eu. Edie estava de joelhos, puxando Luna para um abraço. Luna enterrou o rosto no ombro de Edie, e Edie estava lançando um olhar gelado que eu nunca tinha visto antes em Daria.

— Isso não foi legal, cara. Nem um pouco. Isso te fez sentir bem? Machucando ela?

Machucando ela? Foi a primeira vez que suspeitei de que gritaria com uma criança. Eu queria gritar com Daria até que cada corda vocal na minha garganta se rasgasse.

— O que diabos está acontecendo aqui? — Parei ao mesmo tempo que Mel. Ela me olhou impotente. Nós não tínhamos nos falado desde que caguei para todas as namoradas que ela me mandava. Ela não mencionou me apresentar a ninguém desde então. Considerei aquilo uma vitória.

— Fui buscar limonada para nós — Edie foi rápida em explicar, sem esperar que Daria se sentisse culpada — E enquanto eu voltava, percebi que o cavalo-marinho de Luna estava nas mãos de Daria. Ela o rasgou e tirou o pelo — Edie relatou, apertando ainda mais Luna, que chorou ainda mais. Edie se levantou e Luna a envolveu como se fosse sua filha.

E aquilo me quebrou.

E me fez feliz.

E triste.

E tão, tão fodido.

Virei-me para Daria. Mel fez o mesmo. Ela estava furiosa também, e aquilo tirava um pouco do meu nervosismo, porque pelo menos eu sabia que ela estava levando essa merda a sério.

— Por que, Daria? Por que você fez isso? — Mel se agachou na frente de sua filha, segurando seus ombros. Sua voz era suave, mas seus olhos implorantes eram urgentes. Esta não foi a primeira vez que Daria foi cruel com Luna.

Daria levantou um ombro, olhando para o chão com um beicinho.

— Luna é tão legal com você o tempo todo — Mel enfatizou. Ninguém perguntou nada a Luna, porque todos sabíamos que não obteríamos uma resposta. Ela ainda estava nos braços de Edie quando Daria ergueu o olhar lentamente e apontou para o outro lado do quintal. Todos seguimos a linha de visão e vimos Knight e Vaughn sentados em uma mesa de piquenique, mastigando os hambúrgueres que eu fiz para eles.

— *O quê?* — Mel perguntou de novo, aparentemente irritada. Merda. Sua filha era louca por meninos aos seis anos. Jaime demorou quinze anos ou mais.

— Knight sempre está do lado dela.

— Não há lado. Luna não está contra você — Mel disse, sua saia florida balançando ao vento. Tive que acalmar minha raiva, desviando meu olhar para minhas garotas novamente. Edie pressionou a cabeça de Luna em seu ombro e balançou a cabeça, ainda abalada com a reação de Luna.

— O que você quer dizer, querida? — Mel perguntou a Daria.

E eu tinha acabado de pensar ‘minhas garotas’? Merda, eu tinha. Chamei Edie de minha garota, embora ela não fosse, embora ela nunca fora. Mas a sentia dessa forma ali mesmo. Como alguém que pertencia a mim, não porque eu queria bater em sua bunda – apesar de querer – mas porque ela foi feita. Para. Mim.

— Knight sempre quer jogar com ela, mesmo quando Vaughn e eu jogamos um jogo diferente. E Luna nem joga. É ridículo. Ela apenas fica parada ali, sendo estúpida.

Dei um passo à frente, mas não foi necessário. Edie estava ao lado de Daria em um piscar de olhos, e o olhar em seu rosto... porra, impagável. Ela tinha o potencial de ser tão assustadora quanto seu pai. Ela simplesmente não queria ser.

— Isso já basta, Daria. O que você está sentindo agora é ciúme. Está tudo bem, todos nós às vezes sentimos. Mas o que não está bem é como você escolheu agir com base no ciúme, descontando em Luna e seu brinquedo favorito. Acho que você deve um pedido de desculpas a ela, não deve?

Houve silêncio por um momento. Daria torceu os dedos, parecendo horrorizada e envergonhada, puxando seu tutu rosa. Luna estava olhando para ela da curva do pescoço de Edie, com as mãos em volta dos ombros de Edie.

— É verdade. — Melody suspirou, olhando para mim com uma expressão de eu-não-sei-o-que-fazer-com-ela. Dei de ombros. Não era problema meu.

Emilia saiu da cozinha pela primeira vez desde que chegamos, segurando uma tigela de salada de frutas. Ela colocou sobre a mesa e correu para nós, enxugando o cabelo roxo do rosto.

— Ei, o que está acontecendo?

Melody a informou. Daria se desculpou, e Luna finalmente consentiu

em deixar Edie e ir com Emilia lavar seu rosto.

Depois, Mel, Edie e eu formamos um pequeno círculo. O sol deixou tudo mais irritado e aquecido, e entre minha raiva e o óbvio constrangimento de Melody, eu sabia que poderíamos explodir muito rapidamente.

— Acho que vou tomar aquela limonada agora — Edie parou de falar, virando-se e entrando na casa. Mel olhou para mim com ceticismo e, pela milionésima vez naquele ano, agradei a Deus por ser o mudo e ela não esperava uma resposta real.

Entrei na casa procurando por Luna e Emilia. Eu confiava na esposa de Vicious. Ela e Rosie tinham essa coisa. Faziam você se sentir em casa, mesmo quando você claramente não estava.

Passei pelos dois banheiros vazios no primeiro andar, prestes a subir as escadas para os quartos quando parei na escada. Edie estava na sala de jogos de Vaughn, que estava cheia de brinquedos. Caminhões e soldados e outros enfeites. Ela estava parada ao lado de um escorregador saindo de um castelo gigante, tocando algo pequeno em sua mão. Eu apertei os olhos, tentando ver o que era. Era um soldadinho de brinquedo.

Ela parecia... triste. Pela primeira vez, eu realmente vi nela. A cautela. O desespero. Ela parecia destruída, e sempre estive muito ocupado para notar, porque essa alma destruída por acaso tinha uma bunda incrível, um par de seios lindos e um pai que eu odiava. *Porra*.

Não havia desculpa para o que eu estava fazendo. Para mim, entrar naquela sala e fechar a porta atrás de nós. Por mim caminhando até ela com o caos dançando em meu peito, observando-a enquanto ela levantava os olhos do brinquedo, lendo tudo que estava dentro dos meus.

Eu poderia dizer que foi porque ela protegeu minha filha, mas isso não seria verdade.

Poderia dizer que era porque eu vi suas camadas enquanto ela segurava aquele soldadinho de brinquedo em sua pequena mão, mas isso também seria besteira.

Fiz porque tinha que fazer. Porque foda-se as consequências e Jordan Van Der Zee e tudo o que está entre nós. Pela primeira vez em cinco anos, coloquei meus lábios nos de outra pessoa e a beijei. Com força.

Minha boca descendo sobre a dela foi como andar de bicicleta. Aquilo chegou em mim instintivamente, mas, ao mesmo tempo, parecia tão diferente que quase engasguei com aquele beijo. Minha mão segurou seu rosto

puxando-a para perto, e minha língua disparou para abrir sua boca. Ela gemeu em nosso beijo e se agarrou ao meu rosto como se quisesse fazer isso desde o dia em que nos conhecemos. Segurei ambas as bochechas dela e aprofundei nosso beijo, deixando a estranha, estranha noção de minha língua dançando com a de outra afundar. Foi tão fodidamente molhado e íntimo. Eu queria comê-la.

— Pequena Maré — Respirei, afundando meus dentes em seu lábio inferior e fechando-os até que ouvi o gemido familiar de alegria. — Você é a porra da maré.

— Cavalo-marinho — Ela respondeu.

— Quem dera.

— Você é.

— Talvez — Disse, parecendo inseguro pela primeira vez em muito tempo.

— Não sou sua maré, Trent. — A tristeza envolveu suas palavras, e eu sabia que ela estava certa. Ela queria meu pescoço. Muito.

— Não. Você é minha Dalila, Edie, e eu sou seu Sansão. Você quer me arruinar, me destruir, tirar meu poder e me trair. Eu deveria ficar longe de você, mas quero você *pra* caralho. E quando tudo acabar, quando tudo o que resta de nós é carne suada e mentes despedaçadas e corações dilacerados, você vai se lembrar de mim como o homem que te fez chorar, e vou me lembrar de você como a garota que eu tive que quebrar para me manter à tona.

Olhamos um para o outro, quase sorrindo. Que jeito fodido de quebrar minhas regras, com uma garota que estava à minha mercê e tinha gosto de traição. Deslizando meus polegares sobre suas bochechas, bati meus lábios nos dela, beijando-a com abandono e paixão e arrependimento. Eu a beijei com tudo que eu tinha que valia a pena levar. Nós mordiscamos e mordemos e fizemos desse beijo nossa foda, sabendo que provavelmente não haveria outro. Fazendo o que eu queria fazer desde que a vi no gramado de Dean, ao lado de seu pai, zombando do mundo como se ela estivesse pronta para declarar guerra a ele.

Eu estava me abrindo para alguém que não era meus pais ou meus três amigos, sentindo as paredes de algo desastroso se fechando sobre mim.

Nossos lábios estavam inchados e nossos olhos encobertos quando fomos pegos, no meio da colorida sala de jogos, encostados em um castelo de

plástico com um escorregador. A porta se abriu e Vicious encostou-se no batente da porta, as mãos nos bolsos, nos examinando com tédio. Knight e Vaughn estavam parados ao lado dele, cada um deles abraçando uma de suas coxas, nos observando sem realmente entender o que eles estavam olhando. — Você disse que era cuidadoso. Sem chance de ser pego. — Meu amigo jogou minhas palavras de volta para mim zombeteiramente.

Meu desejo de negar tudo foi esmagado pelo impulso de reclamá-la. Tirei minhas mãos de seu rosto, mas apenas para que eu pudesse inclinar meu corpo em direção ao dele.

— Vocês precisam sair.

— Você precisa bolar um bom plano antes que o pai dela te mate — Vicious respondeu calmamente.

— O que eu *preciso* — Olhei para baixo, tentando não xingar na frente das crianças — é a sua cooperação. Antes de explodir.

Aquilo fez Vicious dar um passo para trás. Antes de fechar a porta, ouvi-lo dizer: — Acho que é hora de fazer pipoca, crianças. Esses dois vão nos dar o melhor show que esta cidade tem a oferecer.

Capítulo 23



Edie

GOSTEI MAIS DE Rosie.

Todos eram legais, mas Rosie foi quem realmente me pegou. Ela usava uma camisa do Queens da Idade da Pedra e jeans rasgados, embalando seu filho, Lev, em seus braços e acenando para mim.

— Sim. Isso soa como nossa Daria.

— Não quero ser rude, mas, droga, a garota é cruel. Não tenho certeza de onde encontrar um cavalo-marinho idêntico para Luna. — Peguei uma uva de uma fruteira no meio da mesa.

Rosie respirou fundo, seus pulmões se esforçando para isso, como se suas vias aéreas estivessem bloqueadas. Depois que Vicious pegou Trent e eu nos beijando na sala de jogos de seu filho, ele nos pediu para tentar não nos esbarrar em sua propriedade. Trent não desistiu sem lutar, dizendo a Vicious tudo o que havia para dizer com um olhar que poderia matar. Tínhamos saído da sala juntos. Por um segundo, parecia que nossas mãos se encontrariam.

Mas elas não se encontraram.

O zumbido daquele beijo ainda se agarrava a cada parte do meu corpo. Sentia em meus lábios inchados e doloridos. Eles latejavam, zumbiam, ganhavam vida. Quase como uma entidade separada do meu corpo.

Rosie se inclinou sobre a mesa em minha direção quando viu Emilia e Melody caminhando em nossa direção com garrafas de vinho. Sabia que não seria oferecido um copo e aquilo por si só me fazia lembrar o quão inferior eu era para aquelas pessoas, apenas por causa da minha idade.

— O que está acontecendo com você e Trent? Ele sempre me pareceu

misterioso e silencioso, mas também meio perigoso. — Rosie mexeu as sobrancelhas.

— Emilia o conhece bem? — Eu perguntei, em parte para evitar de respondê-la, mas, principalmente, porque estava ansiosa para descobrir mais sobre ele. Rosie balançou a cabeça, lançando-me um olhar que me disse que eu não estava fora de perigo.

— Duvido que alguém o conheça bem, inclusive seus melhores amigos.

— Quem conhece? — Emilia se sentou ao meu lado, apertando meu ombro e sorrindo para mim. — Obrigada por se juntar a nós hoje, Edie. Luna realmente ama você e gosto de vê-la brilhar.

Deus, ela era perfeita, mesmo em seu vestido vintage azul bebê *Alice no País das Maravilhas* e cardigã amarelo. Não admira que Vicious seja tão apaixonado por ela.

— Estávamos falando sobre Trent. Surpreendente, certo? — Rosie beijou a cabeça loira de seu filho, e ele despertou, imediatamente alcançando seus seios.

— Tal pai, tal filho. — Rosie revirou os olhos, expondo um seio, levantando a maior parte de sua camisa. Olhei para o outro lado, sabendo que era perfeitamente normal – uma mãe alimentando seu filho como a natureza pretendia – mas ainda me sentia como uma adolescente estúpida e imatura.

— E quanto ao Trent? — Mel entrou na conversa, sentando-se à mesa conosco. Luna estava do outro lado do jardim com ele e, de repente, aquilo me fez sentir como em um dos questionamentos de *Sex and the City*. Mel abriu uma garrafa de vinho e serviu dois copos, um para ela e outro para Millie.

— Vadia, você está amamentando. — Rosie franziu a testa e, quando Millie ergueu uma sobrancelha, acrescentou: — O quê? Lev não entende uma palavra ainda. Vou me livrar da minha boca suja no momento em que ele bater uma.

— Até parece. — Mel revirou os olhos, tomando um generoso gole de vinho. Ela também tinha a pequena Bailey, que era ainda mais jovem do que Lev. — Estou bombeando e jogando fora. Bailey usa principalmente fórmula. A enfermeira disse que não sabe pegar bem, o que é estranho, considerando que o pai dela não tem problemas nesse departamento.

— Obrigada, Nojenta. — Rosie sorriu.

— E quanto a Trent? — Mel repetiu. — Tentei arranjá-lo com uma das minhas amigas. Ele é impossível. Estragou o encontro de propósito.

Palpitações. Borboletas. Sorriso lutando para entrar sorrateiramente. *Eu sabia.*

— Ele não queria ir naquele encontro — Disse Emilia em sua defesa. — Acho que é por causa de Val. Ele nunca esteve em um relacionamento antes, e acho que o que aconteceu no caso dela o fez desistir da ideia. O que é triste.

Mel arqueou uma sobrancelha, completando sua taça de vinho e encolhendo os ombros. — Ela sempre pode voltar.

— Pouco provável. — Rosie bufou.

— Espero que sim. Luna precisa de uma mãe — Emilia murmurou.

— Se ela voltar, aposto que ele nunca a deixará ir. Ele deveria ter dado a ela uma chance justa quando ela disse que estava grávida. Jaime disse que ele às vezes ainda se critica por causa disso. Embora sempre tenha sido um bom pai, Trent nunca deu a Val a chance de ser mais do que a mãe de Luna. Não estou dizendo que a entendo ou simpatizo com o que ela fez, mas se ela voltar, acho que ele pode realmente tentar fazer com que funcione com ela. Isso faz sentido? — Melody explicou em seu tom prático e acessível.

— Não — Rosie brincou, reorganizando a cabeça de Lev em seus braços enquanto ele chupava seu seio com fome.

— Concordo com isso, minha irmã. — Emilia deu um pequeno gole no vinho. — Trent está furioso, com razão.

— E machucado — Acrescentou Rosie.

— Mais razão para esperar que a mulher que abalou seu mundo volte e colete os pedaços com ela. — Mel se serviu de uma terceira taça de vinho.

Tentei dizer a mim mesma que ela estava bêbada, equivocada e absolutamente no caminho errado. Mas, no fundo, ela tocou nos meus maiores medos. Ela foi sua professora no colégio. Ela o conhecia. Provavelmente mais do que qualquer pessoa naquela mesa, inclusive eu.

Passei o resto do meu tempo desejando estar longe, com Theo, onde meninos nunca eram um problema. Meus lábios ainda estavam queimando com os beijos de Trent, então, peguei um cubo de gelo da minha limonada e pressionei contra eles, tentando pensar com clareza.

Trent Rexroth não era uma paixão. Era a mesma coisa que acabaria me esmagando se eu não tomasse cuidado.

As pessoas costumam ter talento para dramas. É por isso que nunca acredito quando alguém me diz que sabia que algo ruim estava para acontecer antes mesmo de acontecer. Eu me corriji no minuto em que abri a porta da minha casa no sábado à noite, porque a sensação ruim me agarrava pelos ossos. A calamidade, como se viu, tinha um cheiro. Cheirava a álcool fraco e caro, cigarro velho e *Chanel n° 5*.

Observei o chão como se estivesse caminhando no corredor da morte. Cada passo que dava em direção à cozinha me enchia de mais pavor, e não entendia por quê. Tudo parecia igual. As paredes ainda tinham o mesmo tom contemporâneo de cinza claro, os móveis franceses ainda eram claros e pesados, os sofás de creme de seda ainda custavam cem mil dólares por peça e as pinturas nas paredes ainda custavam mais do que qualquer um poderia sonhar em ter em sua conta bancária.

Um som gorgolejante veio da cozinha e fiquei tensa.

Não é nada. Você não ouviu nada. Vai em frente.

Outro passo e depois outro. Eu queria ser covarde. Queria subir para o meu quarto e não lidar com aquilo. De novo não. Aquilo não poderia acontecer novamente. O quão ruim era eu suspeitar que a vida de minha mãe estava em perigo, e tudo que eu queria fazer era enterrar meu rosto em um travesseiro e repetir o último dia, especialmente a parte em que Trent quebrou todas as suas regras e chupou minha boca como se eu fosse a coisa mais gostosa do cardápio? Eu sabia a resposta para aquela pergunta. Era muito ruim. Imperdoável, na verdade.

— Khhstttt, ehss, pppfff... — O borbulhar continuava. Aquilo não era um exercício. Não era minha imaginação doentia. Joguei minha mochila no chão e corri para a cozinha. Meu cabelo cobriu meu rosto, como se para me proteger, e eu o assoprei, cantando sem fôlego: — *Não, não, não.*

Minha mãe estava deitada no chão – por que ela sempre fazia isso na cozinha? Por que não no banheiro dela? Por que ela sempre precisava de uma audiência? A espuma escorrendo de sua boca. Sobre a mesa acima dela estavam dezenas de frascos de comprimidos vazios, com uma variedade de comprimidos de arco-íris espalhados como penugem triste de dente-de-leão. Uma pilha de papéis de separação estava em cima da mesa, já assinada por

meu pai. — Merda. — Respirei fundo, correndo em direção a ela.

Jesus Cristo, ele esteve aqui. Ele disse a ela.

Eu a rolei para o lado e segurei seu rosto, olhando em seus olhos vazios.

— Quantos você tomou?

Ela balançou a cabeça, sem responder. Eu tinha certeza de que o principal motivo de sua falta de resposta era que ela estava na metade do caminho. Peguei meu telefone do bolso de trás, minhas mãos tremendo.

Esqueci da linda garota que me entregou seu coração e de seu pai que me recompensou com beijos escondidos. Esqueci-me de rir com Rosie e Emilia e de fazer cara feia para uma Mel bêbada, embora inofensiva. Esta, bem aqui, era minha vida real, e eu não deveria ter me permitido esquecê-la nem por um momento.

Minha mãe cambaleou para frente, vomitando. A única coisa que saiu de sua boca foi mais espuma.

— Vomita, vomita, vomita — Repeti taciturnamente. Da última vez, enfiei um dedo em sua garganta quando tinha apenas 12 anos. Eu realmente esperava manter aquele incidente uma única vez. Os olhos da minha mãe rolaram nas órbitas. Eu odiei o mundo mais uma vez. Empurrei minha mãe de joelhos com o telefone pressionado entre minha orelha e ombro e enfiei um dedo em sua garganta, mas nada saiu.

— Há quanto tempo? — Perguntei, embora fosse inútil. Ela não conseguia responder. Ela nem estava totalmente consciente. Não como da última vez. *Jesus, mãe.* — Por favor, mãe, por favor. Apenas... jogue tudo para fora. Por favor. — Eu não sabia o que tremia mais forte, minha voz ou minhas mãos. Ambas estavam fora de controle e me senti escorregando além. Além do controle que eu tinha sobre mim mesmo.

Ela não me ama?

Ela não se importa?

Eu a empurrava e balançava, mas ela apenas tremia como uma folha, passando por algum tipo de convulsão. Finalmente, a chamada foi ao vivo.

— *Nove-um-um, qual é a emergência?*

Comecei a chorar, dando a ela nosso endereço. A operadora pegou nossos dados e mandou ajuda. Mesmo a porra do 911 mal podia esperar para se livrar dela.

Capítulo 24



Trent

MINHA MÃE TENTOU se matar.

As palavras me assombravam enquanto eu acelerava pelas ruas de Todos Santos em direção ao hospital Saint John. Eu não era um idiota. Sabia exatamente o que estava fazendo correndo para o lado dela. O pai dela provavelmente estava lá – *é melhor ele estar*, pensei com raiva. Fui a primeira pessoa para quem ela ligou e não iria colocar um limite de tempo na minha estadia lá. No minuto em que recebi a ligação, deixei Luna na casa de Camila – eu não a queria na cobertura, caso Edie quisesse dormir lá – e disse a ela que precisava de pelo menos algumas horas para resolver alguma merda pessoal e avisá-la quando eu voltasse.

Pobre Edie.

Pobre, pobre Edie.

Enquanto a mãe da minha filha evitava responsabilidades a todo custo, Edie tentava cuidar de todos em seu mundo enquanto observava sua juventude escorregar entre seus dedos. Eu me odiava por ter presumido o pior sobre ela. Que ela era uma garota mimada que tentava roubar dinheiro pela emoção, ou apenas para ser uma vagabunda. Edie não era uma pirralha. Ela estava lidando com uma mãe muito doente e, aparentemente, estava sendo chantageada pelo pai também.

Estacionei com pressa e liguei para o celular de Edie. Ela atendeu no terceiro toque, fazendo meu maldito coração quase detonar dentro do meu peito. E era irônico, a maneira como eu me aproveitava das suas fraquezas

quando nos conhecemos, e agora, como eu queria desesperadamente que ela se agarrasse à sua força para sobreviver a isso.

— *Quarto andar, estarei fora do quarto 412* — Ela sussurrou, como se não quisesse incomodar ninguém. A jornada até ela foi a mais longa que já fiz. As paredes azuis claras e os olhos cansados e reconfortantes da equipe do hospital me assombravam, me enchendo de memórias que eu queria esquecer.

Sua perna está quebrada. Sua bolsa de estudos, bem, não vai se materializar, Trent.

Parabéns. É uma menina. A mãe vai assinar a certidão de nascimento em breve. Espero que ela dê à criança seu sobrenome, hein?

Ela é normal. Não há nada de errado com sua voz. Ela é apenas... bem, de qualquer maneira, tenho o nome de uma ótima psicóloga infantil.

Parei na porta 412, pressionando a palma da mão na madeira fria e fechando os olhos. Eu estava além de me preocupar com Jordan neste estágio. Se ele estivesse lá, fazendo perguntas, como por que diabos Edie me ligou, eu seria franco. Bati na porta três vezes, o mais suavemente que pude, me virei e andei pelo corredor.

Dez segundos depois, Edie saiu. Ela ainda estava usando a mesma blusa #SunChaser florida e minúsculo short cor de vinho que tinha feito todos os homens na festa salivarem. Só que ela não se parecia mais com Edie. Ela parecia alguém dez anos mais velha. Ironicamente, alguém com quem eu não me sentiria tão horrorizada em dormir.

— Ei. — Minha voz saiu suave, e eu não tinha certeza do que fazer com minhas mãos, meu rosto, minha porra de ser, então, me aproximei dela para um abraço estranho, que ela, porra, devolveu. Nós ficamos lá em um abraço solto fora do quarto de hospital de sua mãe. Eu encarei a porta simples; ela olhou para uma pintura banal atrás de mim, provavelmente doada ao hospital por algum babaca rico. Seus ombros eram frágeis e sua mente também, eu tinha certeza. O tempo pareceu parar exatamente como nós, por um tempo, antes de ela se desconectar de mim e olhar para baixo.

— Ela está bem? — Perguntei. Seria errado eu não me importar de verdade? A única pessoa em quem eu estava interessado naquele momento era Edie, e eu não tinha certeza se a recuperação de sua mãe seria boa ou ruim para ela. Edie soprou uma mecha de cabelo do rosto, seus olhos cortando para o corredor quase vazio atrás de nós. Uma enfermeira estava

preguiçosamente inclinada ao longo de uma mesa oval de recepção. Os telefones estavam tocando. Um médico estava rabiscando algo em um quadro branco.

Edie estava esperando por alguém. A porra do pai dela, provavelmente.

— Não sei. Ela está estável agora, mas... — Ela esfregou o rosto com cansaço, balançando a cabeça. Eu queria sugar sua dor para longe e torná-la minha. — mas ela está em coma, Trent. Seus órgãos vitais estão funcionando, mas ela não está consciente. — Seu queixo tremia e as lágrimas brilhavam em seus olhos. — Não sei o que fazer. Não sei se devo dizer a ele...

— Você ainda não contou ao seu pai? — Perguntei, cedendo ao desejo de tocá-la. Eu acariciei seu braço, colocando um peso reconfortante em seu corpo e encorajando-a a se inclinar para mim. Ela balançou a cabeça, lançando outro olhar para o corredor. Edie fungou.

— Vamos conversar em outro lugar. Tenho uma longa noite pela frente e provavelmente preciso recarregar.

— Café? — Perguntei.

— Água de Coco. — Ela quase sorriu.

Caminhamos até o refeitório no mesmo andar. Peguei uma água de coco para ela e um café. Sentamos em frente a uma janela que dava para nossa pequena e pecaminosa cidade. Edie mexeu sua bebida com um canudo, olhando para ela.

— Eu disse ao meu pai, mas nem precisava. É tudo culpa dele. Quando estávamos no churrasco, ele chegou em casa sem avisar e decidi contar a ela que queria o divórcio. Mãe... não é a primeira vez que ela tenta se matar... Enfim, então, meu pai. Eu mandei uma mensagem para ele. Ele ainda não respondeu, mas não estou prendendo a respiração. Fui a única pessoa a sentar ao lado dela há oito anos, quando ela tentou cortar os pulsos pela primeira vez, e definitivamente não espero que nada mude agora que ele a deixou.

Van Der Zee desgraçado. Era uma merda ele fazer coisas como essa. Deixar uma mulher, que estava obviamente doente, e sua própria filha, que precisava de ajuda, para juntar os cacos. Engoli, meu pomo de adão balançando, e bati meus dedos sobre meu joelho. — Sinto muito.

— Tudo bem. — Ela torceu o nariz. — Mesmo. Eu nem mesmo estou desapontada neste ponto. Não com ele, de qualquer maneira. Mas teria sido

bom se ela pelo menos me ligasse antes de tentar fazer isso. Minha mãe não é uma pessoa ruim. Ela está apenas preocupada. Mas ainda preciso dela. Todo mundo precisa de uma mãe.

Meu rosto deve ter se contorcido de agonia, porque ela chupou o lábio inferior e bateu com a palma da mão na testa. — Deus, que coisa estúpida de se dizer. Desculpe.

— Não há necessidade. Você está certa. Todo mundo precisa de uma mãe. Até minha filha. Talvez especialmente ela. — Mas não era sobre Luna que eu queria falar. Um desejo repentino de tocar Edie percorreu meu corpo, e deslizei minha mão da minha coxa até o joelho, apertando-o suavemente. Não para seduzir, mas para confortar.

— Quando você disse que não sabia se devia ou não contar a ele... você não quis dizer Jordan, Edie.

Ela cautelosamente virou minha palma para cima, entrelaçando nossos dedos. Nós dois observamos nossas mãos como se fossem mágicas. Meus grandes dedos mocha se enrolaram em seus pequenos dedos brancos. A luz lá fora estava morrendo, assim como minha vontade de manter essa coisa casual entre nós.

Não era casual.

Nunca tinha sido casual.

Foi um desastre do caralho, e eu precisava acabar com isso antes que acabasse comigo, mas como poderia, quando sua mãe estava em coma e ela estava segurando minha mão como se eu fosse seu amigo, como se eu fosse seu namorado, como se eu fosse *amante* dela.

Olhei para cima e ela não estava mais chorando. Seu rosto estava enfeitado de ódio, seu queixo cortado.

— Theo — Ela disse.

— Theo? — Eu ecoei. Tive a sensação de já ter ouvido esse nome, mas não tinha certeza de quando ou onde. Obviamente, havia uma tonelada de Theos. Mas havia uma coceira persistente dentro de mim, insistindo que o Theo de quem ela estava falando, eu conhecia. Ou, pelo menos, sabia sobre ele.

— Sim. Meu irmão. Ele nasceu quando eu tinha seis anos. Ele tem doze anos agora. Mas... houve algumas complicações em seu nascimento. Mamãe foi induzida duas vezes. O cordão umbilical enrolou em seu pescoço, mas ela já estava em trabalho de parto e eles não poderiam fazer uma

cesariana. Ele ficou sem oxigênio por... muito tempo. — Ela limpou a garganta, olhando para cima e franzindo as sobrancelhas, lembrando. — Lembro-me de perguntar à minha mãe por que ele tinha uma aparência tão engraçada, antes mesmo de descobrirmos sobre todos os seus problemas. Meu pai enlouqueceu. Ele era um executivo sênior dessa empresa sofisticada e estava trabalhando muito em sua imagem. Ele não queria que isso manchasse sua preciosa carreira e sua família perfeita. Ele recebeu uma oferta para abrir uma filial na Holanda e aceitou, mas era principalmente para esconder Theo. Ele tem autismo, epilepsia e paralisia cerebral. Ele é... diferente. Muito diferente. — Ela riu, mas seus olhos estavam suavizando. Como se falar sobre ele a acalmasse. — Mas ele também é inteligente. E meigo. E tão, tão corajoso. Ele é paciente e receptivo, e sempre sorri para mim quando o visito como se eu fosse a melhor coisa do mundo. Ele não reclama sobre meus pais nunca o visitarem. Ele não chora por receber isso, esse tipo de vida. Então, estou torcendo por ele. Torço por ele o tempo todo.

Minha mão estava suada na dela, mas eu não queria me afastar. Eu queria saber mais.

— Então, onde está Theo agora?

— Numa casa de grupo especial em San Diego. Na verdade, é uma instalação incrível, mas custa uma tonelada. Meu pai queria que ele fosse mandado embora, para algum lugar na Costa Leste, para que ele não tivesse que lidar com sua proximidade. A equipe realmente incentiva as famílias a visitar e participar de forma consistente, e Jordan não gosta disso. Eu não acho que ele o visita há anos. Minha mãe vai todo Natal para dizer oi e levar um presente. Mas, para mantê-lo lá, meu pai e eu concordamos em pagar metade da mensalidade. Caso contrário, ele o tiraria de mim.

Eu zombei. — Deve ser uma nota.

— Doze mil dólares. — Ela assentiu.

— Por quê? Ele tem dinheiro suficiente para começar uma guerra com o Canadá. E provavelmente ganhar.

— Para me ver contorcer. Para me ver falhar. O que você disser. Desde que Jordan percebeu que eu não desistiria do meu irmão e, na verdade, continuo a vê-lo todas as semanas e o tornei parte da nossa família, ele tem sido amargo comigo. Ele não consegue ver por que eu insisto em ficar aqui e não ir para uma boa faculdade.

— E sua mãe?

— Muito fraca para lidar com Jordan, muito frágil para lidar com Theo e suas necessidades. A primeira vez que ela tentou tirar a própria vida...

— Edie hesitou, apoiando os cotovelos nos joelhos e enterrando a cabeça entre as mãos. — Foi logo depois que meu pai o colocou nesta instituição. Ela o queria perto. Queria cuidar dele. Mas fazer aquilo estava cobrando seu preço. Ela queria ser uma boa mãe, mas não conseguiu.

Eu me perguntei, brevemente, se esse era o caso de Val também. Se ela queria ser melhor para Luna, mas não podia, então, ela decidiu foder com tudo em vez disso. Eu trouxe nossas mãos aos meus lábios, pressionando um beijo contra sua pele macia. Ela fechou os olhos e cedeu ao momento.

Eu estava quebrado, mas ela estava quebrando, e aquilo doía mais.

— Então é por isso que você está atrás de mim? Seu pai ameaça você em mandar Theo embora?

Edie acenou com a cabeça novamente e recuperou a mão. As lágrimas voltaram. Novamente, ela não as deixou cair. Admirei aquilo.

— Ele disse que se eu não colocar as mãos em seu *pen drive*, Theo será enviado para Nova York.

— Posso lhe dar meu *pen drive* sem as informações que ele está procurando — Ofereci sem pensar muito. Por que diabos eu me importaria se Jordan tivesse em mãos um monte de contratos e listas de contatos que ele já tinha acesso? Não fazia diferença nenhuma para mim. E a maior parte do meu *pen drive* tinha exatamente isso. Um monte de merda que você poderia encontrar nos registros da empresa se fizesse uma pesquisa geral em nosso banco de dados. Havia apenas um arquivo, levando a alguns outros arquivos, com informações que ele realmente queria...

— Ele sabe, Trent. O que quer que você esteja planejando, ele não é estúpido. Ele já descobriu tudo o que você tem sobre ele em seu *pen drive* e espera que esteja lá.

Certo. Especialmente porque eu sabia como e por que ele descobriu sobre isso. Eu me levantei e caminhei na frente dela.

— A questão é... eles só me deixam ver Theo aos sábados. É por isso que os sábados são sagrados para mim. Se eu tentar ir amanhã, eles não me deixarão entrar. Acho que meu pai está subornando alguém lá ou algo assim.

— É por isso que você odeia tanto os ricos. — Esfreguei minha nuca, olhando para o chão enquanto eu andava. É simples, quando você pensava nisso. Seu pai escolheu sua carreira e dinheiro em vez de sua família, então,

ela odiava dinheiro e seu pai – as duas coisas que arruinaram sua vida.

— Sim. — Suas mãos caíram para as coxas, a cabeça pendurada. — O dinheiro permite que as pessoas façam coisas estúpidas. Isso corrói sua moral e faz você perder de vista o que é realmente importante.

— Nem sempre — Argumentei. Eu não me sentia assim. Talvez porque eu não vim com dinheiro, eu sabia que você poderia, e deveria, sobreviver sem ele. Mas adorava minha vida de homem rico. Eu simplesmente não amava o suficiente para desistir das coisas que me mantinham vivo. Minha filha, pais e amigos. Eu gastaria cada dólar que tinha, desistiria em um piscar de olhos se pudesse ter a voz de Luna de volta.

Ela olhou para cima, me dando um sorriso cansado. — Você é um bom homem, Trent.

Eu não sabia disso, mas a noção de que deveria ser bom, mesmo que apenas para ela, me agarrou com força.

Ficamos lá por mais meia hora, então, eu saí para pegar alguns sanduíches para nós em uma lanchonete próxima. Sentamos nos bancos úmidos e orvalhados do lado de fora do hospital antes de retornar à área de recepção do quarto andar. Edie mastigava a gola da blusa como uma criança, olhando pela janela. Ela tentou ligar para o pai duas vezes desde que eu cheguei. Ele nunca atendeu o telefone.

— Você provavelmente deveria ir embora. Está ficando muito tarde e Luna ficará preocupada. Além disso, não parece que vou sair daqui tão cedo...

— Vou ficar. — Afastei seu nervosismo. Não porque era a coisa humana a fazer – porque foda-se o humano – mas porque ela estava lá sozinha e eu egoisticamente a queria comigo. Não importava como. Mesmo assim.

— Você realmente não deveria. — Ela soltou a gola úmida de sua camisa, mordendo o lábio agora.

Nossos olhos se encontraram. — Eu sei.

Edie encostou a cabeça no meu ombro e chorou, e eu deixei.

Mesmo quando ela adormeceu em mim, e eu não consegui me mover, esperei até que seus roncos suaves chegassem aos meus ouvidos.

Então, a carreguei silenciosamente para o quarto de sua mãe, colocando-a em um sofá ao lado da cama de hospital. A luz ainda estava acesa. Ambos estávamos exaustos demais para se importar. Meu olhar viajou

entre elas, e elas pareciam tão semelhantes e, ainda assim, tão diferentes.

Naquela noite, observei Edie por muito tempo.

Naquela noite, mudei.

Naquela noite, não tirei nada de Edie Van Der Zee. Pela primeira vez em anos, dei algo de mim. Pior parte? Nunca seria capaz de recuperá-lo.

Era dela.

Para sempre.

Capítulo 25



Edie

GREAT BIG WORLD tem a música *Say Something*. Era para ser uma canção de amor, mas para mim, sempre foi a canção que chorei quando entrei em um ônibus de San Diego para Todos Santos, com meus fones bem plugados em meus ouvidos para silenciar o resto do mundo depois que Theo deu um soco em mim.

Ele não quis. Eu sabia. Deve ser horrível estar enjaulado naquela cabeça dele. Coisas que vinham tão facilmente para mim eram estranhas para ele. Mas desistir dele só porque ele não podia dizer as coisas que ele estava sentindo, estava fora de questão.

E eu não podia desistir agora.

O domingo não foi como Trent e eu tínhamos planejado.

Depois de passar a noite dormindo na sala de espera enquanto eu entrava e saía do quarto de hospital da minha mãe, ele dirigiu para casa para tomar um banho e pegar Luna na casa de Camila e deixá-la com seus pais, que tinham voltado de Las Vegas.

Aproveitei a oportunidade de ir para casa tomar um banho e fazer um lanche. Minha mãe acordou no meio da noite. Ela estava acordada, mas pouco coerente. Conversamos enquanto Trent esperava do lado de fora. Ela me contou como meu pai entrou, no final da tarde de sábado, e deu a notícia a ela como se estivesse entregando um obituário para um parente de longa distância. Como ele nem se importou quando os papéis do divórcio que ele colocou na mesa na frente dela estavam tão molhados com suas lágrimas, você não conseguia ler uma frase deles.

Tomei um banho longo e escaldante, coloquei um vestido amarelo folgado de verão e tomei um café da manhã tranquilo e solitário na mesa da cozinha. Granola, iogurte e água de coco.

Minha casa fazia parte de um condomínio fechado em um bairro exclusivo de Todos Santos chamado La Vista. Para entrar, você precisava de um código ou conhecer os guardas sonolentos no portão. É por isso que, no início, não prestei atenção às buzinas fora da minha casa. Presumi que fosse um amigo do adolescente do outro lado da rua e os amaldiçoei internamente por serem tão barulhentos em uma manhã de domingo.

Beep Beep. Beeeeeeep.

Eu odiava adolescentes. Eu nem me importava que eu fosse tecnicamente um deles. Joguei a tigela de iogurte na pia, sem vontade de lavá-la, mas pensei melhor. Eu poderia deixar isso para as empregadas, mas nunca fui esse tipo de pessoa. Não importa o quanto meus pais os considerassem certos. Comecei a lavar a tigela, sentindo meu corpo afundar com o peso do mundo.

Beep, beeeeeeeep, beeeeeeeeeeeep.

Onde diabos estava Adrian, o cara que morava do outro lado da rua? Normalmente, ele quase pulava da janela do segundo andar para sair com os amigos. Eu fiquei de mau humor enquanto secava a tigela e o copo que usei, movendo-me em direção à porta.

Beep, beep, beep, beep, beeeeeeeeeeeep, beeeeeeeeeeeeeeeeeeeep.

Chegando ao limite dos meus nervos, eu escancarei a porta, meus olhos já fechados e o grito saindo da minha boca: — Este é um bairro tranquilo em uma manhã de domingo! Mantenha isso baixo, ok?

— Sem chance do caralho. Tenho uma reputação a zelar.

Eu abri meus olhos, olhando para Trent em seu *Tesla* preto, vestindo uma camiseta branca lisa e um gorro que não parecia idiota às seis horas da manhã, quando o frio do deserto ainda era forte. Deus, ele era lindo.

— O que você está fazendo aqui? — Pisquei.

Ele estacionou o carro, saiu e se aproximou de mim, pegando minha mão. Parecia estranho e perigoso tê-lo fazendo isso. Tão natural, mas, também, tão imprudente. Meu pai ainda podia passar para pegar alguma coisa em casa. Sem mencionar que meus vizinhos tinham boca grande e ele provavelmente tinha chamado a atenção de todos com sua buzina. Se Trent estava com vontade de quebrar nossas regras, ele precisava falar comigo

sobre isso primeiro. Porque ainda tinha tudo a perder.

Eu dei um passo para trás. — Não. O que está acontecendo? — Eu fiz uma careta. — Você não deveria estar aqui.

— Eu apoio essa afirmação e, ainda assim, estou. Vem comigo.

— Não acho que seja uma boa ideia. Preciso ir ficar com minha mãe.

— É uma ideia brilhante — Retrucou ele. — Sua mãe está estável e ela vai dormir durante a maior parte da manhã, provavelmente. Eu tenho uma surpresa.

Uma surpresa. Isso fez meu coração se erguer e latejar de culpa. Ele estava tentando ser legal comigo, e eu praticamente admiti que o foderia no minuto em que ele me deixasse. Eu realmente era sua Dalila. Mas a pior parte foi que no final foi Sansão quem ganhou. Ela não. Porque gente sorrateira e obscura sempre acaba perdendo a luta, mesmo que tenha vencido as pequenas batalhas.

— Trent...

— Consegui para você uma autorização de visita para Theo — Ele interrompeu, esperança esgueirando-se em seu rosto rígido. Pisquei para ele, perplexa. Eu nunca o tinha visto assim. Como uma criança alegre.

— C... como?

— Seu pai não é a única pessoa no mundo com conexões.

— Você precisará elaborar.

— Sonya.

Sonya. Eu imediatamente dei a ele um olhar engraçado, dando um passo para trás. Ele revirou os olhos e me agarrou pelo braço, conduzindo-me para seu carro. Tive a sorte de ter o meu *Dr. Martens*, ou então ele provavelmente teria me levado descalça.

— Fica calma, Maré. Ela é a terapeuta de Luna. Ela conhece pessoas que conhecem pessoas que fazem as coisas acontecer. E ela tem um coração muito grande.

— E peitos grandes para combinar — Não pude deixar de provocar.

— Isso é verdade. — Ele riu, me jogando no banco do passageiro como gostava tanto de fazer. Bateu a porta e deu a volta no carro, ligando-o.

Ele saiu de Todos Santos em direção a San Diego, o que significava que iria me acompanhar em minha visita a Theo. Eu nem mesmo estava com minha bolsa. Apenas meu telefone e chaves. A cidade passou rapidamente, e nenhum de nós disse uma palavra por um tempo, antes que eu finalmente

cedesse.

— Você ainda está saindo com ela? — Perguntei.

Ele olhou para a estrada, sorrindo para si mesmo, como se tivesse prazer em me ver por baixo. Depois de um momento proposital, ele disse: — O que tem isso a ver?

— Você me pediu para não fazer mais sexo com Bane. Estou tentando descobrir o quanto você é hipócrita — Respondi honestamente.

— Sou a mãe de todos os hipócritas, Edie. Se quisesse foder outras pessoas enquanto estava transando com você, foderia. — Foi como um soco direto no meu coração, mesmo quando ele acrescentou: — Mas não. Não fodi. Você é a única que quero agora, e você me mantém muito ocupado, então, não preocupe sua linda cabecinha com isso.

— Esse foi o elogio mais indireto que já recebi. — Falei.

— Nós dois sabemos que você não merece mais do que isso.

Era verdade. Eu estava focada nele.

Passamos o resto da viagem no silêncio que eu merecia e ele adorava dar.

— Você realmente não precisa vir comigo — Murmurei, enquanto Trent e eu entrávamos no prédio de recepção da Big Heart Village. Parecia quente, arborizado, como uma cabana, apenas quinhentas vezes maior. A recepcionista, Samantha, era uma mulher corpulenta de uns cinquenta e poucos anos com cachos ruivos coloridos e óculos de leitura felinos com um desenho de selva. Suas roupas estavam fora de controle, estranhas como barracas coloridas. Adorei.

— Edie! — Ela exclamou, levantando-se do seu local e me abraçando por cima do balcão. Retribuí o abraço, sentindo meus ombros derreterem em relaxamento. Trent estava atrás de mim. Ele ainda não havia respondido sobre ficar na recepção enquanto eu visitava Theo, mas eu esperava que ele se juntasse a nós. Eu não tinha vergonha do meu irmão. Pensando bem, ele era o único membro da minha família de quem eu realmente me orgulhava.

— O que aconteceu ontem? — Samantha empurrou os óculos no nariz, abrindo silenciosamente um saco de batatas fritas e me oferecendo

algumas. Eu balancei minha cabeça, inalando profundamente antes de responder.

— Meu amigo aqui — Apontei para Trent, que tirou o gorro e olhou em volta com indiferença —, fez um churrasco e sua filha precisava de uma babá, então... — Eu estava tropeçando nas minhas palavras, tornando-as dolorosamente estranhas de novo. Samantha correu os olhos por Trent, avaliando-o. Ela viu o que eu vi. O que todas as mulheres do mundo veem.

— Seu amigo parece um problema. — O canto de seu lábio se contraiu para cima.

— Confie em mim. — Ele deu um passo à frente, jogando seu gorro de grife na mesa da recepção com um sorriso malicioso. — Você não tem ideia. Minha conhecida Sonya disse que poderíamos visitar Theodore bem rápido? Visto Edie não ter conseguido vir ontem. — Ele inclinou seu corpo em direção a ela, e seu braço musculoso roçou o meu. Aquilo só enviou uma corrente de calor para minha barriga e me fez sorrir, apesar de meus melhores esforços.

— Sim. Temos instruções por escrito do Sr. Van Der Zee de que Theodore não deve ser visitado em nenhum outro dia a não ser no sábado, mas considerando que seu arquivo não foi atualizado em dois anos, e visto que o Sr. Van Der Zee não visitou seu filho neste período de tempo, o serviço social decidiu abrir um inquérito sobre este menor a pedido de Sonya. Na verdade, estou muito grata, Sr....?

— Rexroth — Ele disse, lançando-lhe um sorriso frio, bom o suficiente para a pornografia.

— Sim. A única pessoa que parece se importar com esse garoto é sua irmã. Big Heart Village acredita firmemente que a saúde mental e física de seus residentes está em primeiro lugar. Estou familiarizada com Sonya e fiquei feliz em saber que ela conseguiu mexer alguns pauzinhos. Você terá que vê-lo com um cuidador presente, mas graças a Deus, é possível. Agora, sente-se. Gustav estará bem aqui e a levará para ver Theo.

Nós dois caminhamos até os sofás com o tecido amarelo áspero e nos sentamos. Trent estava mexendo no telefone, enquanto eu tentava muito não chorar pelo que ele tinha feito por mim. Como uma pessoa pode ser tão cruel e compassiva ao mesmo tempo?

— Obrigada.

Ele ainda estava olhando fixamente para seu telefone. — Você esteve

lá por Luna. É justo que eu esteja aqui para Theo.

— Sim, mas você não tem que ficar fisicamente comigo. Esta não é a sua bagunça.

— É aí que você está errada.

— Errada como? — Limpei minha garganta.

Desta vez, ele ergueu os olhos do telefone, algo em vez de gelo e raiva nadando em seus olhos. — Eu queria que você não fosse minha bagunça, Van Der Zee. Queria mesmo que você fosse apenas uma foda suja.

— Edie? — Uma voz chamou acima de nossas cabeças. Era Gustav, o simpático cuidador sueco que fora designado para Theo. Ele estava acenando para mim, parado do outro lado da recepção – não à entrada, à saída para a área de piquenique, com a porta aberta. — Ele está esperando por você. Vamos.

A única coisa que me preocupava era que Trent não seria capaz de entender Theo. Sua fala era arrastada e lenta, então, você realmente tinha que prestar atenção para saber o que ele estava dizendo, mas Trent e Theo se entenderam imediatamente.

Trent se comportou como se Theo fosse apenas um menino normal de 12 anos. Estávamos sentados em uma mesa de piquenique sob o sol, com Gustav fingindo que não estava assistindo a troca e pintando um livro de colorir de *Harry Potter* com uma carranca. Theo estava usando um boné do *Chicago Bears*, uma camiseta do *Ren and Stimpy* e um sorriso.

— Não, cara, não. Você não pode torcer pelos *Chicago Bears* que moram na Califórnia. Isso simplesmente não é aceitável. — Trent balançou a cabeça, inclinando-se sobre a mesa de piquenique, falando animadamente com meu irmão.

— S-s-sim, eu posso. M-m-mike G-g-glennon é deus. — Theo bateu na mesa com a palma da mão aberta um pouco forte demais. Gustav e eu estávamos acostumados com isso, sabíamos que era melhor não recuar, mas o melhor é que Trent também não se incomodou. Trent acenou com a mão impaciente, revirando os olhos e não fazendo a merda educada e falsa que as pessoas costumam fazer na frente de Theo.

— Jesus. Não. De onde isso está vindo? Só falta você me dizer que gosta de Tom Brady.

Theo riu. Por todo o amor que compartilhamos, eu não poderia falar com ele sobre coisas de garotos para salvar minha vida. E ele não se

importava com o surf, porque quase nunca via o oceano, morando em um lar por tanto tempo. O simples fato de Trent se relacionar com ele fazia seu rosto brilhar.

— Eu, eu, eu gosto de T-t-tom B-brady! — Ele exclamou em êxtase.

— Sim, bem, acho que é hora de vomitar. Onde fica o banheiro por aqui? — Trent fingiu olhar em volta, usando a mão como viseira do sol. Ele fez questão de não usar seus *Wayfarers* enquanto falava com meu irmão. Ele deu a ele contato visual. Isso foi incrível.

Gustav apontou para trás dele, para uma das pequenas cabines circundando a área de piquenique. Havia muitas famílias sentadas às mesas com comida e refrigerante, conversando e rindo. Pela primeira vez em anos, parecíamos uma dessas famílias. Não éramos apenas Theo e eu. Havia outra pessoa também. E aquilo tanto me matou quanto me reviveu.

Quando Trent saiu, o sorriso de Theo se alargou.

— Q-quem é *ele*?

Eu dei a ele um olhar malicioso. Especial ou não, Theo ainda era meu irmão mais novo, o que significava que ele ainda podia ser um grande pé no saco.

— Ele trabalha com Jordan. Eu cuido da filha dele às vezes. Ela é muito legal. Como você está, cara?

Theo encolheu os ombros. — B-b-bem. V-você n-não veio ontem.

A culpa me sufocou. Eu tinha vergonha de dizer a verdade, mas, então, para algumas pessoas você não conseguia mentir. Ele merecia coisa melhor do que as meias-mentiras que cuspi no piloto automático para meu pai.

— Trent me pediu para ajudá-lo com Luna. Ela realmente não fala, então, às vezes precisa de companhia tranquilizadora quando vai a algum lugar.

— S-sempre s-salvando p-pessoas. — Meu irmão mais novo sorriu, seu cabelo loiro e olhos azuis me lembrando das feições de rainha do gelo da minha mãe. Eu me perguntei como ela poderia virar as costas para alguém que parecia uma cópia carbono dela. Theo estava um pouco pesado por falta de atividade – ele realmente odiava malhar, mas fora isso, parecia o mini-eu de Lydia Van Der Zee.

Trent voltou para a mesa dez minutos depois, jogando o que parecia ser uma loja inteira de *junk food* da *Safeway* sobre a mesa.

— Eles só tinham sanduíches e refrigerantes no refeitório, e sem ofensa, Theo, a comida aqui parece uma espécie de punição medieval, mas estou com fome.

— Sim, eu poderia comer qualquer coisa agora — Eu disse. Trent deu a Gustav, Theo e a mim nossos sanduíches e abriu todos os pacotes de batatas fritas.

Depois do almoço, eles discutiram mais sobre futebol, então, Trent e Theo lutaram queda de braço. Trent o deixou vencer uma vez e, para isso, eu queria beijá-lo aberta e descontroladamente. Theo teve um pequeno colapso quando Gustav deu a entender que deveríamos partir, mas assim que ele se acomodou e nos despedimos, saímos pela porta e caminhamos para o carro de Trent. Eu me sentia emocionalmente esgotada, mas também recarregada e completa ao mesmo tempo.

Não falamos até que ele alcançou o semáforo em uma estrada que levava ao centro de San Diego. Seus *Wayfarers* no lugar e ele parecia calmo como um pepino.

— Saint John? — Ele perguntou, confirmando que o hospital era nosso próximo destino. Eu não entendi. Por que ele estava fazendo isso? Parado ao meu lado, como se pudesse tirar algo disso.

— Sim, por favor. Mas antes... podemos parar em outro lugar?

— Onde? — Ele perguntou.

— Qualquer lugar. — Eu torci meu nariz, meu olhar caindo para minhas coxas. A única desculpa para o que eu tinha em mente era que eu ainda era um adolescente e Trent ainda era o homem mais gostoso que eu já vi. Seu rosto estava casual, sua postura era blasé. Um de seus braços estava apoiado no volante e ele parecia muito com uma foto de James Dean ganhando vida.

— Por quê? — A risada em sua voz me irritou, mas também me deixou mais quente por ele. Esfreguei minhas coxas nuas sob o vestido de verão, sentindo minha calcinha de algodão já úmida só de pensar nisso. — Você sabe por quê.

— Você precisa refrescar minha memória. Estou velho e não tomo todo o meu Omega-3.

Eu ri, molhando meus lábios enquanto inclinava meu corpo para encará-lo. — Domingo, deveríamos, hum... — Eu ri, pensando em como isso parecia, e parecia ridículo.

— Isso não é uma frase, Van Der Zee. Você vai precisar terminar isso. Oh, meu Deus. Ele ia me fazer dizer isso. Bem. Tanto faz.

— Você deveria me pegar por trás. — Corei.

O carro parou com um guincho cômico.

Onde nós estávamos? Olhei para fora. Um vinhedo entre Big Heart Village e San Diego. Além do cantar dos pássaros e das montanhas douradas, não havia nada além de uvas gordas e árvores finas e rijas. Gostaria de poder dizer que queria que ele me pegasse por trás como uma recompensa por como ele tratou meu irmão. Mas a verdade era que eu o queria desesperadamente. Como você faz com a água no deserto, em areias desertas.

— O que você está fazendo? — Perguntei.

— Fodendo um carro de cem mil, provavelmente. — Ele olhou por cima do ombro, dando ré no carro, o braço pendurado atrás do meu assento, antes de dirigir direto para o vinhedo. Na areia, na poeira e tudo o mais em que um *Tesla* não deveria estar.

O carro parou a poucos centímetros de uma árvore e ele saiu, puxando-me junto com ele.

— Para onde? — Perguntei sem fôlego, seguindo seus passos. Eu pude ver o que ele viu à distância, e o suor escorria pelo meu pescoço. De jeito nenhum eu faria aquilo. Havia uma cabana no final da vinha. Provavelmente vazia, já que as janelas estavam quebradas e a porta, aberta. Pertencia a alguém, e esse alguém não éramos nós. Eu o puxei em direção ao carro, mas em vez de lutar, ele me pegou e me jogou por cima do ombro, caminhando com confiança em direção à cabana.

— Você é insano. Alguém pode estar lá. Alguém pode nos pegar. — Meu cabelo estava no meu rosto e minha calcinha estava completamente exposta, quando um de seus braços foi pressionado em minhas coxas, fazendo meu vestido subir. Ele mordeu a carne macia da minha bunda em advertência, seu hálito quente, seu pulso rápido sob minha perna.

— Eu quis dizer que devemos fazer isso em algum momento hoje, não neste segundo. — Eu ri.

— Sua calcinha diz bem neste segundo. Ela está encharcada e você está se esfregando no meu ombro como se nunca tivesse tido um pau na boceta antes. Mas nós dois sabemos que isso não é verdade, certo, Edie?

— Certo — Lamentei, passando minhas unhas por suas costas, sentindo seus arrepios mesmo através de sua camisa. — Bane me fodeu

também — Provoquei.

A isso, ele respondeu como eu queria. Com um forte tapa na minha bunda. Eu gemi, sentindo a pressa familiar que só Trent tinha me dado, e abri minhas pernas ligeiramente enquanto ele continuava fazendo sua jornada para a cabana.

— Ele nunca te fodeu como eu, e nós dois sabemos disso.

Nenhuma palavra mais verdadeira foi dita, e quando ele me jogou em uma pilha de feno como uma boneca de pano, elevando-se sobre mim, eu interiormente rezei para que ele me beijasse novamente, do jeito que ele tinha feito na casa de Vicious. Como se não houvesse mais ninguém no mundo além de nós. Lembrando-me que éramos vivos e lindos.

— Beije-me — Respirei, piscando. *Por favor*, meus olhos imploraram. *Agora*, eles exigiram.

Foi impressionante observar a maneira como ele se despiu de sua raiva por mim, ainda totalmente vestido. Como seu joelho se dobrou na minha frente, inclinou-se para frente, agarrou minha nuca e me trouxe até seu rosto, pressionando seus lábios docemente nos meus. Como se o que estávamos fazendo fizesse algum sentido. Como se isso não fosse explodir na nossa cara assim que ele declarasse guerra ao meu pai, ou meu pai descobrisse que eu tinha dormido com ele.

Ele abriu os lábios, sua língua empurrando para abrir minha boca. Inclinei minha cabeça, dando-lhe acesso, segurando suas maçãs do rosto mal barbeadas em minhas palmas, sentindo o quão vivo ele estava sob meus dedos. Eu o beijei mais profundamente, mais quente, deixando um pedaço de alma para trás, certificando-me de que isso penetraria mais profundamente nele para que ele nunca me esquecesse.

Ele envolveu seus dedos em volta do meu pescoço suado, pegando algumas mechas soltas de cabelo loiro que grudaram na minha pele, e apertou suavemente enquanto sua língua passava contra a minha. Ele chupou minha língua com fome. Meus olhos rolaram para trás e eu apertei por dentro.

— Eu deveria me livrar de sua bunda, Van Der Zee. Já estamos ultrapassando o ponto sem volta.

— Vá em frente. Não vou gozar implorando. — Engoli contra a pressão de sua mão, meus olhos fixos nos dele, mas eu podia vê-lo liberando seu pau. Eu sabia que faríamos do jeito que nós dois gostávamos. Como animais. Com nossas roupas ainda postas, o feno seco grudando em nossa

pele suada, batidas duras de pele contra pele nos lembrando de que não havia nada de bonito ou elegante em como queríamos um ao outro. Faríamos sexo da maneira que a natureza pretendia que fizéssemos. Sem dignidade, orgulho ou vergonha. Não faríamos amor. Nós lutaríamos contra isso como tudo o mais que fizemos um com o outro.

— Você não vai implorar — Ele repetiu, um sorriso crescente decorando seu rosto. Ele me provocou, segurando seu pau na mão e pressionando-o contra o meu sexo, ainda vestido com cueca. Ele desenhava círculos deliciosos em volta dos meus lábios com a ponta, provocando o inferno em mim. Novamente, eu me encontrei engolindo minha luxúria por ele.

— Não vou implorar.

— Você não vai implorar — Ele repetiu, empurrando todo o seu pau pela minha calcinha, me penetrando. O tecido da minha calcinha se esticou dolorosamente ao longo da parte interna das minhas coxas e eu joguei minha cabeça para trás, estremecendo.

Eu queria mais.

Queria mais forte.

Queria *tudo*.

Eu gemi, deslizando meus dedos em seu jeans e cueca e agarrando sua bunda enquanto abria mais minhas pernas para ele. — O que vamos fazer?

— Exatamente o que prometi a mim mesmo, nunca mais faria. Foder sem camisinha.

Ele riu, beijando meus lábios, então, minha bochecha, e minha testa. Seus lábios encontraram meu ouvido e sussurraram o que eu sabia que seriam suas últimas palavras por um longo tempo — Lembre-se, Edie, não implore.

Então, ele me virou, meu estômago pressionado contra o feno, minha bunda no ar. Foi tão rápido que não tive tempo de imaginar o fato de que ele arrancou minha calcinha do meu corpo. Ele rasgou a costura de um lado, e gritei com o desconforto repentino, segurando a pilha de palha, tentando virar minha cabeça para ver o que ele estava fazendo. Ele rapidamente agarrou meu queixo e o virou para que eu ficasse de frente para o chão.

Ele enfiou um, dois... três dedos na minha boceta, um após o outro. Ele curvou o dedo médio, atingindo imediatamente meu ponto G. Empurrou cruelmente, me fazendo contorcer, todos os ossos do meu corpo gritando para eu fugir.

Não implore. Não peça mais. Eu já queria muito.

Minha coluna era um pavio de vela, derretendo lenta e intensamente. Meu primeiro clímax pareceu selvagem, não natural. Como se eu estivesse explodindo nas costuras, meu corpo parecia um espartilho muito apertado. *Pop, pop, pop*, músculos tensos, contração da barriga, dedos dos pés se curvando, cada órgão do meu corpo – o dele. O calor era insuportável. Muito, mas não o suficiente. Eu ia explodir em pequenos átomos, em células minúsculas, e a pior parte era que, com Trent, eu sabia que ele não iria me recompor depois.

Tremendo como se meu corpo não fosse mais meu, gozei em seus dedos, sentindo-me pingar. Ele puxou a mão, limpando toda a minha excitação em seu pau, que ele segurou em sua palma.

Com um movimento de flexão, ele me puxou de quatro, guiando seu pau para o meu reto. Eu vacilei antes mesmo de ele chegar lá.

— Você está me deixando louco — Ele disse.

— Você está me deixando louca. — Sorri, minha bochecha pressionada contra o feno. Senti sua ponta nua cutucando minha bunda e apertei por instinto. Ele escovou seu dedo contra meu buraco enrugado suavemente. — Você está imundo.

— Relaxe para mim, Edie.

Eu tentei, sentindo a cabeça de seu pênis novamente. Estava completamente lubrificado com minha excitação. Ele o cobriu acariciando-se para cima e para baixo. No começo, era só a cabeça. Então, a pressão disparou para a parte inferior das minhas costas, mas mordi o lábio e esperei pela parte boa.

— Você me arruinou — Murmurei, quando outro centímetro, e depois outro rolou para dentro do meu buraco em chamas. Eu não gostei. Foi horrível. Como se ele fosse me despedaçar.

— Você me fodeu muito bem também — Ele retrucou, empurrando todo o caminho. Ele se acomodou, e eu mordi o feno, sentindo sua amargura voltar. Meus dedos agarraram a sujeira.

Ele beijou minha orelha, minha bochecha, lambendo uma lágrima solitária de dor. — Da próxima vez que você fizer uma piada sobre outra pessoa fodendo você, lembre-se de que possuo todos os buracos em seu corpo, incluindo o que deixarei em seu coração quando terminar.

Quando ele se moveu dentro de mim no início, pensei que ele estava

jogando gasolina na minha bunda e acendendo um fósforo. Mas depois de seis ou sete estocadas, eu relaxei, me acostumando com seu grande pau dentro de mim. Foi quando ele passou a mão em volta de mim, beliscando meu clitóris suavemente, pegando emprestado um pouco da minha umidade da minha boceta e brincando com ela.

— Ahh. — Fechei os olhos, perdendo-me em seu toque contra o meu ponto doce.

Ele chutou minhas pernas afastando-as, fazendo-me abrir como resultado. Ele bateu em mim, prestando muita atenção ao meu clitóris agora. Meus cotovelos tremiam. Deus, sim. Parecia muito mais completo, íntimo e louco do que tudo que eu já experimentei.

— Merda, você é apertada. Vou gozar.

Era estranhamente reconfortante tê-lo me enchendo por trás. Especialmente porque ele tinha uma de suas mãos em toda a minha boceta – me enchendo em ambas as extremidades – e como ele agarrou minha cintura, apertando com mais força cada vez que minhas pernas tremiam tanto que eu estava prestes a cair.

— Porra, porra, porra.

— Jesus — Gemi, sentindo um sorriso em meus lábios.

Ele puxou meu cabelo, me fazendo arquear. Meus ombros encontraram seu torso vestido e ele mordeu a ponta da minha orelha. — Eu sabia que você imploraria. Você é tão fraca para mim, Edie. Porra, tão vencida.

— Faça — Assobie.

Ele gozou dentro de mim e eu gozei em sua mão...

O caminho para o hospital foi repleto de silêncio e minha movimentação para tentar acalmar minha bunda dolorida. Nenhuma palavra mais foi dita. Na verdade, o único gesto que ele fez antes de eu sair de seu carro foi apertar minha coxa com uma mão que ainda cheirava muito a mim.

Trent acenou para mim me confortando e torci o nariz – porque era aquilo o que eu queria.

— Precisamos parar — Eu disse.

— Então para. — Ele encolheu os ombros.

— Eu vou — Menti, saindo de seu carro. Não deixei de notar sua risada. Chegou a mim muito antes de ele partir.

Capítulo 26



Trent

Uma semana depois.

— SIM. PALM SPRINGS. Eu sei. Um motorista estará esperando por eles lá embaixo. — Enfiei o dedo na têmpora, revirando os olhos e fingindo que atirava em mim mesmo. Dean, sentado na cadeira oposta a mim, estava rindo, enrolando um baseado entre os dedos. De jeito nenhum. Eu não iria fumar lá embaixo com ele. Nem no pátio do meu escritório. Eu tinha muita merda para fazer.

Fiz uma pausa novamente, ouvindo a pessoa do outro lado, antes de responder.

— É um programa de um mês e, pelo que me importa, você pode acorrentá-la à porra da cama e deixá-la mijar e cagar em uma tigela. Ela não vai fugir desta vez. Esta mulher precisa ficar bem.

Para que Edie fique feliz, não acrescentei.

Desliguei, respirando fundo e afrouxando minha gravata. Dean inclinou a cabeça, colocando o baseado acima da orelha. Movimento de moleque, então, novamente, cada coisa no mundo tinha o potencial de me irritar atualmente. Eu queria colocar a merda de Jordan Van Der Zee em bloqueio, porque estava começando a ficar evidente que eu não podia, por minha vida, parar de ver sua filha. E era irônico, como eu estava tentando tirar a mãe dela das drogas quando Edie se tornava meu próprio vício.

— Luna começou tão jovem. Eu não acho que meus filhos vão tocar

em drogas antes dos dez anos — Dean comentou por minha conversa ao telefone.

— Ei, idiota, você perdeu seu senso de humor. — Gemi, coçando minha bochecha. — A reabilitação é para Lydia Van Der Zee. Já que seu marido está muito ocupado para ajudá-la e eu realmente não posso pedir a Rina para fazer isso por mim, porque isso levaria a perguntas — Expliquei.

— Perguntas para as quais as respostas são *sim, estou fodendo a filha dele; ora, fico feliz que você tenha perguntado; sim, fizemos isso no escritório também e, claro, quero uma bala na minha cabeça. Foi por isso que fiz isso, em primeiro lugar.* — Ele bateu no queixo, como se estivesse esperando que eu jogasse um punho em seu rosto presunçoso.

Levantei-me e caminhei até o bar perto da janela, pegando duas garrafas de água para mim e ele. — Estou feliz que você esteja de bom humor — Observei friamente.

— Estou de ótimo humor. Você finalmente tem uma namorada.

— Incorreto. E mesmo que não fosse, não repita fora dessas paredes — Disse rapidamente, engolindo a maior parte da minha bebida.

— Se você não é o namorado dela, então, por que diabos está admitindo a mãe dela em uma clínica de reabilitação? Você está aceitando um emprego secundário como Madre Teresa?

Olhando para o meu relógio, me perguntei se hoje seria o dia em que ela finalmente apareceria na porra do escritório e me pouparia da agonia de andar por esses corredores sem ver sua bunda empinada em outra roupa mal-ajustada que ela roubou da mãe. Mesmo que eu nunca tivesse olhado para ela quando ela estava percebendo, eu olhava. Ela foi meu combustível pelo resto do dia. Era o que me fazia continuar.

— Mmm? — Cantarolei para Dean, ainda não me comprometendo a responder. Ele se inclinou para frente, acariciando o baseado que tirou de trás da orelha em longos movimentos.

— O que ela é para você, cara? Por que você a está ajudando tanto?

— Porque ela precisa de ajuda e porque o pai nunca vai dar a ela.

Jordan não perdeu um dia de trabalho na semana em que Lydia esteve no hospital. Ele até ficava até tarde na maioria das noites para pôr o trabalho em dia. O relacionamento entre nós havia escalado ao ponto onde eu não fingia mais que ele não me deixava doente, e ele não agia mais como se fosse indiferente em relação a mim. Nós nos odiávamos abertamente, e isso

escorria de cada olhar e encontro que compartilhamos.

Eu trancava meu escritório todos os dias. A lixeira cheia e não recolhida já tinha começado a cheirar a restos de *shakes* de proteína e café velho, mas pelo menos o filho da puta não tinha acesso às minhas merdas quando eu não estava lá.

— Falando em Jordan... — Dean se levantou de sua cadeira, caminhando até a porta, seu terno azul sob medida tão na crista da moda que você pensaria que ele era Conor McGregor. — Pensei que você deveria saber, ele está farejando para comprar um de nós, e ele está oferecendo muito dinheiro. Ele quer que você vá embora, mano. Você acha que ele sabe sobre você e Edie?

Quem diabos sabia? Mas a questão era que Jordan queria se livrar de mim muito antes de eu enfiar meu pau na boca, bunda e boceta de sua filha. Coloquei minhas mãos nos bolsos.

— Provavelmente não. Ele não perderia a chance de fazer uma cena ou zombar de sua filha.

Dean agarrou a maçaneta da porta, girando para me encarar. — Bem, tome cuidado.

— Quando é que eu não tomo?

O resto da tarde foi gasto ardendo em minha própria ira. Eu sabia, logicamente, que meus amigos nunca venderiam merda para Jordan, o que significava que ele estava desesperado, e eu me perguntava – por quê? O que diabos eu fiz para merecer seu ódio?

Naquele dia, eu não era O Mudo. Eu era o idiota e estava segurando aquela tocha pela porra da vida. Mesmo Vicious não conseguia tirar isso de mim. Gritei com Rina por me trazer o sanduíche errado para o almoço – ela estava trabalhando comigo há seis meses, que porra era tão difícil de lembrar? E despedi uma estagiária que acidentalmente enviou um contrato para o cliente errado para assinar. Eu a despedi na hora, sem uma audiência ou mesmo tempo para pegar suas coisas de sua mesa. Então, comecei a patrulhar os corredores, dando ordens ridículas a pessoas aleatórias, mas aquilo não fez nada para acalmar minha raiva.

Edie ainda estava com a mãe no hospital. Ela disse que poderia aparecer para trabalhar só para me ver, mas não apareceu.

No começo, pensei que era uma merda. Mas, então, olhei o lado bom – com ela fora, eu poderia finalmente confrontar seu pai de merda.

Sabia que precisava jogar minhas cartas direito. Não poderia entrar em seu escritório e rasgá-lo como um idiota do tamanho de um melão. Então, eu esperei.

Às cinco horas, todo o pessoal administrativo enfiou as coisas nas bolsas e saiu.

Às seis, os corretores seguiram o exemplo.

Às seis e meia, Jaime, Vicious e Dean se encontraram no corredor onde nossos escritórios ficavam de frente um para o outro.

Vicious bateu na minha porta aberta duas vezes, enfiando a cabeça para dentro. — Merda, você vem ou o quê?

— Vou pôr em dia algumas porcarias. — Eu balancei a cabeça em direção ao meu computador apagado. Ele não conseguia ver desta posição, mas ainda sentia o cheiro de merda a quilômetros de distância.

Ele ergueu uma sobrancelha em reconhecimento. — Se você vai assassinar Van Der Zee, lembre-se que não pratico o direito penal e não poderei ajudá-lo legalmente. Mas se você precisar de alguém para esconder o corpo, eu sou seu cara.

— Que maneira — Comentei secamente.

Ele deu de ombros, batendo no carvalho da porta, já girando para sair. — Bem, não há de que, Rexroth.

Seis e Meia.

Seis e trinta e cinco.

Seis e quarenta e cinco.

Às sete, a equipe de limpeza entrou, conversando entre si. Eu me escondi atrás do meu computador — que porra é essa sobre os Van Der Zees que afloraram em mim esse lado *stalker*? — quando vi o pessoal da manutenção indo para o outro lado do andar, me levantei e caminhei assertivamente em direção ao escritório próximo ao meu. Para o quarto maior e mais luxuoso do edifício. Para onde o homem que machucou Edie e seu irmão tremendamente, e estava tentando fazer o mesmo comigo, estava trabalhando. Eu esperava que ele estivesse sentado em seu computador e digitando como sempre fazia, mas o lugar estava vazio. Não fazia sentido. Jordan raramente saía do escritório antes das 20h. Trabalhar — ganhar dinheiro — era toda sua vida. Eu chicoteei minha cabeça e peguei um vislumbre dele entrando no elevador.

E foi assim que eu soube que ele já estava a um passo à minha frente.

Ele percebeu que eu o encurralaria e foi embora antes que eu pudesse confrontá-lo. Mas ele tinha outra coisa vindo.

Rapidamente, fiz meu caminho para a escada de emergência e comecei a descer para o estacionamento. Eu desci as escadas de dois em dois, sabendo que chegaria antes dele. O elevador parava em cada porra de andar enquanto descia, porque as pessoas da contabilidade e do RH ficavam muito mais tarde do que os filhos da puta do nosso andar.

Quando cheguei, estava coberto por uma fina camada de suor. Calmamente – com tanta calma do caralho – fui na direção do seu *Range Rover* preto. Meu coração não batia tão rápido quanto deveria. Inclinei-me para o lado do motorista de seu veículo, com as mãos nos bolsos, e esperei.

Quando o elevador apitou e abriu, a carranca em seu rosto se torceu em uma boca e ele a segurou antes que eu pudesse rir.

— Você está jogando duro, Jordi? Porque não é a sua bunda que estou atrás. — Dei a ele um sorriso vencedor. Ele deu um passo para trás, seu braço já se movendo para o painel de botões, antes de eu responder, balançando a cabeça e segurando seu olhar com o meu.

— Vamos, Van Der Zee. Ignorar não vai me fazer ir embora, mas vai me deixar muito puto.

Relutantemente, ele afrouxou a gravata de seda vermelha, dando um passo à frente. O elevador se fechou atrás dele, quase provocando-o, e ficamos sozinhos. Estávamos a uns seis metros um do outro, mas aquilo não tornava a situação menos sufocante. Para ele, pelo menos.

— O que você vai fazer? Me bater? Me matar? — Ele levantou a cabeça, seus olhos vomitando ódio em mim. O medo era um velho inimigo. Eu não deixava espaço para isso em minha vida. Todos no andar, exceto meus três amigos, praticamente tremiam sempre que Jordan se dirigia a eles. Eu me divertia um pouco com sua auto-importância. Eu zombava.

— Só porque eu não sou da mesma cor branca doentia que você, não significa que sou um bandido.

— Você cometeu alguns erros questionáveis em sua vida, levando-me a acreditar que autocontenção não é seu ponto forte — Ele respondeu, caminhando até mim. Agora estávamos perigosamente perto um do outro para ele dizer merdas como essa.

— Do que diabos você está falando?

— A situação da sua filha — Disse ele.

Tapei minha boca para esconder minha risada. — Nunca me conduzi menos do que cem por cento profissionalmente em minha carreira. O que quer que aconteça na minha vida pessoal é problema meu, não seu.

— A forma como uma pessoa se comporta fora do escritório é um reflexo direto de quem ela é como profissional. — Jordan enrijeceu, sua coluna reta.

Eu me afastei de seu veículo. — Não vamos abrir essa merda, Jordi. Você dificilmente é um santo, e seus pecados não se limitam a foder a pessoa errada na hora errada.

Eu deixei por isso mesmo, recusando-me a deixá-lo saber que Edie tinha confiado em mim — nunca comprometeria seus segredos — mas, ao mesmo tempo, certifiquei-me de que ele percebesse que enquanto ele estava fazendo sua diligência em mim, eu tinha feito o mesmo.

— Qual é o seu problema comigo, hein? — Perguntei direto. Nossos olhos nunca quebraram o contato, envolvidos em uma batalha sangrenta de vontades. — Por que você me quer tão fodidamente fora?

Jordan me surpreendeu dando um passo final em minha direção, fechando todo o espaço entre nós. Estávamos agora cara a cara, nariz com nariz, mais perto do que eu jamais estive de qualquer um dos meus amigos.

Um sorriso perverso floresceu em seu rosto murcho. — Você vai descobrir em breve. Diga-me, Trent, você tem um plano para se livrar de mim?

Não respondi. Não precisava. Ele sabia a resposta. Caso contrário, não iria querer tanto meu *pen drive*. O fato de ele saber sobre isso, em primeiro lugar, não era por acidente. Sempre disse às pessoas que não confiava nos segredos que queria que fossem transmitidos. Max, seu assistente pessoal, era o alvo perfeito. Tínhamos bebido depois do trabalho na festa de aniversário de uma mulher de RH quando me inclinei e mencionei o *pen drive*, sabendo que aquilo enviaria uma mensagem para Jordan — tome cuidado. Você não é o único com truques na manga.

— Porque deixa eu te dizer, Rexroth, definitivamente tenho um plano para me livrar de você, e isso vai te machucar em todos os lugares certos. Em todos os lugares que você me machucou.

— O que diabos isso significa?

— Você saberá em breve.

Dei a ele um sorriso firme, ignorando seu comentário estúpido. A

próxima coisa que ele iria fazer era uma postagem sobre mim como uma menina hormonal de 12 anos. Ele obviamente tinha um problema comigo. Mas em vez de sair e dizer isso, ele escolheu dançar em torno do assunto como um pequeno maricas.

— A sorte está lançada, meu velho. — Sorri, abrindo a porta para ele. Confuso, ele entrou em seu veículo, olhando para mim com desconfiança enquanto eu bancava o valete obediente. Bati em sua janela e pisquei. — Que vença o melhor.

— O que você acha que tem sobre mim, Rexroth, que o torna tão confiante?

— Não é assim que este jogo funciona, Van Der Zee. A surpresa é metade da diversão. Dirija com cuidado. — Falei as palavras que cuspira em sua filha em nosso primeiro encontro. Só que com ele, eu não quis dizer isso. Fui até o elevador, apertei o botão e entrei.

Naquela noite, liguei para Edie, perguntando se ela iria trabalhar. Ela disse sim.

Na manhã seguinte, coloquei meu *pen drive* na mesa, bem à vista, deixei a porta aberta e saí.

— Vou tirar o resto do dia de folga — Disse a Rina, colocando alguns papéis em sua mesa ao sair. — Meu escritório está aberto. Srta. Van Der Zee, Dean, Vicious e Jaime têm permissão para entrar. Todos os outros devem ficar de fora.

Era uma isca, e eu esperava mesmo que minha presa não caísse.

Eu era uma isca, mas o que realmente fiz foi comprometer minha vida para salvar a dela.

Eu não sabia por que estava fazendo isso. Colocando o futuro da minha filha e o meu em jogo por essa adolescente. Mas, para todos os efeitos, minha decisão já foi tomada. Ela precisava do *pen drive*, então, dei a ela.

Naquela noite, Edie apareceu depois de terminar o trabalho. Ela fez espagete e cachorro-quente para Luna – e eu deixei que elas comessem *junk food*. À noite, Edie e eu trepamos forte. De manhã, fodemos suave.

Não mencionei meu encontro com o pai dela, nem o fato de ter deixado o *pen drive* na minha mesa, e ela também não.

Pegamos carros separados para trabalhar e, claro, cheguei lá primeiro porque ela tomava banho de uma hora.

Entreí em meu escritório com o coração na garganta, apenas para

engoli-lo.

O pen drive havia sumido.

Capítulo 27



Edie

A PRIMEIRA COISA que fiz quando Trent saiu de seu apartamento, levando Luna e Camila com ele, já que era Terça de Escritório, foi correr para o banheiro e vomitar.

Minha cabeça estava girando, pontos brancos turvando minha visão. Apoiando-me no assento, levantei-me lentamente e manquei até a pia como um cachorro velho. Lavei minhas mãos e rosto, evitando o espelho na minha frente a todo custo. Eu não conseguia olhar para mim mesma sem vomitar de novo.

Traidora. Impostora. Judas. Esfaqueadora pelas costas. Cadela.

Cambaleando pelo corredor, encostei-me nas paredes para me apoiar. Super dramático, mas não pude evitar o modo como me sentia. Como se o mundo estivesse desabando diretamente sobre meu corpo, me transformando em pó. Como consegui viver nas últimas vinte e quatro horas, não tinha certeza.

Ontem, quando cheguei ao apartamento dele, Camila não estava lá. Trent a mandara para casa, dizendo que ela não era necessária naquela noite. Cozinhei a comida de Luna no piloto automático, me queimando no fogão duas vezes e fazendo idas frequentes ao banheiro para lavar meu rosto e respirar fundo.

O jantar estava bom. Eu preenchi as lacunas dizendo a Luna mais sobre surf e coisas que li sobre cavalos-marinhos. Contei a ela sobre meu irmão, como esperava um dia poder levá-lo à praia. Ela parecia entender. Pelo menos dava impressão que entendia.

À noite, eu me arrastei para a cama dele, roubando o que não merecia mais. Seus beijos, suas carícias, seu corpo roçando o meu. Eu roubei seu calor, e os golpes de sua língua e os golpes de seu pênis. Eu roubei seu desejo, pois não era mais meu. Gostei da dor que ganhei e do prazer que não ganhei. E pela manhã, pedi outra rodada, sabendo muito bem que esta tarde – quando eu daria o *pen drive* para meu pai – tudo estaria acabado para nós.

— Desta vez, vamos devagar. — Eu me contorci embaixo dele, sob meu cavaleiro das trevas com armadura lascada, que me deixou rastejar para dentro das fendas quebradas de sua concha e me estabelecer, mesmo sabendo quem eu era. O Cavalo de Tróia.

— Por que devagar?

— Para que eu possa me lembrar.

— Por que você esqueceria?

Silêncio. Ele beijou minhas lágrimas, sabendo exatamente o que eu não estava dizendo, mas não querendo acreditar. Ele fez esse sacrifício por mim – isso era certo. Ele me deixou quebrá-lo, e eu quebrei. Sem piscar, nem hesitar, nem mesmo parar para pensar.

Ele se moveu em cima de mim como se eu fosse uma onda, enchendo meu corpo, meu núcleo e minha alma. Acariciando minhas bochechas, beijando meus olhos. — Minha garota, minha obsessão, minha Maré.

Soou como um adeus, o que só me fez chorar ainda mais, agarrando-o como uma âncora. Trent sabia, e às seis da manhã, meia hora antes de Luna acordar, tínhamos feito a coisa mais próxima de fazer amor, sabendo que, no final do dia, esse amor se transformaria em ódio.

A porta do escritório do meu pai estava aberta.

Aquilo tornava tudo muito mais final. Se eu passasse, ele me chamaria. Perguntaria sobre o *pen drive*. Eu teria que dar a ele, então, tudo estaria acabado.

Luna.

Trent.

Cavalos-marinhos.

Maré.

O oceano estava tempestuoso naquele dia. Bane me deixou uma mensagem às seis e meia da manhã, quando Trent estava no chuveiro.

Nem se preocupe em descer. Bandeira vermelha.

Ele não sabia que eu podia literalmente ver a bandeira acenando da janela de Trent, em seu quarto, com a bunda nua, minha mão pressionada contra o vidro. As ondas quebravam e o vento uivava. Era o tempo mais estranho para agosto na Califórnia, mas, como surfista, não fiquei surpresa.

O oceano sabia.

No escritório, perambulei pela recepção, prolongando a caminhada até minha mesa perto da porta do meu pai e me sentando. Às onze horas, não poderia adiar o inevitável. Estava fazendo o décimo segundo bule de café naquele dia – para quem, ninguém sabia – quando Max entrou e encostou o braço na porta. Ele parecia uma doninha em um terno, cheirando a desinfetante com cheiro de pinho. Ele sempre cheirava a banho de loção pós-barba.

— Seu pai quer ver você — Ele anunciou em seu tom frio característico antes de ir embora. O *pen drive* queimava dentro do meu bolso. Saí da sala de descanso, deixando o café que nunca planejei beber. Passei pelo escritório de Trent. A porta estava aberta. Eu sabia que ele sabia. Sabia que, entre outras coisas, este era um teste. Sabia que tinha falhado. Parei na frente dele, brevemente. Sua cabeça estava abaixada e ele estava assinando alguns papéis. Limpei a garganta, sentindo como se todo o meu corpo fosse estranho e não meu.

— Isso é um truque? — Resmunguei. Eu esperava, orava, desejava que fosse parte de um plano maior que ambos pudéssemos compartilhar. Os olhos de Trent ainda estavam nos papéis. Como se ele não tivesse me segurado em seus braços horas atrás e soprado vida em mim.

Sem balançar a cabeça – nem mesmo se movendo – ele disse: — Não.

— Então, todas as informações são... — Comecei antes que ele erguesse a cabeça e me encarasse, seu rosto branco. Esculpido em titânio. Divino e zangado.

— Está tudo aí, Edie. Cada arquivo, plano e contrato. Você fez sua escolha. Se você quer ser forte, seja. Agora saia.

Eu queria discutir com ele. Queria que aquilo se transformasse em

uma discussão *real*, feia, raivosa e barulhenta, depois da qual eu estaria convencida de que havia outra maneira de salvar Theo. Mas também reconheci que todas essas coisas serviriam apenas para mostrar que eu ainda era uma adolescente indecisa e que ele era o homem mais velho que me seduziu. E não éramos essas coisas. Éramos muito mais.

Minhas pernas me levaram ao escritório do meu pai e não me lembro como cheguei lá, mas me lembro da porta se fechando atrás de mim. O som que fez foi conclusivo e grave.

Havia um oceano de espaço e palavras não ditas entre nós, cada centímetro uma gota tóxica de amargura. Eu queria manter assim. Com Jordan Van Der Zee, preferi ficar seca e protegida.

— Bem? — Ele perguntou, recostando-se em sua cadeira de couro e arqueando uma sobrancelha cética. Nenhuma vez ele me perguntou como minha mãe estava enquanto eu dormia, comia e vivia no hospital ao lado dela. Isso, combinado com o que ele me fez fazer, com o que minha vida parecia, fez com que minha raiva transbordasse. Minha boca estava seca como papel e todos os músculos do meu corpo estavam tensos com a necessidade de lançar sobre ele.

Não tinha certeza de onde as próximas palavras vieram, mas tinha certeza de que não conseguiria impedi-las de derramar, mesmo que tentasse. — Posso te perguntar uma coisa?

Ele bufou, recostando-se na cadeira. Ele rolou a mão em um movimento contínuo.

— Agora que você sabe o que aconteceu com a mamãe, gostaria de ter esperado? Talvez não a tivesse pressionado a fazer o que fez?

Uma parte de mim percebeu que estava sendo irracional, talvez até patética, tentando argumentar com ele. Procurando encontrar uma pessoa com um coração. Porque se ele fosse um monstro, eu poderia me tornar um também. Mas se houvesse um fragmento de humanidade dentro dele, talvez eu pudesse negociar com ele e salvar Trent. Jordan desviou o olhar para o relógio, suspirou como se a minha presença fosse um inconveniente e esfregou a ponta do queixo.

— Eu não forcei sua mãe, Edie. Somos todos responsáveis por nossas próprias vidas. Jogar a culpa em outra pessoa é para os fracos.

Novamente com os jogos de poder. Meu pai não se importava. Além do mais, eu estava começando a suspeitar que ele realmente sentia prazer

com essa situação complicada. Fui eu quem persuadiu mamãe a sair da borda uma e outra vez, enquanto ele foi o único a empurrar e vê-la cair, o tempo todo esperando que eu a soltasse. Foi aqui que dançamos. No limite de sua sanidade. Eu precisava quebrar esse ciclo, esmagar o pé dele, para ter certeza de que ele não iria machucá-la.

Respirei fundo, engolindo uma maldição suculenta. Minha decisão estava tomada. — Tenho o *pen drive*. — Mudei de assunto, olhando diretamente para ele.

Seu rosto estava manchado de alegria, confirmando o quão arrogante e seguro de si ele era. — Bem, você está esperando por um convite real? Me dê isto.

— Não até que você me diga por que o odeia.

— Isso realmente não é da sua conta, Edie. — Ele rolou sua caneta *Cartier* entre os dedos.

E então... e então...

Se você quer ser forte, seja.

Cruzei meus braços sobre meu peito. — Na verdade, é, visto que estou apaixonada por ele.

O silêncio na sala era denso, pesado e real. Os olhos de Jordan se arregalaram, suas narinas dilataram e sua boca se torceu em uma carranca que eu nunca tinha visto antes. Era como se ele tivesse inventado uma nova expressão de raiva só para mim. Mas eu não podia voltar atrás em minhas palavras, e não queria, de qualquer maneira.

Entrei mais fundo no escritório, sabendo o que estava fazendo. Arriscando tudo. Meu relacionamento com Theo. Meu relacionamento com Trent. Com Luna. Com minha mãe. Mas eu estava cansada de andar na ponta dos pés perto desse homem. Eu perderia todos os outros, mas talvez finalmente *me encontrasse*.

E se eu tivesse que apertar o botão de autodestruição para cortar os laços entre este homem e eu, que fosse. Queria sentir como se pudesse respirar fundo de oxigênio sem temer que o mundo desabasse.

— Estou apaixonada por Trent Rexroth tão cegamente, Jordan, que nem tenho certeza se vejo outra coisa senão ele quando está por perto. Eu morrerei por este homem, para não mencionar protegê-lo a todo custo. Ele é um ser humano maravilhoso e ferido, que está se esforçando para fazer o que você falhou miseravelmente. Para ser pai. Um pai. Alguém em quem se

apoiar. Ele está fazendo as escolhas certas, vez após vez, a qualquer custo. Está cuidando dos frágeis, embora seja insensível como o inferno. E ele faz tudo com integridade e sem atropelar ninguém. Então, me diga, Jordan, por que diabos você odeia tanto *meu namorado*?

Ele se levantou da cadeira, o rosto vermelho sangue. Achei que uma veia fosse pular de sua têmpora. Talvez até esperasse que isso fosse acontecer. Seus punhos estavam cerrados ao lado do corpo, seu corpo estremeando ao ritmo de sua própria raiva incontida.

— Dê-me o *pen drive*.

— Não. — Fiquei ereta. — O que ele fez com você?

— Ele roubou algo meu.

— O que foi isso?

— Tudo. Agora me dê o *pen drive* antes que você se arrependa. — Ele estendeu a palma da mão aberta sobre a mesa, esperando que eu obedecesse. Ele estava redondamente enganado. Dei um grande passo para trás, sentindo que o *pen drive* era dez vezes mais pesado do que seu peso pena.

— Nunca.

Ele se lançou sobre mim antes que eu pudesse reagir, se lançando sobre sua mesa para pegar o que ele queria sem perguntar. Não deveria ter me surpreendido. Todas as vezes que ele me maltratou provaram que ele não tinha respeito por mim. Eu me afastei, arranhando seu rosto instintivamente.

— Jesus Cristo, sua vadia! — Ele espalmou o arranhão que eu deixei em seu rosto, cambaleando para trás. Apesar de toda a sua altura, meu pai era totalmente despreparado para lutar contra alguém. Até eu. Ele passou a vida inteira enfiado em um escritório como um hamster em uma gaiola.

— Não se atreva a me tocar nunca mais! — Minha voz tremeu, mas eu não. Aquilo me deu força.

— Faça as malas e saia da casa da sua mãe. — Ele apontou para a porta, ofegando, fervendo. — Você tem dezoito anos, é tão teimosa e poderosa. Você tem tudo planejado, não é, sua vadia? — A última palavra me deu um tapa no rosto e tirou o fôlego dos meus pulmões. — Tenho certeza de que Trent ficará feliz em recebê-la. Mas ele é um DST ambulante e falante, assim como o resto de seus amigos. Não sou mais obrigado a colocar um teto sobre sua cabeça. Faça as malas, Edie, e enquanto você estiver aqui, certifique-se de levar tudo o que tiver aqui com você, porque você está demitida.

Em vez de fazer todas as coisas que pensei que faria – chorar, implorar, temer pelo que estava por vir, me virei e fui até a porta. Eu estava de costas para ele quando meu pai colocou o último prego no caixão do nosso relacionamento.

— É uma pena que você não terá tempo de dizer adeus ao seu irmão. Vou transferi-lo esta semana.

Eu me virei, sorrindo, pela primeira vez, porque eu sabia algo que ele não sabia. — Você não pode fazer isso.

— E por que isso, putinha? — Ele cuspiu, como se quisesse me lembrar que é quem eu sou para ele agora. Sua preciosa garotinha que abriu as pernas para o lobo mau.

— Porque o serviço social está investigando a situação de Theo. Além disso, você não pode transferir um menor de uma casa do grupo para outra tão rapidamente. Eu chequei. Você se acha tão poderoso, pai, que esquece que há outras forças ao seu redor igualmente fortes. Até mesmo a maior onda quebra. Você está prestes a atingir a areia. Espero que goste do gosto de poeira.

Capítulo 28



Edie

PASSEI O RESTO do dia na praia, sozinha. Não tive tempo de contar a Trent o que havia acontecido e queria ter essa conversa cara a cara. Estava zunindo de adrenalina e pensando no perigo do que tinha feito. Então, depois de ligar para a clínica de reabilitação onde mamãe havia sido internada no dia anterior, fui à praia para passar algum tempo com o oceano violento. Nós nos entendíamos. Sentei-me em frente ao sol poente, com os pés na areia, abraçando os joelhos e ouvindo os sons das gaivotas e das ondas quebrando na praia.

Nem percebi quando ficou frio, ficando ali até cerca das oito da noite, quando sabia com certeza que Trent e Luna estariam em casa. Aparecer em sua porta sem avisar era algo que nunca tinha sonhado em fazer antes, mas esse não era o tipo de conversa que você tinha por telefone.

Enquanto caminhava para o prédio dele, tentei me convencer de que não havia nada com que me preocupar. Afinal, tinha rejeitado meu pai no final. Eu não fui até o fim. Não podia dar os segredos de Trent.

Agradei a Deus por não haver porteiro no prédio de Trent, porque, se houvesse, ele teria que ligar para ele pela central telefônica e anunciar minha chegada. Não aguentaria se Trent dissesse que não queria me ver. Mas certamente senti que as coisas ainda poderiam dar errado quando peguei o elevador até sua cobertura.

Meus pés pareciam impossivelmente pesados no chão de mármore. Passo após passo após passo.

Meu oceano. Meu segredo. Minha fraqueza.

Bati três vezes na porta, ouvindo com atenção. Atrás, havia o som suave da risada de Luna. Não era exatamente uma risada – Luna nunca ria – mas era o som que ela fazia quando estava satisfeita. Aquilo colocou um sorriso no meu rosto antes que a porta se abrisse.

Mas quando aconteceu...

Camila deu um sorriso confuso quando me viu. Atrás dela estava uma mulher que eu não conhecia, mas reconheci. Ela tinha pele bronzada, longos cabelos negros e olhos claros. Ela parecia uma supermodelo – como Adriana Lima – e usava um vestido rosa apertado que destacava o quão curvilínea era.

Ela estava agachada, sua bunda estacionada atrás de seus saltos *Prada*, admirando o cavalo-marinho de pelúcia que Luna segurava em suas mãos. Um cavalo-marinho idêntico ao que Daria havia arruinado.

A mãe de Luna. Ela era linda e certa e ela pertencia.

Senti náusea tomando conta do meu corpo e tropecei para trás, sentindo minha garganta fechando. Um caroço amargo se retorceu dentro dele. *Não chore.*

— O que você está fazendo aqui, Edie? — O rosto de Camila estava marcado pela surpresa.

— Esta é outra babá? Nossa, Carmella, não é? Não a deixe ficar aí. Convide-a para entrar. — A mulher se levantou, ajeitando seu vestido minúsculo e se pavoneando até a porta. Ela estava com um sorriso que me dizia que já tinha ganhado. Foi esculpido com fascínio e intenção.

Ela se foi há anos. Foi algum tipo de sinal do universo para me mostrar que Trent e Luna estavam melhor sem mim. Que eles tinham alguém melhor do que a filha do meu pai. Aquele que tentou tirar Trent do tabuleiro. Eu não os merecia.

Ela era a mãe de Luna.

Eu não poderia competir com ela.

Nem queria.

— Por que você está aqui? Você está em apuros? — Camila pressionou, apenas quando Val parou ao seu lado, colocando a mão no ombro de Camila.

Camila, não Carmella, sua idiota.

— Está tudo bem se ela quiser cuidar da criança. Trent e eu temos muito o que conversar. Poderíamos ter um pouco de privacidade. Talvez vá até a Marina e faça um lanche.

Eu não aguentava mais. Queria tanto fugir da situação que estava pensando em pular de seu terraço. O elevador e as escadas não eram rápidos o suficiente. A única razão pela qual não invadi e mergulhei para a morte foi porque não queria que Luna tivesse cicatrizes para o resto da vida.

Eu me virei e saí correndo, abrindo a porta da escada. Minhas pernas se moveram rapidamente, como quando eu estava roubando. *Toc, toc, toc, toc*. A adrenalina parecia diferente, no entanto. Mais sufocante.

Um andar, depois outro. O sangue subiu à minha cabeça e pude ouvir vagamente a porta se abrindo mais e Trent perguntando quem era. Seu eco foi carregado para baixo. Ele parecia... frio. Como um homem que se reencontrou com a mãe de sua filha e provavelmente ficou aliviado por tê-la de volta em suas vidas.

Sozinha. Eu estava sozinha.

Nenhuma mãe. Não pai. Sem amigos. Sem Trent.

Corri um pouco, passando por meu carro, que estava estacionado no calçadão da praia, e todas as lojas, e todas as pessoas, e todas as coisas que eu amava mas não conseguia mais olhar. Esta rua inteira estava encharcada de memórias de Trent. O oceano também. A primeira vez que ele brincou comigo, com meus seios, com meus mamilos, com meu coração, depois que terminara de surfar. Todos os fios do meu cérebro chiaram. Eu seria capaz de colocar os pés neste lugar novamente? Surfar? *Respirar?*

O único consolo era que Jordan não podia me ver assim. Ele diria que eu colhi o que semeei. Lembrar-me-ia de que eu não era nada além de uma vagabunda estúpida que servira de brinquedo para um homem que havia procurado implacavelmente por essa mulher durante anos. Tinha sido uma diversão passageira, uma aventura.

As bolhas em meus pés estavam começando a aumentar enquanto a escuridão cobria a costa. Eu tinha chegado ao outro lado da cidade, parando na Marina onde os barcos estavam ancorados. Tive que tirar minhas botas e mancar o resto do caminho. A madeira era fria e calmante contra meus pés doloridos. Parei em uma pequena casa-barco branca e enferrujada flutuando ao lado do convés calmamente, como se não tivesse uma preocupação no mundo, assim como seu dono.

Percebi que não tinha ligado para ele antes da minha chegada, de novo, cometendo o mesmo erro que cometi com Trent.

Mas Bane não era Trent. Bane era um amigo. Na verdade, nunca

fomos perdedores. Nenhum de nós pode destruir a outra pessoa.

Subi a bordo de seu barco e bati em sua porta. Ele abriu, sem camisa, uma garota e um cara – ambos seminus – sentados em sua cama. Seu cabelo loiro estava desganhado e seus olhos vermelhos de tanto fumar.

— Preciso de você — Resmunguei, sentindo as lágrimas em meus olhos novamente.

Bane assentiu solenemente, sem respirar antes de instruir: — Craig, Shea, deem o fora daqui.

Desabei em seus braços. Ele me segurou frouxamente, como os alfinetes de segurança em minha mochila, fazendo-me sentir não menos desamparada do que quando entrei em seu barco.

Então, meu único amigo no mundo me agarrou perto de seu peito e sussurrou em meu ouvido: — Eu te avisei.

Capítulo 29



Trent

DIZER QUE NÃO queria Val seria desnecessário por toda essa porra de década.

O problema era que eu não tinha escolha.

Ceguei em casa às seis, com a intenção de colocar alguma roupa de ginástica e descer para a academia para desabafar depois que Edie entrara no escritório de seu pai com o *pen drive* segurando toda a minha munição, mas tive uma surpresa me esperando na porta.

A porra de Valenciana Vasquez, encostada na parede, parecendo vinte tons de saltos altos vermelhos e, claro, isso não me afetou em nada.

— Trent. — Ela piscou os cílios, uma sereia envenenada. — Há quanto tempo.

Passei direto por ela, enfiando minhas chaves no buraco. — Ei, você não ouviu nenhuma reclamação minha. — Minha mandíbula pulsou uma vez. — A que devo o prazer?

Ela se apoiou contra a parede, provavelmente oprimida pela minha reação nada assombrosa. Se ela estava esperando lágrimas, gritos e sentimentos do cartão *Hallmark* ‘estivemos esperando por você’, ela estava profundamente enganada. Luna era minha. Minha para amar, para crescer, minha para consertar. Val acabara de apresentar uma complicação para mim, e eu iria eliminá-la, cortar pela raiz antes que ela pudesse dizer Jack-fodido-Robinson.

— Estou aqui pela minha filha, é claro. — Ela zombou, deslizando em minha direção e se esgueirando pela porta que eu abri.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — Perguntei quando seu ombro roçou o batente da porta. Eu bloqueei seu caminho com meu corpo, virando-me e me certificando que ela não tinha espaço para deslizar entre meus braços.

Ela piscou seu choque com a minha voz de aço. Quando Valenciana descobriu que estava grávida de Luna, ela pediu quinhentos mil para acabar com a gravidez. Tinha sido quase fofo, como ela pensou que poderia me chantagear. Minha resposta a ela foi — *vá em frente, querida. Fique com minha filha*. Dinheiro não era o problema — poderia mantê-la com pouco ou nenhum efeito no meu estilo de vida. Mas fazer um aborto por minha conta estava fora de questão. Era diferente se viesse dela. Mas como ela me deu a escolha, optei por não escolher. Simples.

Então, ela teve Luna. Então, ela se afastou de nós.

E, agora, ela havia voltado.

Se ela pensava que poderia fazer isso sem uma explicação e declaração de intenção, ela estava enganada.

— Estou tentando entrar para que possamos conversar. — Ela bateu o calcanhar.

— Luna vai chegar a qualquer segundo da aula de dança. Ela não pode ver você. — Cada uma das minhas palavras pingava gelo, não fiquei surpreso ao vê-la estremecer.

— Quem a levou?

Ela é dançarina? Como ela é? Ela tem outros hobbies? Tantas perguntas que ela poderia ter feito. Claro, isso exigiria que ela se importasse o mínimo com Luna.

— Não é da sua conta. Se quiser falar sobre minha filha, falamos em outro lugar. Meu escritório. Uma cafeteria. Em outra merda de estado. Não importa onde esteja, você não terá acesso a ela até que eu descubra suas intenções. Agora vá.

— Trent... — Val deslizou seu caminho para mim, inferno sobre os calcanhares, sua palma em meu peito. Saí dela, dando a ela um olhar penetrante. Ela engoliu em seco, batendo os cílios. — Eu voei da Geórgia — Ela sussurrou.

Comecei a rir, prestes a brigar com ela, quando o elevador se abriu e

Luna e Camila saíram. Camila estava segurando a mochila de Luna, enquanto minha filha pulava em seus passos – algo que ela começou a fazer desde que Edie entrou em nossas vidas, e me deu um sorriso que derreteu rapidamente quando ela percebeu que eu não estava sozinho.

— Oh, meu Deus, Luna! Olhe para você! Você é tão linda! Você sabe quem eu sou?

Não. Caralho, não. Avancei para pegar Luna, mas a boca grande de Val estava à minha frente. — Eu sou sua mamãe! — Ela exclamou, jogando os braços teatralmente. — Eu finalmente vim ver você! Estou tão animada para conhecê-la, querida!

Os olhos de Luna se arregalaram em descrença, seu rosto torcendo para procurar meu olhar. Mantive minha boca fechada. Não tinha certeza do que sairia disso se me permitisse responder. Socar uma mulher não era algo que eu jamais havia pensado em fazer. Mas inferno, se Val não tornava difícil não querer acabar com ela.

— Tudo bem, vamos entrar e tomar uma boa xícara de chá. — Camila foi a primeira a se mover de seu lugar, suas palavras tensas, seus olhos patinando entre Val e eu. Havia uma severidade em seu tom que me avisou que eu não poderia dizer a Val para se foder como eu normalmente faria. Que eu não podia deixar uma bomba cair sobre minha filha e depois dizer: ‘então, isso foi estranho, hein? Enfim, agora que chutei sua mãe para fora, vamos ver o que passa na televisão...?’

Todos nós entramos em meu apartamento, Val examinando tudo, sem dúvida fazendo um inventário e calculando quanto dinheiro ela poderia tirar da situação.

De repente, ela se virou e tirou um cavalo-marinho de pelúcia de sua bolsa de grife, entregando-o a Luna. — Ouvi dizer que você gosta de cavalos-marinhos, então, pensei em dar isso para você.

Meu coração parou de bater, o ar parou e tudo que eu podia sentir era a calamidade escorrendo por cada fenda na sala, nos envenenando como gás invisível.

Clic, clic, clic, as peças do quebra-cabeça se encaixaram.

Val não tinha nenhum ponto de contato com ninguém que Luna e eu conhecíamos. Sua mãe, que morava em Chicago, desistiu de seu relacionamento com Luna antes mesmo de começar. Ela estava muito ocupada com um ex-namorado que virou prisioneiro para falar no *Skype* com

a neta. Val, portanto, tinha um delator do meu círculo íntimo. Agora eu tinha que descobrir quem.

Os olhos de Luna brilharam de surpresa e prazer, e ela agarrou o cavalo-marinho, segurando-o perto do peito. Luna sorriu para ela, e se existisse algo como uma alma – a minha explodiu e se espalhou por todo o chão. Porque tudo havia se tornado um milhão de vezes mais complicado. Eu odiava Val por ser tão imprudente. Por dizer a Luna quem ela era. Eu a odiava e sabia que ela tinha feito isso por um motivo. Ela queria algo de mim, e não era a criança cheia de esperança e admiração que estava na frente dela, vestindo uma malha preta e um olhar ansioso.

— Ei, Luna? Papai vai falar com um amigo no telefone. Você fica com Camila e Val aqui, ok? — Eu empurrei meu polegar em direção ao meu quarto, propositalmente pronunciando o nome de Valenciana. Ela não fez nada para ganhar o título de mãe. Fiz contato visual com Camila para me certificar de que ela sabia que Val não deveria ser deixada sozinha com Luna em nenhum momento. Ela me deu um leve aceno de cabeça. Entrei furtivamente em meu quarto e liguei para Vicious, que imediatamente disse que entraria em contato com Eli Cole, um advogado da família e pai de Dean, e que eles estariam a caminho aqui em breve. Quando saí, ouvi a porta da frente se fechando.

— Quem era? — Eu fiz uma careta.

— Ninguém importante. — Val soltou um sorriso açucarado, acariciando a cabeça de Luna enquanto ela explicava algo completamente errado e falso sobre cavalos-marinhos. Camila acenou com a cabeça para que eu a seguisse até a cozinha, seu rosto contorcido de raiva. Eu olhei entre Val e Luna. Eu não poderia deixá-las sozinhas, mesmo a alguns metros de mim, na sala de estar. Val percebeu o problema rapidamente.

— Eu preciso me refrescar no banheiro. — Ela endireitou a coluna, valsando pelo corredor como se ela fosse a dona do lugar.

Reuni um pequeno sorriso e ofereci para minha filha. — Germes, você pode me fazer um favor e ir para o seu quarto por alguns minutos? Papai e Camila precisam conversar sobre algo que preocupa os adultos.

Germes. Eu a chamei de Germes.

Quando ficamos sós, Camila se virou para mim, fogo em seus olhos. — Edie estava na porta. — Ela exalou bruscamente, esfregando a testa, uma mão na cintura.

— Não estou entendendo — Eu disse, principalmente para ganhar tempo, porque *que porra é essa?*

— Ela parecia chateada por ver Val. O que ela estava fazendo aqui? O que está acontecendo?

Eu olhei para cima e ofereci a ela a resposta que ela não queria ouvir. Não fazia diferença nenhuma se Camila sabia ou não. Não é como se ela tivesse acesso a Jordan ou fosse contar a ele.

— Querido Senhor, Trent, ela é apenas uma criança!

Balancei minha cabeça, cansado de ouvir a mesma merda de sempre. — Ela é mais mulher do que a cadela que entrou na minha casa há dois segundos e disse à minha filha que é a mãe dela.

— Sua suposta mulher fugiu daqui em lágrimas, parecendo cada centímetro da adolescente que é.

Outro soco no estômago. Eles simplesmente continuavam vindo hoje. Eu queria pegar minhas chaves e correr atrás de Edie, mas é claro que não consegui. Não com Val aqui. Eu nem me importava mais com o maldito *pen drive*. Tudo que me importava era salvar a bunda de Edie e Luna. Se eu pudesse fazer com que a minha ficasse intacta depois que tudo isso acabasse, seria um bom bônus.

Ouvi a porta do banheiro se abrir e me virei com a intenção de marchar para a sala de estar e acabar com esse show de merda. Minha campainha tocou novamente.

Edie.

Eu estava prestes a alcançá-la, mas Val chegou antes de mim – de novo, como se ela morasse aqui – e quando ela abriu a porta, a peça final do quebra-cabeça caiu.

Jordan Van Der Zee.

Camila e Luna foram para um *McDonald's* (você sabe que é o apocalipse quando você deixa sua filha comer no *McDonald's* às oito e meia em um dia de semana) na hora, deixando-me para lidar com a confusão que havia entrado em minha vida na mesma tarde que uma pessoa de dezoito anos de idade decide quebrar meu coração em micro-pedaços. O babaca Van Der

Zee caminhou em direção a Val, pressionando um beijo possessivo em sua têmpora e puxando-a pela cintura para o lado.

— Muito tempo sem ver, linda.

— Faz apenas uma semana. — Seu sorriso vermelho rechonchudo tinha aquela curva de confiança extra, me dizendo o que Jordan havia planejado para mim, ela fazia parte disso. Eu olhei entre eles, fazendo as contas. Coletando as peças desse enigma fodido e remendando-as para o quadro completo.

— Você não tem ido para Zurique. — Joguei minha cabeça para trás, rindo amargamente. — A SwissTech não precisa de sua bunda para lhes fazer visitas regulares. Já renovamos seu contrato semanas atrás. Achamos que você estava fodendo alguma europeia e pondo na conta da empresa.

— Você estava errado. — Jordan suspirou e se sentou no meu sofá com um sorriso, muito orgulhoso de si mesmo. — Geórgia é mais perto, e muito mais tentadora, com esta senhora ao meu lado. — Ele puxou Val para baixo, e ela caiu em seu colo, rindo sem fôlego como uma porra de uma *showgirl* de Nova York dos anos 50. — Agora, seja um bom empregadinho e traga-nos algumas bebidas para que possamos todos ter uma conversa. — Jordan piscou, parecendo mais acessível e agradável do que eu já o tinha visto. Fiquei na frente deles, um ombro apoiado na parede que separa a cozinha e a sala de estar, olhos de falcão e pronto para mergulhar para um ataque.

— Te aconselharia contra esse tipo de piada. Se você continuar, talvez precise viver de líquidos de qualquer maneira, porque vou quebrar todos os dentes dessa sua boca presunçosa.

— E, aí estamos nós. Um bandido mostrando suas verdadeiras cores.

— Pelo contrário. Estou começando a ver que minha cor nunca foi seu problema. Val era.

— Luna e você são o meu problema — Jordan corrigiu, seus olhos cortando para os meus, brilhando com ódio incontido. — Você entrou na minha vida e bagunçou tudo sem nem mesmo perceber o que tinha feito, Rexroth. Por que você acha que comprei sua empresa de merda, dirigida por um bando de babacas mimados?

— Porque você só é bom em comprar empresas de sucesso? Todas aquelas que você começou do zero faliram em menos de cinco anos. Eu li nas entrelinhas de suas entrevistas estridentes da *Forbes* — Brinquei, sem piscar.

— Não. Fiz isso para ter certeza de que você nunca estará com Valenciana — Disse ele.

— Explique-me a lógica disso, Van Der Idiot. Cérebro menor e outras coisas. — Eu bati na minha têmpora sarcasticamente.

Jordan sorriu, abaixando-se para pegar sua pasta. Val deslizou de joelhos até o sofá, tirando um maço de *Marlboro Reds* da bolsa e acendendo um cigarro. Val soprou uma cortina de fumaça para cima e eu fui até ela, partindo o cigarro em dois.

— Você já abandonou sua filha. É extremamente desnecessário torná-la fumante passiva também.

Ela fez beicinho, dando-me seus grandes olhos de *Lolita* como se fossem fazer algo comigo. Como se eles pudessem tocar o que Edie conseguiu de alguma forma agarrar, apertar e foder tão cru que eu não sentia mais como se algum dos meus órgãos internos fosse mais meu.

— Desmancha-prazeres. — Val fez uma careta.

— Você não tem ideia. Estou prestes a cagar na porra da sua vida, querida. Agora, o cavalo-marinho. Como você soube disso?

Val desatou suas longas pernas e se recostou, deixando Jordan vasculhar seus documentos enquanto me divertia ao mesmo tempo.

— Sua namoradinha estava pensando em comprar para ela *online*. Jordan tem acesso total ao histórico de pesquisa em seu telefone e verifica-o diariamente. Eu venci ela. Desculpe, Trent. Isso é o que você ganha por namorar alguém que ainda precisa da mesada do papai. — *Você é aquele que vive do dinheiro do pai dela.*

— Você é a porra de um demônio. — Ri, enlouquecido.

— Eu poderia ter sido seu demônio — Ela lamentou, selvagem.

— Você nunca poderia ser o demônio de ninguém. Pessoas sem alma não podem ser possuídas ou amadas.

Com isso, fui para a cozinha, precisando de algo... algo para me acalmar. Bebi uma garrafa d'água e voltei para a sala. Jordan estava arrumando pilhas de papel por toda a minha mesa de centro. Parecia um plano. Um de que eu não gostaria.

— Então, vamos ser curtos e amáveis? — Ele arregaçou as mangas de sua camisa engomada, lambendo os dedos enquanto folheava as páginas, concentrando-se intensamente nelas. — Cinco anos atrás, eu tinha uma empresa chamada SilverStar, Inc. Ela estava localizada em...

— Chicago — Terminei por ele.

Os ombros de Jordan tremeram com uma risada. — Isso mesmo, garoto. E assim, durante uma de minhas muitas viagens a Chicago, conheci Valenciana e começamos a namorar.

Fiquei tentado a lembrá-lo de que a palavra que ele estava procurando era ‘caso’, mas a semântica não era realmente a prioridade naquele momento.

Jordan tirou um documento de uma pilha.

— Val chamou minha atenção em uma de minhas viagens. Como ela não poderia? Olhe para ela. Começamos a nos ver sempre que eu estava na cidade. O que era muito. Admito, fiquei encantado. Val, no entanto, não compartilhava do sentimento, enquanto continuava seus caminhos perdidos. Eu a deixei, porque, vamos admitir, ela também não era minha única amante.

Ele me entregou o documento e eu o peguei, examinando-o em meio a uma névoa de raiva vermelha. Era um relatório conduzido por um investigador particular chamado Barry Guilfoyle. Havia destaques dos tempos que estive longe do apartamento, da Luna, mostrando que eu estava trabalhando longas horas e fazendo viagens de negócios frequentes, deixando-a com Camila ou com meus pais.

— Nós deveríamos ficar mais fortes conforme o tempo passava, Val e eu. Eu disse a ela para fazer um aborto. Não importava quem era o pai. Eu também não gostei de estar fiscalmente acorrentado a alguma stripper. — Jordan respirou fundo, me entregando mais alguns documentos. — Val disse que você era o pai. Que você era uma oportunidade financeira boa demais para deixar passar. Eu não ofereci dinheiro a ela, supondo que você faria. Engravidei algumas mulheres no caminho depois de me casar com Lydia e comprei minha passagem por seus abortos com bastante facilidade. Mas você optou por não pagar e, quando me acalmei e voltei à cena, Val já estava grávida de cinco meses. Tarde demais para ela se livrar da criança.

Para se livrar da criança.

Cerrei meus punhos, minha mandíbula, minha porra de bunda, em um esforço para não matá-lo. Ele me passou algumas fotos impressas em baixa resolução. Elas mostravam Camila franzindo a testa para Luna. Essa era apenas a expressão severa de Camila às vezes. Aquilo não significava nada. Outra foto minha puxando os cachos de Luna em um rabo de cavalo. Ela gostava de seu rabo de cavalo apertado, sem solavancos, então, parecia que eu a estava machucando. Mas eu não estava. Ela estava parada entre minhas

pernas em um café, ambos os braços apoiados nas minhas coxas, olhando para outro lugar. As fotos pareciam ruins, mas as situações eram completamente inocentes. Ainda assim, por que arriscar?

— É melhor você cuidar da sua boca — Avisei —, ou você vai se arrepender *pra* caralho.

Jordan riu, suspirando com desprezo. — Quando fizemos um teste e percebemos que o bebê era seu, fui embora. Mas voltei com Val... eventualmente. Veja, no espaço entre o momento em que Luna nasceu e quando ela fez um ano de idade, Val estava tentando ganhar você. Seduzi-lo. Estar com você. Acho. Você é mais jovem, tem mais fome e é mais bonito. Mas você não é mais esperto, Trent. Você é um idiota que teve sorte porque seus amigos foram muito generosos e o deixaram comer um pedaço da torta. Você nunca deveria ter pego um pedaço da torta. A torta não é para você comer.

Cerrei meus dentes, deixando-o terminar, processando tudo. As fotos. Os relatórios. O caso que Jordan vinha construindo contra mim por malditos anos. Meu maior medo — Val voltando para levar Luna — estava se materializando na frente do meu rosto, com uma cereja no topo na forma de Jordan maquinando contra mim. Eu sabia exatamente qual seria o objetivo de Val. Usamos cocaína juntos na noite em que a engravidei.

Ela poderia dizer que eu tive um problema com drogas no tribunal.

Poderia até tornar isso crível.

Nosso caso levaria anos no tribunal.

Dei um passo em sua direção e ele quase se encolheu. Eu levantei meu queixo, olhando para ele.

— Por que passar por todos esses problemas?

— Porque eu nunca perco, camponês. Principalmente para outro ex-pobre garoto como você.

Ex-pobre garoto. Eu deveria saber que Jordan era como eu. O peso no ombro estava lá — sempre estive lá — a única diferença era que o meu era superficial. O dele, até os ossos.

Cada músculo do meu corpo me dizia para atacá-lo e rasgá-lo. Minha mente me dizia para esperar e bater com mais força do que com os punhos.

— Eu ganhei Val de volta, mas não sem uma luta. Enquanto a mantive em Atlanta, ela me implorou para entrar em contato com Luna. Eu, é claro, disse a ela que estava fora de questão. Comprei sua empresa, querendo estar

perto de você, querendo estudá-lo, para ver o que o fazia pulsar. Porque o jogo final... — Jordan se levantou, pegando os papéis da mesa de centro e colocando-os debaixo do braço. — O jogo final era acabar com você.

O momento de epifania me fez sentir como Sansão em seu último suspiro, quando Deus lhe deu força para puxar os pilares, derrubando o telhado. Sansão foi morto no processo, mas derrubou os filisteus. Eu sabia que faria o mesmo se precisasse.

Jordan comprou minha empresa porque queria me demolir, pessoal e profissionalmente, para ter mais controle sobre isso. E para me punir por algo que eu nem sabia.

Ele prometeu a Val um feliz para sempre e sua filha de volta.

Ele queria me incriminar, me arruinar e levar o que é meu. A mulher que eu não queria e a garota por quem eu faria tudo.

Jordan sacudi os papéis, fazendo-os chover no chão, e puxou o braço mole de Val para tirá-la do meu sofá. — E com Luna não querendo falar, isso vai ficar muito ruim no tribunal, Rexroth. Você a traumatizou com seu estilo de vida, ela está apavorada demais para fazer barulho. Com isso em mente, sugiro que você nos entregue sua demissão logo amanhã de manhã, venda-me suas ações da empresa e nos encontre neste fim de semana para discutir a custódia conjunta com Val. Ela quer entrar na vida de Luna e espera que você pague a conta da acomodação dela. Eu acho que é justo.

Sorri enquanto os documentos se espalhavam ao nosso redor. O que Val queria era acesso ao meu dinheiro. Pontos bônus: morar em uma cidade chamativa em SoCal perto de seu amante multimilionário, que era inteligente o suficiente para não se casar com ela.

Jordan saiu apressado, seu ombro roçando o meu. — Fique com as duplicatas, Rexroth. Por minha conta.

Eu ainda estava parado lá com meu coração na porra da minha garganta e minha alma agarrada em meu punho quando Jordan e Val alcançaram a porta. Ela parecia uma bagunça culpada, e ele parecia o diabo. Ele se virou.

— Trent Rexroth sendo mudo. Dificilmente uma surpresa.

— Você quer palavras? — Dei um passo em sua direção, sorrindo. — Aqui está algo para ajudá-lo: obrigado por me dar uma descrição detalhada do seu jogo. Mantenha seus olhos abertos. — Empurrei os dois para fora do meu apartamento, meu braço pendurado sobre a porta. A última coisa que eu

disse antes de bater na cara deles, perplexos, foi: — *Minha vez.*

Capítulo 30



Edie

— NÃO POSSO ACREDITAR que você está me obrigando fazer isso — Gemi, batendo no ombro de Bane com o meu. Óculos escuros cobriam a maior parte do meu rosto, protegendo meus olhos inchados do tamanho de uma abóbora. Eu usava um de seus tops de surf e short curto, porque eu não tive tempo de pegar nada na mansão dos meus pais antes de meu pai mudar as fechaduras e essencialmente me expulsar sem me dar a chance de pegar minhas coisas

Bane e eu estávamos na ampla varanda de sua mãe. O material rústico e o jardim elaborado e colorido eram estranhamente reconfortantes. Alguém que viveu em um lugar tão aconchegante e convidativo não poderia ser do tipo que me machuca, certo?

— Faz muito tempo. Especialmente agora, quando Rexroth está ocupado brincando de casinha com sua ex. — Bane prendeu seu cabelo loiro em um coque, batendo na porta com força. Achei estranho ele não ter entrado, mas Bane era um mestre quando se tratava de relacionamentos estranhos. Considerando que ele se mudou de casa aos dezoito anos e não foi para a faculdade, achei que ele gostava de seu espaço, e talvez sua mãe também.

— Ela não é a ex dele, e não tenho provas de que eles estão brincando de casinha juntos. — Funguei, esfregando meus olhos cansados sob as lentes. Ver Val lá doeu como mil mortes violentas, mas tentei dizer a mim mesma que isso era o melhor para Luna. E Trent... se ele queria voltar com ela, eu

não poderia culpá-lo. Eu não sabia nada sobre relacionamentos, nada sobre ser pai e quase zero sobre como manter uma família unida.

A porta se abriu e a pessoa do outro lado tirou minha respiração dos meus pulmões.

Bane entrou, alheio ao fato de o tapete, mais uma vez, ter sido puxado de debaixo dos meus pés.

— Gidget, esta é minha mãe, Sonya. Sonya, esta é Gidget, também conhecida como Edie Van Der Zee.

Sonya.

A mulher ruiva com quem Trent estava fazendo sexo quando eu entrei em seu escritório. Para se vingar de mim por supostamente fazer sexo com Bane. *O filho dela.* Eu não sabia se deveria me sentir horrorizada ou irritada com aquilo. Sonya obviamente compartilhava dos meus sentimentos, porque ela deu um passo para trás da porta e agarrou o tecido de sua blusa azul bebê, momentaneamente sem fala.

— Oh — Ela disse, a palavra escapando de sua boca quase inaudível. Acreditei em Trent quando ele disse que não a estava mais vendo, mas isso não tornou as coisas menos estranhas. Eu me perguntei se ela sabia sobre ele e eu. Se ela se ressentia de mim por isso. Se ela quisesse me ajudar.

— O que você está esperando, Gidget? A porra do Papa? Entre — Grunhiu Bane, abrindo caminho pelo corredor de ladrilhos até a cozinha no final dele e abrindo a geladeira. Ele pegou duas latas de cerveja, como se não tivéssemos 18 anos e abaixo da idade legal, e caminhou até a sala de estar de plano aberto. Eu fiquei na soleira, incapaz de fazer nada além de tirar meu óculos escuros.

— Edie — Sussurrou Sonya com urgência, abrindo mais a porta. — Está bem. Você pode confiar em mim. Trabalho como psicóloga infantil há quinze anos. Esqueça o que você viu naquele dia. Isso não afetará você ou seu irmão.

Meu irmão. Isso mesmo. Ela foi a razão pela qual eu o vi naquele domingo.

Cautelosamente, dei um passo para dentro. Bane já estava na sala de estar, abrindo as cervejas, *Lonely Boy*, do The Black Keys, explodindo nos alto-falantes. Sonya e eu caminhamos como duas figuras rígidas em direção ao sofá e tentei tossir a bola de vergonha e ciúme crescendo na minha garganta.

— Lave com uma cerveja. — Bane jogou suas longas pernas sobre uma otomana, caindo em um sofá roxo surrado, algo-de-*Friends*. Olhei para Sonya, que me deu um sorriso educado.

— Você teve uma longa semana, ouvi dizer.

Bebi a lata em alguns longos goles e joguei minha cabeça em uma das almofadas, fechando os olhos por um momento. *Obrigada*.

Sonya entrelaçou os dedos na minha frente, as pernas cruzadas, dando-me sua atenção total. Ela estava vestida para matar, e meus sentimentos por ela estavam em guerra. Queria não gostar dela, mas como poderia quando ela estava decidida a me ajudar e a ser tão legal?

— Gostou da cerveja? — Ela sorriu. Balancei a cabeça, embalando a lata vazia em vez de colocá-la na mesa de café. Meu pai me mataria por menos do que manchar seu precioso carvalho italiano.

— Você sabia que na Europa é legal beber desde os dezoito anos? Sempre preferi melhor o jeito russo. — Seu sorriso era tão grande que quase parecia uma piscadela.

Roman ‘Bane’ Protsenko tinha uma mãe interessante. Ela fugiu da Rússia com ele, dando-lhe liberdade, e ele, em troca, viveu sua vida ao máximo.

E ela estava feliz por ele. Contente.

Que estranho.

— Agora, me conte tudo sobre o seu irmão e as ameaças de seu pai em relação a ele. Quero que você comece do começo. Desde quando seu pai o colocou no primeiro lar. — Sonya pegou um copo que cheirava a vodka da mesa de centro e tomou um gole.

E falei.

Abri meu coração, contando a ela sobre como Theo nunca foi amado, não mesmo, por nenhum de nossos pais. Como Jordan havia subornado para deixar de ser pai, sempre pegando o atalho, sempre colocando Theodore em instituições e pulando de cidade em cidade todos os feriados para que não tivéssemos que visitar Theo.

Não sabia o que era mais horrível – recitar os anos em que Theo foi negligenciado, dizer isso em voz alta e perceber o quão ruim soava, ou ver seus rostos enquanto confiava neles. Sonya parecia que estava prestes a chorar, e até mesmo Bane abaixou a música em algum momento e olhou para mim como se seu mundo tivesse ficado um pouco mais escuro.

Quando terminei, Sonya pigarreou, olhando para suas coxas. — Roman, por favor, saia da sala.

Se Bane ficou chocado, não demonstrou, pegando sua cerveja e caminhando em direção à porta. — Estarei na varanda, fumando *pra* caralho depois dessa história deprimente.

Quando a porta se fechou, Sonya encontrou meus olhos.

— Trent não se ofereceu para ajudá-la?

— Eu... — Toquei meus lábios, pensando por um momento. Quanto ela sabia? Quanto *eu* queria que ela soubesse? Dane-se. Não era sobre meu caso de verão com um homem mais velho. Isso era sobre Theo. — Nós nos envolvemos por um tempo e ele me ajudou a pagar as instalações de Theo, mas nada mais do que isso. E duvido que ele queira me ajudar agora. Não estamos mais em contato.

Sonya descruzou as pernas, tomou outro gole de vodka e pressionou contra a bochecha. Seus olhos estavam vidrados e, por um momento, mantiveram a mesma aparência de quando Trent a penetrou. *Bêbados*. Eu estremeci na camisa de Bane.

— Por quê? — Ela perguntou suavemente.

Eu pisquei. — Por que o quê?

— Por que você terminou?

— Por que você acha que fui eu que terminei? — Eu queria me levantar e fazer algo, qualquer coisa, mas a necessidade de descobrir se ela sabia de algo que eu não sabia, queimava e explodia em chamas dentro de mim.

Sonya colocou o copo na mesa, olhando para mim com um sorriso triste.

— Porque ele nunca faria.

— Como você sabe? — Eu me odiei por perguntar. Não deveria ter importado para mim. Ele precisava se concentrar em sua família.

Sonya olhou para mim. — Porque, Edie, ele está apaixonado por você.

Capítulo 31



Trent

LUNA VINHA PRIMEIRO, e eu tinha que me lembrar disso.

A primeira coisa a fazer era garantir o futuro da minha filha. Comigo.

Ainda assim, a necessidade de confrontar Edie era quase selvagem. Queria bater meu punho acima de sua cabeça e gritar com ela por dar a Jordan o *pen drive*. Queria gritar e gritar e xingar e transar com ela, apesar de toda essa merda. Para fazê-la ver como não estávamos superados, como estávamos apenas começando, como eu estava perdendo minha cabeça por ela. Queria mostrar a ela como eu amava o caralho de seu corpo e odiava que fôssemos errados. Profunda, louca, absurdamente errados um para o outro.

O que significava que eu tinha que dar um passo para trás.

No momento em que Jordan e Val partiram, eu estava no carro, cortando as ruas em busca da única mulher que pudesse me ajudar, que não me trairia. Liguei para Dean no meu caminho para ela.

— Eu preciso que você vá até Edie Van Der Zee e pegue algumas das minhas merdas dela.

— *Por que você não faz isso sozinho?*

— Porque ela entregou minha bunda para o pai dela. Porque ela me fodeu. Porque se eu a vir mentindo, traindo pessoalmente, eu cagaria em tudo que me importa. Em poucas palavras. — Limpei minha garganta, meus olhos na estrada. As pessoas estavam andando, rindo e vivendo suas vidas, não

dando a mínima que a minha estava desabando.

Ninguém iria levar minha filha. Ninguém.

— *Acho que você elaborará mais tarde.* — Eu ouvi Dean tentando acalmar o choro de Lev. — *O que preciso fazer?*

Eu disse a ele, acrescentando: — E faça o que fizer, não conte a ela sobre o que aconteceu com Jordan e Val. Sua lealdade está com uma pessoa – seu irmão – e ela fará o que for melhor para ele. Ainda não tenho certeza se é o melhor para mim. Entendeu?

— *Entendi* — Disse ele.

Cheguei ao escritório da mulher que estava lá para me ajudar, que me ajudou a derrubar Jordan.

— *Ah, e Trent?* — Dean perguntou da outra linha. — *Luna sempre será sua. É melhor você acreditar que vamos conseguir essa porra.*

Muito poucas coisas são certas nesta vida.

Um dia, você vai morrer. Todos os anos, você paga impostos. Se alguém te odeia antes mesmo de você abrir a boca, tome cuidado com eles, eles querem o seu sangue. Antes mesmo que eu tivesse a chance de apertar sua mão, Jordan Van Der Zee já estava preparado para me cumprimentar.

Acontece que Val não precisava de uma nova identidade, ela tinha Jordan. Ele a abrigou. Deu a ela seus cartões de crédito, em seu nome. Dinheiro em abundância. Ele pagou por seu estilo de vida e cada pequeno capricho para mantê-la feliz. E prometeu a ela que um dia, quando chegasse o momento certo, iria atacar e dar a ela a vida que ela sempre sonhou. O tipo de luxo que apenas Todos Santos e o sul da França tinham a oferecer.

Val estava contente em esperar, porque ela não tinha nada a perder. Ela nunca se importou realmente com Luna ou comigo. Ela se preocupava com coisas materialistas – as mesmas coisas materialistas que Edie tanto odiava – e Val sabia que não importava o quanto Jordan a amava, ele iria substituí-la por uma versão atualizada um dia, assim como fez com Lydia. Voltar aqui garantiria seu apoio financeiro pelos próximos quatorze anos – *quatorze porra de anos* – bastante tempo para se recompor e encontrar outro idiota que fosse estúpido o suficiente para dar a ela seu cartão de crédito. Ela tinha essa merda toda planejada.

Ou então, achava.

Quanto a mim, finalmente entendi por que Jordan me odiava tanto – toquei no que era dele e acorrentei meu destino a ela. Mas Jordan não amava Val. Ele achava que sim, mas não importava. Ela era sua. Ele não era do tipo perdedor.

Eu o fiz perder.

Ele odiava isso.

Val tinha voltado para Luna porque ela queria aproveitar os dois mundos. Morar com Jordan em Todos Santos e receber pensão alimentícia de mim para que quando – e sim, *quando*, não *se* – ele a largasse, ela teria algo em que se apoiar. Luna não era mais um bebê. Ela era relativamente independente. Poderia se vestir bem e desfilar como um acessório bonito.

Jordan e Val pensaram que tinham essa merda resolvida. Eu podia ver pela maneira como eles saíram do meu apartamento como se me tivessem em seus bolsos. Eles estavam redondamente enganados, e me perguntei como eles chegaram à conclusão de que eu era uma tarefa simples. Os fatos falavam mais alto do que eu.

Val passou os últimos anos se escondendo de mim, porque ela conhecia minha ira.

E Jordan tinha quatro vezes mais ações do que eu na Fiscal Heights Holdings e ainda não conseguia se mover um centímetro sem que eu respirasse em seu pescoço.

É por isso que fui preparado para o escritório no dia seguinte.

A principal tarefa de Amanda não era encontrar Val. O que ela me deu de sobra – o que eu mantive com segurança em meu *pen drive* – foi um monte de informações sujas sobre Van Der Zee.

Razão pela qual me senti completamente à vontade sentado em sua cadeira, as pernas na mesa com minhas mãos atrás da minha cabeça, esperando por ele logo de manhã.

Ele entrou em seu escritório às oito da manhã como se nada tivesse acontecido. Como se não fosse sua missão de vida tentar me destruir. Como se seus outros sócios não soubessem que ele agora era um mentiroso e astuto pedaço de lixo. Jordan parou na soleira, olhando para mim vagamente. Sua desagradável surpresa – eu – o encarou com ódio suficiente para cegá-lo.

Alcançando o bolso da camisa de seu blazer, provavelmente para chamar a segurança, ele parou quando me ouviu rindo enquanto eu acendia

um baseado.

— O que diabos você pensa que está fazendo? — Ele perguntou com os dentes cerrados, dando um passo à frente. Bati no meu queixo, fingindo pensar.

— Fazendo-me sentir em casa, visto que este escritório será a minha segunda casa, em breve.

— Fumar aqui é ilegal — Ressaltou ele, optando por ignorar minha declaração direta.

— Engraçado você mencionar isso, Jordan, já que ilegal parece ser seu sabor favorito. — Levantei-me de sua cadeira, caminhando até ele com o sorriso mais perverso do meu arsenal.

— Do que você está falando, Rexroth? — Sua voz ficou mais aguda pelo pânico, revestida de aborrecimento.

Progresso, pensei, mas não o suficiente. Eu queria arrancar isso dele. O terror. A incapacidade de respirar doía tanto. Porque é assim que perder Luna seria.

Quando meu peito quase encostou no dele, parei, elevando-me alguns centímetros acima dele. — Você precisa se sentar, Sr. Van Der Zee.

— Não me diga o que fazer — Ele cuspiu as palavras, mas fez o que eu disse. Este foi o melhor tipo de vitória. Aquela onde eu conseguia o que queria assistindo meu oponente arrastando os pés. Ele estava prestes a se sentar atrás de sua mesa quando eu saí do meu lugar no centro da sala.

— Esqueça isso, Jordi. Aonde você está indo, eles não só não têm cadeiras executivas, mas ouvi dizer que os colchões são realmente ruins. — Inclinei minha cabeça em direção a um banco perto de seu bar de carvalho. Ele me olhou fixamente. Quando viu que eu não estava brincando, foi até lá com cautela, grunhindo. Jordan estava ansioso para descobrir o que eu sabia. A resposta era simples.

Eu sabia de tudo.

Amanda me ajudou a construir meu caso, lentamente. Lento o suficiente para saber que não poderia derrubá-lo enquanto Edie e eu estávamos formando um relacionamento.

Mas ontem mudou tudo. Mandeï meus amigos para Edie enquanto dirigia direto para Amanda. Eu virei o mundo de cabeça para baixo. Eu lutei contra as ondas. Eu não tinha me afogado.

Eu nunca me afogaria. Não quando precisava manter minha filha à

tona.

Coloquei minhas mãos atrás das costas, andando pela sala vagorosamente, o baseado ainda preso entre meus dedos.

— Sabe o que nunca entendi, Jordi? Por que você foi tão bem-sucedido, quando todas as empresas que você já constituiu antes de 97 fracassaram terrivelmente e faliram? Era como se você fosse um veneno fiscal. Tudo que você tocou virou merda. A lista crescente de empresas que você fundou e arquivou para o Capítulo 11, que trata de pedido de insolvência, foi o primeiro sinal de alerta. Todos nós vimos isso como uma bandeira vermelha, mas seu histórico após dois mil e três era tão sólido que meus amigos decidiram ignorá-lo. Bem — Dei de ombros, dando um trago no meu baseado, exalando a fumaça em um sorriso —, eu não.

No início, pensei que tudo o que descobriria sobre Jordan era a merda de sempre – lavagem de dinheiro e talvez um pouco de evasão fiscal. Mesmo seus negócios não me pareciam muito interessantes. Afinal, ele nem estava tentando escondê-los. Mas eu encontrei mais. Então, muito mais.

Os dentes de Jordan cerraram com tanta força que eu podia ouvi-los do outro lado da sala. Seu rosto permaneceu tenso, segurando os últimos resquícios de sua dignidade.

— Fui a um investigador particular e pedi a ela que me encontrasse tudo o que havia sobre a enorme história de sucesso que foi Jordan Van Der Zee. A primeira coisa que descobri foi que você pode ter ido para Harvard com uma bolsa de estudos, mas essa bolsa não era inteiramente legítima, era? Você tinha alguém pagando a conta de sua educação depois do primeiro ano. *O pobre garoto holandês que não tinha dinheiro nem para comprar manteiga e pão*, palavras suas, não minhas. Gostaria de saber quem poderia ajudá-lo com tão grandes somas de dinheiro e descobri o nome. Um obscuro McConman que morava nas Ilhas Virgens Britânicas chamado Kaine Caulfield. Caulfield é um nome *tão* peculiar. Muito *Apanhador no Campo de Centeio*. Alguns até diriam... fictício. Decidi ir mais fundo, especialmente considerando que você não deveria conhecer alguém que vivia nas Ilhas Virgens Britânicas. A menos que... — coloquei o baseado entre os lábios e peguei um documento do bolso de trás, jogando-o em seu rosto com o baseado ainda na boca. — Lavagem de dinheiro.

— Isso é absurdo — Ele murmurou, com a intenção de se levantar, mas eu o empurrei de volta para seu assento com a ponta do meu sapato.

— Senta — Ordenei. — Então, drogas, hein?

— Não sei do que você está falando. — Ele jogou os braços no ar, visivelmente tremendo. Ele estava perdendo o controle, e foda-se se não era o melhor show da cidade.

Rindo, balancei minha cabeça. — Quer dizer, acho que poderia explicar como você chegou tão longe em sua primeira empresa. Ou, como você colocou algum dinheiro para investir quando abriu sua própria empresa, três anos depois de se formar.

— Isso é boato, e se você continuar esta linha de conversa, terei que entrar em contato com meu advogado... — Jordan começou, levantando-se.

Eu o empurrei de volta para baixo, nem mesmo lhe dando um olhar e caminhando até o seu bar. — Finalmente podemos concordar em algo. Você definitivamente deve ligar para seu advogado. Mas ainda não. Você vai estragar a surpresa.

Eu me servi três dedos de *whiskey* e os engoli na frente de sua janela do chão ao teto, virando-me para olhar para ele novamente. Eu me senti estranhamente contente em foder com sua vida. A única pessoa com quem me preocupava era Edie, que estava prestes a se separar do pai, mas, ei, ela não precisava dele de qualquer maneira, e eu faria um favor a ela prendendo-o.

Eu ia dar a ela Theo.

— Você sabe? Acho que vou assumir o seu escritório. É muito espaçoso. Luna terá um lugar para brincar quando ela me visitar todas as terças-feiras — Meditei, escovando meus dedos ao longo da tela gigante na parede. Pintor holandês. Outro Van Der Qualquer. Ondas quebrando na costa.

Edie.

— Você vai sair da empresa, Rexroth — Disse ele, cansado, mas não quis dizer isso. Na verdade. Eu podia ver em seus olhos. A derrota. Tinha uma cor, um cheiro e um gosto de merda. Estava em toda parte em suas feições, em toda a sala.

— Me poupe dessa merda. Você e eu sabemos que tempo é dinheiro. — Bebi o restante e coloquei o resto do baseado no copo caro. — Então, drogas. Elas colocaram você na escola. Bom para você. Quando meu IP veio até mim com essa informação, fiquei surpreso para dizer o mínimo – um homem como você, que se apaixonou tanto pelo brilho e glamour, não estaria lidando com viciados em crack e traficantes de drogas? Não. Você é mais

sofisticado do que isso, Jordi. É por isso que você fechou um acordo com a MNE Pharmaceuticals. Eles fornecem medicamentos prescritos. Já faz vinte anos. *Oxy. Ambien. Vicodin. Xanax. Valium. Codeína*. Posso continuar, mas você entendeu. Você os pegou. Você os vendeu por meio de centenas de vendedores que você selecionou e treinou cuidadosamente. Você lavou o dinheiro por meio de empresas *offshore* e foi assim que conseguiu investir em novas empresas e se tornar o magnata que é hoje. Mas foder com a vida de estranhos não foi o suficiente, foi, Jordan?

Seu rosto estava tão branco que achei que ele fosse desmaiar. Não o ajudei quando suas pernas falharam e ele caiu no chão. Meus sapatos perto de seu rosto, a única coisa que ele via de sua posição.

— Cavei ainda *mais fundo* — Continuei.

— Para, para — Ele engasgou, cuspidando saliva como uma porra de uma boceta. Escolhi exatamente o mesmo momento para limpar sua mesa dos documentos que preparei com antecedência, fazendo chover depoimentos e fotos dele se encontrando com o CEO da MNE e verificando grandes caminhões cheios de caixas de drogas.

— Eu estava pensando sobre aquela sua linda esposa. — Minha voz era aveludada, quase suave. — Quero dizer, Edie puxou sua beleza de algum lugar, e com certeza não foi de você. Meu detetive me disse que sua caracatade mal sai de casa, o que é triste, mas também suspeito. E, oh, muito conveniente.

Ele ficou de joelhos — merda, de joelhos — e rastejou em minha direção. Aquilo havia piorado tão rapidamente que não consegui manter o rosto sério. Então, novamente, eu não conseguia exatamente rir dele também. Isso não era uma piada.

— Não. Não. Não. Você não tem nenhuma evidência — Ele continuou entoando, segurando minhas pernas. Eu dei um passo para trás, enojado com seu comportamento estranho.

— Claro que sim. — Empurrei uma foto dele ao lado de um caminhão no cais em sua direção com a ponta do meu sapato *Derby*. — Você não é o único que sabe usar uma maldita impressora.

— Lydia não... ela nunca...

— Você alimentou ela com drogas. Você mexeu com as receitas dela, não mexeu? — Eu perguntei secamente. Ele balançou sua cabeça. *Mentiroso*. Eu o vi, debaixo de mim, e pela primeira vez, foi sem a tela do ódio. Eu vi o

menino que queria ir longe e não sabia como. Então, vi a ganância. A gula. Tudo que havia arruinado a vida de Edie. Eu vi e sabia, sem sombra de dúvida, que independentemente do que éramos ou não éramos, precisava protegê-la de seu pai e de seu amante destrutivo, mas ainda mais importante, eu os queria fora da foto. Para sempre. — O chá dela — Assobieie. — Porra, Jordi, você tem uma mente doentia.

— Eu não posso ir para a cadeia. Não posso. — Ele engasgou com as lágrimas. — Eu não...

— Você não pode? Bem, aqui está um *spoiler* para você: os policiais estão esperando lá embaixo. Merda. Eu disse policiais? Eu quis dizer FBI. Não, espere, acho que são os dois. Mas antes de eu deixá-lo sair, você assinará três documentos: um entregando-nos a Fiscal Heights Holdings em sua totalidade; outro em que você abre mão dos direitos de custódia de Theo e, finalmente, um terceiro entregando e destruindo todo o seu material sobre mim a respeito Luna. Vou cuidar de sua amiguinha, Val, separadamente. Lave a porra da sua cara, idiota. Há muito trabalho pela frente. Agora vá.

Eu o vi conduzido para os carros que o esperava. Para os homens de óculos escuros. À pessoa que leu seus direitos.

Em perfeita harmonia, a cabeça de Jordan foi mergulhada no carro da polícia, com as mãos algemadas nas costas, quando Val saiu de um táxi atrás deles. Ela mal teve tempo de endireitar seu vestido escarlate do tipo venha-me-foder e corrigir seu sorriso *film-noir* quando me aproximei dela.

— O que está acontecendo? — Ela meio gaguejou, meio implorou por uma resposta, agarrando minha manga. Ela olhou para mim e vi Luna em seu rosto. Gostaria de não ter visto. Teria tornado as coisas muito mais fáceis. Mas, essencialmente, Val era apenas uma criança. Ela provou isso várias vezes ao tentar encontrar um cara rico para tomar conta dela.

E era engraçado como as pessoas viam Edie como uma criança por causa de sua idade, quando ela não era nada além de uma leoa em sua curta vida.

— Seu namorado acabou de ser preso. — Eu a sacudi, e o feitiço de seus olhos de Luna, para longe de mim.

— Por quê? — Ela me seguiu em seus saltos impossivelmente

barulhentos.

— Muita coisa. Me siga. — Comecei a voltar para o prédio da Oracle. Ela tentou acompanhar meu ritmo, tropeçando atrás de mim.

— Para quê?

— Para assinar todos os papéis para que eu possa obter a custódia total de Luna.

— Por que eu a daria para você? — Ela tentou rir. Fracassando.

Eu parei, me virando para encará-la. — Ei, lembra quando nos conhecemos? Você estava com coca para fora da sua bunda e, logo depois de toda a revelação da gravidez, eu tive que jogá-la na reabilitação para que pudesse melhorar e não encher minha filha com drogas suficientes para crescer uma segunda cabeça. E isso foi antes de eu saber que sua peça secundária é o senhor das drogas. Quer mijar em um potinho para mim, Valenciana, querida?

Seu rosto empalideceu, e pude ver como vazou, lenta mas seguramente. O medo. Val ainda era usuária. Jordan fornecia a ela. Ela engoliu em seco. Eu me afastei, gesticulando com minha mão para ela entrar no elevador.

— Damas na frente.

Ela entrou, sabendo exatamente o que aconteceria quando chegássemos ao meu escritório.

— Merdas caem primeiro.

Capítulo 32



Trent

— ADORO QUANDO FICAMOS no vício. — Dean acendeu um baseado, esparramado em um sofá em frente à piscina olímpica de Vicious, jogando o fósforo apagado na direção deste último. — Sem trocadilhos, idiota.

— Ha-ha-ha — Disse Vicious, jogando uma uva em sua boca, deitado em uma espreguiçadeira como um rei louco. — Mas eu tenho que dizer. A expressão no rosto de Val quando ela assinou aqueles papéis? Impagável. Eu teria pena dela, se não fosse pelo fato de que ela nem mesmo perguntou sobre Luna. Aposto que ela correu para o bar mais próximo para tentar conseguir algum velho empresário rico antes que o *happy hour* acabasse.

Vicious folheou os documentos que examinamos no início daquela semana com Eli Cole, o advogado, pai de Dean. Os últimos dias foram agitados, com cada um de nós correndo como uma galinha sem cabeça tentando bloquear cada plano maligno que Jordan Van Der Zee tinha feito de crochê para mim. Eu tinha meus amigos para me ajudar, e eles estavam lá, cães de caça em busca de sangue. — Sua ex-namorada salvou seu traseiro. Graças à merda, ela não é mais menor de idade e pode testemunhar a merda das irregularidades de seu pai.

Meu estômago caiu com sua última frase, e rolei meu lábio inferior entre meus dedos, brincando. Sentei-me na beirada da mesa baixa, tentando parecer que meu coração não tinha queimado em cinzas com o som de seu

nome e a ideia de que ela me fodeu ao protegê-lo. Quando mandei Dean, Vicious e Jaime atrás dela, as regras eram claras, nada de contar a ela sobre Jordan e Val. Eu não queria a simpatia dela e não queria que ela batesse na porra da minha porta com lágrimas de crocodilo.

Mesmo que eu quisesse bater na porta dela o tempo todo.

Luna estava com meus pais. Já passava da meia-noite – ela estava sã e salva e era minha – e, ainda assim, a fome estava lá. O buraco na boca do estômago sugou todos os meus sentimentos e cuspiu de volta em algo entorpecido.

— Edie falou? — Perguntei.

Dean riu. — Falou? Ela cantou como a porra de um canário. Ela nos deu muitas informações sobre como Jordan era abusivo com seu filho e com ela. Sim, Edie nos cobriu muito bem com todas as informações de que precisávamos. Por que você acha que Amanda te deu um caso à prova de balas? Edie nos contou sobre o abuso, a negligência, as contusões. Então, ela mencionou algo sobre seu pai constantemente fazendo chá para sua mãe, e o adicto em mim se inspirou e juntou dois mais dois. Ele drogava a mãe dela. Ela simplesmente não percebia aquilo.

O chá. Todas as informações que consegui foram por meio de Amanda. Mas muito do que ela me deu foi remendado com os panos que meus amigos e Edie produziram.

— Edie também nos conectou com a mulher que a ajudou com o caso de seu irmão, sua amiguinha, Sonya. — Os lábios de Dean se curvaram em um sorriso conhecedor. Estávamos todos sentados em frente à piscina, mas nossos corpos estavam inclinados um para o outro. Uma pedra enorme foi tirada do meu coração e comecei a respirar novamente, tossindo a fumaça doce e rançosa de dentro dos meus pulmões.

— Como diabos Edie tinha as informações de contato de Sonya? — Cerrei meus dentes.

— Sonya é a mãe de seu melhor amigo — Vicious falou, abrindo os braços em um gesto de ‘o show vai começar’.

Minha mandíbula travou. — Bane?

— Cinco pontos para o homem com o pau de quarenta centímetros. — Dean bateu palmas.

— Aquele filho da puta. — Jaime riu. — Você deveria ter visto o olhar fixo entre ele e Vicious. Vicious imediatamente perguntou a ele se ele

era sua versão Made-in-China.

Nós quatro compartilhamos uma risada baixa antes de Vicious arquear uma sobrancelha. — Ei, idiota? — Ele gritou de sua espreguiçadeira.

Ergui os olhos do meu baseado. — Sim?

— Você sente falta dela?

Vicious não era o tipo de idiota que falava de sentimentos. Não com sua esposa, e, com certeza, não com seus amigos, então, eu sabia que ele tinha um motivo. A mentira dançou na minha língua. Não importava o quão grande, alto, velho e rico você seja, quando questionado sobre a garota que quebrou seu coração em mil pedaços, você sempre será o garoto de treze anos que ainda não sabia o que fazer com o seu pau duro e hormônios fora de controle.

Dei de ombros.

— Responda com palavras, Mudo — Ele pressionou.

Todos os olhos estavam em mim. Desviei o olhar para a piscina, apertando os olhos. — Ela está na porra do meu sangue — Admiti.

Vicious se levantou, enfiou a mão no bolso e jogou algo pequeno em minha direção. Eu o peguei, abrindo minha palma e olhando para ele sem acreditar.

Eu olhei para cima. Ele balançou sua cabeça.

— Ela nunca deu isso para Jordan, Trent. Ela não poderia fazer isso.

Dean se inclinou em minha direção de sua espreguiçadeira, empurrando seu ombro contra o meu. — Você ouviu isso, cara de merda? Você finalmente conseguiu alguém para amar sua bunda gelada. Você precisa resolver essa merda porque ela ainda é jovem e ingênua o suficiente para gostar de você.

Peguei o *pen drive* em meu punho. Jurava que cheirava a ela.

Mais tarde naquela noite, sentei-me em meu carro e fiquei olhando para ele, pensando que poderia ser tão fácil. Eu poderia ignorar aquilo. Poderia seguir em frente com minha vida. Nós não teríamos que lidar com a forma como eu mandei o pai dela para a prisão, e os olhares de julgamento, e as perguntas desconfortáveis e a porra da fofoca.

Já estávamos separados e sobrevivendo muito bem.

O *pen drive* cavou na pele da minha palma até que eu sangrasse. Então, e só então, liguei o carro e parti.

Capítulo 33



Edie

AS PIORES PARTES eram as noites.

Quando eu não conseguia sentir seu corpo ao lado do meu enquanto estava deitada no sofá de Bane. A memória dele era uma arma contra mim. Seus lábios roçando a parte de trás do meu pescoço como um leão que está prestes a cavar em sua companheira e fodê-la cruamente. Suas mãos correndo ao longo dos meus braços como se ele estivesse me despindo de todas as minhas dificuldades, preocupações e pensamentos sombrios. Sua respiração quente e lenta contra minha boca. Seu pulso batendo contra o meu. Valia a pena viver sem esses momentos?

Cada vez que me fazia essa pergunta, afastava o pensamento e me virava para o outro lado do sofá, lutando contra o tecido amarelo que coçava nas costas ou semicerrando os olhos para longe da luz da TV na cabana de Bane, que estava bem na minha frente. Bane foi ótimo em me dar um lugar para ficar sem perguntar quando eu iria me mudar, ou para contribuir com quaisquer despesas com mantimentos. Ele não parou por um segundo em sua vida selvagem e áspera. Não que eu esperasse que ele fizesse, mas com mamãe na reabilitação e meu pai na prisão, eu realmente não tinha para onde ir. O advogado de mamãe se ofereceu para me alugar um quarto em um hotel, mas era apenas mais dinheiro que eu não poderia pagar, e quem diabos queria ficar sozinho na minha situação? Eu precisava de uma distração. Contato humano.

Bane transava com outras pessoas em seu quarto como se estivesse tentando quebrar algum tipo de recorde.

Eles eram barulhentos e obscenos, e não havia uma porta separando seu quarto da pequena área de estar.

Mas toda vez que eu pensava em fazer uma mala e ir para um hotel, eu me lembrava de que os pensamentos sobre o desconhecido com Theo e o conhecido e devastador sobre Trent iriam me assombrar, e mudava de ideia.

Esta foi mais uma noite no sofá.

Tique-taque, tique-taque.

Gostaria que Bane tivesse se livrado daquele relógio depois que ele conseguiu este barco. Parecia servir como um lembrete que fazia dias que eu não via Trent e Theo.

E Luna. Deus, eu sentia falta de Luna mais do que esperava. Os pequenos sons que ela fazia quando estava divertida ou ansiosa. Eles eram meus troféus por fazê-la sorrir.

Ao longe, ouvia pescadores caminhando, conversando e cuspiendo, seus passos pesados fazendo a madeira sob seus sapatos de borracha ranger. Deve ser o amanhecer. Eles sempre vinham antes do sol sair. Engraçado, as coisas que você aprende sobre um novo lugar para torná-lo sua casa. Ruídos, sons, hábitos, pessoas, cheiros...

O barco rangeu.

É assim que se vive em um barco. Tudo desequilibra o seu mundo. Bane adorava. Viver no limite de tudo. Eu ansiava por estabilidade. Queria sentir como se estivesse enraizada no chão, não soprando no vento.

Algo caiu lá fora no convés. Algo leve. Estiquei meu pescoço, olhando em direção à pequena janela pela porta. Era sujo e feito de plástico barato. Mas pude ver algo. Alguém. Alguém que não deveria estar lá.

Com cuidado, me levantei do sofá e fui na ponta dos pés até a cozinha improvisada. Um frasco aberto de manteiga de amendoim estava sobre o balcão e uma faca afiada meio lambida na borda da pia.

Eu a segurei, pela primeira vez agradecida por Bane ter a tendência de usar uma faca para fazer qualquer coisa, até sanduíches de manteiga de amendoim e geleia.

Passei pela sala aberta de Bane, me perguntando se deveria acordá-lo. Provavelmente não. Provavelmente era um de seus amigos bêbados, desmaiando no convés ou mijando no balde que ele guardava lá para quando fosse pescar. Deslizando em meu *Dr. Martens*, abri a porta alguns centímetros e espiei para fora pela fenda.

Nada.

Ninguém.

Eu olhei para baixo. Havia uma pilha de conchas esperando na frente da porta. Eu abri mais e saí. As conchas eram do mesmo tipo. Berbigão Espinhoso Amarelo. Não muito raras, mas suas chances de pegar um punhado de conchas e encontrar exatamente o mesmo tipo eram pequenas. As conchas são como pessoas. Diferem em tamanho, cor e forma, mas todas são bonitas do mesmo jeito. Eu me agachei, pegando uma em minha mão. Ainda estava fria e fresca do oceano. Apertei meus olhos, olhando para a rosa, roxa e azul do nascer do sol, procurando pela pessoa que as havia deixado, quando meus olhos pousaram em outra pilha perto da escada que levava ao convés.

Mais conchas.

Caminhando até onde elas estavam, meu coração começou a bater mais forte. Um aglomerado de conchas de caixa de joias, raras e lindas, estava esperando por mim. Frias. Limpas. *Como?*

Peguei uma e coloquei no bolso junto com o espinhoso berbigão. Em seguida, avancei, descendo até o cais, onde outra pilha esperava.

Rose Murex. Eu embolsei uma. Segui em frente.

Pervinca. Jesus, como? *Como?* Bolso.

Corri do píer até o calçadão, ansiosa para descobrir o significado de tudo aquilo.

Pata de Leão.

Tulipa em faixas.

Turrid.

Vênus Pontudo, e eu estava tão longe da Marina que tive que olhar para cima e ver onde havia parado. Não havia mais conchas para coletar e eu estava parada no meio da via, ofegante, ainda usando uma camisa grande que peguei emprestada de Bane, meu cabelo, uma bagunça emaranhada. Eu olhei ao meu redor. Todas as lojas fechadas. O que isso significa? O que diabos estava acontecendo aqui?

Vênus Pontudo.

Para onde estava apontando? Eu olhei diretamente na direção da borda afiada da concha. Era um beco. Um beco que me lembrava. Um beco onde deixei uma das minhas memórias mais doces, rudes e marcantes.

Foi onde Trent me empurrou contra a parede pela primeira vez, me ameaçando, me provocando, reclamando da minha besteira.

Com as pernas trêmulas, atravessei a rua. Meu corpo inteiro cantarolava uma música que eu não conhecia. Eu me senti tão viva que pensei que fosse gritar. A esperança que tive era perigosa. Ameaçava me esmagar em pedaços se estivesse errada. Caminhei para o amanhecer azulado prontamente, sabendo que poderia me dar toda a luz que eu precisava.

— Trent? — Seu nome soou como um desejo. O que eu estava fazendo, esperando vê-lo lá?

Mas não ouvi nada. Dei mais um passo, pressionando minhas costas contra a mesma parede, no mesmo local que nos encontramos pela primeira vez, fechando meus olhos e respirando fundo.

— Por favor — Disse.

— Por favor, o quê? — Sua voz veio do nada. Eu não abri meus olhos. Talvez fosse apenas minha imaginação. Talvez eu tenha ficado louca. E talvez não me importasse mais. Eu não podia arriscar abrir meus olhos e não vê-lo ali, então, os mantive fechados.

— Por favor, me perdoe.

— Por quê?

— Por tentar arruinar você. Por tentar me arruinar, nós. Por não confiar em mim o suficiente para fazer a coisa certa com meu pai e Theo por tanto tempo. Por ser uma covarde. Mas, acima de tudo, lamento não ter contado como me senti. Porque talvez você tivesse dado um passo para trás e nada disso teria acontecido.

— O que você está sentindo, Edie? — Ele segurou minha bochecha em sua palma grande e quente, e foi assim que eu soube que era real. Que *ele* era real. Meus olhos se abriram e ele estava lá, na minha frente, em carne e osso. O homem que encheu meu coração de música com seu silêncio.

— Eu... — Minha boca se abriu, mas não consegui terminar a frase. Seus lábios bateram nos meus em um beijo desesperado que fez minha cabeça girar e sugou o ar dos meus pulmões. Seus lábios chuparam os meus, me confortando com seu doce calor, e eu agarrei seus antebraços flexionados, puxando-o para mais perto.

— Você nunca deu a Jordan o *pen drive* — Disse Trent.

Eu queria chorar. Todas as noites, eu ficava na cama rezando para que ele descobrisse sem que eu dissesse a ele. Eu não queria que ele tivesse que escolher entre Val e eu.

— Como poderia? — Gemi em seus lábios. — Como poderia quando

você é meu oceano.

Nós nos afogamos em outro beijo. Um beijo diferente. Um beijo de afirmação. Que isso era real. E não importava o quão distorcido, errado e ruim parecesse – e às vezes parecia – também era nosso.

— Não quero ficar entre você e a mãe de sua filha — Choraminguei em sua boca tão pateticamente que tive que cravar meus dedos mais profundamente na pele de seu braço para mantê-lo perto. Surpreendentemente, ele me deu o que eu queria, colando seu corpo no meu, me dando tudo o que podia.

— A mãe da minha filha se intrometeu no relacionamento dela com Luna, não você. Foi você quem ensinou Luna a sorrir. Foi você quem passou um tempo com ela. Que pegou na porra da mão dela quando ela foi intimidada. Você é mais mãe para minha filha do que Val jamais seria. Não sei o que você viu no dia em que Val veio ao meu apartamento, mas seja o que for, você está com a ideia errada. Ela nunca deu a mínima para a filha. Ela veio aqui para reivindicar dinheiro e poder. E ela vai rastejar de volta para o lugar de onde veio.

— Sinto muito. — Toquei seu rosto, me afastando, olhando para ele.

— Eu não — Disse ele. — Também não lamento por mandar seu pai para a prisão. Edie, ele fez algumas coisas terríveis que você precisa saber.

Eu concordei. — Acredito em você. — E acreditava. Já tinha ouvido algumas delas. Não importava o que Trent me contasse sobre meu pai, eu sabia que ele estava falando a verdade. Porque Jordan Van Der Zee absolutamente não tinha limites.

Trent beijou meu nariz suavemente, sua testa na minha.

— Eu te amo — Disse ele, segurando meu pescoço em ambos os lados e balançando a cabeça em exasperação, como se isso fosse um erro. Como se ele não devesse estar me amando, mas não tivesse outra escolha. Meu coração inchou. — Estou tão apaixonado por você, Edie Van Der Zee, não sei mais onde termino e onde você começa. Te amo apesar de saber que é uma loucura. Que nossas situações são desastrosas. Eu te amo sabendo que você deveria ter pelo menos mais algumas experiências antes de encontrar o amor. Te amo, embora não estejamos no mesmo lugar na vida, não tenhamos nada em comum e tenha começado muito mal. E, ainda assim, te amo.

— Te amo. — Funguei, segurando minhas lágrimas, pressionando minha testa mais profundamente na dele. — Amo o quão feroz você é quando

se trata das pessoas de quem gosta. Eu amo que você esteja tão ciente de suas falhas. Amo que você lute contra eles. Adoro quando você sucumbe a eles. Amo cada parte em você. O bom e o mau. E nunca vou amar ninguém do jeito que amo você, porque não é sobre a minha idade. É sobre meu coração. Isso pertence a você. Trent Rexroth, você é meu oceano. Você me deixa molhada.

Ele sorriu, me puxando para um abraço apertado.

— Eu teria ido atrás de você, Van Der Zee, mesmo se você tivesse dado a ele o *pen drive*. Mesmo se você me jogasse na cova do leão. E eu prometo nunca parar de molhar você, minha pequena maré. Prometo sempre mantê-la encharcada.

Epílogo



Edie

A PORTA BATE, e eu sei exatamente quem é.

A única pessoa na casa a tratar as portas como se elas tivessem prejudicado ele e o universo. Movimentos grosseiros, coração gentil.

— N-n-não! N-nunca mais! — Theo berra, chutando seus sapatos enlameados no corredor. — P-parei d-de j-jogar f-futebol. N-não s-sou b-b-bom n-nisso.

— Que diabos você está falando? Você pode derrubar a porra de um elefante no chão, se necessário.

— Trent — Canto uma canção da cozinha, sorrindo para me impedir de fazer cara feia. Não importa quanto tempo passe, não importa que vivamos com Theo, de treze anos, e Luna, de cinco, meu namorado ainda não consegue deixar de falar a palavra *porra* (e agir de acordo). Na verdade, ele lança bombas de porra suficientes para varrer todo o nosso continente. — Olha a boca.

— S-sim, M-m-mãe — Theo zomba de mim do corredor, usando sua nova confiança como uma capa. Eu fico na cozinha, olhando por cima do ombro para minha mãe, que está cortando vegetais em uma tábua com um sorriso não solicitado. Fico feliz que ela não se importe que Theo me chame assim às vezes. Que bom que ela sabe que é apenas uma piada.

— Seu filho está fora de controle — Observo, despejando o bife em cubos na frigideira quente.

— Em minha defesa, foi você quem o criou durante a maior parte da vida — Diz ela com aceitação melancólica. Ela vem à nossa casa todo fim de

semana para passar um tempo com ele e Luna. E toda quinta-feira, Trent e eu saímos, e Camila cuida das crianças.

Toda quinta-feira, agimos conforme nossa idade. Bem, minha idade, de qualquer maneira.

Toda quinta-feira, nós nos beijamos em carros, deixamos becos abandonados nos engolirem na escuridão, vamos ao cinema, e restaurantes e clubes onde eu não precise me preocupar com uma identidade falsa, porque meu namorado é influente o suficiente para possuir sua própria cidade.

Moramos em uma casa com altos e baixos. Onde o oceano é sempre tempestuoso, mas tudo bem, porque somos ótimos nadadores. Vivemos em uma casa de cavalos-marinhos, de sobreviventes, de pessoas que experimentaram o outro lado da vida. Pessoas que ficaram à margem, implorando para passar despercebidas.

Mas nos notamos. Nós nos notamos neste caos chamado vida.

Vamos para a praia de Tobago todo fim de semana para surfar, comer e rir, e não dou a mínima. Nem sobre o mundo e nem sobre o dinheiro.

Luna e Theo se amam. Eles se banham em respeito e atenção mútuos, e é comovente e maravilhoso de assistir. Ele finalmente se torna o adulto responsável, e ela passa a ter um irmão mais velho feroz. Ela tem uma sala que é azul, com um aquário com cavalos-marinhos, e ele tem uma sala que é verde, com pôsteres de Tom Brady Trent se esforça para não arrancar das paredes, mas por pouco.

E, então, temos nós. Eu. Trent. Nosso amor.

Nosso amor chama a atenção como um incêndio. Somos um casal birracial com uma enorme diferença de idade. Carregamos bagagem na forma de duas crianças. Parece ruim. Trágico, até. Nem metade tão fotogênica quanto a pequena família perfeita de Vicious, ou o lindo ninho de cabelos louros de Jaime, ou a doce casa de Dean, sem diferença de idade e sem sentido.

Somos diferentes e não mudaríamos isso por nada no mundo.

Trent, Theo e Luna entram na cozinha com sorrisos enormes em seus rostos. Luna é a primeira a pular em mim com um abraço. Ela ainda não fala, mas se comunica usando a linguagem de sinais. E é um grande passo à frente.

— Os meninos mantiveram você ocupada? — Pergunto, sentindo seus membros longos e finos me envolvendo enquanto eu retorno um abraço. Ela acena com a cabeça no meu ombro. Quando nos desconectamos, ela gesticula

as palavras, *Theo quase matou um cisne jogando a bola.*

— Isso é... — Franzo minha testa — muito ruim.

— Ele estava ansioso. — Trent anda em minha direção, dando um beijo na minha testa, uma garrafa d'água já na mão. Minha mãe recebe o mesmo tratamento – apenas um beijo na bochecha – e Theo está tentando ajudar a mãe agora.

— Não antes de você lavar as mãos, amigo — Advirto. Ele zomba, mas vai até a pia. O bife está chiando na frigideira e a cozinha está quente com comida, companhia e amor. Com a família. Com tudo que eu não tinha na casa dos meus pais.

Trent vem atrás de mim e sussurra em meu pescoço: — Uma palavrinha.

— Estou cozinhando — Protesto, mas não realmente. Morando com duas crianças com necessidades especiais, dominamos a arte de fugir para fazer rapidinhas. Embora isso seja demais, mesmo para nossos padrões. Quero dizer, eles estão bem aqui. Eu não posso ficar tão quieta. Não com ele.

— Eu não me importo — Ele rosna como o HotHole que é. Cruel. Frio. Mas sempre cheio de coração.

Desvio o olhar da comida que estou cozinhando para minha mãe e meus filhos. Sim. *Meus filhos.*

Trent faz o mesmo, carrancudo. — Tire sua mente da sarjeta, Edie. Se fosse uma transa rápida que eu estava procurando, essas pessoas atrás de nós estariam comendo McJunk na estrada, seguramente trancadas fora desta casa.

Rio, porque não consigo evitar. Já aceitei o fato de que meu namorado é um idiota classe A. Na maioria das vezes, nem fico brava com isso. Na verdade, é bem charmoso, de um jeito bagunçado.

— Não posso deixar mamãe com as duas crianças — Digo baixinho, um fio de pânico invadindo meu coração. Não que eu não confie na minha mãe, mas ela percorreu um longo caminho em um período muito curto de tempo e não quero que ela se sinta sobrecarregada por cuidar de duas crianças.

— Sim, você está certa. — Sua mão escova minha bunda tão deliberadamente que é quase cômico, enquanto ele vai até o fogão e pega um pedaço de carne suculenta, esmagando-a entre os dentes brancos e mastigando.

No momento em que ele diz isso, Emilia e Rosie entram na minha

cozinha, segurando sacolas marrons com comida fresca espreitando de suas bordas.

— Ei, pessoal! — Emilia cumprimenta, enquanto Rosie opta por um: — Rapazes, liguem o ar-condicionado antes que eu derreta no seu chão. Esse piso não é novo? Sim, ligue essa coisa. Há muitas pessoas nesta cozinha.

— O que vocês estão fazendo aqui? — Meus olhos estão arregalados. No ano passado, Emilia, Melody e Rosie se tornaram grandes amigas minhas. E embora Melody seja a loba mais velha da matilha — aquela para quem eu recorro quando Luna me deixa louca e Theo está agindo como louco — as duas irmãs LeBlanc são as duas melhores amigas que nunca pensei que teria.

— Estamos dando a você um dia de folga. Você merece isso. — Emilia me cutuca com sua bunda, piscando de brincadeira. Eu não discuto com isso, embora eu não ache que deva fazer uma pausa. Eu amo minha vida. Todas as manhãs, levo Theo e Luna para a escola e vou à praia ensinar as pessoas a surfar. À tarde, antes de buscá-los, almoço com meu namorado gostoso, depois, fazemos sexo antes de pegar as crianças. Em seguida, ele cozinha e esfrega meus pés na frente do *Netflix* após o jantar. Não mereço férias. Eu estou vivendo uma.

— Mas eu...

— Não discuta, Maré. — Trent agarra meu pulso, me puxando para seu corpo rígido. Mesmo agora, depois de um ano morando juntos, me derreto um pouco com aquele gesto. Como se aquela manhã no beco nunca nos mudasse. Como se eu ainda fosse um cachorrinho apaixonado com um caso grave de amor não correspondido.

Ele me leva para fora, a panela ainda chiando atrás de mim, mas já posso ouvir Rosie baixando o fogo do fogão e Emilia abrindo uma garrafa de vinho.

— O que está acontecendo? — Pergunto a Trent quando saímos para a varanda, vista para o mar, no calçadão.

— Não tenho certeza, mas acho que vou perder minhas bolas no processo. — Ele faz uma careta.

Rio. — O quê? Por quê?

— Porque — Ele abre a porta e a luz vermelha acende, e estou diante da natureza em sua beleza mais rara — o pôr do sol nunca foi tão incrível, e se pudéssemos ter um momento perfeito, eu quero que seja este.

— É por isso que você pediu a Rosie e Emilia para virem aqui? —

Levanto uma sobrancelha.

— Não. — Ele se vira para mim, roçando o polegar na minha bochecha. Seus olhos são claros, sua alma é escura e tudo o mais sobre o que ele me dá é cheio de cores. — Pedi para virem, caso você dissesse sim.

— Sim?

— Sim, para minha ideia maluca. — Ele se ajoelha diante do pôr do sol, com ciclistas, corredores e casais passando por nós, e tira algo do bolso. Ele ainda está usando seu uniforme de treino por ter levado Luna e Theo ao parque, e isso só o faz parecer ainda mais sexy. O que é insano sobre isso – além do fato de que nunca conversamos sobre isso, nem mesmo uma vez – é que eu não estou nervosa de forma alguma. Apenas animada. Já nos sentimos como um casal, e digo isso da melhor forma, e não entediante, possível. Ele é estabilidade e amor. Segurança e confiança.

Sou sua maré e ele é minha âncora. Ou talvez a própria areia.

— Edie Van Der Zee, quero mergulhar os pés nas ondas que você faz todos os dias pelo resto da minha miserável vida. Quero te foder, só você, só você, ninguém mais, e muito. Cada. Dia. Quero viver com você. Quero desfilar aquela coisa fodida que temos que mantém as pessoas erguendo as sobrancelhas e pensando que eu sou um babaca papa-anjo, porque foda-se, eles nunca terão o que temos. Você quer se casar comigo? Não peço muito. Nem para crianças, nem para jantar, nem para fazer nada em casa. Não peço nada além do que você está disposta a me dar.

Luna espia pela porta, sorrindo. Viro meu corpo para ela, sorrindo. Espero que ela faça um gesto para mim. Algo como ‘ah, nojento’ ou ‘papai está sendo bobo de novo’. Mas ela não o faz.

Em vez disso, ela arqueia uma sobrancelha, abre os lábios e deixa as palavras saírem, dando a seu pai o melhor presente que ele poderia ter.

— Diga sim.

Trent

Até Edie, dezembro era meu mês favorito do ano.

Não por causa do Natal. Foda-se o Natal. Por causa do frio. Era o único mês em que parecia por um segundo que SoCal não iria explodir em chamas na próxima vez que alguém acendesse um fósforo. Anos atrás, quando a Fiscal Heights Holdings abriu uma filial em Chicago, eu estava nessa merda como um louco em uma festa de faculdade comunitária. Adorava o inverno. Adorava. Pretérito.

Odeio o inverno hoje em dia.

Ainda gosto de sentir que o sol não está tentando me matar, mas não gosto de ver Edie correndo descalça pelo calçadão, uma prancha de surf debaixo do braço, rindo como uma criança maluca entre as pérolas gordas das gotas de chuva. Às vezes corro atrás dela e a jogo na areia para beijos sem fôlego, tentando convencê-la a se acalmar e deixar de lado sua sessão de surf matinal. Na maioria das vezes sei que é inútil.

O oceano é a sua droga.

Ela é a minha.

Para acomodar essa merda, mudo coisas de lugar. E é engraçado como sempre pensei que morreria sozinho e, de repente, tenho todas essas pessoas ao meu redor. Theo e seu estranho amor por Tom Brady, Luna e seu silêncio barulhento e contente, e minha futura esposa.

A primeira coisa que fiz depois de jogar Jordan Van Der Zee na prisão — ele é um bastardo de colarinho branco que obtém muitos direitos de visitação e vantagens, mas ninguém quer vê-lo. Nem sua ex-mulher, nem seus filhos, e, certamente, nem Val, só Deus sabe onde ela está — foi comprar o clube de surf na praia de Tobago. Eu queria que Edie tivesse horários de trabalho flexíveis e agora ela é sua própria chefe. A segunda coisa foi convocar meus três amigos e parceiros e dizer-lhes que reduziria o horário, principalmente.

— Tenho uma família agora. Uma família grande e cara com uma tonelada de necessidades e uma agenda apertada — Expliquei. Dean sorriu.

Vicious disse: — Outro nocauteado.

Jaime acenou com a cabeça. — Nós te cobrimos.

E eles cobrem. Eles me protegem o tempo todo. Tanto que eles nem ficaram horrorizados quando disse a eles que estava pedindo à minha namorada de 19 anos em casamento. É um absurdo. Você acha que não sei disso? Pense de novo. Devemos esperar até que ela chegue aos vinte anos.

Devemos mantê-la em segredo.

Não devemos exibir isso. Não devemos chamar atenção. Não devemos fazer declarações.

E nós não. Nos. Importamos. Com. Porra. Nenhuma.

— Sr. Rexroth, sua... a... Edie, está aqui para vê-lo — Rina me informa pelo interfone. Brinco com a ideia de corrigi-la — noiva, é isso que Edie é. Pouco depois de ela ter dito *sim* em frente ao pôr do sol mais lindo já visto em SoCal, um táxi nos levou ao aeroporto para um fim de semana havaiano. Ela surfou muito. Nós transamos muito. O anel de noivado era pesado demais para ela me dar um trato manual. Vivendo e aprendendo. Agora, está no cofre do nosso quarto, juntando poeira.

Aperto o botão vermelho na mesa telefônica enquanto aliso minha gravata.

— Mande-a entrar.

Ela entra, assumidamente jovem. Seu corpo coberto por um macacão curto azul bebê e um top amarelo. *Dr. Martens* e um sorriso malicioso. Ela não tem um anel de noivado no dedo, e isso não a torna menos minha. Ela é muito natural para esta pedra, de qualquer maneira. Ela tem uma concha no pescoço, uma nova — idêntica às duas que ela fez para Luna e Theo.

— Passei para dizer oi. — Ela balança as sobrancelhas, segurando uma sacola do *Panda Express*.

Eu me inclino para trás na cadeira e cruzo as pernas sobre a mesa.

— Acho que você veio aqui para foder porque não consegui voltar para casa esta tarde.

— Ah, isso também. — Ela encolhe os ombros, rindo. Ela joga a comida oleosa na minha mesa. Eu ignoro completamente.

— Você está tentando me subornar com comida?

— Na verdade — Ela diz, passando por cima da minha mesa e estacionando sua bunda na minha ereção — porque eu sempre tenho uma ereção quando ela está por perto — circulando seus braços em meu pescoço. — Estava pensando que você poderia olhar este catálogo de casamento comigo. É tão estranho planejar um casamento. Não sei por onde começar. Além de Millie e Rosie, todos os meus amigos são homens e adolescentes.

— Nem me lembre — Gemo. Fiz as pazes com Bane, mas isso não significa que não fico de olho no desgraçado. Coloco minhas mãos em sua cintura e a puxo para um beijo sujo e bagunçado que logo se transformará em sexo de escritório, e nós dois sabemos disso. — Vou ajudar, mas quando pedi

que você se casasse comigo, não quis dizer este mês. Ou este ano. Eu só quero divulgar para o mundo saber e ver, nós vamos nos casar. Fim da história.

— Sim, mas *eu* quero me casar com você logo. — Ela roça o nariz no meu.

— Por quê? Trinta e quatro não é tão velho assim, Maré. Não vou morrer em cima de você em um ou dois anos.

Ela bate no meu peito e ri. — Só quero dizer que quero ser a Sra. Rexroth. Quero que Theodore seja um Rexroth. Estou pronta para mudar nosso sobrenome para algo que ambos ficaremos orgulhosos.

Eu adorava dezembro, mas agora amo setembro.

Porque é em setembro quando um cavalo-marinho está beijando a maré, criando uma onda linda do caralho, e minha noiva coloca minha mão contra sua barriga. — Acho que estou pronta para uma dinastia.

— Acho que você está louca — Respondo, mas realmente não está. Ela pode ter tudo. E ela sabe disso.

— Por que não ambos? — Ela sorri.

É aqui que está. A coisa que estou procurando. Nesses olhos. Nesses lábios. Nossa história não é perfeita. Minha filha ainda não está falando. Eu ainda sou O Mudo. Theo não está curado e Edie ainda é o produto de um idiota de merda.

Mas na imperfeição é onde prosperamos. Nos becos escuros da sociedade onde nos conhecemos. Pego seu rosto em minhas mãos e a beijo novamente, nossos dentes se chocando. *Imperfeito*.

— Curve-se e morda seu antebraço por mim, Edie.

E ela faz. — Adoro quando você me machuca.

— Te amo quando machuco ou não — Respondo, acariciando sua bunda através do tecido de seu macacão.

— Palavras fortes, Sr. Rexroth.

— Bem, futura Sra. Rexroth, se você quiser ser forte, seja.

AGRADECIMENTOS

Escrever é um trabalho solitário, por isso, é sempre importante ter sua tribo. Eu sinto que faço parte de algo, um grupo que está sempre lá para segurar minha mão (e preciso de muito aperto de mão quando escrevo, acredite em mim). Gostaria de agradecer pessoalmente às seguintes pessoas:

À minha equipe de edição, que está ao meu lado em cada etapa do processo. Tamara Mataya, você é um ser humano fantasticamente inteligente e espirituoso. Bex Harper, você sabe como tirar a emoção de tudo. Paige Smith, você tem um grande olho para os detalhes. Você provavelmente daria uma grande detetive se o trabalho de edição se tornar muito chato para você em algum momento.

Agradecimentos especiais às minhas leitoras beta, Ella Fox, Ava Harrison, Amy Halter, Danielle McGregor, Charleigh Rose e Paige Jennifer. Vocês são tão, tão boas no que fazem. Nunca me deixem, ok? Nunca.

À minha agente, Kimberly Brower, por todo o trabalho duro que você fez para que meus livros estivessem em toda parte. Para Letitia Hasser, da *RBA Design*, você é uma garota talentosa. Obrigada por sempre acertar. Para Stacey Blake, da *Champagne Formatting*, você deixa meus livros tão bonitos por dentro.

Para minha equipe de rua, Avivit, Lin, Kristina, Vane, Sabrina, Summer, Jennifer, Tijuana, Sher, Betty, Oriana, Sheena, Ilor, Jennifer, Becca, Julia, Josephine, Jacquie, Amanda, Erika, Sonal, Ofa, e Vanessa, Deus, vocês são tão incríveis. Vocês colocam um sorriso no meu rosto todos os dias.

Ao grupo *Sassy Sparrows*, muito obrigada por tudo. Vocês são o melhor grupo de leitura que uma autora poderia ter. Vocês me deixaram viciada, fisgada e completamente obcecada por este grupo!

Para os blogueiros que pedem tanto meus livros! Vocês fazem meu trabalho valer a pena. Quero que saibam que eu vejo vocês. Vocês são apreciados. Vocês são amados. Vocês são respeitados. Sempre.

À minha família e amigos, por aguentarem as longas horas que passo em meu escritório. Sério, vocês são os melhores.

Finalmente, aos meus leitores, obrigada por dedicarem seu tempo lendo este livro. Vocês realizam meu sonho toda vez que decidem dar uma chance a mim, e, por isso, sou eternamente grata. Considerem deixar uma crítica/resenha honesta antes de prosseguir para a próxima aventura.

Com Amor (muito, muito),

L.J. Shen xoxo

SOBRE A AUTORA

L.J. Shen é autora *bestseller* internacional de Romance Contemporâneo e *New Adult*. Mora no norte da Califórnia com seu marido, filho pequeno e gato gordinho.

Ela gosta das coisas simples da vida, como passar o tempo com sua família e amigos, *HBO*, *Netflix*. Ela lê entre três a cinco livros por semana.

Scandalous é a continuação de sua primeira série publicada pela *Editora Bezz*.

OUTROS LIVROS PELA BEZZ

Vicious

Ruckus

PRÓXIMO LANÇAMENTO

Bane

bezz
EDITORA



NOS BRACOS DO ROQUEIRO

LIVRO 1 - SÉRIE THE ROCKER

TERRI ANNE BROWNING

Nos braços do roqueiro

Browning, Terri Anne

9788568695449

147 páginas

[Compre agora e leia](#)

Sair em turnê com quatro roqueiros parece um sonho... pelo menos é o que as pessoas me dizem. Para mim, esses quatro roqueiros são a minha família. Cuidam de mim desde meus cinco anos de idade, protegendo-me da minha mãe e de seus episódios de fúria quando estava bêbada e drogada. Mesmo depois de famosos, continuaram cuidando de mim. E quando meu monstro de mãe morreu, eles se tornaram meus guardiões. Há seis anos eu cuido dos quatro homens que são tudo para mim. Tomo conta deles da mesma maneira que sempre cuidaram de mim. Resolvo tudo, até as sujeiras dos bastidores da vida de um roqueiro. Nem sempre é bonito. Às vezes, chega a ser quase repugnante, principalmente quando tenho que me livrar das transas aleatórias. Ugh! E se apaixonar por um roqueiro NÃO é inteligente. Tudo bem, então não sou inteligente. Eu amo os meus garotos, e um deles, meio que tem meu coração em sua, grande e calejada, mão roqueira.

[Compre agora e leia](#)



Proibida para mim

Bezerra, Elizabeth

9788568695371

310 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Neil Durant socorre Jennifer Connor durante um assalto em uma noite fria ele não sabe que sua vida mudará para sempre. Descobrir que a jovem é cega é uma surpresa para ele. Neil está preso em um casamento de conveniência e sabe que Jennifer é totalmente proibida para ele. O correto é afastá-la de seu mundo sujo, mas o destino insiste em aproximá-los cada vez mais. Passado e futuro se entrelaçam de forma surpreende e os dois se veem mergulhados em uma paixão incandescente.

[Compre agora e leia](#)



O Grande Momento

Cabral, Nathalia

9786586066081

152 páginas

[Compre agora e leia](#)

Como organizadora de eventos, especialmente de casamentos, Mahara sabia que ser selecionada para participar do reality show "Temporada de Casamentos" ajudaria a dar um salto na sua carreira. Pelas regras, ela teria uma parceria para disputar o prêmio contra outras duplas. No entanto, ela não esperava que o seu parceiro fosse alguém tão sedutor. Lorenzo queria ganhar o prêmio e, com isso, ajudar a deslanchar a sua loja de vestidos de noivas. Porém, se viu surpreendido pela tenacidade de sua parceira, e ficou absolutamente encantado. O prêmio já não era tão importante, mas Mahara, sim. Um ano depois daquele fatídico programa, Mahara se viu obrigada a trabalhar ao lado de Lorenzo na organização de um casamento. Ao longo desse processo, muitas coisas deram errado, outras, reacenderam a antiga paixão, mas o que ela não sabia era que esse seria o casamento da sua vida... A Editora Bezz orgulhosamente convida para este evento que abre a Temporada de Casamentos com luz, festa e surpresa. Apaixone-se pelo casal e divirta-se nessa organização atrapalhada.

[Compre agora e leia](#)

b
EDITORA

*Ele é um perigo
ambulante embalado
em terno perfeito*

SINNERS OF SAINT
VICIOUS
L.J. SHEN

Vicious

Shen, L.J.

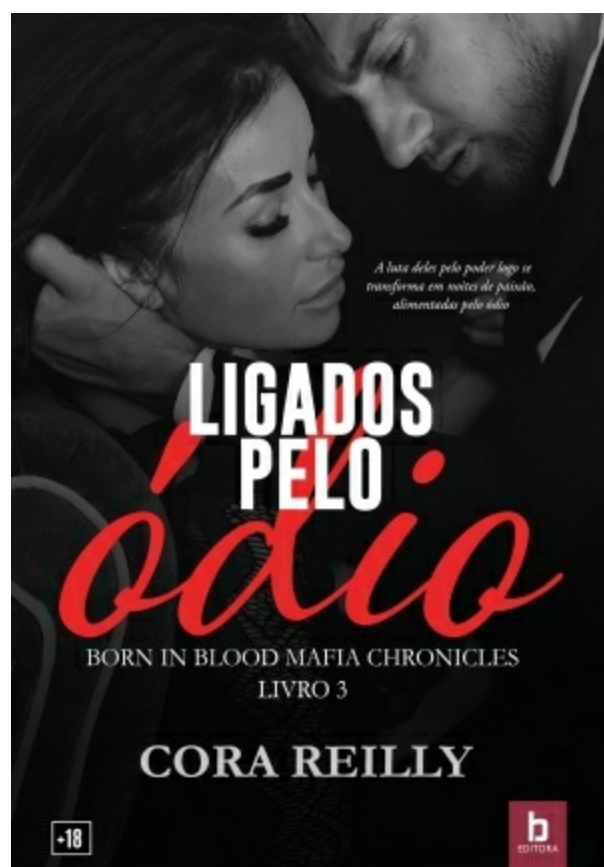
9786586066586

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Emilia Dizem que amor e ódio são os mesmos sentimentos vividos em situações diferentes, e é verdade. O homem que aparece em meus devaneios, também me assombra em meus pesadelos. Ele é um advogado brilhante. Um criminoso habilidoso. Um lindo mentiroso. Valentão e salvador, monstro e amante. Dez anos atrás, ele me fez fugir da pequena cidade onde morávamos. Agora, ele veio atrás de mim em Nova York e não vai embora enquanto não conseguir o que quer. Vicious Ela é uma artista ávida. Bonita e sutil como a flor de cerejeira. Dez anos atrás, ela invadiu minha vida sem avisar e virou tudo de cabeça para baixo. E pagou o preço. Emilia LeBlanc não é para mim, é a ex-namorada do meu melhor amigo. A mulher que conhece meu segredo mais sombrio, é a filha dos empregados que contratamos para cuidar de nossa propriedade. Só isso já deveria ser um enorme NÃO, mas, quem disse...? Ela me odeia. Não estou nem aí. É melhor que ela se acostume comigo.

[Compre agora e leia](#)



*A luta deles pelo poder logo se
transforma em noite de paixão,
alimentada pelo ódio*

LIGADOS PELO

ódio

BORN IN BLOOD MAFIA CHRONICLES
LIVRO 3

CORA REILLY

18

b
EDITORA

Ligados Pelo Ódio

Reilly, Cora

9786586066654

200 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Gianna vê sua irmã mais velha sendo forçada a um casamento arranjado, ela promete escapar de um destino semelhante. No momento em que Matteo Vitiello vê Gianna no casamento de seu irmão, ele a quer para si. Seu pai concorda com o vínculo, mas Gianna não tem intenção de se casar por qualquer outro motivo que não o amor. Poucos meses antes do casamento, Gianna foge e começa uma nova vida na Europa, longe da máfia. Mas um de seus melhores rastreadores e assassinos está atrás dela: o próprio Matteo. Gianna é levada para casa e forçada a se casar com Matteo. Tomada pela culpa por ter arrastado pessoas inocentes para seu mundo e dominada pelo ódio por Matteo, Gianna está determinada a tornar a vida de seu marido um inferno. Mas Matteo é um mestre em jogos mentais, e a luta deles pelo poder logo se transforma em noites de paixão alimentadas pelo ódio.

[Compre agora e leia](#)